

**Edison Eloy de Souza – 85 anos**

Arquiteto e urbanista/ Msc.em arquitetura/ professor universitário com curriculum Lattes

Centenas de Projetos de Arquitetura e urbanismo em São Paulo, Palmas e Roraima. Premiações em vários projetos.

Escritor amador, com livros publicados, pandeirista, cozinheiro diletante e viajante inveterado.

Participação em congressos, entidades de classe como presidente e diretor.

Mais dados e informações no blog, facebook e instagram do arquiteto Edison Eloy de Souza

ISBN: 978-65-01-81483-4
9 786501 814834

Edison Eloy de Souza

MINHAS MEMÓRIAS 1



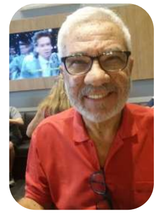












# MINHAS MEMÓRIAS 1

## Edison Eloy de Souza

Nestes escritos, Eloy percorre os labirintos da sua memória com coragem, lucidez e honestidade.

Este inquieto narrador, revisita, em suas Memórias, os caminhos trilhados ao longo de sua vida, marcada por descobertas e conquistas. De uma infância humilde à Universidade de São Paulo, ele compartilha passagens e episódios alegres com seu pandeirinho, que revelam não apenas sua ascensão pessoal e sucesso profissional, mas também os reveses enfrentados por perdas irreparáveis de entes queridos.

Com escrita honesta e afiada, um olhar maduro, Eloy revela os bastidores de uma existência que não se esquivou dos embates políticos que surgiram, nem das frustrações que deles emergem. Entre a exibição dos seus ricos projetos profissionais realizados, viagens transformadoras, encontros memoráveis e reflexões profundas, o leitor é convidado a acompanhar uma jornada de resistência, afeto e lucidez.

Um relato íntimo e plural, que transforma experiências em reflexões e vida em instigante narrativa, através de contos e lembranças.

Oferece um trio de livros densos, mas também descontraídos, para quem busca mais do que relatos: uma travessia humana, contada por quem viveu intensamente cada capítulo com destemor e paixão.

PARTE 1

# REFLEXÕES E MEMÓRIAS PESSOAIS

Edison Eloy de Souza

Livro Minhas Memórias – 2025

Copyright© 2025 Edson Eloy de Souza.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, por qualquer meio ou sistema, sem prévio consentimento dos editores. Todos os direitos desta edição estão reservados ao autor

Textos e revisão: Edson Eloy de Souza

Arte e diagramação: Miro

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Souza, Edison Eloy de
Minhas memórias 1 / Edison Eloy de Souza. --
São Paulo : Ed. do Autor, 2025.

ISBN 978-65-01-81480-3

1. Arquitetos - Brasil - Biografia 2. Arquitetura - Brasil 3. Memórias autobiográficas 4. Reflexões I. Título.

25-318549.0 CDD-720.92

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Arquitetos : Biografia e obra 720.92

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

1ª edição 2025

# APRESENTAÇÃO

*"A vida não é o que a gente viveu, e sim a que a gente se lembra, e como se lembra para poder contá-la"* Gabriel Garcia Márquez

Acho que é chegado o momento de deixar registrado o retrospecto das minhas experiências pessoais e profissionais, numa espécie de autobiografia. Incluindo nesse legado as viagens que consegui realizar para observações da Arquitetura e as paisagens urbanas, de vários lugares que tive a oportunidade de percorrer.

Adquiri o hábito de ir registrando, através de textos, além de fotos, fatos, situações e experiências, que me marcaram ao longo do tempo. São fatos do cotidiano, situações do momento, eventos culturais ou políticos importantes, além de assuntos profissionais ligados a arquitetura, urbanismo e planejamento urbano, minhas praias favoritas.

Acredito que dessa forma, cheguei a reunir um material bastante significativo dessas impressões e registros, que apresento nestas Reflexões e Memórias, que além de ser expressões do meu gosto e prazer pela escrita, pode também ser de alguma utilidade para quem os ler, pelos exemplos apresentados.

Para facilitar a leitura e compreensão, este registro está apresentado em 3 capítulos ou volumes principais:

*Reflexões e Memórias pessoais,* que reúnem textos sobre temas gerais da vida, na forma de pequenas crônicas, que venho escrevendo ao longo do tempo, onde manifesto reflexões, devaneios do cotidiano e observações pertinentes à minha longa trajetória. Acrescentar: Além das inumeras lembranças de pessoas, lugares e situações vividas.

*Reflexões e Memórias profissionais,* que reúne textos ligados ao exercício profissional, tanto no aspecto de projetos realizados,

quanto a outras atividades como didáticas e gremiais nas entidades de classe.

*Memórias de Viagens - Registro das inúmeras viagens que realizei*, onde tive a oportunidade de conhecer a arquitetura de suas cidades, sua natureza e seus costumes culturais e sociais. São fotos identificativas desses locais que me marcaram muito.

Apresento também, de forma complementar, outros dados como títulos, cargos ocupados e premiações, que contribuem para visualizar meu caminho até aqui.

Espero que estas Memórias possam ajudar na compreensão do meu esforço para me tornar um homem melhor, um cidadão responsável, um profissional ético e produtivo e contribuir para melhorar as minhas relações sociais.

Arquiteto Edison Eloy de Souza, nov. 2024

# SUMÁRIO DA PARTE 1

APRESENTAÇÃO ..... 5
DEDICATÓRIA ..... 13
PREFÁCIO ..... 15
INTRODUÇÃO ..... 17
A ARTE DE ESCREVER ..... 31
A ARTE DE PEDIR ..... 34
A EUFORIA DE FIM DE ANO ..... 36
A ETERNA LUTA ..... 39
A HONESTIDADE ..... 42
A PONTUALIDADE ..... 44
ACERCA DA NORMALIDADE ..... 47
AI, QUEM ME DERA = POEMA DESEJO ..... 50
ANÔNIMO NA MULTIDÃO ..... 52
ARMADILHAS DA TECNOLOGIA OU PERIPÉCIAS COTIDIANAS ..... 54
AS MULHERES DE TURBANTES ..... 56
CAMINHAR COM AS MÃOS PRA TRÁS ..... 58
CARÊNCIAS ÉTICAS E MORAIS VIGENTES ..... 60
COISAS OPOSTAS OU ALHOS POR BUGALHOS ..... 64
COLECIONANDO EUFEMISMOS ..... 66
COLONIALISMO X POVOS ORIGINÁRIOS OU NATIVOS ..... 68
COMO AS APARENCIAS ENGANAM ..... 70
CONVERSAS DE PESCADOR / 1 ..... 73
CONVERSAS DE PESCADOR / 2 ..... 77
CRIAÇÕES E INVENÇÕES INCRÍVEIS ..... 80

DA CONVIVÊNCIA ..... 83
DA ENTREGA ..... 85
DAS DOENÇAS ..... 88
DAS ILUSÕES ..... 90
DAS JANELAS ..... 92
DESTROÇOS ..... 95
DIFÍCEIS INDAGAÇÕES ..... 97
DIVAGAÇÕES SOBRE PENTEADOS E CORTES DE CABELOS ..... 98
DO ISOLAMENTO OBRIGATÓRIO X "TAMU JUNTO" ..... 101
EM FUNÇÃO DAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS ..... 105
FALANDO PARA AS PAREDES ..... 108
MODA GLOBALIZADA ..... 114
NOS BRAÇOS DE MORFEU ..... 117
O DESENHO DAS PADRONAGENS ..... 120
O NOME PRÓPRIO E SEUS APELIDOS ..... 123
O PARASITA ..... 127
O PRAZER DA RUA ..... 130
O QUE É, E O QUE NÃO É ..... 133
O SUMIÇO DO DINHEIRO ..... 135
ODE À VIDA (à moda haicai) ..... 139
OLHAR PELA JANELA ..... 140
OS PERCALÇOS ..... 143
PALAVRAS SONORAS OU ONOMATOPEIAS ..... 145
PARES IMPERFEITOS ..... 147
QUANDO A VIDA SE ESVAI ..... 149
PORQUE ME UFANO X PORQUE NÃO ME UFANO DO MEU PAÍS / 1 ..... 151

PORQUE ME UFANO X PORQUE NÃO ME UFANO DO MEU PAÍS / 2 ..... 156
QUANDO NOSSAS REFERÊNCIAS VÃO EMBORA ..... 160
QUANDO O REMÉDIO É ESPERAR ..... 162
QUEM SOU EU, OU PAREÇO SER ..... 166
RAZÃO X EMOÇÃO ..... 168
SER AMISTOSO ..... 172
SOBRE A (I)MORTALIDADE E A FINITUDE ..... 174
SOBRE AS OLIMPIADAS ..... 177
SOBRE A PARAOLIMPIADA E AS CONQUISTAS CIENTÍFICAS ..... 179
SOBRE O MEDO ..... 182
SUBLIME OBSESSÃO ..... 184
TEMPOS SOMBRIOS VIVIDOS ..... 186
TRÊS TEMPOS – Antes, durante e depois ..... 192
TUDO FICA VELHO ..... 195
VALORES E VIRTUDES ..... 197
VERDADE X MENTIRA ..... 203
VIVER NA DEFENSIVA ..... 205
VIVER SÓ ..... 208

**RECORDAÇÕES E LEMBRANÇAS** ..... 211
A CASA DA CHANÉS – 1976 ..... 212
A CASA DE UBATUBA/ 1988 ..... 217
A CASA DO CANGAIBA – 1954 ..... 220
A CIRURGIA CARDIACA EM PARIS / 2016 ..... 225
ADILSON QUARANTA ..... 230
A HANSENIASE NO MEU PAI ..... 232

A TURMA DO BAR DO ZÉ ..... 236
A TURMA DO ESTADUAL DA PENHA (1951/1958) ..... 239
A VELHICE ..... 248
A PROPÓSITO DO FALECIMENTO DO AMIGO CARLOS BIANCO ..... 253
HOMENAGEM AO AMIGO ÉLCIO GABRIOLI MARTINS ..... 257
A HORA DA BOIA 1 ..... 259
HORA DA BOIA 2 ..... 263
MARCAS DO TEMPO ..... 266
ME SENTINDO DOENTE ..... 271
MEU FIEL COMPANHEIRO 1 ..... 273
MEU FIEL COMPANHEIRO 2 ..... 278
MEU LADO ESPIRITUAL ..... 282
MEU QUERIDO AMIGO ALEMÃO ..... 285
MEU TEMPO DE VIDA ..... 288
MEUS AUTOMÓVEIS ..... 292
MEUS HOBBIES ..... 298
MEUS PAIS ..... 302
MINHA FILHA MARIANA ..... 307
MINHA FILHA LUCIANA (8/9/1975-3/2/2013) ..... 314
MINHA FILHA JULIANA (10/01/1978- 4/4/2022) ..... 320
MINHA IRMÃ EDNA ..... 326
MINHAS MENINAS ..... 330
MINHAS MORADAS ..... 334
NOVOS CAMINHOS ..... 339
O ACIDENTE COM A LUCIANA – 03/02/2013 ..... 345
O PAPEL DO AVÔ ..... 352
80 (OITENTA) ANOS. VIVA ..... 354

SER ESTIGMATIZADO..... 356
SOBRE DURAS PERDAS ..... 360
TOCANDO 7 INSTRUMENTOS / OU
ATIVIDADES MULTIPLAS .....363
TRAJETÓRIA DE VIDA ..... 366
TRIBUTO AO AMIGO EURICO PRADO LOPES .....374
UM TALUDE QUE DÓI .....376
VAMO BANHÁ.....378
VIDA AMOROSA .....379
VIDA QUIMICA .....392
VIDA SIMPLES..... 395
VIVA O TEMPO DOS IPÊS..... 398
VIVER COM ALEGRIA.....401
EPÍLOGO UM.....408

# DEDICATÓRIA

Dedico este livro a todos àqueles que colaboraram para esta minha exitosa trajetória, sejam familiares como mãe, pai, esposa, filhas, netos e netas, primas e primos, sejam mestres em todos os níveis, que estudei, sejam os colegas de magistério ou parceiros de caminhada.

Sejam colaboradores dos meus inúmeros projetos e trabalhos profissionais, sejam os inúmeros alunos que tive, sejam os amigos e amigas, sejam os anônimos que compartilharam o caminho, sejam os anjos da guarda que iluminaram meu caminho e me salvaram nos momentos difíceis.

A todos eles, quero expressar minha eterna gratidão, por me formarem intelectualmente, forjarem meu caráter e retidão, em um profissional ético e comprometido socialmente e por me transformarem num homem feliz e realizado.

Que este meu legado, tão arduamente construído, sirva de exemplo para os interessados e não tenha sido em vão e descartável.

Obrigado a todos que tiveram a paciência de me fazer companhia nestes textos.

# PREFÁCIO

Receber o convite para escrever este prefácio foi, ao mesmo tempo, uma surpresa e uma honra.

Edison me disse: “Quero que você escreva o prefácio das minhas memórias, já que você sabe todas elas.” Achei essa afirmação engraçada e um tanto exagerada.

Tenho acompanhado de perto o percurso inquieto de Edison desde os tempos em que éramos colegas na Faculdade de Arquitetura da Universidade São Judas Tadeu.

Sempre me chamou atenção sua curiosidade insaciável pela vida, sua capacidade de se reerguer após tropeços e enfrentar traumas profundos.

Como vocês poderão ver nestas páginas, nada foi fácil para o menino pobre que, de pequeno aprendiz de escultor em madeira, chegou à profissão de arquiteto, superando os desafios de estudar em uma instituição tradicionalmente elitista como a FAU-USP.

Sua musicalidade, sem dúvida, o ajudou a dar ritmo à sua trajetória, tornando-a ainda mais cativante. Não por acaso, a FAU sempre foi um reduto de músicos talentosos.

Outra marca de seu caminho foi a seriedade com que sempre exerceu seu ofício, seja no escritório, na docência ou na militância político-profissional.

Destaco sua contribuição ao ensino de arquitetura com a produção e edição do “Guia de Arquitetura da Avenida Paulista” e de sua dissertação de mestrado sobre Arquitetura e Geometria. Publicar suas memórias e reflexões aos 85 anos é mais do que um gesto de realização pessoal; é um presente generoso para os jovens arquitetos e para todos os amantes da arquitetura.

Certamente, esta leitura surpreenderá e encantará a todos, pois nos transporta a um tempo pioneiro da arquitetura e do urbanismo em São Paulo e, por que não dizer, no Brasil.

Suas reflexões sobre seus prazeres e adversidades da vida revelam um homem atento e curioso, com um texto poético, bem-humorado e às vezes irônico.

Além disso, permite refletir sobre a experiência de viver em meio às transformações e desafios dessas décadas tão conturbadas em nosso país.

Devemos agradecer e louvar sua incrível memória! Boa leitura a todos.

O amigo José Prado

# INTRODUÇÃO

Antes de entrar propriamente nos textos destas memórias, acho que, mesmo resumidamente, é importante relatar minhas origens e evolução, pois ajuda a compreender melhor minha trajetória, aproveitando-se da minha ótima memória para essas lembranças passadas.

## EPISÓDIOS PRÉ, INFANTIS E JUVENIS

Contava Dona Júlia, minha mãe, que eu dei tanto trabalho para vingar como gente, que a parteira que me cuidou em toda a gestação, Dona Brígida, acabou me batizando. Isso, segundo ela, era para não acontecer o que havia passado com o irmão anterior o Edmur, que havia falecido logo aos 6 meses de idade, por conta de uma doença venérea que meu pai tinha.

Meu nascimento, acontecido em casa, na rua Joli, no Brás, onde morávamos, não sei se foi considerado milagre, mas mereceu uma promessa a N.S. Aparecida, com direito a vela do meu tamanho, quando lá estivemos. Também tenho uma irmã, dois anos mais nova.

Passamos períodos heroicos, inclusive durante a 2ª Guerra mundial de 1939 a 1945, quando havia racionamento de alimentos, principalmente de pão. Lembro que estava com minha mãe na fila do pão na padaria, quando ela percebeu que a fila não andava, pois alguns espertos estavam comprando por trás. Ela chamou o policial, que estava montado e arrombou a porta da padaria com as patas do cavalo. Essa imagem me marcou muito.

Indiretamente a 2ª Guerra foi responsável pelo casamento da minha mãe com meu pai, pois antes disso ela estava noiva de um pracinha que não voltou da frente de batalha.

Outra lembrança, já quando a guerra acabara, foi o desfile dos pracinhas brasileiros da FEB, no Anhangabaú exibindo uma cobra fumando, que era seu símbolo.

Pulando um certo tempo lembro, mas ainda pequeno, um fato curioso; eu e o meu primo Adilson, que fazíamos tudo juntos, resolvemos fugir de casa. Arrumamos nossa trouxinha empunhada num pedaço de pau e fomos andando, até sermos encontrados no Largo da Concórdia, graças a um amigo do meu tio Oswaldo, que tinha uma barbearia por perto e que nos conhecia. Claro que o "pau comeu" na volta.

Para introduzir minha trajetória escolar e de trabalho é preciso dizer que a minha mãe tinha muito claro que eu não podia ficar à toa na vida, à mercê da malandragem, vivendo em lugar pobre, quando nos mudamos para a Penha de França.

Ela vivia como calceira, especialista em costurar calças de homem, na sua máquina *Singer* e não tinha muito tempo para nos cuidar. A mim cabia comprar os retróses *Guterman* e acompanhá-la na entrega das calças na praça da Sé, no antigo edifício Santa Helena, demolido para fazer a estação Sé do metrô.

Meu pai, sem formação escolar, trabalhava como chapa, descarregando cargas de caminhões nos armazéns do Brás. Serviço pesado.

Assim foi que iniciei minha trajetória escolar num parque infantil perto da Igreja da Penha, cuja professora era Dona Leny, muito querida. Lembro que usávamos um avental xadrez verde e vermelho, como uniforme.

Na Penha, morando na Rua Padre João, 513, numa pequena casa nos fundos, aos 7 anos, em idade do grupo escolar, minha mãe tentou me matricular em escola pública, mas não deu certo porque a idade mínima era de 9 anos para ingressar naquela época.

No entanto conseguiu me colocar numa escola privada, graças a uma bolsa de estudos. Era o Externato São Miguel, dirigido pela Profa. Lourdes, que me acolheu e terminei o curso primário aos 11

anos de idade. Era meio longe de casa, mas íamos a pé, em grupo, para nos proteger e onde passávamos pelo cemitério, que nos dava um certo medo.

Dali me matriculei no Ateneu Ruy Barbosa, do prof. Gladys, em frente de casa, também com bolsa e onde fiz somente os dois primeiros anos do ginásio.

Já nesse período e simultaneamente à escola, eu trabalhava, aprendendo o ofício de entalhador, que fazia aquelas molduras nos móveis antigos, de forma manual. Desde aí comecei a ter familiaridade com tipos de madeira, pois as peças eram de canela, jacarandá, marfim, imbuia etc. Naquele tempo o trabalho infantil não era proibido, sendo comum nas classes pobres. Tenho até a carteira profissional de menor idade, de capa verde.

Primeiro comecei na oficina do Nelson na sua casa, em frente da nossa. Era pequena e de família amiga, composta do Sr. João, guarda civil, Dona Linda, que era médium espírita e mais dois irmãos, o Toninho e o Alan Kardec que deu um trabalho danado para ser batizado, pelo seu nome do fundador do espiritismo. Minha mãe também era médium e era comum algumas sessões espíritas lá em casa.

No início se aprendia a lixar as peças, arrumar as ferramentas, limpar a oficina e coisas assim. O trabalho era em pé, nas bancadas de madeira, onde eram fixadas as peças para entalhar. Os rebolos para afiar as ferramentas ficavam fora da casa e era feito só pelos oficiais. As condições de trabalho eram muito precárias e inseguras.

Depois fui trabalhar na oficina do Hilario, longe de casa, onde ia a pé e como já tinha alguma familiaridade com o ofício e, já produzia algumas peças de forma independente, com ferramentas próprias importadas. Ganhava-se por produção. Era um trabalho pesado, mas já ajudava nas despesas da casa e nos livros escolares.

Por último nesse ofício fui trabalhar na oficina do Francisco Bifulco, com muitos funcionários e melhor estrutura. Não lembro se

era registrado; acho que não, pois o sistema de remuneração era o mesmo, ou seja, por produção. Eu era o menor da turma, pois isso ganhei o apelido de pichinin, pequeno em italiano.

O descanso era feito aos domingos quando ia jogar bola, empinar pipa e andar de carrinho de rolimã na calçada da padaria, já que a rua era de terra. Nesse tempo eu tinha compridos cachos loiros de cabelo sob um chapéu *Ramenzoni*, que ganhava muito Bullying e consequentes brigas de rua. Também tinham vidraças quebradas pelas boladas, frutas roubadas dos quintais alheios, com os devidos corretivos das nossas mães.

## COLÉGIO ESTADUAL DA PENHA

Depois do Ateneu Ruy Barbosa fiz exame de admissão no Colégio Estadual e Escola Normal N.S. da Penha, que estava inaugurando; passei e me transferi para lá no 3º ano do ginásio, que fiz totalmente no período noturno, já que trabalhava durante o dia.



COLÉGIO ESTADUAL DA PENHA

Era um colégio espetacular em todos os sentidos, que me marcou até hoje. Era um prédio novo, grande, de boa arquitetura com piscina, auditório e rampa para deficientes, requintes para a época, com ótimos professores, oriundos de faculdades e escolas renomadas. O ensino era puxado.

Lembro dos saudosos e competentes professores que davam toda a matéria prevista no curriculum: Maria Amélia o terror do Francês, a única que fiquei de 2ª Época; a Elvira Reale de português; A Sueco de matemática; o prof. Chamas; o prof. Rizzo de Física; Deusdá Magalhães e outros que não me lembro.

Aí terminei o ginásio e o científico, como se chamava o colegial naquela época, já morando no Cangaíba, para onde nos mudamos.

Durante o colegial sofremos o choque da internação do meu pai no Hospital de Pirapitingui, especializado em doenças de hanseníase. Naquele tempo os doentes de lepra eram recolhidos compulsoriamente e separados das suas famílias. Meu pai foi recolhido e preso em plena estação da luz, sem aparentar nenhum dos sintomas visíveis e levado ao hospital. Era assim naquela época.

Durante os 5 anos que ele esteve internado, tínhamos que fazer exames obrigatórios no DPL (Diretoria de Profilaxia de Lepra) e obedecer a um regime de separação de objetos pessoais que pudessem transmitir essa doença de pele.

Minha mãe ia regularmente visitá-lo. Eu só fui vê-lo uma vez. Era deprimente. Lembro que na visita não havia nenhum contato físico. Obedecia-se a uma distância de uns 3 metros entre o doente e o visitante, com muros baixos dos dois lados, por onde se falava a distância.

Naquela época não havia remédio para a doença. Somente um, meio paliativo, que se chamava Promim e que era importado por uma famosa deputada chamada Conceição Santa Maria, que fazia dos doentes e familiares seu curral eleitoral.

O hospital era como uma cidade; os doentes ficavam em casas separadas, havia os ambulatórios, igreja, escola e comércio.

Minha caminhada pelo mundo do trabalho continuou, já com serviços de escritório, de acordo com que permitia minha formação. Além do ginásio também tinha feito o curso de datilografia, obrigatório na época.

No começo desta nova fase fui trabalhar em vários bancos, pois os horários permitiam conciliar com os estudos. Foi uma ilusão, porque se trabalhava muito e se ganhava pouco e ainda tendo que usar gravata. Foi um período triste, pois me sentia explorado, mudando de seção em seção e de agência em agência como se fosse um castigo. Durei pouco neste tipo de trabalho. Ainda bem.

Depois fui trabalhar na Rádio Nacional que ficava na Rua das Palmeiras em Santa Cecília. Ainda ela não fazia parte da atual Rede Globo. Não sei como fui parar lá. Trabalhei como funcionário no departamento comercial na produção dos textos que seriam lidos pelos locutores da rádio.

Aprendi muito, graças ao tratamento cordial dado por todos, inclusive dos diretores Epaminondas Costa lima e José de Castro Fontenele, que me adotaram e permitiam inclusive que eu comesse minha marmita, que levava de casa, nas suas salas.

O ambiente de rádio era diferente de tudo, pois tinha o lado artístico, com os programas de auditório, tipo Manoel de Nóbrega, que eu assistia na hora do almoço e musicais com orquestra própria a noite. Para chegar nesse trabalho tomava o bonde Penha a Lapa que passava por perto, mas demorava muito, quase duas horas.

Findo o científico, era hora de pensar no futuro. Naquele tempo as opções para família pobre era ser padre ou militar, se quisesse continuar estudando. Como não tinha vocação religiosa fui tentar a área militar.

Fiz exame na Aeronáutica para ser piloto. Passei bem nos exames teóricos, mas fiquei reprovado no exame médico, onde disseram que eu tinha sopro no coração e não podia ser piloto. Não era bem assim, pois descobri depois que tinha um desdobramento na chamada segunda bulha e era congênito e não me impediu de viver até agora.

Nesta altura nos mudamos da Penha para o Cangaíba, bairro mais distante, pois os pobres sempre acabam sendo expulsos da cidade para periferia distante; foi uma epopeia do sonho da casa própria. Inicialmente meu pai comprou um lote pequeno, logo no começo do bairro, para construir no sistema de mutirão.

Chegamos a fazer os alicerces de pedra. Na primeira chuva que deu, inundou todo o bairro, pois era uma parte muito baixa. Não satisfeito desfez o negócio e comprou outro terreno, mas no fim do bairro, na parte mais alta. Os meus tios Vicente e Oswaldo, irmãos da minha mãe, também compraram terrenos próximos, para ficarem juntos.

A casa, num terreno de 10 x 30m, era constituída de um quarto, uma sala, cozinha e banheiro, nesta ordem, e foi construída no regime de mutirão pelos amigos aos poucos e um pedreiro para os acabamentos da fachada. Com o tempo, foi construído mais um quarto onde eu dormia, estudava e aprendia a tocar o meu pandeiro.

Nossos fins de semana eram dedicados a fazer a massa, carregar tijolos, pregar madeira em troca de uma refeição mais caprichada para todos. Não me lembro bem, mas acho que a construção estava inacabada quando mudamos, que demorou uns 2 anos. A água potável era fornecida por um poço de 30 metros de profundidade e sem energia. Usávamos lampião de carbureto, que fedia bastante. Tinha horta, onde aprendi a gostar de mexer com plantas.

## FAU-USP

Sem saber o que escolher depois do Científico, fui fazer Cursinho no anglo latino na Rua Tamandaré, Aclimação para fazer vestibular. Fiz com bolsa parcial. As aulas eram muito boas e divertidas com o Prof. Bloch, Prof. Gabriades, Prof. Marmo, Prof. Simão, todas feras na arte de ensinar.

Prestei meu primeiro exame para Arquitetura na FAU-USP sem muita convicção e não passei. Tinha uma prova de desenho artístico que era fogo.

Para o segundo exame estudei sozinho e só fiz desenho artístico no curso Di Tulio, com Henrique Pait, arquiteto que desenhava bem. Também não passei. Para o terceiro exame, já convencido do que queria, também estudei sozinho e passei em 20º lugar, onde só entravam 30 alunos. Toda a escola tinha 150 alunos.

Foi um encontro maravilhoso, pois depois de 5 anos me tornei um arquiteto feliz com sua profissão e grato pela escolha, como comprova o diploma abaixo.



REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

Eu, PEDRO MOACYR DO AMARAL CRUZ Diretor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, confiro ao Senhor EDISON ELOY DE SOUZA natural de SÃO PAULO nascido a 7 de AGOSTO de 1940 filho de JOAQUIM ELOY DE SOUZA e JULIA DOLORES DE SOUZA o Diploma de ARQUITETO cujo curso terminou em o ano letivo de 1965 para que goze dos direitos e prerrogativas que as leis do país lhe concedem Expedido de acôrdo com o Regulamento de 27 de OUTUBRO de 1955

São Paulo, de

O Reitor O Diretor

O Diplomado O Secretário

Já no famoso trote dos calouros, com direito a banho no laguinho, fomos bem recebidos pelos veteranos e a interação foi imediata, pois a minha turma era especial. Lembro que o colega Heck, que era tesoureiro do GFAU, me liberou da taxa de bicho, com o compromisso de trabalhar pelo grêmio. Foi o meu batismo político. Fui diretor e até vice-presidente do GFAU e exerci a presidência justo quando eclodiu o golpe de 1964.

O curso era muito puxado; tinha aula o dia inteiro, pela manhã aulas chamadas técnicas, iguais as da Poli e à tarde as chamadas artísticas e profissionais no ateliê de desenho. Era um curso com 5.400 horas. Apesar de ser gratuito, tinha que sobreviver com moradia, alimentação e livros caros.

Tivemos o privilégio de termos tido os melhores professores entre os profissionais da época nas áreas de arquitetura, engenharia, artes plásticas.

Assim tivemos Vilanova Artigas, Paulo Mendes da Rocha, Pedro Paulo de Melo Saraiva, Giancarlo Gasperini, Plinio Croce, Eduardo Corona, Roberto Tibau, Jon Maitrejean, Roberto Cerqueira Cesar, Carvalho Franco, João W. Toscano, Figueiredo Ferraz, Lucas Nogueira Garcez, Pedro Moacir do Amaral Cruz, Lauro Birkolz, Renina Katz, Flavio Mota, Juarez Brandão, Luiz Cintra do Prado, Carlos Milan, Roberto Coelho Cardoso.

Tenho muito orgulho de ter concluído o curso com a nota 10 com louvor pela banca composta por Vilanova Artigas, Paulo Mendes da Rocha e Pedro Paulo de Melo Saraiva, no projeto para o Porto de Sebastião, juntamente com os colegas Shigueiro Kudo, Cesar Bergstrom e Munir Buarraj.

Tivemos um banho político pelo período quente entre 1961 e 1965, que sofremos com o golpe de 1964. Lembro das assembleias estudantis, onde os veteranos pacientemente nos explicavam as ideologias e o sentido das forças políticas de esquerda, de direita etc.

Foi um tempo de grande efervescência política, cultural e social. Grandes passeatas, greves, confrontos, festivais de música. Tempos memoráveis e inesquecíveis.

As festas e esticadas musicais fizeram parte de todo o curso, nas famosas reuniões etílico-musicais no grêmio, chamadas apropriadamente de SAMBAFO, com a presença de Chico Buarque, Franscisco Maranhão, Valandro Keating, Manini e eu defendendo meu pandeirinho, que já dominava bem.

Nesta altura me mudei do Cangaíba para um apartamento-república na Avenida 9 de julho, junto com os colegas Nelson Popini Vaz e Mario Yoshinaga, que era cativo dos estudantes da FAU, onde fiquei até me formar.

Acostumado ao necessário trabalho, já fui me ajeitando com várias alternativas. Primeiro fui dar aulas de desenho no curso noturno do Liceu de Artes Ofícios, onde hoje está a Pinacoteca na Luz, durante três anos.

Em seguida arrumei uma vaga na Sagmacs, empresa do Padre Lebret, que foi pioneira em projetos de planejamento urbano no Brasil, que ficava no Edifício Brasilar no Anhangabaú. Lá foi elaborado todo o plano de desenvolvimento do estado de São Paulo para o governador Carvalho Pinto.

Desenhávamos manualmente diversos tipos de mapas, que mostravam o estado e a evolução proposta em termos de população, equipamentos culturais, de saúde etc., sob a supervisão e orientação dos arquitetos Luiz Carlos Costa, Celso Lampareli e Antônio Claudio Moreira.

Mais para o final do curso em 1965, quase perto da formatura, perdi meu pai, que já estava muito debilitado, por conta das consequências da internação. Formatura que não houve, pois, nosso paraninfo Eng. Joaquim Cardozo e o patrono Mario Schemberg, foram vetados pelo Conselho Universitário.

ATELIER DA OSCAR PORTO

Também no final do curso, já dominando as artes do desenho arquitetônico e o desenvolvimento dos projetos, montamos um escritório com os colegas Cesar Bergstrom, Munir Buarraj, Shigueiro Kudo, Francisco Crestana, numa casa na Rua Oscar Porto, 845 no Paraiso, emprestada pelo pai do Cesar, querido Prof. Oscar.

Nele chegamos a desenvolver projetos para vários arquitetos e a criar também os nossos, com bastante sucesso. Eram os heroicos tempos da régua T, dos esquadros, normógrafo, tinta nanquim, papel vegetal, e das problemáticas cópias heliográficas

Era também um concorrido ponto de encontro de amigos e colegas, com várias festas e comemorações. Muitas amizades lá se consolidaram e chegando até a casamentos.

Com o tempo, cada qual foi para o seu lado de forma independente e este belo reduto se desfez, ficando a saudade, da rica experiência e convívio.

O desenvolvimento desta trajetória é contado nos outros textos que apresento nestas Memórias.

Espero que esta longa introdução possa ajudar a compreender a evolução da ampla trajetória aqui descrita.

# MINHAS MEMÓRIAS 1

Edison Eloy de Souza

# REFLEXÕES e LEMBRANÇAS

Nesta primeira parte estão reunidos alguns textos sobre temas e ideias aleatórias, do cotidiano e de caráter universal, que chamaram minha atenção ao longo do tempo e que resultaram nestes pensamentos registrados, com toda liberdade intelectual.

Na forma de crônicas, organizadas na ordem alfabética para facilitar a procura, esses escritos procuram refletir uma curiosidade mais abrangente, que resvala sobre temas filosóficos e politicos e não só no olhar restrito de um especialista.

Esta primeira parte está dividida em duas vertentes: Uma de Reflexões propriamente ditas, sobre assuntos gerais e outra mais voltada às Lembranças e Recordações de fatos e situações vividas mais diretamente.

## A ARTE DE ESCREVER

**Escrever, para mim, é um ato de libertação.**

Assim como desenhar, pintar, falar, cozinhar plantar, tocar um instrumento musical, a escrita nos liberta da solidão, da angústia, do mal de Alzheimer e tantas outros estados da alma, fazendo-nos viajar na imaginação, na criatividade e no sonho de uma vida melhor.

Escrever é um ato pessoal e solitário, que nos permite expressar nossa visão de mundo, através de ideias, sentimentos, inquietações, reflexões. conhecimento, experiência, de modo a transmitir, provocar e despertar sentimentos, emoções, dúvidas, conhecimento, até abalos, naqueles que nos leem.

Escrever é contar estórias, história, fatos culturais e científicos, acontecimentos, eventos, é registrar a memória individual e coletiva, cantar o amor e a frustração, o sucesso e a tragédia, é polemizar sobre ideias e assuntos vários e tudo mais que diz respeito a experiência humana.

Diferentemente da imagem fotográfica, a escrita nos obriga o exercício da imaginação, da interpretação, do devaneio, tão importantes na construção e manutenção da saúde mental.

Acho que quem me despertou para o prazer da leitura e da escrita, além da base do Estadual da Penha, foi um professor do cursinho Anglo Latino, chamado Hildebrando Afonso de André, lá pelos idos de 1958, forçado um pouco pelo terror do vestibular.

Ia às suas boas aulas no sábado as 7.30 horas da manhã, na rua Tamandaré na Aclimação, saindo do Cangaíba onde morava. Fui feliz nesse vestibular, onde caiu para fazer a análise sintática do trecho do Gigante Adamastor, dos Lusíadas de Camões. Olhem como era o vestibular naquela época.

Escrever sem obrigação é uma dádiva, um privilégio, um prazer, principalmente para quem já foi forçado a escrever relatórios profissionais, trabalhos acadêmicos, planos diretores e de metas, memoriais e planilhas, além de outras chatices promocionais mentirosas.

Porém, não é preciso ser erudito, pedante ou arrogante para escrever e se comunicar bem; basta procurar ser simples ao transmitir uma mensagem ou ideia. Veja o absurdo que é a linguagem jurídica, que quanto mais empolada, hermética, e onanista mental, mais causa enfado. Há outras igualmente, como os laudos médicos ou análises econômicas, que apesar das devidas justificativas técnicas, procuram esconder ou camuflar a verdade. São chatas igualmente.

Mas não se engane, quem pensa que, como qualquer arte, escrever não é uma empreitada fácil, pois exige treino, tempo, pesquisa, observação, dedicação, disciplina e aplicação.

Quantas horas diárias de ensaio não são necessárias para aprender a tocar e dominar um instrumento musical? Escrever é parecido.

Dificilmente um texto sai de uma sentada só; há muitas idas e vindas, rascunhos, edições e revisões para se transmitir a ideia exata do que se quer. Isso é recorrente em praticamente todos os autores consagrados.

Para escrever bem é preciso ler tudo e todos, prosa e verso, crônicas e biografias, clássicos e contemporâneos, nacionais e estrangeiros, sem preconceitos. De cada um se acrescenta um pouco. Veríssimos, Saramago, Amado, Milton Hatoum, Chico Buarque, Borges, Neruda, Fernanda Young, Fernanda Torres, Vinicius, Eduardo Gianetti, Laurentino Gomes, Yuval Harari, e infindáveis outros autores que fazem parte obrigatória na trilha do aprendizado literário e humano.

Além de pesquisar, para adquirir vocabulário, forma, estilo, é fundamental reverenciar a PALAVRA em toda a sua plenitude e significado, respeitar a gramática, a ortografia, a concordância, a clareza, sem mutilá-la com cortes, abreviações e outras aberrações, tão em

voga na atual escrita eletrônica, que me provocam urticária e ojeriza.

Praticar e defender o texto escrito é um ato de resistência e permanência, face a crescente substituição do livro impresso pelas mídias eletrônicas e a proliferação das fake news.

Praticar o texto escrito também é um ato revolucionário, enquanto destinado a alfabetizar pessoas; principalmente em nosso país, onde muitos ainda não conseguem ler seu próprio nome e as palavras básicas, quanto mais escrever o necessário para sua própria sobrevivência.

Vocês que sabem e podem, escrevam mais, sem compromisso, pois escrever também é viver, como diria um poeta qualquer.

Vida longa ao texto escrito, honesto e sensível.

VIVA A ESCRITA

Dezembro 2019

## A ARTE DE PEDIR

Pedir é um ato simples, que deveria ser corriqueiro e fácil, mas nem sempre o é; ele exige cuidado, tato, educação, delicadeza e o momento certo para ser bem-sucedido.

O pedido não é uma exigência, um mando, mas uma solicitação. Há toda uma forma de pedir: suavemente, com floreios, de supetão ou surpresa, com malicia, com segundas intenções etc.

É preciso um certo exercício e traquejo para ser bem-sucedido no pedido.

Há pedidos fáceis, outros difíceis de atender, outros ainda impossíveis.

Quando o oferecimento não é vindo, o remédio é pedir, sem implorar ou se humilhar.

Vamos ver algumas situações ligadas a esse ato, algumas óbvias, outras que refrescam a cuca. São elas:

Pedir um favor – como me acompanhar ao médico, buscar minha filha na escola, uma carona.

Pedir uma ajuda – para estudar, para compreender melhor

Pedir a benção dos pais – costume em desuso

Pedir a Deus – uma graça, uma cura

Pedir um empréstimo – de um livro, de uma xícara de açúcar do vizinho, um dinheiro.

Pedir uma esmola- que ajuda, mas não resolve

Pedir um emprego – necessário à sobrevivência, a autoestima

Pedir um carinho, um beijo- não será necessário quando houver amor

Pedir uma oração- quando se está descrente

Pedir um conselho- para ajudar a tomar uma decisão

Pedir uma orientação- quando se está desorientado, numa situação difícil ou com algum problema

Pedir perdão – sempre difícil, porque envolve arrependimento, humildade

Pedir a mão – que não envolve só a mão, mas o compromisso do casamento

Pedir a conta – sempre a dolorosa

Pedir a saideira – quando está na hora de ir embora

Pedir licença – para sair, para entrar, para pegar alguma coisa

Pedir atenção – para o que será dito, explicado, orientado

Pedir cuidado- quando há perigo

Pedir paciência- quando a situação está saindo do controle

Pedir paz- quando se está sendo infernizado

Pedir socorro- numa emergência ou em pânico

Pedir colo – quando bate o desespero, saudade da mãe

Pedir tempo – quando está muito confuso

Pedir arrego, penico – quando não aguenta mais

Pedir comida – quando se está morrendo de fome

Pedir vênia – consentimento

Pedir o boné – sair de fininho, como agora.

Janeiro 2020

## A EUFORIA DE FIM DE ANO

Desculpem o tom melancólico e meio do contra, em remar contra a maré, mas essa época de fim de ano me deixa triste e deprimido, desde pequeno.

Parece que o mundo vai acabar. Todos ficam eufóricos atrás das compras, do amigo secreto, das confraternizações, das vãs promessas, das despedidas e falsas juras de amor. Parece que a alegria com hora marcada, vira uma obrigação para todos. Não se aceitam dissidentes.

A vontade é de correr para aproveitar os últimos dias do ano, as férias dos filhos e o recesso do trabalho para viajar à praia ou ao campo, não sem antes enfrentar os congestionamentos, os preços altos e a muvuca. É desesperador.

Todo Natal e Ano Novo é sempre igual; baixa um espírito mágico da concórdia, paz, fraternidade, como se Papai Noel realmente existisse e contemplasse todos os nossos desejos, suspendendo todos os males.

Na virada do ano novo se renovam os desejos de melhoras, as esperanças adquirem ares proféticos de felicidade, de saúde e prosperidade, como a espantar as agruras, frustrações e as desgraças do ano que passou.

Claro que este é um desejo de amor e paz de todos, mas que não consegue ofuscar as mazelas humanas ligadas à fome, à miséria, às doenças, à desigualdade, à violência, às guerras, à imigração forçada, ao ataque ao meio ambiente, que já deveriam ser banidas de uma civilização que chegou ao século 21.

As soluções para esses males parecem sonhos de uma noite de verão, que não se realizam. Parece que são temas que não nos afetam e que buscamos nos alienar, até por sobrevivência mental, mas que me incomodam profundamente.

Respeito os sentimentos genuínos, daqueles que tem fé, que tem o verdadeiro espírito cristão, que sempre pratica o bem, são solidários, altruístas, fraternos, humildes o ano inteiro. Que ainda acreditam em milagres divinos. Mas, me parece que esse homem é uma espécie em extinção na sociedade moderna.

Assim, a hipocrisia toma conta e aflora com força nesta época do ano.

Os desejos de Boas Festas e Feliz Ano Novo saem automaticamente da boca para fora, sem os sentimentos correspondentes. A caridade é exercida só nessa época. A exibição material, construída em módicas prestações é feita em detrimento da elevação espiritual.

A ostentação luxuosa e farta das mesas e decorações são indecorosas e constrangedoras, face àqueles mais necessitados, que não tem o que comer. A exibição dos sorrisos nas fotos nem sempre revelam a felicidade interior. Os presentes importados revelam cada vez mais uma dependência e alienação cultural prejudicial às nossas origens e tradições e danosa à economia.

Todo o ressentimento, indiferença, desinteresse e até ódio e rancor, em relação ao próximo, ficam recolhidos aguardando nova oportunidade.

Passada a festa, vem a ressaca e cai a ficha, pois quase nada mudou, além do calendário.

A situação pessoal e familiar permanece igual, as contas continuam a cair agora aumentadas, o emprego está escasso, a escola dos filhos difícil de manter, sem plano de saúde etc., afetadas pelas decisões políticas e econômicas daqueles pusilânimes que ocupam os poderes, mas não são capazes de resolver os problemas a favor de todos.

A situação geral, as questões estruturais do país continuam em aberto, o retrocesso cultural e de costumes é uma realidade. Em relação as questões globais, acho que está faltando lideranças, sal-

vo talvez o papa, capazes de enfrentar os problemas que se apresentam. É preciso mais democracia, paz, igualdade, oportunidades e fraternidade.

Para não dizer que não falei de flores, reconheço que há avanços em vários campos científicos e tecnológicos que, frutos da globalização, tem beneficiado mais gente do que antes, mas que infelizmente eles são controlados por uma minoria que detém o capital, o conhecimento e as informações internacionais.

Apesar de tudo isso, o mundo não acaba e a vida segue igual, como antes no quartel de Abrantes

Um sincero e merecido Feliz ano novo para todos nós.

Dezembro 2019

## A ETERNA LUTA

Parece que não tem fim. Com o tempo muda de nome. Agora é Sem Anistia e não a Pec da bandidagem, além das outras pautas nacionais como Isenção I.R. até 5.000 reais, mudança na jornada 6x1, tributar os ricos, fora Hugo Mota, viva o Xandão, Soberania Nacional, demarcação das terras indígenas,  e outras mais gerais como Palestina livre, Israel genocida, fim da Guerra de Gaza e da Croácia, bananinha lacaio de Trump, bandeiras da Cut, do PT, do Psol, bonés de Cuba, MST e outras que não pude captar.

Todas que podem ser enquadradas na eterna luta democrática por direitos inalienáveis, que precisam ser defendidos sempre, manifestas por grandes bandeiras brasileiras, enfim resgatadas como orgulho nacional.



Apropiraçao da bandeira nacional

Entrei na Avenida Paulista às 14 horas quando os relógios marcavam 36 graus e sai as 16 hs com 32 graus, ameaçando chuva. Aos 85 anos pensei que meu tempo de batalha e da minha geração já tinha passado; me enganei quando vi tantos cabelos brancos aguentando firme, portando cartazes.

Não tivemos artistas famosos, como outras capitais, somente políticos, mas conseguimos reunir 42.000 pessoas conscientes de todas as classes sociais.

Pergunto até quando vamos ter que estar presentes nessas manifestações? É muito sacrifício, pois já demos nossa quota. Até quando vamos ter o Chico, Caetano e Gil para animar as manifestações?

Foi um tempo de grandes passeatas para garantir a posse de Jango Goulart, depois durante a ditadura, do colégio eleitoral, incluindo a famosa das Diretas Já com 1 milhão de pessoas no Anhangabaú, onde estivemos, cuja emenda Dante de Oliveira não passou, mas que deram a Constituinte de 1988,

Era um filme, que já naquela época os EUA, cujo Trump da ocasião se chamava Lyndon Johnson, que tramou um golpe ao país, ajudado pelos militares golpistas como Olímpio Mourão Filho, Castelo Branco, Costa e Silva e por Magalhães Pinto, Lacerda, Adhemar de Barros, governadores da época e o poder civil representado pela Tradição Família e Propriedade.

Esses personagens que deveriam ser julgados, acabaram sendo anistiados pela Lei de Anistia ampla, geral e irrestrita de 1979, que a Constituição de 1988 manteve.

Nesse tempo tínhamos como parlamentares Marcio Moreira Alves, Ulisses Guimarães, Mario Covas, Tancredo Neves, Dante de Oliveira, Teotonio Vila entre outros.

Hoje o que temos? Salvo honrosas exceções, um bando de pulhas, pusilânimes, corruptos, para ser educado, até traidores e gol-

pistas, que só se preocupam com seus próprios interesses e não com o interesse público, que deveria ser o exercício da atividade parlamentar.

Acho que nunca tivemos um parlamento com tão baixo nível. Só se igualou com o executivo anterior composto de golpistas, corruptos, genocidas, ignorantes, onde alguns foram condenados. Felizmente o poder judiciário está funcionando, como deve, defendendo a Constituição e a Democracia.

A pergunta que fica, numa conjectura otimista. Se, porventura, todas essas bandeiras e pautas fossem resolvidas nalgum momento, poderíamos ir para casa, nos ocupar com outras coisas mais leves e  prazerosas, desfrutando o melhor da vida?

Acho que não, companheiro, pois infelizmente a LUTA CONTINA SEMPRE.

## A HONESTIDADE

Honestidade é falar a verdade e agir com sinceridade. Muitas pessoas acham que ser honesto é apenas não mentir, mas há uma definição mais completa para honestidade. Isso significa que uma pessoa honesta não faz coisas que são moralmente e eticamente erradas. Se você faz algo que vai contra a lei, com certeza está sendo desonesto.

¨De tanto ver triunfar as nulidades; de tanto ver prosperar a desonra, de tanto ver crescer a injustiça. De tanto ver agigantarem-se os poderes nas mãos dos maus, o homem chega a desanimar-se da virtude, a rir-se da honra e a ter vergonha de ser honesto¨, dizia nosso Ruy Barbosa.

Pois é, a honestidade é uma virtude que engloba, Verdade, Sinceridade, Moralidade, Integridade, coisas um pouco fora de moda. As pessoas mentem, ou são desonestas por interesse, conveniência ou circunstância.

Quais são as causas da desonestidade:

1.Desvio de caráter que nasce com a pessoa, indiferente da educação e estrutura familiar; 2. Má característica de personalidade, na estrutura que pode ser revertida; 3. Defeito comportamental, que se desenvolve devido ao cotidiano no meio em que vive.

Quem são os campeões da desonestidade e da mentira entre nós? Os políticos, os pastores e padres, os advogados, os economistas, os médicos, os maridos traidores, o vendedor esperto? Alguns deles praticam a mentira de forma descarada, outros tentam dourar a pílula, dizendo meia verdade, ou com linguagem rebuscada ou técnica, cujo efeito é o mesmo: Enganar o próximo.

Quem não foi vítima desses procedimentos? Quando um político promete uma ação ou projeto, pode esquecer, que não será cumpri-

da. Quando um pastor promete o paraíso em troca do dízimo também. Quanta enrolação legal é praticada para protelar um processo jurídico ou administrativo. Um diagnóstico médico sério tem diversos subterfúgios para ser dado.

Vivemos um caldo de cultura do engano, da prestigitação e da mentira.

Agora agravada pela realidade virtual, que não tem nenhum compromisso com a verdade e com a honestidade. O que prevalece é um mundo fictício, avesso à realidade e à verdade.

Aprendi desde cedo, em casa, a não mentir; nunca tive propensão a isso; ficava vermelho quando isso acontecia, o que me denunciava.

Além das ameaças de ir para o inferno, era castigado quando era pego numa mentira. Não importava se era pequena, como não fui jogar bola, ou grande, como cabulei a aula. É questão de princípio.

Sigo sendo esse personagem que não sabe mentir, nem sempre compreendido e pagando um alto preço por isso. Mas nesse sentido, durmo em paz.

Março 2020

## A PONTUALIDADE

15 horas, não são 14.50 ou 15.10 hs. Muita gente continua confundindo, apesar dos relógios estarem em toda parte. Até no pulso.

Para que seve a pontualidade?

Para não perder o trem, o ônibus, o avião? A reunião, o compromisso, a consulta médica, a audiência, o jantar? Não deveria ser só para essas coisas.

A pontualidade é muito mais que isso. Ela revela uma qualidade, uma virtude, um traço cultural de respeito ao próximo, ao seu tempo, ao próprio caráter, ao cumprimento de um dever ou negócio combinados. É uma questão de educação, de respeito e civilidade. Não custa nada se programar para chegar no horário combinado, levando em conta o tempo dispendido e eventuais contratempos.

Queiramos ou não, somos escravos do tempo medido. Saudosismos à parte, foi-se o tempo que acordávamos com o cantar do galo, o toque do sino da igreja e dormíamos após o pôr do sol.

Por outro lado, quais as consequências e prejuízos, para você e para os outros, que traz a impontualidade, o atraso? Enumeremos alguns: perder o transporte previsto ou comprado, seja um avião, um trem, um ônibus; perder um negócio combinado, perder um emprego por atraso, atrasar o pagamento de um boleto, perder o encontro com a namorada, a hora do cinema ou de espetáculo, e por aí vai.

As desculpas e os apelativos são clássicos.  Foi o trânsito, bati o carro, sofri um acidente, só vou atrasar um pouco, minha mulher demorou para se aprontar, chego em minutinhos, não acho estacionamento, segura aí, minha mãe está passando mal, meu filho está com febre, e assim por diante. Quantas mentiras para justificar a falta de respeito e empatia.

Imaginem o caos instaurado sem o controle da pontualidade numa série de atividades humanas ligadas a mobilidade e tantas outras, como o sistema de transportes de passageiros e cargas, a logística de produtos e serviços, a medição do tempo em escala mundial etc.

A impontualidade, a meu ver, só se justifica por um motivo de força maior, como um fenômeno drástico da natureza, a paralização dos transportes, um acidente sério em família, uma calamidade e coisas dessa magnitude.

Em certas culturas como a suíça, que inventou o relógio e a japonesa, por exemplo, a pontualidade é questão de honra, de obrigação; se vão atrasar, avisam por telefone. Aliás, hoje todo mundo tem um celular.

A pontualidade sendo um fenômeno cultural, varia de país para pais, quando acaba sendo relativizada e tolerada.

Por exemplo na Índia, que prega a eternidade, tem uma importância relativa; na China é tolerado um atraso de 10 minutos; no México, na Grécia, o atraso de 30 minutos é considerado normal; os portugueses não costumam ser pontuais; entre os espanhóis o atraso não é uma coisa mal vista; No Marrocos tanto faz uma hora ou um dia atrasado; Na Itália parece que a pontualidade maior é a dos trens que chega a mais de 90%.

Também é importante separar os compromissos sociais dos de negócios; em geral estes últimos têm um respeito maior em termos de pontualidade, porque em geral afetam o bolso.

Sou filho de mineiro e aprendi nunca perder o trem, chegando sempre antes dele partir, e de qualquer compromisso assumido. Seja num encontro, reunião ou embarque de qualquer natureza, procuro sempre chegar antes da hora combinada. Apesar de gerar uma certa ansiedade, isso sempre foi uma prioridade e respeito pelo tempo das pessoas envolvidas.

Regionalismos à parte, infelizmente sabemos que o atraso está enraizado culturalmente entre nós, que deixa tudo para a última hora, seja a entrega do imposto de renda, as compras de Natal, a ida a um churrasco, e até a um velório de amigos.

Diferentemente de vários outros povos como os japoneses, suíços, coreanos do sul, alemães, que levam a questão bastante a sério.

Será que a impontualidade é uma doença? Tem Cura? Será que damos muita importância a ela? Tem gente que acha que ela tem um certo glamour.

Dúvidas à parte, continuo achando que a pontualidade é um bem maior, que precisa ser praticada e cultivada, como princípio.

Março 2020

## ACERCA DA NORMALIDADE

A Normalidade é um estado padrão, normal, que é considerado correto, sob algum ponto de vista. É o oposto da anormalidade . A normalidade muitas vezes se dá por conta de uma maioria em comum, que a aceita como norma de conduta, sendo anormal aquele que contraria esta maioria. A normalidade também se dá por um resultado padrão, ao realizar uma operação com alta probabilidade de se repetir.

Ela é cômoda, útil, ao garantir uma segurança conservadora e tranquilizadora.

Porém, com o tempo nos acostumamos a situações anormais, humilhantes, paradoxais ou até bizarras, que nos violentam, nos trazem dor, infelicidade, provocam retrocessos, como se fossem um castigo, um carma a nos atormentar permanentemente, sem perspectiva de correção e sem ânimo para revertê-las.

Eis alguns exemplos que fogem a uma normalidade desejada, em forma de desabafo:

Particularmente nesta pandemia da covid 19:

- Conviver com a falta de hospitais, assistência social e atendimento médico.

- Conviver com habitações precárias, nos brejos, morros e áreas indevidas, que agravam qualquer solução para a crise sanitária.

- Ver cerceada sua liberdade de locomoção. Ou se sacrificar numa reclusão duvidosa, com medo e sem esperança de saída.

A insistência em estigmatizar certas faixas etárias e grupos de risco de menor condição social.

Nas questões estruturais

- Assistir à perpetuação de problemas e mazelas, relativas à falta de desenvolvimento urbano, na sua infraestrutura, ao saneamento, a deficiência no transporte coletivo, a coleta de lixo, da saúde e da

educação, das calçadas em mau estado, ao mobiliário urbano, na deficiência de áreas verdes.

- Não ver nenhum plano estratégico que pode nos nortear para melhores condições de desenvolvimento e justiça social.

Nas questões morais e sociais

- Assistir à dilapidação de valores e princípios, como honestidade, ética, responsabilidade respeito, humanidade, empatia, etc.

- Conviver com a desigualdade social, dos guetos, da pobreza, do abandono e da indiferença. Dos moradores de rua. Dos drogados.

-Assistir à desagregação do núcleo familiar, por algo disperso e individualista.

-Disseminar o uso comercial da religião, como exploração da fé de uma população ingênua.

- Estar indefeso ou indiferente com a contínua perda de direitos humanos, sejam sociais, trabalhistas, previdenciários.

- Conviver com a miséria, a fome, de grande parte da nossa população.

Nas questões políticas e financeiras

- Conviver com um sistema político injusto e perverso, manipulado, que não privilegia o coletivo, as soluções democráticas, a liberdade, a fraternidade, a igualdade.

- Viver sempre na resistência, sem perspectiva de sair para o ataque, ser positivo e proativo, buscando bons resultados pessoais e coletivos.

Aturar os maus políticos que temos, composto de uma maioria de demagogos, populistas ou autoritários, que fazem falsas promessas e que só almejam o poder para se locupletarem.

- Ultimamente praticando um radicalismo cego, que divide a sociedade em bons e maus, ressuscitando fantasmas inexistentes para justificar suas posições.

- Ser monitorado permanentemente por meios eletrônicos e virtuais, ferindo nosso direito à privacidade.

-Viver numa situação econômico-financeira sempre instável e sem horizonte.

Nas questões culturais e de comportamento

- Nos acostumarmos eternamente a gambiarras, a soluções precárias e emergênciais improvisadas, de curta duração e que comprometem a relação custo-benefício.

- Preferir a gastança à poupança. A diversão ao trabalho. A conversa de bar. O futebol.

- Sempre atuarmos nas emergências, apagando incêndios, e nunca executarmos com planejamento e projetos estruturantes;

- Conviver com a violência física e mental. seja doméstica, no trabalho ou socialmente.

- A falta de disciplina, educação, cultura e comportamento do nosso povo, para com seus deveres cívicos e sociais, que são reveladas no cotidiano ou em crises, jogando lixo no chão, desobedecendo recomendações de saúde, furando fila, gritando e impondo seu gosto musical em qualquer ambiente, andando pelo acostamento etc.

- A febre consumista da população, por coisas supérfluas e desnecessárias.

De conviver com uma cultura egoísta, narcisista da exposição de uma falsa felicidade, pela internet.

-De conviver com uma mídia tendenciosa, manipuladora e mentirosa.

- A substituição das relações reais pelas virtuais, na internet ou nas novelas de televisão.

Enfim, há uma lista infindável de situações anômalas que fogem muito do que seria uma condição de normalidade, infelizmente.

Abril /2020

## AI, QUEM ME DERA = POEMA DESEJO

Quem dera eu fosse verdadeiramente quem eu sou

Quem dera descobríssemos nossa razão e propósito de viver

Quem dera encontrássemos a felicidade e a paz interior

Quem dera acabássemos com a fome universal

Quem dera acabássemos com a desigualdade, o preconceito, o racismo e a corrupção

Quem dera tivéssemos mais empatia e resiliência

Quem dera voltássemos a ser gentis e civilizados

Quem dera não morressem mais os nossos amigos

Quem dera também não morressem mais nossas referências culturais e intelectuais

Quem dera desfrutássemos mais da vida

Quem dera vivêssemos o presente como uma dádiva, o passado como um legado e um futuro sereno e sem ansiedade.

Quem dera eu continuasse com minhas viagens mundo afora

Quem dera eu continue com boa saúde e lucidez até o fim da vida

Quem dera os médicos diminuíssem os meus remédios

Quem dera diminuísse a saudade das minhas perdas familiares

Quem dera a política se tornasse a mais elevada práxis humana

Quem dera as cidades se tornassem mais humanas e inclusivas

Quem dera cuidássemos melhor da natureza e dos seres humanos

Quem dera fossemos menos egoístas e mais solidários

Quem dera as guerras acabassem e a paz reinasse

Quem dera eu ainda fosse mais ativo e produtivo

Quem dera pudéssemos exercer os ideais de liberdade de forma plena

Quem dera pudéssemos buscar a simplicidade e a nossa essência

Quem dera amassemos mais e fossemos amados igualmente

Quem dera nos adaptássemos melhor a todas as mudanças

Quem dera eu pudesse evitar os golpes da internet

Quem dera as pessoas não precisassem de tantas tatuagens ou cabelos extravagantes para chamarem atenção

Quem dera os canais de comunicações não nos induzissem ao efeito manada e a fúria consumista

Quem dera fossemos mais criativos e independentes

Se faltou algum, vocês podem completar, por favor

Outubro 2024

## ANÔNIMO NA MULTIDÃO

E um privilégio desfrutar do anonimato ao caminhar na multidão.

É muito gostoso caminhar vendo as pessoas passarem, sejam homens, mulheres, crianças, com seus rostos, roupas, calçados, bolsas, mochilas e todos os complementos possíveis. Se misturando e se confundindo com ela.

Claro que aqui não me refiro uma multidão em protesto, seguindo um bloco carnavalesco, ou um réveillon na avenida paulista, descontrolada e ensandecida, que assustam e estão noutro contexto.

É um deleite ter a liberdade de observar com atenção os seus traços, rostos de tipos diversos, como morenos, brancos, negros, jovens, lisos, crispados, maquiados, ver seus olhos distintos ora rasgados, arregalados, meio fechados (como os meus), azuis, verdes, castanhos e tantas outras características humanas interessantes. Trocar olhares fortuitos, fugazes, esperançosos ou comprometedores, é muito bom.

Nunca gostei de andar em bando ou patota, prefiro fazer como o condor que voa sozinho, pois ali você perde a capacidade de observar, de se deslumbrar, de olhar os detalhes e minúcias das pessoas e coisas pelo caminho. O olhar solitário é muito mais observador.

O que mais me impressiona nesse cenário urbano é o movimento das pessoas, esse vai e vem contínuo, de gente apressada ou nem tanto, atravessando a rua na faixa de pedestres ou fora dela, parecendo sempre com um destino a cumprir, como se encenassem um rico balé visual.

Também não dá para passar batido nas mazelas que estão no caminho, como os vendedores ambulantes, os artistas de rua, os homens-propaganda, os moradores de rua, os desocupados, que fazem parte da cena urbana.

Quanta diversidade de tipos, tamanhos, sexos, condições e figuras exóticas, graças a nossa miscigenação, às condições sociais, além da criatividade que criam um rico mosaico único e digno de registro.

Eu, por certo tradicionalismo e preconceito, confesso que ainda me incomodo com certos modismos, como andar com roupa rasgada, o excesso de tatuagens, cabelos coloridos, o celular acima de tudo, os bonés e camisetas de grife. Acho que a origem desses novos hábitos não é busca de informalidade, conforto ou despojamento, mas sim uma espécie de macaquice cultural importada.

Esse rico universo humano desfila num cenário dinâmico de edifícios, árvores, vias, veículos e toda sorte de componentes urbanos que completam esse frenético caleidoscópio de imagens e sons.

Por outro lado, tem gente que além de ver o que há ao redor, adora ser vista e admirada; elas estão mais para narcisos do que para a discrição. Ai a observação descontraída fica prejudicada, pelo interesse em ser notada como prioridade.

Se você é uma figura pública, um artista ou político, um alto executivo, certamente não terá essa oportunidade de se misturar ao povo, ou por aversão, medo, segurança ou distanciamento. Mas certamente estará sempre procurando um holofote por perto.

Tem ainda outras pessoas que estão preocupadas com as aparências dos outros, isto é, se são altas ou baixas, como estão vestidas, que penteados e sapatos usam, e ficam comentando umas com as outras; são as fofoqueiras de plantão que perdem o melhor e o espontâneo da observação desinteressada.

Enfim, é uma pena que nem todos tem o prazer e a oportunidade de flanar sem destino, como eu, despreocupado e aberto para perceber e apreciar o ocorre ao seu redor.

Da minha parte continuo um ¨flâneur¨, um observador urbano inveterado.

Dezembro 2019

## ARMADILHAS DA TECNOLOGIA OU PERIPÉCIAS COTIDIANAS

Convenhamos que o uso de carro por aplicativo, Uber ou 99, é uma grande invenção da mobilidade urbana, para quem como eu, já não tenho mais carro, para me locomover pela cidade. Mesmo quando eles resolvem seguir o wase, dando voltas e mais voltas para chegar ao destino, pois os motoristas deles são como autômatos, por desconhecerem a cidade.

Depois de tentativa frustrada de comprar pela internet, por vários pedidos de chave de acesso, senha, contrassenha, resolvi comprar pessoalmente. Não se esqueça que nós antigos temos várias dificuldades com esse mundo informático, pois ainda somos analógicos.

Então, fui belo e formoso, mas mascarado de Uber, pois agora exige a foto comprovando o acessório, numa loja próxima de casa da Swift, me abastecer de alguns produtos e pratos prontos individuais, que me ajudam na alimentação durante a quarentena. Na ida foi tudo bem, corrida curta, coisa de 7,80 reais da Bela vista, onde moro, até a rua Tutóia, próximo a igreja do Santíssimo Sacramento.

Me diverti bastante comprando várias coisas que gosto, como pão de queijo, algumas massas individuais, caldo verde, feijoada, crocs de frango, frutas vermelhas, tudo pronto e congelado.

Paga a conta, começam as armadilhas, pois não consegui pedir o Uber novamente na volta, nem no seu concorrente o 99, que também utilizo. Não conseguia sinal. Usava o 4 G e nada. Tentava o wifi e nada, pois a loja não tinha internet. Não conseguia me comunicar. Achei que motorista anterior do Uber não tinha fechado a corrida, por isso não conseguia liberar uma nova corrida. Tampouco conseguia abrir o 99. Que merda. O que era fácil, virou um transtorno.

E os congelados no carrinho, olhando para mim e pedindo socorro.

Pedi ajuda ao atendente da loja, que disse que não tinha serviço de entrega e só podia deixar a mercadoria no freezer, enquanto eu resolvesse o transporte, mas que não poderia chamar o Uber. Em frente havia um ponto de taxi, sem carros, pois era domingo. Não sei como eles ainda sobrevivem, com a concorrência dos carros de aplicativos.

Outro Uber parou em frente, mas já estava com outra corrida. Nada feito

Finalmente uma alma caridosa, a Erika, outra atendente da loja, vendo meu sufoco, me socorreu pedindo outro 99, em seu nome, para pagamento no meu cartão de débito. Não sabia que podia. Foi a solução.

No caminho de volta, descobri que estava sem sinal pois o celular travou do nada. Me deu um pico de lucidez e dei um reset e deu-se a mágica; uma vez desligado e ligado novamente, me trouxe de volta a vida tecnológica. Não queira explicar e entender.

Dezembro 2020

## AS MULHERES DE TURBANTES

Toda noite nos encontramos no 3º subsolo do prédio, protegido como um bunker, com paredes de concreto com 3 metros de espessura para reter as radiações.

As mulheres são idosas, ostentando seus turbantes simples na cabeça, escondem a queda dos seus cabelos, símbolo maior da feminilidade, que as fazem sofrer. Eles revelam também que elas estão em tratamento de quimioterapia, que consiste na injeção de medicamentos para destruir as células cancerosas. Estão sozinhas, como eu, isto é, sem acompanhantes.

Enfrentamos esta rotina diariamente até o fim do longo tratamento.

Estamos todos na sala de espera para as sessões de radioterapia, que elas também devem fazer, em conjunto ou depois da quimio; normalmente quem faz quimio é por causa de alguma metástase, que é a migração das células cancerosas da parte inicial para o resto do corpo, pelas vias sanguíneas ou linfáticas

A sala de espera é ampla, limpa e asséptica, algumas plantas decorativas, em 2 ambientes, com a recepção, banheiros, consultório e o acesso à área controlada. Há uma tv e quadros nas paredes para ornamentar e distrair os pacientes.

Há sempre um ritual a ser seguido. Descendo do elevador, nos dirigimos à recepção para assinar a ficha de presença do dia. Aí aguarda-se a chamada, que no geral não demora muito, além do horário marcado.

Há exceções, em certos dias, quando há um acúmulo de pacientes. O atendimento diário de 24 horas, é em torno de 100 pacientes oncológicos. Vejam a incidência atual desse mal.

Há também os dias em que o equipamento pifa, portanto não há sessões.

A chamada é feita em grupos de 3 ou 4, que passam para um corredor da área controlada. Nova pequena espera até a sala do equipamento, que se vai por outro corredor, onde se avistam inúmeras máscaras individuais especiais, destinadas a proteger as regiões saudáveis do corpo das radiações, destinadas a atingir o tumor.

Já na sala do equipamento das radiações, você entra sozinho, tira o sapato, deixa alguns pertences na cadeira, deixa livre de roupas as partes a serem irradiadas e se deita na maca sob o equipamento. Você já foi previamente marcado na região a ser tratada.

O equipamento fica no centro da sala sobre a maca regulável e cercado de monitores, nas paredes, além da sala de controle remoto. Os atendentes te preparam na posição, liberando a área a ser atingida, para o início da sessão e saem da sala.

É a hora das radiações. O equipamento fica girando várias vezes sobre você, com um ruído baixo, diferente daquele forte, quando se faz uma ressonância magnética.

A sessão dura cerca de 7 a 10 minutos e é absolutamente indolor. Depois de sair, já recomposto, cruzo com uma das mulheres de turbante, que tem câncer de mama. É um sistema de maca quente, isto é, sai um entra outro.

Depois se vai para uma sala de enfermagem, que checa seus sinais vitais, como temperatura, pressão, pulsação e peso, onde você está livre por hoje.

Liberado, você volta para casa, para novos cuidados destinados a proteger a pele da região atingida, com compressas e cremes oncológicos especiais.

Amanhã tem mais um encontro com as mulheres de turbantes, a quem admiro pela coragem e disposição.

Fevereiro 2020

## CAMINHAR COM AS MÃOS PRA TRÁS

Nas minhas caminhadas pela orla, uma questão bastante prosaica me intriga e me chama atenção.

Por que será que os velhos andam sempre com as mãos pra trás? Seja sozinho, em par ou ainda em grupo lá está ele se locomovendo com as mãos cruzadas colocadas na parte posterior do corpo. Não importa se baixo ou alto, gordo ou magro, preto ou branco, careca ou de cabeça prateada. Todos se comportam da mesma maneira.

Será mais cômodo? Por que causa menor dor? Compensa a curvatura do corpo? Ajuda no deslocamento? Ajuda a carregar os dramas vividos, o mundo nas costas? Não sei, mas é um gesto bastante comum.

Fico intrigado, pois também faço a mesma coisa, sem perceber. É automático, quase instintivo.

Meu neto, quando quer me imitar, caminha com as mãos pra trás, além de fazer um trejeito diferente com o corpo.

O curioso é esse costume parece estar associado somente aos homens, já que as mulheres não têm esse hábito, pois costumam caminhar gesticulando ou rebolando, com ou sem graça.

No geral, parece que as formas de caminhar variam por gênero, idade, cultura etc., desde que nos tornamos bípedes.

Para caminhar, os homens são mais relaxados enquanto as mulheres parecem que estão sempre desfilando; as crianças não caminham, estão sempre correndo; Há aqueles que andam duros, empertigados; aqueles que andam gingando como se bailassem; há os bêbados que cambaleiam até abraçar postes ou árvores; há os que brincam andando pra trás ou de lado; os que andam à espreita.

Há os que andam acelerados porque estão sempre atrasados; há os alegres assobiadores; antes eram aqueles que falavam sozinhos;

hoje conversam ao celular; há os que caminham pra vender seus produtos; há os turistas que apreciam a paisagem e um sem número de situações deste mais antigo e gracioso modo de se mover. Ora por necessidade, ora por prazer.

Os casais costumam andar de mãos ou braços dados, quando estão de bem; em culturas orientais os amigos também assim o fazem; já os adolescentes andam soltos, em bando e algazarra.

Como é bom e belo caminhar.

Os médicos dizem que faz bem para o corpo. Mas eu acho mesmo é que faz bem à alma, que fica alimentada pelos nossos sentidos da visão, do olfato e da audição.

Caminhemos pois.

## CARÊNCIAS ÉTICAS E MORAIS VIGENTES

Temos assistido na nossa cena política, em todos os níveis, comportamentos antiéticos e imorais que ferem e comprometem todos os pressupostos da democracia, da liberdade, da justiça social, da participação cidadã, consagrados em nossa Constituição.

Tentemos explicitar, resumidamente nossos principais problemas e mazelas, na forma de quase um decálogo de como praticar a Boa Politica, refrescando alguns conceitos básicos, pouco lembrados.

Sonho talvez? Mas um belo sonho.

### O QUE ESTÁ FALTANDO NA NOSSA POLÍTICA

- Ética que é um conjunto de conhecimentos extraídos da investigação do comportamento humano, ao tentar explicar as regras morais de forma racional, fundamentada, cientifica e teórica. É uma reflexão sobre a moral.

- Moral é o conjunto de regras aplicadas no cotidiano e usadas continuamente por cada cidadão. Essas regras orientam cada indivíduo, norteando suas ações e os seus julgamentos sobre o que é moral ou imoral, certo ou errado, bom ou mal.

- Competência é a capacidade de mobilizar conhecimentos, valores e decisões no sentido de agir de modo adequado e pertinente numa determinada situação.

- Espírito público é aquilo que deveria prevalecer sobre os interesses pessoais ou privados.

- Aptidão para o Cargo: Adquirir capacidades e competências prévias para exercer o mandato.

- Responsabilidade: Para responder pelos seus atos e da equipe chefiada.

- Habilidade Politica: Estar preparado e ter traquejo para enfrentar as situações adversas.

- Liderança: Capacidade de liderar, de conduzir equipes e projetos.

- Compromisso é a obrigação assumida durante a campanha e que deve ser mantida durante o mandato.

- Plano de Governo com as diretrizes, objetivos e metas para sua realização, caso eleito.

- Administração / Gestão: Ato de gerenciar o patrimônio, os recursos públicos, o pessoal voltados a objetivos e metas de interesse coletivo.

- Planejamento é uma poderosa ferramenta técnica e administrativa, que possibilita levantar dados, traçar objetivos, antever a realidade, avaliar os caminhos, construir um referencial futuro, o tramite adequado, o orçamento previsto, seu acompanhamento e avaliação.

Projetos necessários para viabilizar o Planejamento e o Plano de Governo, e para evitar as improvisações e surpresas.

- Vergonha na Cara: Talvez a pedra de toque que deveria presidir qualquer  atividade politica. Sem ela sobra a desfaçatez, o roubo, a mentira, o engodo.

Se por um lado citamos as faltas mais gerais da atividade politica, vamos elencar algumas mazelas que estão sobrando entre nossos políticos.

**O QUE ESTÁ SOBRANDO NA NOSSA POLITICA**

- Incompetência administrativa que está ligada ao loteamento dos cargos, principalmente técnicos, por critérios partidários e não por capacidade e mérito.

- Apagão de gestão. É o que assiste regularmente com as desculpas de praxe: Herança maldita, falta de recursos, máquina inchada, etc.

- Populismo: Talvez uma das nossas maiores pragas, que significa enganar a população com promessas ilusórias e inexequíveis.

- Patrimonialismo é o estado que estabelece a confusão deliberada entre o público e privado, desde os tempos coloniais, como um câncer. Se gasta ou apropria-se das coisas públicas (do estado) como se fossem propriedade particular.

- Retórica usada nunca no bom sentido, mas sim para convencer através de falsas promessas e ilusões.

- Demagogia que é a arte de enganar o povo inculto com argumentos apelativos, emocionais e irracionais para assumir o poder.

- Feudos: Tanto locais e regionais ainda prevalecem os "donos" de inúmeras regiões e territórios, como herança do período colonial.

- Improvisação: Por falta de planejamento e previsão ainda prevalecem as emergências e gambiarras de sempre, onerando os custos e atrasando as obras e serviços públicos.

- Empulhação pregando mentiras, fazendo trapaças para enganar.

- Cultura do medo e do revanchismo: Pregação de um discurso que amedronta e ameaça as pessoas, que tolhe as suas iniciativas e as estimula a buscar a vingança.

- Tributação: Somos massacrados por um sem número de impostos e tributos, diretos e indiretos, sem o correspondente retorno nos serviços sociais prestados.

- Corrupção que é o ato de oferecer ou receber vantagem indevida numa transação. Como vemos no noticiário a corrupção esta impregnada em nosso tecido social.

- Desigualdade é a diferença entre os mais ricos e os mais pobres do planeta. Também pode ser considerada outra das grandes mazelas nacionais e mundiais. Como pode 5% da população global reter 50% da sua renda?

Se você cidadão esbarrar em qualquer dessas situações em sua cidade, não é mera coincidência; elas são bastante corriqueiras e estão esparramadas por todo o nosso território, impregnando nossa cultura política.

Se, por outro lado, você é político ou pretende ser, faça o teste passando os pontos apresentados e veja se você é aprovado.

## COISAS OPOSTAS OU ALHOS POR BUGALHOS

- Alhos por bugalhos (expressão popular)
- Uma coisa é uma coisa; outra coisa é outra coisa. (lógica popular)
- Liberdade (livre arbítrio e de movimentos) x prisão (confinamento)
- Plural (mais de um) x singular (um)
- Geral (grande número) x particular (individualizado)
- Público (pertence a todos) x privado (dono particular)
- Abrangente (amplo) x restrito (limitado)
- Estrutural (Fundamental, básico) x conjuntural (de momento)
- Coletivo (De todos) x individual (Único)
- Curativo (Que cura, sara) x paliativo (alívio momentâneo)
- Resiliente (Que resiste) x vulnerável (frágil)
- Sinônimo (mesmo significado) x antônimo (significado oposto)
- Coragem (bravura) x medo (estado de alerta)
- Engajado (participante) x alienado (por fora)
- Atacado (venda em grande quantidade) x varejo (pequena quantidade)
- Empatia (capacidade de se pôr no lugar do outro) x antipatia (aversão espontânea)
- Industrializado (feito em serie na indústria) x artesanal (feito à mão)
- Romântico (Sonhador) x realista (que vê a realidade)
- Egocêntrico (que só pensa em si) x altruísta (se dedica aos outros)
- Democrata (Que crê na Democracia) x autoritário (impositivo, dominador)

- Demagogo (enganador do povo) x democrata (que convive com todos)
- Populismo (relação direta com líder carismático e povo) x autoritário
- Cidadão (que exercita seus direitos) x marginal (sem direitos)
- Egoísta (Quer tudo para si) x altruísta (pensa nos outros)
- Pusilânime (que tem fraqueza moral) x corajoso (que enfrenta)
- Corrupto (Que age de forma desonesta) x honesto (Integro, probo)
- Definitivo (Para sempre) x gambiarra (provisório)
- Urbano (ligado a cidade) x rural (relativo ao campo)
- Universal (serve a todos) x limitado (serve a poucos)
- Teoria (suposição, hipótese) x prática (realização)
- Forma (aspecto exterior) x conteúdo (que tem dentro)

Etecetera e tal e coisa.

Janeiro 2020

## COLECIONANDO EUFEMISMOS

Usados como malabarismos linguísticos, figuras de linguagem, politicamente correto ou clara hipocrisia.

- Excludente de ilicitude (Licença para matar)
- Foi embora antes do combinado; partiu desta para melhor; abotoou o paletó (morreu)
- Ela é de cor. (em vez de preta) prática de racismo
- O governo vai fazer um reajuste (e não aumento)
- Ele está na melhor idade (e não velho)
- Algumas pessoas são desprovidas de inteligência. (burro)
- Apropriação indébita do bem público (Corrupção, roubo)
- Corrupção ativa e passiva (roubo)
- Agravo de instrumento. (Recurso interposto)
- Política de cotas (reparação social tardia)
- Política de gênero (proteção às mulheres)
- Fake News – (notícias falsas)
- Trânsito em julgado (=impunidade por recursos infinitos)
- Ilicitude – (ação culpável, crime)
- Trabalho forçado – (Escravidão)
- Método de dissuasão – (Tortura)
- Pessoa com necessidades especiais – (deficiente físico)
- Sem taxas de juros – (falsa)
- Faltou com a verdade – (mentiu)
- Ela está naqueles dias – (menstruada)
- Convidado a se retirar – (mandado embora)
- Produtora de biografias orais não autorizadas – (fofoqueira)

- Mulher da vida – (prostituta)
- Pessoa em situação de rua – (desabrigado, abandonado)
- Consumidor de substâncias ilícitas – (drogado)
- Portador de drogas(traficante)
- Propaganda enganosa – (mentira)

## COLONIALISMO X POVOS ORIGINÁRIOS OU NATIVOS

O Brasil entra na moda, criando um ministério dos povos originários ou dos povos indígenas, para cuidar do que sobrou deles. Justiça seja feita isso é uma evolução da legislação sobre os índios oriunda da constituição de 1988.

Esperemos que essa institucionalização venha preservar os povos remanescentes, garantindo condições para a sua sobrevivência.

Os povos originários ou nativos de todo o mundo foram massacrados, quando não dizimados, pelos diversos colonizadores, principalmente europeus. Espanhóis na América do sul, portugueses no Brasil, ingleses na América do norte e várias partes do mundo, além dos franceses e holandeses.

Em todos os continentes tivemos esse processo de genocídio contra as populações existentes com os mais variados pretextos como evangelização, roubo de matéria prima, ouro e prata, submissão de mão de obra etc. no início e posteriormente para levar o chamado progresso e a civilização, como a formação de cidades e a construção de estradas de ferro que cortavam todo o território.

O mais cruel e inacreditável é compreender como esses povos numerosos e extraordinários em organização social, cultura, território e infraestrutura foram subjugados e espoliados, deixando poucos vestígios de sua existência. A superioridade bélica foi o fator decisivo.

Os exemplos são abundantes tanto aqui na América como em outros lugares.

Os maravilhosos povos astecas, maias e incas, chamados de pré-colombianos, dominavam a América do sul, antes dos espanhóis chegarem. Quanto extraordinário legado eles nos deixaram como Machu Pitchu, Theoutiacan e Nohoch Um.

Nos Estados Unidos viviam tribos as indígenas como Sioux, Dako-

ta, Apaches, Cherokies, Cheienes antes da chegada dos ingleses no século 16. Quantas vezes, quando meninos, torciamos para o mocinho cowboy no Oeste contra os índios na construção das estradas de ferro;

Os Esquimós até hoje vivem no Canadá ártico.

No Brasil viviam os tupi-guarani, tapuias, Xingu, Yanomami, Xerente e tantos outros antes dos portugueses chegarem.

O mesmo se deu na Oceania, Austrália e Nova Zelândia como os povos aborígenes e maoris, de extraordinária cultura, preservada até hoje.

Na África os bantus e berberes foram os povos originários, que resultaram as diversas etnias de hoje.

Esse sistema colonialista foi diminuído, mas não extinto, pelo processo de independência política desses vários países, depois de muita luta. Porém há vários países que ainda pertencem a colonizadores.

Ao todo, 61 países não conseguem soltar o grito de "independência!" preso na garganta. Dezesseis deles estão sob jurisdição da França, 15 da Grã-Bretanha, 14 dos Estados Unidos, seis da Australia, 3 da Nova Zelândia, três da Noruega, dois da Dinamarca e 2 da Holanda.

Isso é perverso e abominável em pleno século 21.

Há que se observar também que esse processo de colonização da atualidade se dá pela dominação cultural e econômica, situação estratégica, independente do domínio do território. As vezes ainda até pelas armas.

Esse flagelo precisa acabar!

## COMO AS APARENCIAS ENGANAM

É uma assertiva óbvia, de amplo conhecimento, mas nem sempre facilmente identificável, face às várias formas de camuflagem e prestidigitação utilizadas para esconder o verdadeiro significado das coisas, situações e comportamentos.

Um oásis visto no deserto, a ponta de um iceberg, as rodas do carro girando ao contrário nos filmes, são efeitos de ilusão de ótica, que enganam o olhar, escondendo a verdade. Aparentam o que realmente não são.

Nem sempre é fácil identificar o que há por trás ou debaixo das aparências. Em geral elas são praticadas às vezes por prazer e até com ingenuidade, mas outras com verdadeira má fé ou interesse pessoal.

Todos nós estamos carecas de ver e assistir a uma situação em que se está prestes a ser enganado e se sente impotente para reagir positivamente, com inteligência, para pelo menos diminuir o prejuízo.

Há coisas banais e prosaicas, mas outras de grande importância. Estão nesse rol: uma oferta irresistível, uma promoção enganosa, uma promessa difícil de ser cumprida, uma jura de amor falsa, um empréstimo impagável, uma receita de cura milagrosa, um curso fácil, e por aí vai.

Sua abrangência vai desde o aspecto pessoal físico, passando pelo comportamento social, dos políticos, atingindo até ao aspecto do planejamento e conformação das cidades.

Em geral elas denotam complementos superficiais em detrimento dos valores de raiz, essenciais ou prioritários. Representam o cosmético, a perfumaria sobre o básico, o essencial, o vital. Traduzem um cenário virtual que esconde a realidade.

É valido usar o cosmético para realçar e valorizar a beleza de uma mulher. Faz parte da autoestima, vaidade e fantasia de uma pessoa. Porém, quando dele se faz uso para camuflar e esconder um problema natural, uma índole perversa, um interesse escuso, sua validade fica bastante comprometida.

Isso vale também quando aplicado a um objeto utilitário ou de uma casa, quando não é fruto de um desenho de qualidade, concebido para seu bom funcionamento, esteticamente belo, com os materiais adequados, a técnica de fabricação ou construção, para a sua durabilidade, funcionalidade etc.; não há adereços ou apliques que consertem seus aspectos negativos intrínsecos.

Quantas promoções comerciais que usam de argumentos falaciosos, com preços ¨arrasadores¨, que omitem os juros embutidos, para vender produtos vencidos, de procedência duvidosa ou de baixa qualidade.

Vale também estender para o lado político, onde o comportamento da maioria deles é baseado na mentira e na hipocrisia para enganar o povo, para angariar votos e depois de eleitos esquecer as promessas e se locupletarem de benefícios pessoais. Quantos tapinhas nas costas, cafés no balcão, crianças no colo, visita as casas humildes nas épocas de eleições. Tudo falsidade e mentira.

Como consequência, ampliando também para os aspectos urbanos, minha praia favorita, temos a aplicação permanente do preceito de trabalhar nas aparências em detrimento da solução estrutural dos problemas.

Quantos prefeitos preferem asfaltar as ruas, (que causam inundações e outros problemas) mas dão visibilidade, ao invés de cuidar das redes de água, esgoto ao recolhimento do lixo, questões ligadas ao saneamento, que estarão enterradas e não dão votos. Fazem melhorias superficiais, temporárias e demagógicas numa praça, numa praia, ao invés de trabalhar a infraestrutura da cidade, atuando na solução das moradias, da educação e da saúde.

O mal é com isso continuam enganando a população ingênua e malformada, postergando as soluções definitivas, aumentando as diferenças e a desigualdade social.

A sabedoria popular recomenda nas eleições ou fora delas, cuidado para não comprar gato por lebre, não confundir alhos com bugalhos, lobos em peles de cordeiros, não acreditar em fake News e também aquelas propagandas que têm muito apelo visual e pouco conteúdo, muito hardware e pouco software.

Canja de galinha, olho vivo e quarentena só fazem bem.

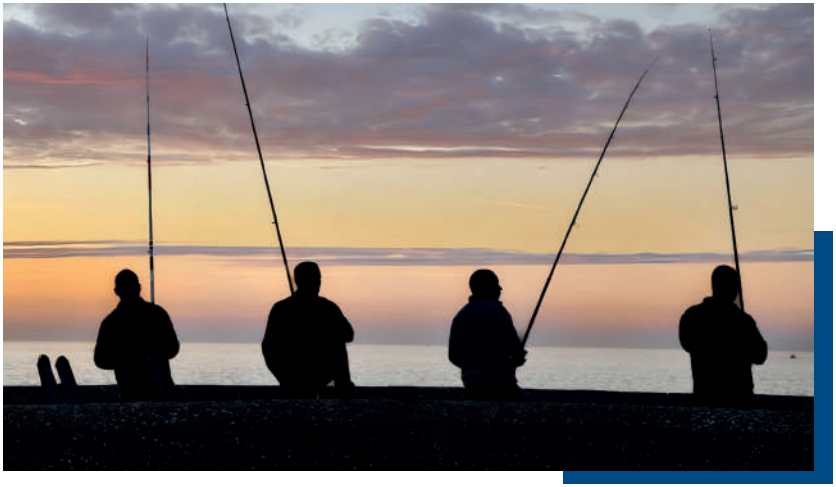
Agosto 2020

## CONVERSAS DE PESCADOR / 1

Para quem gosta de pescaria (Segura, que aí vem mentira)

Gosto muito de pescar. Aprendi sozinho, já que ninguém da família tinha esse interesse. Gosto como esporte, passatempo e para saborear o produto da pesca. Imaginem-se de vara, molinete e samburá. Vou fazer uma retrospectiva das minhas pescarias ao longo do tempo.

Começa na minha adolescência, quando morava no Cangaíba, próximo a várzea do rio Tietê, ainda sinuoso e com suas lagoas na época das enchentes. Era quando atravessávamos a linha do trem da Central do Brasil e íamos para as lagoas próximas, nos fins de tarde.



Para quem gosta de pescaria (Segura, que aí vem mentira)

Com pequenas varas de bambu, iscas de minhoca ou massinha de pão, samburá, pequena fieira de galhos, íamos em grupos, felizes atrás dos lambaris, carás, eventualmente traíras. Em geral, éramos bem-sucedidos, levando para casa alguns para fazermos fritinhos. As mães não gostavam muito de limpá-los.

Nessas várzeas jogávamos bola, corríamos atrás dos balões que eram atraídos pelas águas, com perigo de cair nas lagoas e tínhamos medo de atravessar a linha do trem, que era de passageiros ou de carga, com bastante frequência naquela época.

Mais adiante, já adulto ia pescar na cachoeira do Nikito, meu sogro, num sítio em Joanópolis no bairro do Cancan. Era uma bela e limpa queda d'água, que fervia de lambaris na época da piracema. Era uma farra. Varinha de bambu, saquinho em punho íamos nos divertir.

É importante que se diga que tem uma arte para pescar lambari, um peixinho arisco e saboroso, que exige muita atenção para fisgá-lo sem perder a isca. Aí usamos massinha de pão como isca.

Às vezes o Carlinhos, meu concunhado, usava tarrafa, que nós não gostávamos porque pegava bastante de uma vez, espantava os demais peixes, matando a graça da nossa pescaria artesanal.

À noite no riacho formado além da cachoeira, íamos pegar bagre amarelo, peixe maior, mais carnudo e gostoso. Com vara, lampião de gás e anzóis maiores deixávamos as varas presas no barranco, esperando a fisgada, que demorava um pouco, mas que sempre acontecia.

A delícia é quando comíamos no almoço ou no jantar, os peixes fritinhos, sequinhos, com cerveja e cachaça. Aqui também Dona Nega não gostava de limpá-los, mas fazia para agradar os genros.

Também em Joanópolis, no Sitio do Kaj, outro concunhado, também praticávamos pescaria de lambaris e bagres. As crianças e os cachorros também acompanhavam estas pescarias, aprendendo, mas atrapalhando um pouco, pois a pesca exige silencio e concentração.

Mais para frente, participei mais de uma vez, de excursão de pesca para o pantanal de Matogrosso, com os irmãos Colela, Paulo, Nicola, Zé, e mais um grupo de amigos, só de homens, que organizavam meticulosamente e com antecedência necessária.

Quem já participou de uma caravana destas sabe que a preparação é uma operação de guerra, importante e divertida fase de congraçamento da equipe.

Escolher e reservar o lugar para a base ou acampamento, estudar o trajeto, os lugares de pouso, contratar os barqueiros, preparar os veículos, caminhonetes e caminhão para levar as tralhas, como barcos, motores, comida, bebidas, panelas, varas, molinetes ou carretilhas, e até bacias sanitárias, quando não se encontra hotéis por perto etc. Apesar disso, sempre acaba faltando alguma coisa.

Tudo pronto é hora de enfrentar os 1.650 quilômetros de estrada, num comboio de caminhonetes e caminhão, atravessando São Paulo, parte de Mato Grosso até chegar nas barrancas do rio Paraguai, no pantanal. É uma verdadeira epopeia, em velocidade baixa, por causa do caminhão, dirigido pela Paulo, que levava dias, parando para dormir ou consertar algum carro e se deslumbrando com a paisagem e seus bichos e aves no caminho. Numa vez quebrou o para-brisa da caminhonete do Nicola. Imaginem o tempo perdido para conseguir um novo naquele lugar

Chegando ao local base, hora de descarregar tudo e organizar o acampamento.

Nessa vez dormimos em barracas, organizamos uma cozinha e um banheiro.

De manhazinha os barcos saiam em duplas, com um barqueiro que conhecia a região e orientava onde dava mais peixe. Os peixes principais do pantanal são pintados, dourados, cachorras, que tem tamanhos mínimos para a pesca e para trazerem para casa como produto, fiscalizados seriamente pela Ibama.

Nessa pescaria, fiquei responsável pelo rancho, juntamente com o Sr. Modesto pai dos meninos, preparando a comida. Tarefa difícil, pois, as condições não eram as melhores. Mas deu para o gasto. Comida básica, arroz, feijão, carne, peixe frito, farofa e muita cerveja, whiskies e cachaça. As refeições eram após a volta dos barcos de tardinha, onde se contava todas as mentiras do dia e se via quem ganhava por pegar mais peixe ou o maior.

Dava até para pescar alguma coisa nas margens do rio, quase sempre piranha, enquanto esperava a turma chegar.

Nessa vez deu uma ventania com chuva e arrancou a lona de cima e desmontou muitas prateleiras improvisadas. Foi um pandemônio.

Outro episódio curioso foi nossa ida ao Paraguai para comprar um papagaio, a pedido do filho do Paulo. Foi outra epopeia já que é proibido o comercio de animais desse tipo. Compramos o Pancho, era o seu nome. Malcriado falava palavrões em espanhol. Para atravessar a barreira ele veio escondido entre cobertores. Por sorte não abriu o bico.

Na volta mesmo trabalho de desmobilizar o acampamento e enfrentar a estrada, com as barreiras da fiscalização. Chegando em casa o produto é distribuído entre os participantes. As histórias contadas rendem muitos encontros etílicos e gastronômicas com os produtos pescados.

## CONVERSAS DE PESCADOR / 2

Outras incursões mais leves foram em pesqueiros de trutas em Campos de Jordão, quando estivemos na casa do amigo Bloch e em Cunha, no sítio do amigo Valentim. Aí se pescava algumas trutas com muita facilidade nos pesque e pague e levávamos para fazer em casa, cozidas com manteiga e essência de amêndoas, como se faz no Terraço Itália. Uma delícia.

Outras aventuras, maiores que a do pantanal, foram nossas pescarias na Amazônia. Tínhamos o amigo Dalcio e a Marli, que lá foram morar saindo de São Paulo; ele para trabalhar na construtora do arq. Galman e ela representante da Paviflex.

Juntávamos um grupo de amigos em S.Paulo, composto de 2 comandantes da Varig, 2 médicos, o Salvador, o Eideval, o Ademar e eu e íamos de avião até Manaus e de lá de barcos pelo rio Amazonas ou Negro, atrás dos tucunarés, piranhas pretas e pirarucus.

O Dalcio alugava dois barcos grandes da Selvatur, agência de turismo local. Um para levar os pescadores em cabines, produtos de alimentação, cozinheira, as tralhas de pesca, as lanchas e outro só levava gelo para conservar os peixes capturados, para vende-los na volta e pagar as despesas. A estrutura não era brincadeira. Ficávamos embarcados cerca de uma semana, subindo os rios, adentrando pelos igarapés, igapós, atrás dos peixes. Se não fosse pelos guias barqueiros, certamente nos perderíamos facilmente.

O bacana é que subíamos o rio à noite, serpenteando pelo canal, daquela imensa massa d'água iluminada pelo luar. Eu gostava de acompanhar da cabine a pilotagem ouvindo o barulho do motor central. Apesar de piloto experiente, às vezes batíamos em grandes troncos, que faziam parar a embarcação ou desviar; outro problema que exigia parar e esperar eram as fortes pancadas de chuva torrenciais.

Na ida, subindo os rios, sempre encontrávamos populações ribeirinhas, que pediam para parar o barco, afim de acudir alguém doente ou com outros problemas. Como já estávamos acostumados, levávamos de São Paulo, medicamentos e os distribuía para eles. Na volta também parávamos, agora para ver se houve melhora dos doentes e para recolher as prendas, na forma de frangos, porcos, como gratidão.

Uma vez estacionados os barcos grandes, era hora de sair para pescar com as voadeiras em duplas, além do guia barqueiro. Cada lancha ia para uma direção e passava o dia todo fora pescando; para tanto levava lanches e bebidas.

O tipo de pesca lá era de corrico, que consiste com a lancha em movimento, lançar a linha na água, com um anzol dentro de uma colher, que fica girando na água para atrair o peixe pelo seu brilho, pois os tucunarés e as piranhas pretas são peixes vorazes; não há isca. Usa-se carretilha ou molinete.

Quando o peixe é fisgado dá um tranco muito forte. O piloto diminui a velocidade, e começa a se a recolher a linha. Pelo jeito que a linha vem, já se sabe se é um tucunaré ou piranha preta.

Nem sempre se está num bom lugar de pesca. E preciso paciência. Enquanto o peixe não vem, aproveita-se para ver e fotografar a exuberância da Amazônia, com direito a todos os bichos, como onças, jacarés, cobras e lagartos etc.

O amigo Eideval, que já nos deixou, tinha a mania de enrolar a linha no dedo para pescar e chegava a dormir na lancha; quando o peixe era fisgado, ele era arremessado para a água. Aconteceu mais de uma vez.

A hora do jantar era aquela festa; os casos do dia, o peixe perdido, o barco perdido. Servia-se bastante comida como pirão, arroz, feijão, peixe, macarrão, frango, cerveja e pinga. A sopa de piranha era uma delícia. O pessoal limpava o peixe e o guardava no barco gelo.

Chegávamos a pescar, durante a semana, mais de uma tonelada de peixe limpo, que seria vendido em Manaus para pagar as despesas.

Já em Manaus, preparando a volta para São Paulo, aproveitávamos para comprar aparelhos eletrônicos na zona franca de Manaus, além de levar os peixes em grandes isopores.

Noutra ocasião, morando em Palmas, no Tocantins, aproveitava os fins de semana para sair em pescaria pelo rio Tocantins ou Araguaia, quando dava para pegar uns pacus bonitos. Assados na praça ficam divinos. Outro peixe bom de lá é o filhote, mas de maior porte e difícil de pescar com vara. Nas refeições, além dos peixes frescos, vinham acompanhados de arroz com pequi, aquela fruta amarela, espinhenta que os goianos adoram.

Não é preciso falar dos vários perrengues acontecidos em toda pescaria: enroscos a toda hora, queda na água, fugas de bichos, de abelhas, anzol no dedo, cocô no mato, ferroada de arraia, ficar sem isca. Isso faz parte do jogo.

Para finalizar quero registrar a maior frustação nessa matéria, que não foi possível participar das pescarias oceânicas do meu amigo Eurico, atrás do marlim azul, aquele maravilhoso espécie de bico pontudo, que quando fisgados, arremetem para cima da linha d'água num voo espetacular.

Infelizmente o amigo Eurico morreu antes de eu ter a oportunidade de acompanhá-lo numa dessas fantásticas pescarias. Mas não sem antes saborear um maravilhoso ceviche, que ele preparava na sua casa no Pacaembu, após cada pescaria, ao som da sua clarinete mágica.

Não sou o rei da pescaria, mas também não fiz feio. A caixa de pesca já ficou pelo caminho. Gosto de comer peixe de rio e de frutos do mar. Estejam convidados.

Março 2020

## CRIAÇÕES E INVENÇÕES INCRÍVEIS

Quando nos damos conta, estamos rodeados por um sem-número de objetos prosaicos, mas geniais, de procedimentos mais sofisticados e de novidades contemporâneas, que vieram transformar nossa maneira de viver, com mais conforto, segurança e longevidade.

Eles foram fruto de muito trabalho e longos processos de pesquisa e ou aperfeiçoamento, pois não caíram do céu. Alguns se originaram desde a idade média, outros da Revolução Industrial e outros ainda de eventos históricos, como as guerras mundiais ou até de corridas de autos ou do programa espacial, onde novos problemas e novos paradigmas foram estabelecidos.

Vamos lembrar alguns deles, tidos como grandes criações ou invenções, sem nos reportarmos às suas origens, pois seria muito longo, mas pedindo uma leitura mais detida sobre seu significado e importância de cada um deles, que perdura até os dias de hoje.

Muitos nos ajudam no dia a dia, outros nos trazem prazer e alegria, outros ainda nos divertem e nos instruem. São uma mão na roda na nossa vida.

Para facilitar a compreensão vamos apresentá-los em 3 categorias, sem ordem estabelecida.

**OBJETOS GENIAIS, de aplicação direta.**

Roda, motor, automóvel, bola, caneta bic, sandália havaiana, saca-rolhas, mochila, tear, tecido, calça jeans, bermuda, trim., tênis, lâmpada, led, vidro, máquina de costura, gelo, geladeira, avião, radar, cadeira, mesa, cama, bacia da privada, papel, a escrita, a máquina de escrever, o telégrafo, a penicilina, óculos, o espelho, o pão nosso de cada dia, a janela, o nível, o prumo, o prego, o martelo, o parafuso, o serrote, a enxada, a betoneira, a foice, a bucha de fixação, a do-

bradiça, o elevador, o edifício, a bussola, o sextante, o dinheiro, a colheitadeira, o corpo humano, o ar condicionado, o guarda-chuva, os remédios, o raio laser, o microscópio, o micro-ondas, a bateria, o isopor, a ponte, a bike, o carrinho de rolimã,...

**SISTEMAS E OU PROCESSOS DE CRIAÇÃO, que exigem uma adesão e ou uma interpretação:**

A imprensa, a democracia, o transplante de órgãos, implantes dentários, Check-up médico, germinação de plantas, germinação de seres humanos, a anestesia, a genética, o genoma, as vacinas, a psicanálise, as pautas musicais, o desenho geométrico, o concreto armado, as regras urbanas, a previsão do tempo, o aplauso, a legislação, a pasteurização, a salga de peixe ou carne, o queijo e embutidos, a inseminação artificial, o sistema métrico decimal, o petróleo, o sistema cad-can de desenho, o cinema, a televisão...

**NOVIDADES CONTEMPORÃNEAS**

Em função da urbanização e da globalização novas ferramentas e instrumentos com conceitos mais sofisticados, surgiram para enfrentar o mundo novo e digital. Alguns, não só viraram uma incorporação cultural obrigatória nos hábitos diários, como um vício doentio e perigoso. Entre eles estão:

O Shopping center, o supermercado, computador, o drone, chip, internet, celular, Uber, raio laser, cartão de crédito, o contêiner, os paletes, a moeda Bitcoin, Pix, airbnb, o flat, o divórcio, self-service, delivery, marmitex, os satélites artificiais, pen-drive, as tatuagens, o piercing, biquinis, minissaia, o boné, design de sobrancelhas, cigarro eletrônico, pedágio, rodízio de autos, rodizio de alimentação, robôs, nanotecnologia, a velocidade da informação, as fake News, animais de estimação, Facebook, Wase, Instagram, Google, metrô, Samu, Stand-up, Surfe, ecologia, gastronomia, movimento LBGBT,

futebol milionário, skate, sertanejo fajuto, inteligência artificial, fibra ótica,...

Notem que ao final de cada lista há os três pontinhos, que significam que ela não está completa, aceitando complementações.

Cada qual delas, cumprindo suas finalidades, se tornaram imprescindíveis e universais, que vieram contribuir para o nosso bem-estar e sairmos literalmente das cavernas, nos tornando mais civilizados e modernos.

..

## DA CONVIVÊNCIA

´É o relacionamento estabelecido entre pessoas que convivem diariamente, em convívio próximo e contínuo; que convivem diuturnamente em determinadas circunstâncias ou situações; ou que privam de intimidade. ¨

Conviver é exercer um ato da tolerância e aceitação; é compartilhar as alegrias, as perdas, as dificuldades e as inevitáveis surpresas.

A experiência de conviver, por conta da quarentena, com a minha filha, meu genro e 3 netos me faz refletir sobre o tema, nesta altura dos 80 anos de vida.

Ela, dona de casa forçada, que se desdobra para manter a casa e a comida em ordem, ele gerente de hotel pirado, com as idas e vindas da reabertura do mesmo e com salário reduzido em 50%, e os netos adolescentes: duas garotas de 13 e 14 anos e um garoto de 16 anos, saudáveis e sem aulas presenciais há tempos e enfurnados com seus celulares.

Abrigados numa casa assobradada em torno de 120 m2, típica de classe média, que luta para pagar as prestações da CEF, situada na Ponta da Praia em Santos.

Nela também se inclui um cachorro bernese, que é bastante dócil, mas que tem o tamanho de um pequeno urso e que se imiscui, pela necessidade do convívio com as pessoas, na mesa, no sofá, na cama e em todo canto da casa.

Confesso que não é uma convivência fácil, apesar da atenção e cuidado recebidos, mas onde procuro não incomodar e ajudar no que posso; porém fico me sentindo um tanto marginalizado, pois o interesse pelas minhas estórias e opiniões, é muito pequeno ou quase inexistente, pois fora de contexto, que me remete à solidão das leituras e destas reflexões escritas, além de projetos sonhadores ligados à divulgação da Arquitetura, minha paixão eterna.

Quantos desejos e interesses conflitantes, neles cheios de energia represada, naturais por conta da idade, seja na inquietação e ansiedade, seja na falta dos amigos ao vivo, nos gostos pelos filmes de tv, pelas comidas preferidas, pelos artistas das ¨lives¨ do momento, pelos assuntos da hora, que não me interessam.

Quando em viagem para um lugar diferente a convivência com os locais deve estar sempre presidida pelo respeito aos seus costumes, às suas crenças, tradições, aos seus modos de ser e viver.

A convivência entre vizinhos, que antes era aquela de emprestar um pouco de açúcar, quando faltava para o doce e de reclamar quando o cachorro latia muito, na hora da sesta, hoje é inexistente. Eles não se conversam, pois não se empenham em se conhecerem.

Assim como não pode haver convivência amistosa entre grupos opostos, radicais, polarizados e beligerantes, como acontece atualmente.

Extrapolando o conceito vemos que nossa convivência ou relação com a natureza, ao meio ambiente, tem sido meio nefasta e predadora, comprometendo nossa vida no planeta. Salvo o aumento de consciência da convivência em relação aos animais domésticos, até por carência ou para compensar a solidão.

Tenho experiência da infância em viver em ambientes pobres de recursos materiais e infraestrutura urbana deficiente e posso avaliar a dificuldade que é conviver sempre com essa escassez, principalmente numa crise sanitária, como essa que vivemos.

Não consigo nem imaginar a convivência que possa existir entre grupos expostos a situações injustas ou limites, pois não as conheço diretamente, como a dos moradores de rua, os encarcerados, os imigrantes e outros perseguidos pelos preconceitos, racismo, intolerância, que exige acima de tudo a solidariedade, a resistência e a esperança.

Em todas essas situações é comum estarem presentes as palavras RESPEITO, e TOLERÂNCIA, que devem ser as chaves para uma convivência harmoniosa e feliz entre as pessoas.

## DA ENTREGA

Estão na moda certos tipos de entrega, objetivos e remunerados, como aqueles que recebemos em casa, quando encomendamos um livro, uma mercadoria, uma pizza ou um objeto qualquer; há também aqueles, no mundo corporativo, de quem se comprometeu com determinada tarefa ou projeto e entrega o resultado no prazo e dentro das condições acertadas.

Mas não é desse tipo de entrega direta que gostaria de me ocupar.

Me refiro a um outro tipo de entrega, mais indireto e sofisticado, em geral gratuita e espontânea, que está mais ligada ao enlevo, aos sentimentos, aquilo que eleva o espírito e a alma a patamares de felicidade.

Há várias situações em que isso ocorre, que nos alegra, nos anima e nos dá satisfação ou prazer.

Quando um músico de rua, de um grupo ou de uma orquestra, toca seu instrumento, com habilidade, dedicação e paixão, ele está entregando, junto à música executada, uma sonoridade que nos evoca lembrança, devaneio, alegria ou relaxamento.

Quando um artista representa na tela alguma manifestação que te impacta ou que te comove, ele está despertando seus sentimentos ao entregar sua interpretação de um fato, um ato ou uma paisagem.

Quando um ator que representa um personagem no palco, de forma plena de interpretação, ele está entregando uma reprodução de uma época ou situação que te provoca um encantamento ou uma reflexão.

Quando um palhaço atua no picadeiro, independente dos seus dramas íntimos, ele está entregando a alegria, a ingenuidade ao público do circo.

Quando um luthier constrói um instrumento para um músico, como toda a habilidade e carinho, ele está entregando uma potencial musicalidade e virtuosidade, a serem atingidas pelos futuros executantes.

Quando uma construção tem características especiais no que diz respeito a sua funcionalidade, a sua segurança, a sua adequação ao meio, a sua infraestrutura, mas que também nos comove pela beleza, há aí a entrega pelo Arquiteto, da verdadeira Arquitetura, como arte.

Quando um médico e uma equipe de enfermagem se empenham em salvar vidas, particularmente nessa crise do covid 19, eles estão entregando uma dedicação, um profissionalismo, uma solidariedade humana, que extrapolam qualquer juramento.

Quando um religioso  está pregando os ensinamentos da religiosidade, da paz, da espiritualidade, ele está entregando o caminho da fraternidade, da solidariedade e do amor.

Quando uma mãe se dedica diuturnamente a um filho, protegendo-o, tratando-o de forma cuidadosa e carinhosa, ela está entregando todo o seu amor a ele, sem se preocupar com seu desgaste e sem buscar recompensa.

Quando uma dona de casa se desdobra para manter a casa em ordem, apesar de seus outros afazeres, ela está entregando condições de funcionamento e habitabilidade para toda sua família.

Quando uma cuidadora de idosos executa as pacientes tarefas de ajudar a suprir as deficiências naturais e males da idade, ela está entregando os cuidados necessários para mitigar os problemas dessas pessoas.

Quando um professor ministra sua aula com interesse e empatia, ele está entregando aos seus alunos, seu conhecimento e experiência adquiridos ao longo do seu caminho de preparação, observação, estudos e pesquisas.

Quando um estudante vai bem na prova, ele está entregando o conhecimento adquirido, que o prepara para um futuro promissor.

Quando um cientista conclui uma pesquisa, seja em qualquer área do conhecimento, que representa um avanço, ele está entregando uma conquista para a humanidade.

Quando um intelectual elabora certos pensamentos complexos, distantes da compreensão popular, ele está entregando certos raciocínios genéricos que vão contribuir para a solução de problemas que nos afligem socialmente.

Quando um filósofo apresenta certos conceitos abstratos sobre o comportamento humano, ele está entregando subsídios importantes para compreendermos a natureza humana.

Quando um autêntico estadista lidera e conduz seu povo em direção ao desenvolvimento e às conquistas sociais, ele está entregando o sucesso, a vitória e o bem-estar de todos.

Quando um artesão executa um objeto manual, perpetuando uma tradição ou registrando um costume popular, ele está entregando a manutenção da sua importante cultura e educação.

Quando um agricultor produz nosso alimento no campo, com sacrifício e dedicação, ele está entregando a condição vital para nossa sobrevivência.

Quando um escritor consegue traduzir em palavras uma situação, um enredo, um pensamento, uma inquietação, ele está entregando a oportunidade de reflexão, de entretenimento, de amadurecimento.

São todas situações que, apesar de exigirem muito preparo, dedicação e amor, não envolvem uma relação direta, de causa e efeito, entre criador e criatura, entre produtor e consumidor.

São criações, exercícios e trabalhos elaborados sob a regência de outros valores e princípios, morais e éticos, cuja finalidade social é servir com desprendimento e gratidão e não ao lucro ou a ganância.

Quem dera que nós pudéssemos praticar esse tipo de entrega com mais frequência.

Junho 2020

## DAS DOENÇAS

Para elas não há domingos, feriados, Natal ou Ano Novo. Aparecem sorrateiramente, atingindo a todos nós e permanecem quando menos se esperam, obrigando-nos a tratá-las, com sofrimento, diminuindo o ritmo de atividade, a fim de aumentar a longevidade com saúde.

Mesmo com cuidados periódicos, surge uma anomalia do nada, uma ou mais células fora de controle, se instalando como enfermidade no nosso maravilhoso corpo.

Mesmo sendo um texto pessoal, ao publicá-lo, espero ser útil para muita gente.

Novamente estou envolvido com novo problema de saúde, agora com a detecção de um câncer na próstata. Está bem que é um problema recorrente inevitável da idade, mas que quando nos acomete, exige cuidado e atenção, pois pode ter consequências e sequelas complicadas.

O estigma em relação à própria palavra câncer e a doença em si, já diminuiu muito graças as campanhas públicas de prevenção e ao tratamento que evoluiu bastante, pela grande incidência desse tipo de câncer em homens e de mama nas mulheres.

Das alternativas apresentadas pelos urologistas, cirurgia ou radioterapia, ficou definida a segunda, pois a primeira aumentaria o risco pela idade (sempre ela).

Os médicos e os amigos que já passaram por isso procuram me tranquilizar, mas sempre é um tratamento que causa apreensão, desconforto e leva tempo. Em torno de 6 meses, se tudo correr bem.

Está previsto seu início para agora em dezembro com a aplicação de injeção para diminuir a testosterona, destinada a dar combate inicial as células cancerosas, dar maior eficácia à radioterapia e ainda diminuir o volume da próstata.

A outra injeção está prevista para marco/2020 após as sessões de radioterapia.

Como consequências ou sequelas da injeção sentirei cansaço, calor, diminuição ou perda da libido. Parece que ela aumenta nosso lado feminino.

A radioterapia está prevista em 38 sessões diárias de 2ª a 6ª feira, com pausas nos fins de semana, a começar em janeiro.

Felizmente não preciso de quimioterapia, pois os exames de cintilografia e tomografia não revelaram metástase.

As chances de cura são superiores a 90%, segundo as estatísticas, dependendo do caso e do paciente. Estou otimista, já que confio na Prevent Sênior, meu convenio, em São Paulo, que utiliza os melhores profissionais e equipamentos e instalações modernas, seguindo os protocolos do Ministério da Saúde.

Não sei como seria se ainda tivesse em São Vicente e sem plano de saúde.

Situação posta, luta a ser enfrentada. Vamos que vamos. Obrigado pelo apoio

## DAS ILUSÕES

Quem vive de ilusões é magico, diz o ditado popular.

As ilusões são quimeras, utopias ou sonhos que distorcem os sentidos, embaraçando a percepção da realidade.

Não se trata aqui, só da ilusão de ótica, onde se enxerga um oásis em pleno deserto, ou as rodas do carro girando ao contrário, ou ainda o narciso no espelho.

As ilusões atingem todos os sentidos.

Tem a ver também com a confusão mental que se estabelece quando se deposita uma confiança exagerada em alguém, que o decepciona e causa dor.

Ou o engano no choque de temperatura no corpo, quando bate uma água gelada ou muito quente.

Ou um som ensurdecedor que você suporta até a perda da audição.

Ou quando se sofre um forte trauma e acha que morreu e viu Deus.

Também quando são prometidas melhoras nas suas condições de vida, sem justificativas consistentes, a não ser iludir sua boa fé e esperança.

Há pessoas que vivem permanentemente alimentadas de falsas ilusões ou esperanças, como atingir a glória, ganhar na loteria, fazer uma grande viagem, comprar a casa própria, entrar no reino do céu pagando o dízimo etc.

O problema é que elas não percebem que estão sendo iludidas por propaganda enganosa, malandragem ou má fé. Esta é a realidade.

Confesso que tenho dificuldade em viver de ilusões, realista e meio cético que sou. Acho que nunca vivi bem com elas. Nunca cultivei as chamadas ilusões criadas ou perdidas.

Viver um grande amor, abraçar uma linda profissão, morar bem, ter propriedades e veículos, tocar um instrumento, constituir uma família e ter filhos, escrever um livro, ter uma biblioteca, morar a beira mar, abraçar uma causa, viajar pelo mundo e envelhecer com dignidade, foram privilégios que consegui construir e desfrutar.

Se foram ilusões, nem percebi, pois viraram realidade. Se foram projetos, também não os percebi de forma consciente, pois foram acontecendo naturalmente, depois de muita luta.

Talvez a única ilusão que ainda resta seja a imortalidade; mas não creio que valha a pena, por enquanto.

Fevereiro 2020

## DAS JANELAS

Importantes elementos construtivos, as janelas acabam tendo várias funções e significados nas edificações, desde sempre.

Tecnicamente chamadas de esquadrias, juntamente com as portas, são os principais componentes construtivos, responsáveis pela iluminação e ventilação dos ambientes, isto é, das condições de higiene e salubridade das pessoas que nelas habitam, independentemente de suas formas, materiais ou tamanhos.





Porém, para o seu bom funcionamento elas devem estar posicionadas corretamente em relação a orientação solar, bem dimensionadas em relação ao tamanho do compartimento e ao seu desempenho.

Isto é, não adianta abrir uma janela para o quadrante sul no Brasil, que não vai cumprir com sua finalidade; igualmente abrir uma janela de dormitório para poente não vai higienizá-lo, pois só o sol da manhã tem esse predicado. São situações que um profissional habilitado, como o arquiteto, pode ajudar nessa definição.

As janelas comuns costumam ser industrializadas de ferro, alumínio, madeira ou plásticos, em tamanhos padronizados e formas de abrir, como basculantes, de correr, com ou sem venezianas, usadas indiscriminadamente em dormitórios, cozinhas e banheiros.

Infelizmente entre nós, elas não tem um bom desenho, não contam com materiais de qualidade e se baseiam no baixo custo para viabilizar sua utilização em grande escala. Isso acaba imprimindo uma marca pobre nas nossas edificações, principalmente da periferia das grandes cidades.

Não estou falando das janelas sofisticadas feitas sob medida com desenhos especiais.

De qualquer maneira é melhor do que aquelas construções improvisadas das favelas e morros, que sequer contam com qualquer tipo de abertura, além de uma porta improvisada.

Além dessa função primordial as janelas acabam adquirindo outras conotações mais interessantes, românticas, simbólicas ou prosaicas.

Ver o movimento da rua e fofocar em torno, como eram as janelas conversadeiras desde os tempos coloniais, onde as mocinhas, que não podiam sair de casa, faziam desse passatempo um hábito costumeiro.

Olhar para fora, vendo o tempo, o jardim, protegido da chuva e do vento, integrando o ambiente fora-dentro.; evitando o olhar indiscreto de fora para dentro, são pequenos prazeres confortantes.

Quer maior prazer e alegria do que olhar para fora do carro, do ônibus, do trem, do avião ao olhar para fora e descortinar a rua, a paisagem, as nuvens?

Nesses atuais tempos bicudos de quarentena, as janelas nos fazem sentir menos aprisionados, olhando a rua, vendo a paisagem, os poucos transeuntes e carros, as árvores ao redor, o mar de quem tem esse privilégio.

Mesmo aqueles que estão presos judicialmente ou acamados, podem saber se é dia ou noite, quando dispõe de uma pequena janela. Estive na condição de hospitalizado durante um bom período e a única alegria era ver uma famosa igreja distante pela janela.

A criatividade das pessoas tem transformado as janelas em palcos para manifestações políticas, como bater panelas, em performances de canto e outras apresentações musicais. Belos gestos de sobrevivência em tempos pesados.

Em vários lugares as janelas se transformam em românticos suportes de flores, que enfeitam as casas e ruas. Vejam os exemplos apresentados no inicio do texto.

Oxalá todas as janelas pudessem receber esse tratamento carinhoso.

Abril 2020

## DESTROÇOS

Desolação, devastação, restos, ruína, escombros, aniquilação, resíduo, sobras, pó.

Quantas mortes e destroços, materiais e afetivos, as guerras declaradas e armadas trazem, tanto as antigas como as posteriores e atuais. Foram as gerais como a 1ª em 14-18 e a 2ª de 39-45 guerras mundiais, do Vietnã, Afeganistão, Iraque, Síria, na Nigéria, na Somália, Iêmen, Israel-Palestina, e tantas outras menores que pipocam pelo mundo.

O cruel é que o mundo todo assiste a essas carnificinas como algo normal, pelos interesses geopolíticos dos vários atores e apesar das tentativas infrutíferas de mediação da ONU.

Não se trata só de destroços materiais, de cidades inteiras, edifícios majestosos e simples casas que são destroçados, com os seus objetos pessoais, que são as reservas afetivas das pessoas.

Sem falar nas guerras disfarçadas contra as ideologias, as drogas, ao racismo, ao chamado terrorismo, à fome, que dizimam milhares de pessoas pelo mundo afora. Quantas populações civis são expostas a essas barbaridades e violências em nome de uma moral ou ética impostas. Vivemos isso agora em vários países como Haiti, México, Colômbia, EUA, África, Venezuela, Nicarágua e outros.

Vale acrescentar as calamidades sanitárias que surgem ou permanecem, como agora a covid 19, com as persistentes como sarampo, pólio, lepra, gripe, Zika, raquitismo, tuberculose, fora as crises modernas de ansiedade, ganância, consumo desenfreado das pessoas, poluição atmosférica etc.

Nesse sentido é importante acrescentar as ruinas sociais resultantes das políticas equivocadas de governos nefastos, autoritários

ou disfarçados, que causam retrocessos à liberdade individual e a direitos humanos, também causam inúmeras vítimas pelo caminho.

Quantos desgraçados personagens históricos são lembrados nesse sentido, antigos como Hitler, Mussolini, Stalin, Mao Tse Tung e mais recentes como Franco (Espanha), Slobodan Milosevich (Iugoslavia), Idi Amin (Uganda), Sadam Husseim (Iraque), Muamar Kadafi (Libia) ,Papa Doc (Haiti), Pinochet (Chile), Rafael Videla (Argentina), Pol Pot (Camboja), Ceacescu (Romenia) e atuais como Kim Jong-un (Coreia do Norte), Erdogan (Turquia),Victor Orbana (Hungria),Rodrigo Duterte (Filipinas), Putin (Russia), Win Mynt (Mianmar),Jose Eduardo dos Santos (Angola), Rei Addulah (Arábia Saudita),Xi Jimping (China,) Robert Mugage (Zimbabue), Hassam Rhouani (Irã), se não esqueci dos principais.

Quantos aprendizes de ditadores encontramos neste caminho, como o presidente, Nicolás Maduro, Bolsonaro e outros.

Há uma safra de novos ditadores civis, como as empresas transacionais que ditam os preços e disseminam os gostos dos objetos de consumo, além das gigantes virtuais do mundo digital como Google, Amazon, Facebook, Aple, Microsoft, que tem o controle e a manipulação da vida das pessoas em todo planeta.

Praticam guerras diferentes, mas onde as vítimas são sempre as mesmas.

Apesar de tudo o mundo não acaba, felizmente, e a vida segue meio destroçada, para os que ficam e resistem.

Novembro 2020

## DIFÍCEIS INDAGAÇÕES

Sempre é momento para indagações inquietantes e desafiadoras.

- O que sobra da nossa vida? Nada? Que legado deixamos? Valeu o esforço?

- Há vida, depois da morte? Para onde vamos?

- Qual é a essência da vida? A saúde? O trabalho? O dinheiro?

- Por que há gente e governos que vem para destruir? ao invés de construir?

- Por que há tanta fome no mundo? E tanta desigualdade e injustiça social?

- E racismo? E tanta violência contra as pessoas e a natureza?

- Como conviver com a crescente falta de liberdade individual, de trabalho?

-Como conviver com tantas mazelas, sem pirar? Só resistindo e lutando?

- A diversidade social é benéfica para alcançarmos a igualdade?

- A inteligência artificial veio para facilitar a nossa vida?

- Quantas loucuras mais o Trump vai fazer?

Escolha a sua preferida, para responder, ou criar uma nova.

Novembro 2020

## DIVAGAÇÕES SOBRE PENTEADOS E CORTES DE CABELOS

Dê uma olhada nas madeixas de alguns políticos atuais, como Donald Trump, Boris Johnson ou o finado Itamar Franco, para ver a extravagância dos seus penteados, loiros oxigenados; não se sabe se são perucas, se vão sair voando. São ridículos. Parecem reflexos de quem tem algum distúrbio mental. Não são normais em gente que exerce cargos de poder e tem muita visibilidade.

Foi-se o tempo que os penteados eram bem-comportados, bem cortados, fossem lisos ou encaracolados, tinham uma estética tradicional, todos cheios, mas curtos ou aparados, ou com riscos centrais ou laterais.

Os jovens antigos, com seus topetes armados com brilhantina glostora, imitavam os artistas de rádio e de cinema, como Elvis.

Não sei o que aconteceu; parece que houve uma revolução nas suas apresentações, no seu design, que chocam os olhos mais conservadores. É a moda dos despenteados ou cabelos espetados.

Igualmente vivou moda os penteados de jogadores de futebol, que vão dos topetudos, moicanos, com coques, espetados, com riscas ou desenhos marcados num festival de coisas exóticas e de muito mau gosto. Tudo isso associados a brinquinhos e uma profusão de tatuagens pelo corpo todo. Nada a ver com os jogadores antigos que se concentravam na essência do futebol.

A esses cuidados também está associado o design de sobrancelhas, nova febre estética.

Talvez essa exposição, além de querer se diferenciar e se destacar, revele um certo vazio interior, sei lá. Tudo em nome do espetáculo comercial.

Funcionalmente os cabelos servem para a proteção do couro cabeludo, das condições adversas do clima, particularmente dos raios solares ou do frio.

Porém, do ponto de vista psicológico representam um fetiche, uma forte simbologia, uma representação mágica ou erótica, que exerce um papel social importante.

Sua presença, ou a falta deles, compõem um tipo, uma personalidade. Quantas figuras ficaram imortalizadas por esse importante componente. Ou pela falta dele, como o antigo astro Yul Brynner, por exemplo, que despertava suspiros femininos.

Nas mulheres representam um símbolo de poder, autoestima e sedução, que são exercidos com bastante competência. Não é à toa que elas se dedicam e gastam tanto com os seus cuidados. É interessante notar quantas vezes as mulheres mexem nos cabelos involuntariamente e quantas vezes elas se olham no espelho para verem o seu aspecto.

No dia a dia, por praticidade, nem sempre isso é possível, prendendo-os com tiaras, presilhas ou piranhas; mas nas festas e fins de semana, cuidam para que fiquem soltos e bem cuidados, para impressionar e mostrar feminilidade.

No geral, raramente eles são apresentados de forma natural, bem cortados, sem tinturas ou adereços. Vale tudo pela beleza.

Com a idade os cabelos se tornam brancos, pela queda da produção de melanina; alguns não se importam; outros, mais vaidosos, procuram substitui-los com implantes, perucas.

Outros ainda perdem os cabelos e ficam carecas? Como se sentem? Também aqui alguns se conformam, outros lutam para recompô-los de todas as formas.

As atrizes, cantoras e apresentadoras costumam caprichar no visual estético dos seus cabelos para impressionar e transmitir confiança. Às vezes recorrem a perucas vistosas.

As pessoas negras não fogem a regra; procuram extrair dos cabelos qualidades e símbolos que realcem sua beleza ou manifestam uma causa, um protesto. Houve o tempo do Black Power, movimento negro de afirmação política dos descendentes africanos nos EUA. Era apresentado por cabelo muito cheio e volumoso. Ângela Davis foi um legitima representante desse movimento.

Hoje há uma série de formas, alisados ou encaracolados, às vezes bastante exagerados, que desafiam os valores estéticos clássicos.

## DO ISOLAMENTO OBRIGATÓRIO X “TAMU JUNTO”

A propósito da pandemia da covid 19

Isolamento significa separação, afastamento, segregação, solidão, enfim perda de liberdade. A liberdade de circular, de trabalhar, de estudar, de passear.

É mais uma, entre tantas outras perdas de direitos, que vimos acumulando ultimamente.

Com relação à saúde, vivemos com o medo e a insegurança de não sermos atendidos e virmos a falecer.

Há vários outros problemas correlatos como o direito a habitação, ao saneamento e toda a falta de infraestrutura para que todos tenham uma vida digna, que ainda não resolvemos.

Em relação ao emprego, que não é garantido a todas as forças disponíveis da população; o exercício do trabalho, que nos é impedido, de forma coercitiva nesse momento, ou manietado com descontos abusivos dos seus salários;

A não garantia de auxílio emergencial às camadas mais pobres, que não tem o que comer; a proibição de reuniões, passeatas, assembleias e até os almoços familiares de domingo, ficaram comprometidos.

Perdemos também aquelas lideranças políticas que poderiam enfrentar as crises com competência. E por aí vai.

Lembremos de algumas situações simples, mas fundamentais para o nosso equilíbrio, que ficam impedidas ou desaconselhadas com o isolamento imposto.

Os encontros com os amigos num bar para jogar conversa fora; o encontro dos avós com os netos. Os almoços familiares de domingo; os encontros para ir as partidas de futebol; as idas aos parques, aos museus, ao cinema, ao teatro, as visitas a um amigo; ao churrasco na laje.

Parece que o Homem Contemporâneo já se habituou a viver além do essencial, fundamental para seu equilíbrio e satisfação.

Em mim, além de estar impedido, pelo bom senso e medo de contágio do corona vírus, de praticar minha diversão preferida, que é ir à rua bater perna, curioso em ver pessoas e as paisagens, fico apegado às recordações, aos contatos virtuais com alguns amigos e sonhando com novas viagens, assim que a poeira baixar e a saúde permitir.

Quantas outras situações diferentes nos põem à prova, a convivência, que sempre deveria ser harmoniosa e fraterna. Resumidamente:

Em família, num relacionamento, no ambiente escolar, de trabalho, entre estranhos ou antagônicos do grupo social, em viagem, num ambiente religioso, em situações de regozijo, ou perigosas e de stress.

Em família, além das alegrias pelos nascimentos, crescimentos e evoluções gratificantes, festas várias, além das separações e perdas, há sempre escaramuças motivadas pelos egos envolvidos, que conflitam com a convivência saudável.

Porém, em caso de situações de risco ou doença, ela é fundamental para dar apoio, segurança e conforto, onde a boa convivência é decisiva para a travessia.

Num relacionamento amoroso, a convivência é perfeita, geralmente no começo, na fase da descoberta, da paixão desmedida. Manter a necessária convivência amorosa requer muita tolerância, paciência e respeito, para se contraporem aos contratempos inevitáveis ao longo do caminho.

No ambiente escolar, seja você aluno ou professor, a convivência requer um ambiente adequado e saudável para adquirir ou transmitir conhecimento, à motivação pelo saber e aprender, de forma amigável, prazerosa e ativa.

No trabalho a convivência nem sempre é fácil, pois sempre estão presentes, a competição, o alcançar do resultado, a luta de egos, a inveja, o que requer um jogo de cintura, um engolir sapos, para sobreviver com um mínimo de dignidade.

No ambiente religioso a convivência entre irmãos de fé e eventuais convidados, requer a obediência aos ritos da cerimônia, ao respeito mútuo e a elevação espiritual. Sem apegos mercadológicos.

Quando se fica privado de tantas necessidades básicas, alguma coisa acontece com a psiquê coletiva, de consequências imprevisíveis. Frustração, revolta ou resignação forçada.

Claro que a garantia da vida precede a atividade econômica, mas tudo tem um limite suportável.

Dizem que o isolamento é a única maneira de evitarmos o mal maior, do contágio. Será?  Além da vacina, e do remédio para a cura, acho que está faltando criatividade na busca de alternativas para esse enfrentamento, que está sendo inevitável e implacável.

O isolamento vai contra a nossa natureza social, gregária, de estarmos próximos uns aos outros, de se tocar, abraçar e viver juntos.

Ele obriga um relacionamento virtual, superficial, que não preenche as necessidades de contato físico e de afeto mútuo. Não é a mesma coisa. Apesar das iniciativas criativas e da moda das lives e das ligações ao vivo.

A convivência física é uma necessidade humana como o ar que se respira, a água que se consome, como o alimento que se nutre. É uma prática milenar e uma conquista civilizatória, que nos distingue dos homens coletores das cavernas.

A cidade, com o caráter de Urbis, é o lugar do encontro, da confraternização, da fraternidade. Impedi-la de exercer essas funções é um desperdício, uma deseconomia, uma inadequação e uma violência contra seus cidadãos.

Nunca o “TAMU JUNTO” foi tão apropriado; não só no sentido do apoio, da cumplicidade, da parceria, como estar próximo fisicamente, de diminuir a distância e estreitar o afeto.

Maio 2020

## EM FUNÇÃO DAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS

Vim de infância pobre na periferia da Penha e percorri uma longa trajetória pessoal e profissional que forjou em mim uma consciência política de luta por princípios morais, éticos e contra todos os tipos de injustiças, de desigualdades, de discriminações, de corrupção, do proselitismo, da falsidade, do medo forjado e todas as demais mazelas que tornam nossa vida infeliz e indigna.

Vivi todas as fases de uma evolução construída pelas dificuldades, o trabalho honesto e a educação de berço e adquirida nos bancos escolares públicos, da creche à Universidade de São Paulo, que muito me orgulho. Não cheguei a me filiar a nenhum partido político, apesar dos apelos, não usei drogas e tampouco fiz a opção pela luta armada quando isso pintou. Todas essas influências fizeram minha cabeça.

Cansei do uso indiscriminado do medo, de bodes expiatórios e conceitos ultrapassados, como comunismo, religião etc., para iludir, dividir e governar a população analfabeta, inculta e bela. A divisão tosca entre esquerda e direita representam apenas rótulos que camuflam interesses econômicos e sociais e já não representa a complexidade e a realidade da vida moderna.

Caminhamos por um mundo de guerras, de fome, de egoísmo, de consumo exacerbado, de desrespeito à natureza e da vida humana que nos levam ao desencanto e a desesperança. A forma democrática dos ideais de liberdade, igualdade, e fraternidade está cada vez mais pervertida pelo domínio do poder econômico globalizado.

Perdi as contas de quantas eleições já votei desde os dezoito anos, quando elas eram possíveis, já que tivemos um longo período das suas proibições pela ditadura, que sofri no melhor período da vida; trabalhei como mesário eleitoral por mais de 10 anos; distribui santinhos para diversos candidatos que nem sempre mereceram;

me decepcionei com vários demagogos e populistas pelo caminho; assisti a comícios, no tempo que existiam, de Jânio Quadros e Adhemar de Barros, figuras folclóricas de uma época.

Sonhei com Juscelino; vibrei com Brizola, admirei Dr. Ulisses Guimarães; projetei centenas de obras de arquitetura públicas e privadas, de forma independente; lecionei em 5 universidades brasileiras; publiquei dois livros de arquitetura; toquei pandeiro e convivi com Chico Buarque e outros bambas da bossa nova, conheci praticamente todas capitais brasileiras, tive o privilégio de viajar por metade do mundo, movido pela curiosidade e a ânsia de aprender,

Tinha 5 anos quando a 2ª Guerra mundial acabou, com o racionamento de alimentos e a paz decretada; tinha 14 anos quando Getúlio se suicidou; participei com minhas filhas da passeata das diretas já no Anhangabaú; tive 3 filhas e 5 netos; tentei participar inúmeras vezes oferecendo meus conhecimentos de arquiteto e urbanista em várias administrações municipais por onde passei; também participei ativamente de inúmeras associações comunitárias e profissionais; nunca fui alienado ou acomodado , pelo contrário sempre fui um revoltado, quase um revolucionário.

Não voto mais em São Paulo, apesar de meu retorno para cá no fim da vida, aos 84 anos. Se o fizesse votaria em Tabata Amaral pela sua jovialidade e minha identificação com sua brilhante trajetória, além dos demais candidatos não representarem politicamente meus princípios e ideais para dizer o menos. Há até uma perigosa caricatura oriunda de um mundo digital.

Os políticos de hoje, salvo honrosas exceções, não estão preocupados com o interesse público, a grandeza de servir ao povo, mas sim exercer o poder em bem benefício próprio; virou uma profissão sem nenhuma qualificação; os partidos políticos são meros aglomerados de interesses sem nenhuma ideologia política ou pauta programática. Nas campanhas prevalece um vale tudo selvagem.

São Paulo tem 10 candidatos a prefeito e 1065 a vereador para 55 vagas; há representantes de todo tipo, inclusive de si mesmo: é o zé do gás, o mané do Uber, a Maria do pecado, Adilson da farmácia, bombeiro Kalunga, professor mal pago etc. e tal.

Deveria votar em São Vicente na baixada santista, onde ainda tenho o domicílio eleitoral, depois de morar por 7 anos. SV é um caso típico de município brasileiro: Tem todas as mazelas ligadas a desigualdade, desordenação territorial urbana, carente de infraestrutura básica e social; sendo a primeira cidade do país tem um potencial extraordinário de desenvolvimento econômico e cultural, pela sua condição geográfica, seus recursos naturais, a influência de seus fortes vizinhos, Santos, Cubatão e Praia Grande. Mas, sempre tem um, mas. Tem sido administrada politicamente por interesses pequenos, familiares, provincianos, sem visão estratégica abrangente, audaciosa, responsável e generosa.

Lá me envolvi politicamente em várias atividades como gerenciar a regional do CAU/SP, onde visitava e orientava prefeituras da região; da associação de moradores do Itararé e de propor vários projetos urbanos para o seu desenvolvimento oferecidos para candidatos a prefeito. Confesso minha frustração por não conseguir ver esses projetos serem considerados ou ainda de participar diretamente de nenhuma administração, apesar do meu empenho.

Apesar de não ser mais obrigado a votar pela idade sempre quis cumprir meu dever cidadão; mas este ano não tenho mais saco para convalidar uma situação política que muito me desagrada.

Em SV há 6 candidatos a prefeito e 219 a vereador, num plenário de 15 vereadores. Por esses números e os personagens envolvidos pode-se antever a continuidade da perspectiva ruim. Uma pena.

Bom voto a todos.

## FALANDO PARA AS PAREDES

**Atenção: Aquilo que se fala, não é o mesmo que é entendido.**

Às vezes tenho essa estranha sensação, quando me deparo com alguns interlocutores, que não entendem aquilo que estou falando. Não sei se é por distração, desinteresse ou deficiência cognitiva.

Tento ser o mais claro, simples e didático possível ao fazer um pedido, expor uma ideia, um projeto ou manifestar um sentimento; mesmo assim nem sempre sou compreendido, como se fosse necessário desenhar ou explicar melhor.

Claro que a comunicação efetiva depende da capacidade do interlocutor de entender a mensagem que será transmitida. Assim se está falando com uma criança é uma coisa; num auditório técnico, numa assembleia, numa sala de aula são outros quinhentos. Para cada um em particular deve se usar uma linguagem que seja acessível a todos, diferentemente de querer a agradar a todos.

Claro que como portador de um vocabulário mais amplo, às vezes me escapa naturalmente uma palavra mais difícil e erudita ou eventualmente técnica obrigatória. Mas para ser mais bem compreendido, não costumo falar por metáforas, símbolos ou ironias, para não complicar, mas procurando exemplos e analogias que podem ilustrar melhor a ideia ou situação.

Vejamos algumas situações curiosas onde isso ocorre, frequentemente.

1. Falando com um prefeito para explicar alguns projetos urbanos elaborados para seu município, detalhei separadamente as soluções apresentadas para alguns problemas ligados a urbanização de praças, praias e outros de equipamentos como bibliotecas, creches etc. Todos eles acompanhados de desenhos e as justificativas necessárias.

O prefeito ouviu, com aquela cara de paisagem, e disse que o problema maior do município era de asfalto, acrescentando que era isso que ele ia fazer. Não discordei, mas percebi que o diálogo já começava atravessado. Você fala A e ele está ligado em B. Parece que falamos em idiomas diferentes.

Mesmo assim ponderei que esse investimento iria piorar a questão das enchentes na cidade, pois ia aumentar sua impermeabilidade. Não se deu por vencido. Disse que já tinha financiamento e era isso que ia fazer.

Resultado: começou a asfaltar, acabou a verba, deixou o serviço inacabado, piorando os aspectos que queria melhorar e os outros decorrentes.

Quanto as minhas propostas, ficou de analisar. Isso nunca aconteceu.

Até as paredes do gabinete, ficaram decepcionadas.

2. Numa situação em sala de aula as dúvidas sempre são bem-vindas; mas uma vez esclarecidas, deveriam ser sanadas; mas não é bem assim que acontece. Constata-se na prova que não foram bem entendidas, pois as notas baixas comprovam a não compreensão.

   Ou em outras questões mais complexas, como analisar um projeto que apresenta falhas básicas, orientando para as suas correções, percebe-se na avaliação final que eles não foram corrigidos, por falta de entendimento.

   Aqui as paredes estão carecas de presenciar esses fatos todo ano letivo.

3. Num relacionamento amoroso o diálogo é sempre mais difícil para expressar os sentimentos gerados desse convívio; as

palavras nem sempre são o melhor veículo para essa manifestação. A banalização das palavras como amor, querida não são suficientes. Gestos e atitudes precisam complementar o diálogo, para a necessária compreensão e harmonia.

E pior é quando a conversa precisa ser direta e racional, para resolver um problema simples, mas que fica ofuscada pelo envolvimento do lado sentimental ou outro interesse oculto envolvidos. Raramente há espaço para a objetividade. Quer ver?

Onde você quer sentar-se? Não, ali não. É melhor do outro lado.

O que você vai comer? Quero lasanha. Mas não viemos numa churrascaria?

Vamos por aqui? Não, quero ir para o outro lado.

Quanto tempo ainda tenho que esperar? Quando terminar de me arrumar te aviso. Depois de horas: Estou bem?

Pegou as chaves? Não está na bolsa. Acho que perdi.

Aqui as paredes são testemunhas das brigas e também de outros prazeres noturnos.

4. Falando com surdos, velhos ou novos. É aquele sufoco E preciso repetir, gritar e gesticular para ser entendido.

- Você quer ir para a Barra Funda?
- Aquela mulher é imunda?
- Não foi isso que quis dizer.
- O que isso tem a ver?

E por aí vai esse autêntico diálogo de surdos, que nem as paredes entendem.

5. Num bar falando sobre futebol imagina como é a conversa entre vários torcedores de times diferentes, bebendo cerveja e

comendo amendoim ou torresmo. Claro que ninguém se entende. Mas o objetivo não é este. E desopilar, para chegar mais leve em casa e não brigar com a mulher. Cada um fala mais alto que outro, como se isso fosse necessário para convencer o outro.

O Messi é o melhor de todos. -Para mim é o Cristiano Ronaldo. -Como a seleção de 70 não tem igual. -O Neymar é um pipoqueiro. -Flamengo é o maior. - Aquele juiz é um ladrão. Aquela bandeirinha é gostosa.

E por aí vai, até pedirem a saideira.

Como se vê são monólogos, dirigidos para as paredes, como se fora  um ente etéreo e confidente.

6. Na mesa familiar italiana no almoço de domingo

Família reunida: o nono, a nona na cozinha, os filhos, noras, genros, netos e agregados. A comida é o que mais importa. Deve ser farta. Tem sempre um antepasto, uma massa, carne, maionese, salada, muito pão, pudim ou sorvete de sobremesa, vinho, cerveja e refrigerantes.

O mais velho fica na cabeceira, podendo ser o nono ou o pai; as crianças ficam numa mesa à parte e o cachorro esperando a sobra.

Todos falam com as mãos, juntos, bem alto e de boca cheia, recheados de palavrões. O assunto não tem nenhuma importância.

- O que comeram ontem; - O que vão comer à noite. - A melhor pizzaria é a Bela Napoli. - O parente que está doente. -Os corneteiros não deixam o Parmera em paz. - Saudade da Sicília, Calábria. - Aquele não passa deste ano. -Quem não está presente é um defichenti, malcalsone, farabuto.

No caso, o quadro ou a foto na parede é que testemunha tudo, em silencio, às vezes rindo.

7. Roda de amigos sobre política

Quando isso ainda era possível, pois agora a radicalização tomou conta

Essa reforma de previdência veio para tirar os direitos dos trabalhadores.

- Mas ela vai acertar as contas do governo.

- Querem enfiar a capitalização, modelo Chile, goela abaixo da nação.

- O STF é um covil de ladrões. Tudo vendido

- PT nunca mais. Bolsonaro é o mito.

Como se vê nesse caso não há diálogo, mas sim posições antagônicas, radicais, arraigadas, sem nenhum argumento para convencer a parte contrária, considerada inimiga, que precisa ser abatida.

Não há objetivos de se estabelecer consensos para resolver impasses e avançar em soluções democráticas.

Cada um fala para si, como para as paredes, que sentem vergonha

8. Conversa com os netos

Aí o feitiço vira contra o feiticeiro. É você que não entende o que eles falam, pois eles se expressam noutro idioma, que é antropofágico com as palavras, tem gíria própria, além de ser virtual.

Gíria jovem sempre houve. O problema agora é que você é a vítima.

- E ae vô. Q q rola vô. Tô na balada, mano. -Mtt saúde pra vc. -Pra vc tbm vô. -E aí bebê, vem de Zap? - Ele é meu crush (No meu tempo crush era um refri amarelo) - Eu sou top.- A festa tá bombando. - Não flopou.

Será que eles voltam a falar português, mais tarde?

Conclusão geral: Às vezes tenho dúvidas daquele ditado que diz que conversando é que se entende.

Janeiro 2020

## MODA GLOBALIZADA

Da cabeça aos pés vemos o uso generalizado, principalmente entre os jovens, de peças de roupas, enfeites e adereços praticamente iguais, caracterizando um padrão universal, uma globalização na moda de se vestir e se apresentar.

São as calças jeans rasgadas nos joelhos, as tatuagens, os piercings, os cabelos pintados de cores fortes, os bonés, as t-shirts, as blusinhas curtas com o umbigo de fora, os tênis e ou chinelos de grife, os fones de ouvido, as unhas pintadas de cores várias, as mochilas cheias de penduricalhos, a garrafa d'agua e os indefectíveis celulares com suas capinhas de bichinhos ou coraçõezinhos.

Como se fosse um enxoval dos jovens, composto de peças sempre de grifes importadas e caras, às vezes falsas, usadas com casual e certo desleixo, aparentando uma certa rebeldia em relação à moda considerada convencional ou dita normal.

Porém, uma leitura mais atenta pode revelar, que ao invés de uma liberdade ou individualidade de escolha, revela uma expressiva massificação de consumo de caráter culturalmente imitativo, sem nenhuma criatividade, pouca consciência social e alienação política.







Este uniforme é usado tanto no dia a dia quanto em ocasiões especiais, festas ou rolês, diferente de outras gerações que tinham uma roupa de trabalho e outra para ir à cidade, ou festas e missas.

O resultado estético dessas combinações é de uma mistura pictórica caótica, sem preocupação de conjunto, feia, que provoca um intencional choque inicial, mas que vem sendo absorvido como um novo visual bastante diferente do convencional.

Esse conjunto de vestimentas é complementado por uma linguagem própria, usada cheia de cacos como manos, minas, tá ligado, tipo, assim e por um comportamento social egoísta, individualista e às vezes desrespeitoso, colocando em dúvida valores sociais construídos ao longo do tempo.

Talvez vale a pena detalhar alguns aspectos que chamam mais a atenção, nessa busca de uma eventual diferenciação:

A questão do cabelo ou do penteado, masculinos ou femininos, são reveladores de toda a sorte de fetiches que habitam o interior dessas cabeças; são cortes inusitados, engraçados e bizarros, com linhas feito caminho de rato, (ver os jogadores de futebol) desbalanceados, despenteados, armados em exagero, tipo Black-Power, com cores mil, e nem sempre com a higiene adequada.

Outra questão é revelada pelas tatuagens feitas por todo corpo: braços, pernas, pescoço e até rostos, violentando-o na sua beleza natural; dificilmente se encontra algum desenho original que acrescenta beleza na sua inserção.

E preciso lembrar que as tatuagens tiveram origem em vários povos da antiguidade, em antigos marinheiros e prisioneiros, com significados específicos, foram sendo aplicados mais recentemente em artistas e esportistas, sendo também usados na periferia das cidades para identificar gangues ou prova de machismo. O uso indiscriminado atual parece ser somente de exibição, de diferenciação, de tentativa de elevação de autoestima.

Já os piercings representam uma violência maior, pois mutilam órgãos em que são colocados e podem deixar sequelas. Aqui também essa prática é antiga entre povos originários, com finalidades especificas, como estratos sociais. Quanto os efeitos nem sempre conseguem a diferenciação pretendida.

Com esse empobrecimento visual e estético, pergunte-se onde foram parar a elegância, a beleza, o conforto e a proteção nessa moda atual?

Que saudade de vestir meu terno de tropical inglês, costurado em alfaiate após três provas, camisa de linho branco, gravata combinando, sapato mocassim de cromo alemão, meias de algodão Lupo e cabelo alisado. Apesar de pobre eu saia nos trinques, como se dizia, desfilando meus 1.80 de altura. Tive a sorte de ter tios alfaiates, barbeiro e sapateiro além de mãe calceira, que compunham meu enxoval.

Naquele rol da moda globalizada devemos incluir também o consumo digital, onde a informação e o relacionamento social se fazem pela internet. É impressionante a dependência dessa ferramenta virtual no comando da vida atual, seja no trabalho ou no lazer. O contato físico e a realidade vão ficando cada vez mais distante e sendo substituídos.

Outro aspecto importante dessa moda globalizada é o que diz respeito a alimentação feita em sua grande maioria pelas redes de fast food; é a febre do McDonalds, Burger King, Habibs. Estes estabelecimentos vêm substituir a comida de casa e outros restaurantes que fazem comida de verdade.

Sinal dos tempos.

Dezembro 2022

## NOS BRAÇOS DE MORFEU

O sono é um dos alimentos mais importantes para a saúde física e mental do nosso corpo, assim como aquilo que comemos e o ar que respiramos.

É um assunto sério e complexo que devíamos dar mais atenção, pois ele é uma garantia da nossa qualidade de vida.

O sono serve para relaxar e para renovação cerebral, isto é recarregar as baterias, como se diz. Mas nem sempre esse ciclo é completo, como se pode ver na sequência a seguir. Somente quem consegue chegar ao chamado sono rem ou profundo, que tem fases de 90 minutos, é que tem todos esses benefícios.

Tecnicamente o sono passa pelas seguintes fases:

Sono leve (Fase 1) Esta é uma fase de sono bastante leve que dura aproximadamente 10 minutos. Sono leve (Fase 2) é a fase a que quase todo o mundo se refere quando fala que tem um sono leve. Sono profundo (Fase 3) Sono REM (Fase 4)

Essas fases se renovam durante cinco vezes ao longo de todo sono, que tende a durar 8 horas, para o devido descanso e reparo mental, em pessoas padrão.

Mas nem todas as pessoas dormem as 8 horas, pois se sentem dispostas com menos horas dormidas, mas são exceção, ou precisam de mais, como as crianças quando em formação ou os idosos.

Há várias recomendações ideais para contribuir para uma boa noite de sono, tais como dormir em ambiente escuro e na temperatura adequada, não ter ou ver tv ou celular no quarto, comer levemente à noite, não beber muito líquido ou álcool, evitar o cigarro, não levar os problemas do dia, manter a rotina dos horários.

Entre os fatores que atrapalham o sono estão:

Dor nas costas, dores de cabeça e problemas nos músculos da mandíbula são as principais causas de dor relacionadas à perda de sono; Distúrbios mentais e estresse; a insônia é um sintoma e uma causa da depressão e ansiedade; outros como ronco, apneia, fuso horário, trabalho por turnos, alterações hormonais, outras doenças e remédios podem ser os principais causadores do mau sono.

Há pessoas, como eu, que não conseguem um sono reparador, por vários motivos.

Foi-se o tempo em que eu dormia 8 horas seguidas, sem interrupção. Cumpria todas as fases técnicas e muito mais. Era um privilégio. Isso quando era criança, adolescente ou jovem sem problemas.

O tempo passa, a barba cresce, os cabelos ficam brancos e os problemas aparecem, de sono e outros também.

Hoje tenho um problema de aumento da próstata, chamado hiperplasia prostática, que está associada à idade e que obriga a ida ao banheiro várias vezes por noite, fazendo que se durma à prestação, prejudicando os efeitos benéficos do sono.

Há aquelas pessoas que apresentam outros sintomas, como apneia, por exemplo. Apneia significa “parada de respiração”. A apneia do sono é o distúrbio no qual o indivíduo sofre breves e repetidas interrupções da respiração enquanto dorme. A apneia obstrutiva do sono é um transtorno comum e potencialmente grave. Há várias causas prováveis. Precisa de diagnóstico através da polissonografia, que dependendo do resultado se recomenda aparelhos de respiração tipo cpac ou até cirurgia.

Há outros distúrbios importantes, que prejudicam ou impedem o sono, como a insônia, sonambulismo, bruxismo, pernas inquietas, que precisam ser tratados.

Os sonhos se inserem no contexto dos sonos, que acontecem na fase rem, ou do sono profundo. Sucintamente pode-se dizer que:

O sonho é uma experiência que possui significados distintos se for ampliado o debate envolvendo religião, ciência e cultura. Para a ciência, é uma experiência de imaginação do inconsciente durante nosso período de sono.. Para Freud, os sonhos noturnos são gerados, na busca pela realização de um desejo reprimido. Ver seu clássico livro a Interpretação dos sonhos.

Nas religiões o sonho está associado às revelações. A Oniromancia, que é previsão do futuro pela intepretação dos sonhos, tem grande credibilidade nas religiões judaico-cristã e no islamismo. Pode estar associado a previsões ou a catástrofes dos pesadelos.

Como se vê a questão do sono não tem a ver só com o travesseiro, o pijama ou a companhia.

## O DESENHO DAS PADRONAGENS

Movido por mera curiosidade de observação, enveredo por uma assunto aparentemente sem importância. Sobre os desenhos impressos nas nossas roupas.

Padronagem é o desenho ou padrão de cores e formas que se imprimem em um tecido, ou aquilo que faz parte da estrutura do tecido.

Ou ainda é o estudo e representação dos modos de entrelaçamento e desenhos de in-lay, tendo formas de representação de diferentes para cada tipo de tecimento.

É uma técnica milenar um tanto complicada, que usa vários termos técnicos, mas não comuns, como pontos, trama, urdidura, agulhas, carreteis, teares, tecelagem, cuja atividade é uma das mais antigas do mundo.

A padronagem é aplicada em diversos tecidos com vários tipos de desenhos, que têm abrangência praticamente universal.



As padronagens clássicas e atemporais incluem xadrez, listras, florais, animal print, geométricas, tie-dye e muitas outras.

O xadrez príncipe de Gales é uma padronagem clássica e atemporal, de origem escocesa.

A padronagem floral surgiu na Itália no século XIV e foi usada pela nobreza.

As listras foram usadas em pijamas e roupas de banho no Renascimento.

É difícil avaliar a quantidade do seu uso, mas o tecido liso, sem desenhos, parece ser a maioria deles.

Claro está que, os desenhos elaborados para as padronagens passam também pelos seus aspectos culturais, econômicos e por faixas etárias.

Na África, por exemplo, as padronagens são alegres e muito coloridas; no Reino Unido prevalecem os desenhos sóbrios, cinzas e pretos nos senhores e mais descontraído nos jovens; no Japão igualmente.

Há padronagens que alcançam um sucesso extraordinário no gosto popular, sendo usadas não só em peças do vestuário, como em outros complementos e acessórios.

Entre essas acho que a mais popular e imbatível é o padrão tigresa, onça ou leopardo, para o público feminino, usado em vestidos, saias, sapatos, mochilas, bolsas e todas outras peças que se pode imaginar. Deve haver uma razão psicológica embutida nessa escolha. Talvez seja uma identificação com se sentir poderosa, forte, ágil em enfrentar todos os medos.

Atribui-se ao estilista Christian Dior a proeza desta invenção em 1947, quando lançou a coleção África, com estas estampas animais, que se transformaram em ícones no mundo inteiro, como tendencia permanente.

Outro padrão nessa linha, de imitação dos animais, também bastante popular é que representa uma camuflagem, mais ao estilo militar. A rigor a estampa aplicada depende da situação e do local onde é aplicada, tais como no deserto, na floresta, na guerra, na neve e até na zona urbana.

Aqui a intenção é enganar o olhar, se tornar despercebido, se confundindo com o lugar. Aqui ambos os sexos se utilizam dessas padronagens, que se identificam como caçadores, praticando diversos tipos de esportes radicais.

A roupa camuflada surgiu na primeira guerra mundial, através do exército francês, que contratou pintores como Lucien-Victor Guirand de Scévola, para desenhar seus uniformes.

Outra padronagem mais prosaica e alegre, que também se tornou um sucesso em todo mundo, há vários tempos é a padronagem xadrez colorido, de nome tartan original dos celtas, que está associada à tradição, elegância, estilo e personalidade. Também à resistência e transgressão. Vários povos as utilizam como símbolo nacional de nobreza, como os escoceses e britânicos.

E eu que achei que o xadrez só era usado no meu uniforme da creche ou nas toalhas dos restaurantes italianos.

E o índigo blues? Não poderíamos ficar sem citar o Jeans que é uma padronagem lisa de algodão tingida com esse corante natural, destinada principalmente ao trabalho, mas disseminado para todos os usos.

Maio 2025

## O NOME PRÓPRIO E SEUS APELIDOS

Aqueles  que convivem comigo já devem ter reparado os vários apelidos ou heterônimos com que sou tratado.

Ora é Professor, Mestre, outra Chorão, às vezes do pandeiro, Caloi, similares, Edisinho, De Souza, Pa, até Pichinin, quando pequeno e por ai vai.  Considero isso muito bacana, pois são formas carinhosas ou afetivas de expressão, somente reservadas aos verdadeiros amigos, àqueles que você efetivamente cativou.

Nada que possa afetar a personalidade, ao contrário são adjetivos que vem complementá-la, agregando qualidades (ou defeitos) adquiridas ao longo da vida, que ajudam a sua caracterização e lembrança.

Não ligo nenhum pouco, pois também gosto de inventar apelidos para os amigos e pessoas queridas. Para mim é prova de afeição e que exercita o humor.

Passemos então a esclarecer os significados dos meus apelidos.

Pichinin – gostaria de começar por este, de origem italiana, de longa data quando me chamavam carinhosamente quando era pequeno, e já trabalhando nas oficinas de entalhação, por ser o mais pequeno da turma.

Professor é o título respeitoso que alguns me atribuem pela longa carreira acadêmica exercida, de mais de 35 anos como docente, tanto no ensino técnico, como superior em cursos de arquitetura de várias universidades brasileiras.

Terminei a carreira docente aos 70 anos de vida com o título de Mestre. Tem também a ver com meu esforço e rigor didático ao explicar as coisas, às vezes chato, mas que virou herança da atividade.

Aqui também valem suas corruptelas de Prof. ou Pro como os alunos atuais gostam de chamar, viciados que são no twiter e outras linguagens cibernéticas. Alguns chamavam de mestre às vezes no sentido jocoso ou malicioso.

Chorão é herança do Estadual da Penha, que grudou pelo fato de eu chorar nota para os professores. É preciso que se diga que o episódio que motivou o apelido se deu quando fui reclamar, com razão, que o professor havia se enganado na nota final de uma prova, ao não considerar na sua soma total, uma parcela referente a uma questão parcial. Não teve jeito. Foi um coro só. Chorão. Chorão. Chorão. Aí ficou.

Bom, do pandeiro é dos tempos da FAU quando fazíamos muito sampa nos porões do Grêmio, os famosos Sambafos, regados a muita cana pitu e cerveja; nas inúmeras festas (hoje baladas), nos bares e serenatas.

Eu segurava o pandeiro, o Manini o atabaque, o Chico (Buarque) cantando e arranhando o violão, o Valando, ex-grumete, também no violão.

Fora outros penetras e o enorme pessoal que participava cantando ou arranhando outros objetos percussivos. É preciso que se diga que sou considerado um bom pandeirista, o que não foi de graça.

Isso nos remete à infância, quando ganhei, do meu pai, um pandeiro de presente de Natal, comprado na loja do José Bustamante na Rua da Penha. Devia ter uns 10 anos. Depois disso, não parei mais.

Aprendi sozinho, com muito sacrifício. Azucrinava a vizinhança, num porão da minha casa no Cangaíba, botando o rádio em programas de samba, no último volume, tentando acompanhar o ritmo. No começo, segurando e girando o pandeiro com a mão direita e tocando com a esquerda, pois era mais fácil e doía menos.

O problema é treinar bastante para que os punhos se habituem. Com o tempo fui melhorando, resistindo mais, segurando e tocando da forma normal e natural.

A experiência foi tão interessante que cheguei a pensar em me profissionalizar como músico, ideia que foi pronta e energicamente repelida pela minha mãe, dizendo que era ocupação de vagabundo e que queria um filho estudado.

Mesmo assim cheguei a tocar profissionalmente várias vezes em muitos lugares, como bailes, em conjuntos ou até em orquestra. Na gloriosa época dos festivais da MPB cheguei a aparecer em programas de televisão, tocando pandeiro de smoking. Quem me viu achou uma graça. Isso tudo muito me orgulha e fica para uma próxima crônica.

Caloi era como meu querido, saudoso amigo e grande arquiteto Eurico (Prado Lopes) me chamava, fazendo, uma associação sonora com o nome de guerra Eloy e a bicicleta Caloi, famosa na época por ser dobrável. Porém, ele acrescentava que eu era o único Caloi não dobrável, pela luta política e profissional intransigente que travávamos contra a Ditadura reinante.

De Souza é como minha mulher me chamava, peremptoriamente, quando estava de lua, o que acontecia quase sempre. Também é como meu genro Denílson me chama.

Similares é o apelido que o Dente (Edgar) me deu depois de eu chamá-lo várias vezes de Dentifrício, fazendo alusão ao seu nome e aos seus característicos dentes superiores da frente.

Vem também do meu hábito de apelidar os amigos, buscando características, físicas ou não, que melhor descrevam e memorizam o personagem.

Pa, ao invés de Pai, é o tratamento que minhas filhas me dispensam, como todas dessa geração, viciada na informática, que se comunica muito, mas em código, de forma sincopada, no gerúndio,

comendo letras, economizando palavras, um verdadeiro atentado contra a língua.

Enfim cada qual com seu nome próprio e apelidos; nem sempre tão felizes quanto os personagens gostariam, mas convenhamos:

Há apelidos que são tão bacanas, adequados e pertinentes, que são melhores que os nomes próprios. Vocês não acham?

Julho 2011

## O PARASITA

Diz-se de um organismo que vive de e em outro organismo, dele obtendo alimento e não raro causando-lhe dano.

É também aquele indivíduo que vive à custa de terceiros; um aproveitador, vagabundo. O indivíduo parasita vive da ajuda e do dinheiro alheios.

Não gosto do parasita, desse tipo esperto, encostado, verdadeiro sanguessuga da energia e do esforço alheios.

Nem das plantas que se agarram às hospedeiras, sugando-lhes a seiva que a alimenta. São malandras egoístas, pois não chegam a retirar todos os nutrientes de quem a acolhe, para que não pereça, pois isso acarretaria também sua própria morte.

Há vários tipos de parasitas.

Há aqueles bastante nefastos que atingem o nosso corpo, como os vírus e bactérias, que costumam provocar doenças infecciosas e até a morte. Exemplos desse tipo de agressão são as lombrigas, piolhos, chatos, carrapatos, vermes que certamente precisam ser eliminados, pois causam vários danos à saúde.

Numa família ou num relacionamento sempre haverá aquele doador, preocupado em suprir as carências materiais e espirituais, que se entrega para o grupo ou para o parceiro, mesmo renunciando as suas necessidades e sonhos e aquele outro egoísta, que se acomoda, encosta o corpo, esperando que as coisas caiam do céu, gratuitamente como por encanto.

Porém, considero que o mais nefasto de todos, é o parasita social, entendido como aquele que não trabalha e que vive às custas de alguém, seja de uma pessoa, de uma organização ou do Estado.

Considerando que ainda somos criados para o mundo do trabalho na sua mais estrita acepção, seja artesanal, fabril, oriundo da revo-

lução industrial, que tem dificuldade de incorporar outras formas de atividades e serviços do mundo contemporânea globalizado.

Seriam os banqueiros, os especuladores financeiros, imobiliários, políticos e toda a sorte de exploradores, os mais nocivos parasitas, que se locupletam em viver às custas daqueles que produzem e os sustentam?

Principalmente os políticos que ocupam cargos públicos, que passam a roubar o dinheiro dos contribuintes em benefício próprio, dos seus familiares e amigos.

Essa é uma discussão mais ampla do que aquela relativa ao parasitismo individual.

A lógica que está atrás daquele raciocínio marxista é a de que todas as pessoas devem viver às custas dos frutos de seu trabalho, pois supõe-se que ele é um direito inalienável de todas as pessoas, para poderem produzir, ganhar um salário ou renda dignas, cujo resultado podem comprar bens e serviços de que necessitam para sustentar a si e às suas famílias, fazendo girar a economia.

Claro que na sociedade contemporânea globalizada de hoje o conceito de trabalho foi ampliado, para incluir atividades e serviços criados a partir de uma terceira onda, em todas as suas formas, direções e desdobramentos.

Além de incluir também todos os tipos de outros trabalhadores ou atividades consideradas não utilitárias, como as artísticas ou culturais, necessárias para nos manter civilizados e humanos.

O problema surge quando não é garantido, pelo ´establishement´ esse direito fundamental de acesso às oportunidades de trabalho ou de ocupação para todos, que acaba jogando milhares de pessoas na marginalidade ou na clandestinidade e indigência.

Essa situação impede aos indivíduos, o exercício de suas habilidades naturais ou adquiridas, enquanto direitos sociais mínimos,

para uma sobrevivência digna e a possibilidade de usufruir de sua condição humana e de cidadania de forma plena.

Impedir que grande parte da população se insira no mundo do trabalho e da ocupação socialmente justificável, é condená-la à indigência, à perda da autoestima, à exclusão, a atingir os limites mínimos da dignidade humana.

Claro que essa iníqua situação os impede de ter acesso aos outros direitos básicos como a educação, à saúde, a cultura, ao lazer, etc. fundamentais para a uma existência digna.

É importante lembrar que esses considerados parasitas pela sociedade, em sua situação de vulnerabilidade, são na verdade o resultado das injustiças sociais e outras mazelas estruturais não resolvidas.

Nesses casos não se pode falar em parasitismo, mas sim em decisões políticas equivocadas que levam a sua condenação inevitável.

Outubro 2020

## O PRAZER DA RUA

Na privação é que damos valor ao que tínhamos e perdemos. Seja a saúde, a família, o trabalho, a liberdade, os amigos, a mobilidade, a companhia e tantas outras.

Nesse duro momento de privação de liberdade, confinados em casa por conta do corona vírus, é que sentimos falta de irmos pra rua, para nos abastecermos, para ir à farmácia, à padaria, à feira, passear, ir aos bares e restaurantes, aos eventos culturais, cinema, teatro e tudo o mais que nos mantém vivos e saudáveis.

Quando pequenos a alegria era viver na rua jogando bola, empinando papagaios, jogando pica, pisando na poça d'agua, descendo a ladeira em patinetes ou carrinhos de rolimã, brincando de amarelinha, de piques etc.

Felizes os tempos, que as pessoas colocavam suas cadeiras na calçada da rua, para conversaram, brincarem, dançarem e saírem das suas casas, nem sempre salubres ou confortáveis. Não havia tantos automóveis, nem e outros poluentes e complicadores da vida contemporânea.



Sou rueiro por natureza e criação. Minha mãe nos levava a passear sempre que podia; até depois de velha visitava regularmente as netas e chegou a viajar de kombi até a cidade de Natal.

A rua representa a liberdade de circular, de ver e interagir com as pessoas, de descortinar a paisagem, usufruir dos parques, de sentir o cheiro e som da cidade, de ver o céu, os edifícios, de tomar um café ao ar livre, prazeres insubstituíveis, quando privados em confinamento.

No traçado das cidades a rua é o espaço público por excelência, onde se exerce a cidadania, onde as multidões se reúnem para celebrar seus momentos cívicos, festivos, funerais, de congraçamento e todos os atos coletivos representativos.

A rua vazia é um pesadelo, um contrassenso, uma anomalia. É um céu sem estrelas, um rio sem água e barcos.

Temos o privilégio de possuirmos uma casa, um refúgio, que nos abriga quando precisamos e que é tão bom quando retornamos de uma jornada de trabalho ou mesmo de lazer.

Quando você caminha pelas ruas da sua cidade você desfruta dos seus pontos conhecidos, descobre novos, dos amigos que cruza, da árvore que dá flores da estação, do mar que está tranquilo, da brisa, do céu de brigadeiro, das pessoas que levam seus cães a passearem e inúmeras outras sensações de bem-estar.

Agora imaginem a ansiedade e o deslumbramento que é sair às ruas de uma cidade desconhecida, que você foi a passeio. Cada canto é uma novidade. Não só os pontos turísticos. As pessoas parecem diferentes. As roupas, os costumes, a língua, a comida.

Tive esse prazer percorrendo várias cidades do Brasil e do mundo, flanando ou em encontros profissionais. Sem querer esnobar percorri as maravilhosas cidades de Paris, Londres, Praga, México, Atenas, Lisboa, Praga, Istambul, Tóquio, Pequim, Bogotá, Buenos Aires e tantas outras, em diversas ocasiões e circunstâncias, que me enrique-

cerem enormemente. Lembro de inúmeras caminhadas, alegres ou roubadas que estão registradas na Parte 3 destas memórias.

Sinto muita falta da rua, mas sei que sou grupo de risco, pela idade e doenças crônicas. Portanto me recolho. Oxalá o retorno seja breve, antes que fique louco.

Abril 2020

## O QUE É, E O QUE NÃO É

Gosto dessa dicotomia entre conceitos opostos, de aparente paradoxo, pois eles nos permitem estabelecer paralelos e comparações que facilitam a compreensão de muitas coisas.

Há coisas que não suscitam dúvidas do que sejam, por sua forma ou característica marcante, tais como: ele é anão, ela é africana, isto é um ônibus, esta fruta é uma goiaba, ele está ao piano.

Porém há objetos ou coisas onde essa certeza não pode ser estabelecida de antemão.

Por isso, às vezes é mais fácil dizer o que não é, do que o que é. Sua caracterização será definida pela sua negativa ou antítese. Parece jogo de palavras, mas não é. Costuma funcionar bem.

Para definir alguma coisa ou propriedade, às vezes costuma-se apelar para a negativa ou pelas suas caraterísticas para termos uma noção do como sejam, mais do que a busca pela sua definição precisa. Isso ocorre onde não há tanta certeza do que é.

Em Geometria ponto, reta e plano não são definidos, mas são a base de toda a Geometria Euclidiana. São objetos compreendidos pelas suas características formais.

No universo pictórico é muito difícil caracterizar com precisão um tom de uma determinada cor; temos sempre que adicionar um complemento. Falamos que o magenta puxa para o vermelho escuro, que o azul tende para o cobalto e assim por diante.

No mundo das formas arquitetônicas há aquelas velhas conhecidas derivadas da geometria euclidiana, como o cubo, a esfera, o cone etc., há aquelas mais complicadas como os fractais, que são formas não euclidianas, que são difíceis de absorver, e há ainda aquelas contemporâneas derivadas dos programas de computador, que dificilmente podem ser definidas à luz dos tradicionais conceitos geométricos.

Isso vale também para o quero, não quero; isto é não sei o que quero, mas sei o que não quero. Outra vez palavras que parecem versos musicais.

Não sei se vou ou se fico.

Janeiro 2020

## O SUMIÇO DO DINHEIRO

O dinheiro é o meio usado na troca de bens , serviços , força de trabalho, divisas estrangeiras ou nas demais transações financeiras. Tem a forma de moedas ou notas, sendo emitido e controlado pelo governo de cada país, que é o único que tem essa atribuição oficial. É também uma unidade contábil.

Nem sempre foi assim. No Início era o escambo, a troca de mercadorias, objetos e animais. Já foram utilizadas conchas, o sal e até hoje os lastros em ouro e prata das grandes fortunas.

Na sociedade ocidental moderna o dinheiro é essencialmente um símbolo,  uma abstração, mas que representa o poder, pelo qual se mata e se morre.

Em junho a quantidade de dinheiro físico circulando no Brasil era de R$ 270,9 bilhões de reais, segundo o Banco Central, com o aumento de 29% devido a pandemia da covid 19.

Sabe-se, inclusive, que o custo da impressão e cunhagem do dinheiro podem superar seu valor de face. Que beleza de prejuízo!

Onde estará essa dinheirama? Com o governo? Nos Bancos dos Safras, Moreira Salles, Itaú? Com o agronegócio? Na conta da Michelle? Da Mariza? Nas malas do Geddel? Nas cuecas de alguns políticos? No Cofre do Tio Patinhas? Com os pastores das igrejas evangélicas? Acho que está com todos eles.

Em várias transações politicas, criminosas a norma policial é de seguir o dinheiro para obter as informações necessárias à condenação.

O fato é que pouca gente vê a cor desse dinheiro: seja a verde da nota de 100 reais, de 50 meio amarronzada e de 20 reais mais avermelhada; sem falar na nova de 200 reais com predominância cinza, que eu ainda não vi.

Quanto da população brasileira ainda hoje usa o dinheiro em espécie? Antes da pandemia era estimada em 70%, concentrada nas classes C e D, que não tem acesso bancário e meios digitais para as transações financeiras. São os empregados, autônomos, informais.

A distribuição do auxílio emergencial mostrou que 43 milhões de brasileiros não possuíam conta bancária, segundo dados da CEF.

Vale lembrar também que quem usa dinheiro vivo, na parte de cima da sociedade, são os sonegadores, alguns políticos, atravessadores e criminosos financeiros de toda espécie.

Até hoje muitos segmentos econômicos importantes fazem questão de pagar e receber serviços e transações financeiras em dinheiro vivo, como acontece nos empresários do transporte coletivo, em alguns frigoríficos, nas igrejas evangélicas etc.

A classe média, que me incluo, já há muito tempo usa de meios digitais para suas transações financeiras, graças as facilidades que a tecnologia da informática veio oferecer. O dinheiro de plástico, através dos cartões de crédito e débito vieram substituir o vil metal. Com isso, o contato com o dinheiro físico vai sendo eliminado gradualmente.

Vou ilustrar comigo. Desde o começo da pandemia, de março até agora não saquei dinheiro no caixa eletrônico nenhuma vez; paguei todas as compras de supermercado, farmácia, restaurantes etc. com cartão de débito ou crédito ou diretamente pelo sistema delivery. Isso nunca havia acontecido.

Como o dinheiro não dá cria, ou em árvores, vivo de uma reserva que consegui acumular durante toda a vida com trabalho e poupança, além de uma aposentadoria que não fecha a conta. Sempre falta.

Aliás, diga-se de passagem, que demorei para me habituar a esse uso do dinheiro que não parece dinheiro, mas sim uma promessa de

pagamento, como o cheque, notas promissórias, duplicadas (todas em desuso).

Era feliz de menino, quando juntava as moedas num cofrinho para comprar bala-futebol, picolé na porta da escola, ou alugar 15 minutos de uma bicicleta meia boca, na locadora.

Vou contar dois casos reveladores da desconfiança que eu tinha, e que muita gente ainda tem, nesses meios artificiais de pagamento. Parece que você não está recebendo o que é devido. É herança da dureza que é conseguir ganhar o pão de cada dia e o medo de tomar calote.

Acho que muita gente teve seus casos e experimentou essa sensação.

O Primeiro foi quando fui receber o pagamento por um serviço e o contratante foi me pagar com cheque; qual não foi meu espanto, pois nunca havia recebido um e não sabia o que fazer. Coisa da caipira. Claro que não tinha conta em banco. Foi um custo me convencer que era uma forma segura de pagamento. Só fui sossegar depois de descontado o cheque.

Outro episódio interessante foi também quando fui receber outro serviço de um determinado frigorifico, onde o contratante tinha uma caixa de papelão sob sua mesa, cheia de notas de dinheiro, que esparramou na mesma, contou-as e me pagou o que era devido.

Esse sistema também aconteceu em Manaus onde o diretor de trânsito também usava esse método. Acho que ainda é muito usado pelo Brasil profundo ou nem tanto.

Quantas estórias o dinheiro rende; principalmente a falta dele.

## O DINHEIRO NO FUTURO

Creio que com o tempo o dinheiro físico, representado pelo papel moeda se tornará obsoleto e será substituído por novos sistemas,

como criptomoedas do tipo Bitcoin? Há países desenvolvidos que já estão fazendo isso, facilitados pela tecnologia.

Nesse caso tomara que a vida seja facilitada e a corrupção seja minorada.

Setembro 2020

## ODE À VIDA (à moda haicai)

Não se acomode nunca

Crie
Ilusões
Sonhos
Projetos

Aproveite as oportunidades
Quebre as rotinas
Faça mudanças

Transforme-os em

Fatos
Atitudes
Ações
Viagens

Mexa-se sempre

Física e
mentalmente

Antes que seja tarde

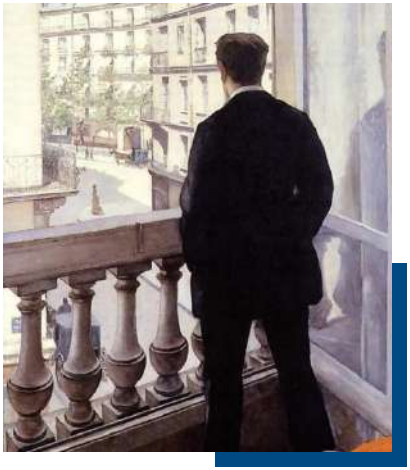
## OLHAR PELA JANELA

O olhar pela janela em primeiro lugar é movido pela curiosidade de observar o que está acontecendo pelo lado de fora do nosso ambiente interno.

Por este ato podemos observar a natureza, as pessoas, os carros, o tempo e outros objetos e elementos que fazem parte da paisagem ao redor.

Olhar pela janela também pode ser uma forma de se conectar simbolicamente com o mundo e com a própria mente, permitindo reflexões e introspecção,

A experiência de olhar pela janela pode gerar diversas sensações e percepções, desde a apreciação da paisagem até a busca por um significado na vida.



Esse hábito existe desde a invenção da própria janela, há muito tempo, quando surgiu para iluminar e ventilar os ambientes construídos.

Ele está muito ligado às circunstâncias que se encontra o observador, seja em condição livre e espontânea, por puro prazer ou presa a uma situação obrigatória desconfortável ou de insegurança, como numa cama hospitalar ou numa prisão.

Mesmo estando numa situação de confinamento como no caso de um avião, convenhamos que é bastante prazeroso olhar pela janela e ver as nuvens e as paisagens urbanas, com suas ruas, casinhas e a iluminação noturna, quando nos aproximamos do pouso.

A personagem Vitória, do filme homônimo estrelado pela Fernanda Montenegro, filma da sua janela, cenas de violência numa favela carioca e consegue, sob duras condições de perigo, levar os criminosos para a cadeia, depois de sucessivas denúncias.

Esse hábito serve também para fornecer farto material para as fofoqueiras de plantão, nas infinitas conversas e mexericos com suas amigas, sobre a vida alheia.

Quantas vezes estamos entediados em casa e procurando uma distração, nos aproximamos da janela para olhar em volta simplesmente para espairecer a vista e a cabeça; numa outra situação incômoda, quando estamos hospitalizados e damos graças a Deus quando podemos olhar para fora e aliviar o sofrimento; outra ainda quando desgraçadamente estamos cumprindo pena e nos é dada a rara oportunidade de vermos o céu através das grades.

Na nossa época colonial as casas tinham na parte interna das janelas, protegidas pelos muxarabis, bancos chamados de conversadeiras, que serviam para que as senhorinhas olhassem o movimento de fora sem perderem a privacidade e o recato.

Também os sobrados residenciais de toda a América latina, por herança espanhola, bem como os riads árabes, também são pro-

tegidos pelas treliças de madeira, para garantir a privacidade, enquanto se olha para a rua.

Tive uma experiência desse tipo, quando fiquei hospitalizado durante 1 mês e só conseguia ver uma igreja famosa à distância.

Como já dissemos nem sempre se olha pela janela para ver o que acontece lá fora; há vezes que você olha, mas não vê nada, pois você está distante, num estado de devaneio, nas nuvens, num estado mental que você se afasta da realidade, como se buscasse o Éden, criando sonhos e fantasias que te levam a outras dimensões.

Nesse caso são vividas experiências que podem te enriquecer a imaginação e a sensibilidade de modo a trazer uma paz de espirito e tranquilidade ou eventualmente aumentar seu estado de ansiedade ou de agitação.

Quando uma pessoa vive só, numa casa ou num apartamento, este exercício de olhar pela janela é de fundamental importância para sair do isolamento, da solidão, do desequilíbrio, mesmo que só visual por um momento.

Como se vê, o olhar pela janela serve para muita coisa, que nem sempre nos damos conta.

Maio 2025

## OS PERCALÇOS

O mesmo que: empecilhos, encalhes, atravancos, contrariedades, contratempos, dificuldades, embaraços.

Na caminhada da vida, nada é liso, reto ou desobstruído, seja no sentido físico quanto psíquico. Quantos percalços, tropeços, desvios, obstáculos e intempéries surgem nesse longo trajeto.

Serão eles os responsáveis por moldar nosso modo de ser, ao testar nossas resistências, definir nossas escolhas, nossa coragem e resiliência?

Desde a corrida do espermatozoide em busca do óvulo para a fecundação, enfrentamos uma maratona de obstáculos que devem ser transpostos para garantir nossa sobrevivência.

Após a tranquilidade da vida uterina vem o deslumbramento e a surpresa da luz da vida exterior, mas não sem antes ter direito a tapa e choro.

Na infância, mesmo protegido pelos pais, já começa a longa corrida de obstáculos do crescimento, dos deveres escolares no jardim de infância, no primário, depois colegial, do ensino universitário para quem tem sorte e recursos, e sede de conhecimento que não vai parar nunca.

O esforço da bagagem acumulada cobra um alto preço pelos machucados e reveses do caminho.

Na adolescência, fase das descobertas e transformações do corpo e da mente vem as dificuldades, pela ignorância sobre assuntos ligados a falta de conhecimento geral e da anatomia com curiosidade do próprio corpo e do mundo adulto que se avizinha.

Na maturidade vem a necessidade de vencer na vida no aspecto profissional e material, construir um patrimônio, criar família, matar

um leão por dia. Isso nos leva ao confronto de inúmeros contratempos, para nos manter vivos, produtivos e ter sucesso.

Cumprir toda a sorte de compromissos profissionais e sociais, desafiadores e cheios de surpresas, sempre a nos botar a prova. Quantas quedas, acidentes e desvios são necessários para atravessamos as intempéries dessa fase.

Porém, nunca desistindo. Sempre insistindo. Sempre em ação.

Particularmente exercendo meu ofício de arquiteto ao projetar edificações e urbanizações, durante um longo tempo, transmitindo conhecimento quando abracei a docência e a pesquisa, além da participação necessária nos trabalhos nas entidades de classe, dá para imaginar as dificuldades inerentes a essas diversas atividades.

Tudo isso como forma de retribuir socialmente o investimento que fui beneficiado pelo ensino público e a educação familiar.

Os vários obstáculos condicionaram minha trajetória ao criar as resistências necessárias para atravessar toda essa difícil e longa jornada, com coragem, determinação e satisfação.

Ao final, na velhice, vem a busca ou retorno de uma vida simples, de desapego material, da tentativa de superação das perdas familiares e dos amigos queridos, para se manter suficientemente saudável, lúcido, apesar de marginalizado da chamada vida útil e produtiva e mergulhado numa maratona  de médicos, convênios de saúde, medicamentos e lembranças.

Felizmente usufruindo ainda de alguma liberdade e independência para algumas atividades culturais e de lazer, mas dentro das limitações da idade, enfrentando os últimos obstáculos, até chegar naquele que será intransponível e final.

outubro 2020

## PALAVRAS SONORAS OU ONOMATOPEIAS

São palavras ou expressões que imitam ou sugerem sons, sejam de objetos, animais, ações, pessoas ou fenômenos naturais.

Elas podem tornar a linguagem mais viva e expressiva ao incorporar uma certa musicalidade que a aproxima mais da realidade das coisas.

Elas podem se tornar um forte recurso criativo para expressar emoções, reações ou situações de forma mais rápida e visual. Ela funciona até em expressões estrangeiras.

Mesmo parecendo uma cultura inútil, julgo um conhecimento divertido e interessante. ´São muito usadas nas histórias em quadrinhos.

Os exemplos dessas palavras são frequentes no nosso cotidiano. Quer ver?

*De animais*

Au-au – para descrever o latido dos cachorros

Miau – para citar o miado dos gatos

Zun-zum para o barulho dos insetos

Cocorococó – o cantar do galo

Muu – o som das vacas

*De objetos*

Tic-tac – para o som dos relógios

Dim-dom – som de campainha

Bii-bii – buzina de automóvel

*Em Ações*

Atchim – som de espirro

Ah ah ah – som de riso. Muito usado na internet

Cof cof – para expressar a tosse

Thibum – mergulho na água

Up – pra cima (em inglês)

Buáa - choro

*Outros*

Vrum-vrum – som de veículos motores

Bang-bang – som de tiroteio

Snif-snif – som de fungadas

Splach – algo caindo na água

Plaft – imitando um tapa

Clap-clap – batendo palmas

Fiu-fiu – apreciando algo bonito, seguido ou não de um assobio

Arght – nojo

Brrr – sensação de frio

Glub-glub – liquido sendo bebido

Gruu – grunhindo

Hã? – manifestando surpresa

Ic - soluço

Boom – bomba

On – Sobre ou ligar

Off - desligar

Tem até pegadinhas como *push* em inglês que não quer dizer *puxe*, mas sim *empurre*, sendo uma onomatopeia ao contrário. Ah, ah, ah.

Ago/2025

## PARES IMPERFEITOS

Sugestão: Acompanhe a leitura calmamente imaginando as cenas e situações.

Um cidadão fora da cidade ...é como...
Um marinheiro sem mar,
Um índio sem floresta,
Um pescador sem rio,
Um homem sem uma mulher,
Um leitor sem livro,
Um ator sem teatro,
Um cozinheiro sem cozinha,
Um cachorro sem dono,
Uma eira sem beira,
Um arroz sem feijão,
Um copo vazio
Uma goiabada sem queijo minas,
Um artista sem plateia,
Um professor sem alunos,
Uma criança sem brinquedo,
Um filho longe dos pais
Um trem fora dos trilhos,
Um caminhante que não chega ao seu destino
Um avião no chão,
Um gado sem pasto,
Uma flor sem jardim
Uma lagarta que não vira borboleta

A parasita sem hospedeiro
Um pássaro sem asas,
Um condor fora do céu da Cordilheira
Um país sem rumo,
Uma forma sem conteúdo
Uma piscina sem água
Uma pessoa com fome
Uma escola de samba sem bateria
Um pierrô sem colombina
Um amor não correspondido
A esperança sem fé
Um corpo sem alma
A Moral sem ética

MORAL DA HISTÓRIA

Sem seus respectivos pares, todos ficamos completamente perdidos ou sem sentido.

## QUANDO A VIDA SE ESVAI

É quando se dá o último suspiro, acaba o oxigênio, o coração para, os neurônios apagam, as células não se regeneram mais, ou ficam malignas, quando a libido já foi, o desinteresse se estabelece.

Quando os parentes e amigos próximos vão indo embora, parece que, pela ordem natural da vida, vai chegando nossa hora. É preciso muita coragem para encarar essa realidade, principalmente para quem ama a vida, como eu.

A cada nova notícia de perda, que nos afeta, vai aumentando a agonia e a sensação de vazio e de deslocamento da vida atual. Vai parecendo que não temos mais espaço, razão ou com quem se relacionar.

Vão-se os amigos, as referências, as atividades profissionais, os pontos de encontros, os diversos interesses cultivados, que não conseguem ser substituídos por outros novos.



Dente de leão ao vento

Já há algum tempo tenho perdido muitas pessoas queridas, de círculo familiar, como mãe, pai, avós, mulher e filhas ou parentes como tios, primos, cunhadas, cunhado ou ainda amigos de convívio próximos que fazem muita falta.

Nos últimos tempos também tenho perdido muitos outros deles, contemporâneos, ligados ao mundo profissional, acadêmico ou das artes e ciência, que nos entristeceram.

A sensação de solidão é muito dolorida e incomoda demais. A saudade incomoda. Os amigos restantes estão distantes.

Parafraseando Paulo Vanzolini: O que eu ainda estou fazendo aqui, longe dos amigos e da família?

Como se já tivesse se preparando vai-se procurando se desapegar, com o tempo, de tantas coisas materiais e lembranças que nos remetem ao passado, procurando preservá-lo ou apagá-lo.

Mesmo assim a minha  vida segue presente, com a outra filha que sobrou e os 5 netos queridos, que atenuam as perdas, mas obrigando-nos a descobrir novos interesses, novas atividades e ocupações, a alimentar novas emoções e sentimentos, procurando manter a saúde, física e mental, a curiosidade e algumas atividades prazerosas.

Após renunciar a espaços generosos para uma pessoa só, a uma vasta biblioteca profissional e literária, além de tentar administrar as inúmeras frustrações políticas e sociais, vivendo sem mágoa ou culpa, enquanto o cerco não se fecha e a luz se apaga completamente, quando iremos nus como chegamos.

E “quando eu for, eu vou sem pena / pena vai ter quem fica” repetindo Paulo Vanzolini

Aviso: Apesar do tom negativo e nostálgico, me sinto sereno e saudável, com raros momentos de depressão.

Setembro 2021

## PORQUE ME UFANO X PORQUE NÃO ME UFANO DO MEU PAÍS / 1

A propósito do clima político nacional e dos últimos acontecimentos entre nós.

Perdoem a extensão do texto, mas acho que o assunto se justifica.

*"Ufanar-se" significa sentir ou expressar grande orgulho, satisfação ou vaidade, especialmente em relação a si mesmo, a algo que lhe pertence ou à sua origem. É um termo que pode ser usado para descrever a ação de vangloriar-se, gabar-se ou exibir orgulho excessivo.*

Você, como eu, ainda se emociona quando vê nossa bandeira subir no mais alto do pódio, ou ouvindo o hino nacional, numa cerimônia? Quando assiste ao belo discurso do presidente Lula na ONU? Quando participa de manifestações em defesa da Democracia, de justiça e das liberdades fundamentais?

Sim, claro,  mas, fica possesso quando vê barbaridades acontecendo no clima político nacional com aprovações legislativas absurdas e prejudiciais, que contrariam o interesse coletivo ao invés de projetos que beneficiariam a maioria da população.

Quando não recebe a contrapartida em serviços públicos básicos necessários, em educação, saúde, transporte e segurança, correspondentes ao seu esforço e impostos e tributos pagos, pela má gestão, corrupção etc.

Apesar de reconhecer a atuação corajosa recente do STF em condenar os golpistas da nossa tênue Democracia, nos últimos tempos.

Vamos fazer um retrospecto histórico sobre o sentimento de ufanar-se, mesmo que longo.

O sentimento de ufanismo, que é um nacionalismo exagerado em relação ao próprio país, foi expresso no título do livro do Conde Afonso Celso, em 1901, "*Porque me ufano do meu país"*, que surgiu para celebrar os 400 anos do nosso descobrimento, num momento de profundo amor e admiração pelas qualidades e potencialidades do Brasil.

Quando Afonso Celso o publicou, o Brasil vivia os primeiros anos da República, instaurada em 1889 por um golpe contra a monarquia. O clima político era marcado por instabilidade, autoritarismo e forte influência das oligarquias regionais, especialmente de São Paulo e Minas Gerais, no chamado sistema de "política dos governadores"

O autor destaca no livro a riqueza natural, a diversidade cultural, a beleza da paisagem e a força do povo brasileiro como motivos para essa exaltação patriótica.

Os motivos para aquele ufanismo eram a *grandiosidade territorial, a riqueza e beleza natural, a diversidade cultural, as potencialidades, o orgulho do povo e a reação ao pessimismo estrangeiro*.

O livro "*Porque me ufano do meu país*" é, portanto, um manifesto de amor e esperança pelo Brasil, buscando valorizar suas qualidades e inspirar um sentimento de orgulho nacional. Era um ufanismo cordial, romântico e até de certa forma ingênuo e que funcionou como *um verdadeiro mito fundador* da nossa brasilidade.

Ele teve uma força alavancadora no humor, autoestima e orgulho nacionais naquele momento, sendo adotado na rede escolar como uma cartilha positiva em relação ao futuro do país.

Sem demérito pela sua importância, vamos nos debruçar na evolução do quadro social e político do país, mesmo que resumido, para melhor verificar o estado resultante daqueles motivos de ufanismo,

ajudado por perguntas à IA, em relação às elites políticas que nos comandaram, durante esses longos 125 anos.

Acho que esse cotejo pode ser útil para compreendermos melhor os momentos atuais que vivemos.

**Linha do Tempo – O Ufanismo e as Elites Políticas (1901–2025)**

### 1901 – República Velha (oligarquias do café-com-leite)

- Afonso Celso publica *Porque me ufano do meu país*.
- O livro ecoava os interesses da elite agrária: um Brasil rico por natureza, estável e "destinado à grandeza" — discurso útil para legitimar a ordem oligárquica.
- A realidade, porém, era de miséria popular, analfabetismo e exclusão política.

### 1930–1945 – Era Vargas

- Getúlio Vargas promove o **nacionalismo desenvolvimentista**: Estado forte, industrialização, identidade cultural. Participação na 2ªGuerra Mundial
- O tom ufanista é ressignificado: não só natureza, mas também povo e trabalho se tornam símbolos da grandeza brasileira.
- A elite política e intelectual aproxima-se de um ufanismo mais "social" (samba, futebol, trabalhismo).

### 1950–1960 – Juscelino Kubitschek e o "Brasil potência"

- JK retoma a ideia de "destino grandioso": Brasília, indústria automobilística, slogan "50 anos em 5".
- O ufanismo de Afonso Celso ganha roupagem moderna: otimismo tecnológico e integração nacional.

- Elites políticas e econômicas investem na ideia do Brasil como potência emergente.

### 1964–1985 – Ditadura Militar

- O regime militar usa o **ufanismo como propaganda de Estado**:
- Slogans como “Brasil, ame-o ou deixe-o” e “Ninguém segura este país”.
- A conquista da Copa de 1970 é explorada como prova da grandeza nacional.
- Elites militares e empresariais recuperam diretamente a lógica de Afonso Celso: natureza + território + grandeza inevitável.
- Mas escondem desigualdades, repressão e concentração de renda.

### 1985–2000 – Redemocratização

- As elites políticas abandonam o ufanismo ingênuo.
- Discursos passam a enfatizar democracia, cidadania e justiça social.
- Intelectuais e artistas desmontam o mito do Brasil “cordial e pacífico” de Sergio Buarque de Holanda, mostrando racismo, pobreza e autoritarismo histórico.
- O ufanismo sobrevive em doses menores, sobretudo em celebrações esportivas e culturais.

### 2000–2016 – Governos Lula e Dilma

- O Brasil projeta-se no mundo como potência emergente (BRICS, Copa 2014, Olimpíada 2016).
- O discurso oficial recupera o **orgulho nacional**, mas com ênfase em inclusão social e redução da pobreza.

- As elites políticas tentam combinar ufanismo econômico (crescimento, pré-sal) com justiça social.

### 2016–2022 – Crise política e governos Temer/Bolsonaro

- O ufanismo entra em crise: polarização política mina a noção de destino coletivo.
- Bolsonaro recupera slogans nacionalistas ("Brasil acima de tudo, Deus acima de todos"), mas num tom mais ideológico e bélico do que no ufanismo "cordial" de Afonso Celso.
- A elite política divide-se: parte aposta no nacionalismo, parte na crítica globalizante.

### 2023–2025 – Governo Lula III

- O ufanismo sobrevive apenas em fragmentos:
- Orgulho ambiental (Amazônia como ativo global).
- Orgulho cultural (diversidade, música, esportes).
- As elites políticas tentam reposicionar o Brasil como liderança climática e potência agroambiental, mas já sem o tom ingênuo de 1901.
- O discurso é menos "ufanista" e mais **estratégico**: o Brasil como ator global que precisa equilibrar preservação e desenvolvimento.

Continua...

## PORQUE ME UFANO X PORQUE NÃO ME UFANO DO MEU PAÍS / 2

Recapitulando o quadro político e social a partir do livro Porque me ufano do meu país, no período de 1901/2025, resumidamente.

O **ufanismo de Afonso Celso (1901)** serviu como **mito fundador** para as elites: Brasil rico, abençoado, destinado à grandeza.

Cada elite reinterpretou esse mito conforme seus interesses:

**Oligarquia** → ordem natural e riqueza garantida.

**Vargas e JK** → modernização e integração nacional.

**Ditadura militar** → propaganda autoritária e de unidade.

**Redemocratização** → crítica e reformulação.

**Século XXI** → orgulho ambiental, cultural e esportivo, mas com consciência crítica das contradições.

É impressionante como a IA nos detalha com fidelidade, a evolução e o ocaso daqueles ideais ufanistas ao longo desse período histórico.

Como se vê o ufanismo sempre foi apropriado pelas elites dirigentes do país, como instrumentos de prestidigitação e procrastinação, na forma que melhor lhes convinha.

Passou daquele ufanismo ingênuo e romântico para um ufanismo predador e nefasto para os interesses sociais e a solução das mazelas estruturais desde a colônia.

Daqueles nobres princípios de *grandiosidade territorial, de riqueza natural, de diversidade cultural, das potencialidades, do orgulho do povo e da reação ao pessimismo estrangeiro, descritos no livro*, vamos ver o que aconteceu, de forma bastante resumida.

**A grandeza territorial** ficou na mesma externamente, pois não tivemos guerras ou conflitos de fronteiras; mas a riqueza natural

interna foi bastante modificada com sérias feridas, como incêndios, ocupações irregulares e a grande expansão do agronegócio, que triplicou sua área ocupada, o fogo ocupou um quarto do território e as invasões ilegais principalmente na Amazonia.

Há também que se considerar a evolução da ocupação de núcleos urbanos no período. Podemos considerar que foi cumprida parcialmente com a exploração dos recursos minerais, do pré-sal e da exploração da terra pelo agro. Muitos conflitos internos, frutos das desigualdades regionais que se intensificaram.

**A diversidade cultural e étnica** se manteve e até aumentou com novas migrações externas e internas, o reconhecimento das nossas origens africanas, que acabou com a tese do embranquecimento e o reconhecimento dos indígenas. Resultado o país se declara majoritariamente como pretos ou partos (55%), enquanto os brancos são em torno de 45%. Isso alterou significativamente nosso comportamento cultural e o mito da democracia racial ficou só no discurso.

Com relação **às potencialidades** o país chegou a realizar muitas delas, mas de forma parcial: construiu um parque industrial, a economia se tornou a 8ª no mundo, mas depende do agronegócio e exportação de comodities; ampliou o ensino universitário, mas ainda convive com muito analfabetismo e a falta de qualidade no ensino; consolidou a Embraer e Embrapa, houve redução na pobreza, expansão na saúde pública com o SUS.

Mas não conseguiu resolver a carência de habitações populares, convivendo com habitações precárias, palafitas e favelas, nem tampouco universalizou o atendimento à água potável e falta atender metade da população em esgoto sanitário e lixo urbano, com o paradoxo de praticamente todos têm um celular.

Teve uma certa interação internacional através de blocos comerciais, mas com pouco protagonismo nesta selva que é o mercado internacional.

Convivemos ainda com um desemprego alto, mas em declínio e a precarização do trabalho.

**O orgulho do povo** foi canalizado para as competições esportivas, principalmente o futebol, que virou uma grande atividade comercial, com a febre de apostas, outra mania nacional.

Com a globalização adotou costumes, roupas, objetos, comida e até nas artes e na cultura estrangeiras em detrimento das nacionais. Que também se contenta em propagar fake-News nas mídias sociais.

Podemos dizer que se houve avanços, muitas questões estruturais importantes ainda permaneceram, como a desigualdade social, a falta da habitação, da falta de saneamento básico, da falta de segurança, da baixa qualidade do ensino e pesquisa, da baixa qualidade urbana, que abalam nosso sentimento nacional genuíno.

Assim que, com todas essas questões colocadas fica difícil a adoção, **sem reservas ou críticas** em relação à premissa inicial de ufanar-se pelo nosso país, como gostaríamos. Que vocês acham?

Talvez ainda falte uma ideia forte, um novo projeto nacional ou um verdadeiro estadista, que consiga unir e motivar o país, numa grande campanha nacional, suprapartidária, que consiga enfrentar e resolver os problemas sociais pendentes, diminuir as desigualdades e eliminar a polarização, melhorando o quadro político de forma democrática.

Lembremos que já tivemos memoráveis campanhas nacionais nesse sentido como a do Petróleo é nosso em 1940-50 com a criação da Petrobrás, pela Anistia aos presos políticos, em 1970, das Diretas-já de 1983, do Fora Collor em 1992,do Aumento das tarifas de ônibus em 2013.

Bem como já tivemos alguns estadistas como Dom Pedro II, José Bonifácio, Joaquim Nabuco, Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek e outros, ao longo da nossa história, que forjaram nossos destinos e atuaram decisivamente para a transformação do nosso país.

Bem como ainda, intelectuais e lideranças como o Barão de Mauá, Ruy Barbosa, Sobral Pinto, Monteiro Lobato, Oswaldo Cruz, Saturnino de Brito, Cesar Lattes, Santos Dumont, Oscar Niemeyer, Jorge Amado, Erico Verissimo, Gilberto Freire, Mario de Andrade, Sergio Buarque, Celso Furtado, Darci Ribeiro, Milton Santos, Clarice Lispector, Tarsila do Amaral, Fernando Henrique, Ulisses Guimarães e outros que referenciamos e que muito contribuíram para o nosso desenvolvimento cultural e científico.

Concluindo podemos dizer que temos todas as condições para retomarmos o caminho para um desenvolvimento sustentável, com justiça social, sem racismo ou qualquer discriminação, que essas memoráveis companhas e esses geniais personagens pregavam antes de nós.

O amor à pátria não pede ufanismo ingênuo ou qualquer tipo de radicalismo, mas sim a luta pelos valores democráticos inalienáveis, pela liberdade, cidadania e pacificação e contra todas as formas de desigualdades, de iniquidades ou de preconceitos.

Viva o Brasil que queremos.

**out/2025**

## QUANDO NOSSAS REFERÊNCIAS VÃO EMBORA

Uma homenagem aos nossos artistas e amigos que nos deixaram.

Uma sensação de vazio, de perda insubstituível, nos abate quando aqueles que compunham nosso mundo familiar, profissional e artístico, durante toda nossa formação e evolução humana vão embora.

Parece que nós, os mais velhos, já isolados do mundo social, sentimos mais essas perdas, por termos convivido contemporaneamente com essas maravilhosas e excepcionais figuras. Eram como nosso alimento de sustentação do coração e da alma.

É toda uma geração, da qual faço parte, que se vai, como um castigo pela longevidade. E vamos ficando cada vez mais só.

Não bastasse uma sensação de abandono de valores civilizatórios globais como solidariedade, educação, fraternidade, substituídos por guerras, fome, miséria que nos envergonham e deprimem.

Primeiro foram os familiares paternos, numa ordem dita natural, em seguida a mulher e duas filhas em condições trágicas, iniciando meu processo longo de luto e sofrimento.

Igualmente também foram amigos queridos do estadual da Penha, onde estudamos, como Jaime, Cesar, Rubens Bunas, Kalassa e da turma da FAUUSP, como Seixas, Jorge, Celio, Antônio Marcos, Silvio Sawaia, Cesar Bergstrom, Elcio Gabrioli.

Bem como professores e arquitetos que tivemos muita ligação como Artigas, Paulo Mendes, Milan, Oscar Niemeyer, Guedes, Marcelo Fragelli, Gasperini, Carlos Bratke, Maitrejean, que fazem muita falta, neste cenário atual, bastante sem brilho.

Não bastassem as preocupações e frustrações que o atual momento político, nacional e internacional, nos penaliza, levando para longe alento e a esperança de melhores dias e nos fazendo sentir

saudade de valorosos políticos como Brizola, Mario Covas, Ulisses Guimarães, Darci Ribeiro, Tancredo Neves.

Agora é uma geração de artistas, próximos aos oitenta anos, que vão indo, quase juntos, como Erasmo Carlos, Gal Costa, Pablo Milanez, Rolando Boldrin, Elza Soares, Paulo Jobim, Jô Soares que povoaram e enriqueceram nosso imaginário sensível e criativo. Fora Tom Jobim, Vinicius, Eliseth Cardoso, Beth Carvalho que também nos deixaram. Que eles possam iluminar e alegrar este universo.

Sem ser de mau agouro, por outros que estão nesses limites de idade como se despedindo como Milton, Edu Lobo, Gil Caetano, Chico, Paulinho, como tivéssemos que nos preparar, como se isso fosse possível.

Como amenizar e aliviar essas dolorosas e contínuas perdas, mantendo o necessário equilíbrio mental, além de cultivar a enorme saudade de todos eles?

Ouvindo suas canções ajuda um pouco.

Certamente nosso mundo vai ficando cada vez mais pobre e sem graça, a cada perda dessa.

Novembro 2022

## QUANDO O REMÉDIO É ESPERAR

"Quem espera sempre alcança", "Espere sentado, que de pé cansa", "Quem espera nunca chega", "Quem espera, se desespera" ...

Com ares de pensador aventuro novas reflexões sobre esse importante aspecto da nossa vida, que é o desafiador ato de esperar; esperar, que tanto pode significar um desejo ou expectativa, ou um lapso de tempo.

Se observarmos bem, vemos que passamos grande parte das nossas vidas esperando algo ou alguém. Vivemos à espera de tantas coisas durante nossa existência, que não nos damos conta e que parece não se esgotar.

Quando o esperar corresponde ao nosso desejo e aspiração, sempre ficamos motivados por sentimentos mais abstratos, profundos ou nobres.

Mas, no caso da espera como intervalo de tempo, ela pode virar um tormento que gera um forte sentimento de frustração, exigindo muita paciência e autocontrole, para não se perder a sanidade.

Em ambos os casos nossa capacidade de atuação ou reação são bastante limitadas, já que ficamos à mercê de forças imponderáveis, que não podemos controlar.

Eis algumas situações que já experimentei e ainda me deparo constantemente.

Algumas têm aquele sentido do esperar-desejo, enquanto outras estão ligadas ao tempo de espera, favoráveis ou não.

Todas, profundas ou prosaicas, derivam de observações do meu cotidiano.

Entre elas há esperas consideradas alvissareiras, prazerosas, como esperar a happy-hour de final de dia ou a hora do recreio

na escola, mas outras são verdadeiros martírios, como a espera em qualquer fila, ou na antessala de um médico, por exemplo.

**Instrução: Procure iniciar a leitura das frases com a palavra: Esperar...**

Esperar enquanto desejo
Esperar.....
Ter sonhos, ideias e projetos que se concretizem
Manter-se atualizado como homem do seu tempo
Estudar sempre, mas passar o conhecimento que já tem
Controlar a ansiedade, a indignação, a raiva, a depressão
Manter a calma e o controle da situação
A próxima surpresa, emoção ou frustração
Manter-se ético, honesto e útil socialmente
Eliminar os preconceitos e medos
A igualdade, a felicidade e a paz
A aceitação social e de seus pares
O respeito e a admiração dos seus filhos, netos e alunos
Com dignidade a velhice chegar
Esperar no sentido do tempo
Esperar....
O encontro com a namorada
A mulher se arrumar para sair
A mulher fazer compras
A gravidez, o filho nascer, falar, andar,
A primeira aula, o aprontar, voltar da balada
Os meninos pararem de gritar e correr em volta
A comida ficar pronta,
Terminar de fritar o bolinho de chuva,

Assar o pão de queijo
O próximo cheiro e sabor
Manter a saúde física e mental
A consulta médica, o resultado dos exames, o diagnóstico,
A prescrição, o remédio fazer efeito
Terminar qualquer tratamento
Abrir o farol de trânsito, o tráfego fluir,
O carro sair da oficina,
O Uber ou o 99 chegar,
A fila no pedágio ou do embarque
Chegar à praia, ao sítio, ao encontro marcado
A abertura fiscal da sua empresa, depois o fechamento dela,
O Orçamento pedido, a aprovação da proposta,
O fechamento do contrato, o pagamento combinado
A aposentadoria merecida e devida
Instrução: Procure iniciar a leitura das frases com a palavra: Esperar...
Esperar
A semente brotar, a planta crescer e frutificar
O alvorecer e o anoitecer
A chuva passar, atingir o riacho, a cachoeira
Chegar ao alto do morro, descortinar a paisagem
O sol após um longo período de chuva
A próxima primavera ou outono
O resultado da loteria, do concurso público,
Da entrevista, da reunião de negócios
A próxima viagem, as emoções decorrentes
Não perder o trem, o voo, o ônibus

O Hotel reservado ser bom
O dinheiro previsto não acabar
Esperar...
O próximo aniversário
Alguém devolver o livro emprestado
Pagar o que te devem
O telefone tocar
A energia voltar
O sinal da internet não cair
O computador não dar pau
O andamento de um processo judicial
Seus custos, o desfecho, o veredicto,
O abraço amigo, quando necessário
Superar a dor da perda de parentes e amigos
Enfim esperar a morte chegar
quando, enfim, tudo acabar

janeiro 2020

## QUEM SOU EU, OU PAREÇO SER

Revelar estes estados da alma é uma viagem desafiadora.

Quando me olho no espelho, vejo minhas características físicas exteriores, como um homem alto, moreno, de pequenos olhos castanhos, com cabelos brancos, de bigode e cavanhaque, com diversas marcas pela idade avançada.

Esses são os sinais exteriores apresentados àqueles que me veem.

Porém quando lanço o olhar para dentro do meu ser, ele revela uma série de características pessoais intrínsecas, ocultas, que são os predicados das qualidades, virtudes e defeitos ou imperfeições, que definem os vários aspectos de quem eu sou ou me tornei, tais como:

Meu caráter, minha personalidade, meus interesses, meu temperamento, meu comportamento social, minhas reações, minhas sensações, que são muito mais complexos de observar e avaliar, do que aqueles exteriores.

Se pudéssemos expressá-los em palavras, buscando os adjetivos que melhor me definisse ou qualificasse, segundo meu ponto de vista e manifestação de alguns amigos, acho que seriam alguns como esses, já pedindo vênia por parecer vaidade ou cabotinismo.

Sou um homem sério, tímido, resistente, insistente, honesto, teimoso, arquiteto, planejador, músico amador, cozinheiro diletante, viajante, intelectual, escritor, idoso, curioso, ansioso, calado, organizado, calmo, sensível, politizado, sonhador, inteligente, trabalhador, sem humor, informal, pensativo, confiável, bom, objetivo, orgulhoso, ético, professor, meio filósofo, pouco paciente.

Como veem é um grande rol de condições e predicados, mais favoráveis e positivos do que negativos, bastante respeitáveis, que poderiam me transformar num exemplo de ser humano, de cidadão, não fora os desvios e desafios provocados pela lida da vida.

Confesso que não me considero um exemplo, mas sem falsa modéstia, sempre fiz todo um esforço para praticar, dignificar e honrar aqueles predicados e funções adjetivados acima, da melhor forma possível e sem prejudicar aqueles com os quais eu convivi.

Janeiro 2025

## RAZÃO X EMOÇÃO

Dicotomia desafiadora, que dá oportunidade de pensar na vida.

Razão é a capacidade da mente humana que permite chegar a conclusões a partir de suposições ou premissas. É, entre outros, um dos meios pelo qual os seres racionais propõem razões ou explicações de causa e efeito. A razão é particularmente associada à natureza humana, como o principal definidor do ser humano.

As emoções são respostas neurais para estímulos externos, enquanto os sentimentos são respostas às emoções. Embora normalmente sejam vistos como sinônimos, emoção e sentimento são considerados movimentos diferentes tanto para o psiquismo como para a psicologia.

Os sentimentos são informações que todos os seres biológicos são capazes de experimentar nas diferentes situações que vivenciam; todo ser é dotado de sentimentos e eles são diferentes entre si.

A parte do cérebro que processa os sentimentos e as emoções é o sistema límbico, composto de neurônios e massa cinzenta.

São quatro as emoções básicas: felicidade, tristeza, medo/surpresa e raiva/nojo. Esses, dizem os cientistas, são os quatro sentimentos biológicos que podem ser notados por meio dos sinais faciais. Há, claro, diferenças entre os que foram fundidos, mas elas são sociais.

Há ainda outros sentimentos  como orgulho, gratidão, encantamento, inspiração, controle emocional e amor.

Ter Empatia consiste em tentar compreender os sentimentos e emoções do outro individuo, procurando experimentar isso de forma objetiva e racional.

Quanta informação importante acumulada. Como vamos elaborá-las?

Você já enfrentou o dilema de decidir com base na razão ou na emoção, em alguma situação? De qual melhor forma atuar para acertar? Mais com a razão ou se deixar levar pela emoção. É sempre um desafio e tanto.

O ser racional trabalha com dados, informações, objetivos e metas; o ser emotivo, decide tudo com os sentidos. Porém, esses dois sistemas nunca funcionam isoladamente, mas sim em conjunto.

Mas nem todos as decisões que enfrentamos exigem essa dupla análise, que complicam a solução.

Problemas cuja solução exigem somente o uso da razão para serem concretizadas, em geral são mais fáceis, pois lógicos, diretos, pragmáticos, objetivos, e que não envolvem maiores interpretações sentimentais. Sejam de natureza artesanal ou mais elaborados, o procedimento é similar.

Bater um prego, mudar um móvel de lugar, jogar dominó, executar um trajeto, são tarefas que, além de atenção e cuidado, não exigem nenhuma carga emotiva.

Já ouvir uma música, assistir a um filme, se despedir de alguém, cuidar de um animal de estimação, acudir alguém doente, devem exigir a presença de uma emoção, seja de prazer, de tristeza, de apreensão.

Não quero tirar o barato de ninguém, mas sentir e amar através do coração é uma forma de manifestação simbólica, bastante arraigada no imaginário popular, que atravessa os tempos, mas sem nenhuma racionalidade ou baseada em fatos científicos.

Diferentemente da crença popular os sentimentos e as emoções não vêm do coração, que é uma parte essencial do corpo, mas somente destinada a bombear o sangue através do sistema circulatório e nos manter vivos.

Repetindo: as emoções e os sentimentos são manifestações que se originam no cérebro, na região chamada límbico e não no coração.

Como arquiteto tive uma formação profissional dupla, isto é, meio técnica e meio artística; tanto ligadas a racionalidade própria das soluções técnicas, quanto aos sentimentos ligados às artes; porém minha tendência nas questões gerais e cotidianas é a de ver o mundo de forma mais racional, logica e objetiva. Não fria e distante, mas menos lírica e romântica.

O que não quer dizer que não sinta emoções ou não tenha sentimentos, que podem ser considerados manifestações naturais, mas que também foram amadurecidos ao longo da vida.

Fico feliz em tocar pandeiro, em ter saúde, em viajar, em amar e ser amado, em comer um bom prato; em ver um bom espetáculo, em ler um livro.

Tenho satisfação em ver uma pessoa bonita, saudável e educada, um edifício de boa arquitetura, um objeto de bom design, um belo quadro ou escultura.

Tenho orgulho do que conquistei em termos profissionais e pessoais. E sou grato por tudo que consegui e a todos que colaboraram para que isso acontecesse.

Por outro lado, fico puto e revoltado em ver ou sofrer uma injustiça, um desrespeito a uma pessoa, a desigualdade social reinante, um morador de rua, uma violência ao meio ambiente, uma incivilidade.

Tenho um deslumbramento ao ver uma paisagem bem cuidada, um campo plantado, um rio sinuoso, um belo peixe pescado.

Tenho alegria em ver os netos crescendo com saúde, em desfrutar da minha aposentadoria, podendo flanar pela minha cidade, em poder viajar e curtir a vida.

Aqueles que se comportam só racionalmente tendem a ser acusados de frios, calculistas e antissociais; por outro lado os emotivos e sentimentais tem mais dificuldade de enfrentar a realidade. Agem por impulso, às vezes com raiva, sem atinar para as consequências.

E muito difícil conciliar razão com emoção. Pendemos sempre para um dos dois lados. Mas esse desequilíbrio pode nos causar sofrimento e dor.

Mas parece que são dois sistemas que devem trabalhar em conjunto. A maior dificuldade é estabelecer o necessário equilíbrio emocional e ter autocontrole.

Há todo um aprendizado e cultivo para se conseguir chegar a esse estágio. Vale a pena experimentar, pois ele deve ser o caminho da felicidade.

fevereiro 2020

## SER AMISTOSO

É ser afetuoso, amigável, afável, descontraído, informal, gentil, leve, que não luta por uma taça ou prêmio, que busca praticar um esporte por prazer e fair-play.

Em tempos de posições duras e extremadas que vivemos, manifestas nas relações entre pessoas ou grupos, nada como praticar a amistosidade, a distensão no tratamento pessoal e social, para uma melhor e fraternal convivência. Chega de ficar raivoso e com a faca entre os dentes.

Ser amistoso não significa renunciar às suas posições ou princípios, ser ingênuo, mas simplesmente argumentar ou jogar de forma a não agredir ou ferir o outro, seja com agressões, impropérios ou surtos desnecessários, a fim de dialogar para expor seus pontos de vista e eventualmente convencer, de forma a transformar a conversa num diálogo e não em uma batalha ou guerra a ser vencida.

Um diálogo amistoso é aquele praticado em tom leve, de respeito às diferenças, feito com educação, que flui sem ofensas ou agressões, tornando o resultado bastante produtivo e eficaz.

Uma partida esportiva amistosa é aquela sem necessidade de mandar ofício, como se diz na várzea, que tem o condão da confraternização, do prazer pela prática do esporte em si, sem necessidade de medalha, prêmio ou taça, onde ao final rola a cervejinha e o churrasquinho descontraídos.

É extremamente desagradável e amedrontador, quando você é recebido de forma hostil, com paus e pedras, sem motivos justificáveis, quando se vai desarmado para uma conversa ou possível diálogo. Quantos desentendimentos e até acidentes não poderiam ser evitados, se houvesse ponderação e modos civilizados nesses encontros.

Imagine o sujeito armado que vai ¨tirar satisfação¨ com o outro, por coisas banais, como um encontrão involuntário na rua, um menino que quebrou a vidraça do vizinho, uma brincadeira de mau gosto, uma batida no trânsito e que tais.

O amistoso é aquele que busca apaziguar, pacificar, conciliar, com docilidade e argumentos, sem que isso possa ser confundido com sem opinião, omissão ou indiferença, mas sim com o intuito de resolver os conflitos, sem atritos ou agressões verbais ou físicas de forma pacífica e inteligente.

De que adianta uma atitude belicosa e refratária quando se trata de resolver uma questão de interesse de duas ou mais pessoas, um conflito? Assim, o que ocorre é agravar e ampliar o conflito, gerando mais calor do que luz e menos entendimento.

Transportando a situação para um jogo qualquer. Nesses casos o melhor é respirar fundo, baixar a bola, olhar todo o campo, a posição dos companheiros e dos adversários, para fazer o lançamento preciso que resulte em gol. Não adianta xingar a mãe do juiz ou fazer falta no adversário, pois isso não altera o resultado do jogo.

E preciso paciência, serenidade para ser amistoso. Mas acho que vale a pena.

Agosto 2020

## SOBRE A (I)MORTALIDADE E A FINITUDE

A idade vai aumentando, os parentes próximos vão nos deixando, os amigos vão morrendo e você vai ficando só, aguardando a sua vez.

Tenho experimentado essa sensação de abandono cada vez mais forte, mais apertada, a cada parente, amigo ou conhecido que se vai, a cada figura importante das artes, da cultura, da ciência, mesmo distante do nosso convívio, que admiramos, e que nos deixa. Vamos ficando cada vez mais órfãos e mais carentes, como se fôssemos nos desprendendo do nosso tempo.

Ficamos também bastante tristes quando não são devidamente respeitadas ou reconhecidas, figuras importantes, de todas as áreas humanas, que deram sua vida para iluminar nosso conhecimento e já estão indo.

Nesse cenário, nosso universo de relações e amizades, construído ao longo da vida, vai ficando cada vez menor e mais limitado, quase um pequeno quintal. O horizonte aberto que era rico e imenso, vai se empobrecendo e se estreitando, como se quisesse nos isolar e engolir.

As perdas e despedidas, sempre doloridas, vão se tornando mais frequentes, menos espaçadas, deixando vazios e lembranças irrecuperáveis. Nunca estamos preparados para elas. Lidamos mal com isso.

Elas são mais sentidas agora quando estamos mais velhos, onde o excesso de tempo livre acaba nos levando a uma espécie de somatização, onde há muito espaço para pensar e pouco para agir.

Fomos criados e formados para sermos uteis e produtivos o tempo todo, a fim de cumprirmos nossos compromissos pessoais e sociais ligados à sobrevivência, a ascensão, ao reconhecimento e ao sucesso, sem descanso.

Estamos pouco preparados para o fim dessa longa fase dita produtiva, dinâmica, quando ela é substituída por outra onde a ocupação do tempo ocioso, que é quase total, se impõe de forma inexorável.

A sensação de inutilidade que isso acompanha destrói nossas forças, corrói nosso pensamento e dificulta esse difícil enfrentamento. Parece que você não serve para mais nada e para mais ninguém. E você luta para se manter vivo e não quer ser um estorvo para ninguém.

Claro que é preciso aceitar que não somos imortais, que a vida continua depois de nós, que se renova nos nossos descendentes, filhos, netos e inúmeras outras crianças que nascem; mas é preciso muita maturidade e discernimento para absorver esse processo, com naturalidade e equilíbrio.

O desapego aos bens materiais, ao patrimônio construído, também vai se instalando e se soma a esse processo de retirada. Essas coisas perdem seu valor e vão ficando pra trás.

A finitude da nossa existência física é uma condição inexorável, difícil de aceitar. Ninguém quer morrer. Lutamos pela nossa vida até o fim, que veio como uma dádiva ao nascermos. Nos apegamos a ela com todo o vigor.

Não é justificável, ético ou lícito tentarmos interromper esse percurso natural, num momento de fraqueza ou desequilíbrio qualquer.

A ciência trabalha para prolongar nossa vida biológica, a fim de nos garantir uma longevidade com saúde e qualidade. Sem falar nas pesquisas com embriões e células tronco, ela já transplanta órgãos artificiais ou aproveita outros de uma pessoa com morte encefálica para salvar a vida de outros. Isso é maravilhoso.

Chegaremos a criar embriões humanos? Chegar à imortalidade? A que preço e para que? Os espíritos puros e as religiões torcem o nariz para estas hipóteses.

Num outro aspecto diferente e mais abrangente, já está comprovado que tratamos mal e de forma violenta a mãe natureza responsável pela nossa morada, pondo em risco nossa própria existência e longevidade de forma sustentável. É preciso cuidado com isso.

As religiões tradicionais garantem que só a alma, o espírito têm a imortalidade; os espiritas pregam a reencarnação; outras, mais pragmáticas, defendem o aqui e agora, cobrando um alto dízimo para essa garantia.

Enquanto isso, nós, considerados simples mortais e com livre arbítrio, vamos tocando a nossa sina, recheados de dúvidas existenciais, como fugazes passageiros dessa maravilhosa nave terra.

Dezembro 2019

## SOBRE AS OLIMPIADAS

Ainda tocado pelas belas cerimônias de abertura e encerramento das olimpíadas e paraolimpíadas de Paris, venho humildemente manifestar minha alegria e cumprimentos a todos os franceses e demais participantes desta festa maravilhosa. Dirigentes, voluntários, atletas e público presente.

Elas resgatam, acima de tudo, o lado bom e positivo que a humanidade ainda tem.

Diante de tantos conflitos mundiais talvez este evento seja uma das últimas unanimidades em resgatar a confiança e a esperança na volta da competição saudável entre nós seres humanos, sem guerras, ódio, racismo, preconceito e todas as outras mazelas que se transformou o mundo atual.

Há vários aspectos presentes nesta festa que nos trazem alento nesse sentido.

Como urbanista destaco inicialmente o acerto e a criatividade de trazer a cidade de Paris como a principal protagonista da festa, enaltecendo sua beleza e glamour, como magnifico cenário para os desfiles e competições.

Fazer as delegações desfilarem em barcos pelo rio Sena, com suas lindas pontes, usar a avenida Champs Elisées e o Arco, construir quadras aos pés da Tour Eiffel, são sacadas de grande criatividade, sensibilidade e magnifico resultado plástico. Não se emocionar com a linda apresentação da cantora Celine Dion no alto da Torre Eiffel é uma falta de sensibilidade.

Esses aspectos me remetem às várias vezes que lá estive, desfrutando de suas belezas urbanas e de arquitetura que sempre me emocionaram profundamente. Percorrer o interior da Notre Dame inebriado pelas cores dos seus vitrais, passear de bateau mouche

dando a volta na Ille de la cité, desfilar pela Champs Elisées, zanzar por Montemartre, subir na Sacre Coeur, na Tour Eiffel, visitar o Louvre, o Dorsey, o Centro Pompidou, apreciar os diafragmas do museu do mundo árabe, a transparência diáfana da fundação Cartier e museu do Quai Branly, de Jean Nouvel, levar uma baguete debaixo do braço para comer com fromages e ¨un verre de vin¨ no hotel, são experiências que te enriquecem culturalmente e te marcam pela vida toda.

Até a experiência dramática que foi minha cirurgia cardíaca de emergência a que fui submetido lá no Hospital Bichat, ficando por conta de inúmeros anjos-da-guarda durante 30 dias, criou um vínculo literalmente vital comigo em relação à cidade e seus habitantes.

Voltando as olimpíadas para ver as competições, particularmente as paraolímpicas, onde os competidores atingem um nível de desempenho e superação, frutos de uma abnegação extrema, que ultrapassam todos os limites. Não há deficiência aparente que os impede de chegar ao topo. Provam a extraordinária capacidade humana de superar todos os desafios.

E difícil destacar dentre os melhores que tiveram lá este ano. Mas ver a nossa extraordinária ginasta Rebeca Andrade, a fadinha Rayssa, o nosso nadador Gabrielzinho, os jogadores de futebol de quadra para cegos, as corridas de cegos, o vôlei em cadeiras de rodas e tantos outros esportes estranhos, comprovam que realmente não há limites ou deficiências quando se abraça um sonho.

São acontecimentos como esses, além das minhas viagens, que compensam o varejo cotidiano que está muito pobre e chato.

Setembro 2024

## SOBRE A PARAOLIMPIADA E AS CONQUISTAS CIENTÍFICAS

Ainda impactado pelo desempenho desses extraordinários atletas paraolímpicos, gostaria de abordar um aspecto relevante que julgo importante: a questão da presença da ciência e tecnologia nesses eventos, que tem permitido avanços significativos nessas atividades esportivas.

Igualmente é importante ressaltar a contribuição da ciência, também nas outras atividades humanas em geral, que tem garantido nossa longevidade com mais saúde e qualidade de vida.

O conhecimento científico no caso dos esportes é manifesto por meio de órteses e próteses que ajudam a recuperar e/ou substituir os membros afetados por moléstias ou outras causas, que os permitem se tornarem atletas de ponta, desafiando outros considerados normais.



São as cadeiras de rodas de alumínio, mais leves e flexíveis, são as moderníssimos próteses de aço, fibra de carbono, polipropileno, tatames, redes, caiaques e bolas especiais em desenhos específicos, que garantem movimentos mais livres, velozes e seguros.

Talvez o caso mais emblemático no campo esportivo seja o dos corredores com a próteses nas pernas, que tanto nos impressionam pela originalidade e eficiência.

Com design em forma de Jota, em fibra de carbono, longe de tentar reproduzir o desenho natural, apresenta um design revolucionário, que apoia e impulsiona para a frente, permitindo uma performance até melhor que o normal. Ele começou com o atleta sul africano Pistorius em 2008 e que hoje tem em Alan Fonteles nosso expoente, entre outros craques.

Essa tecnologia vem evoluindo extraordinariamente, levantando controvérsias como se elas agregam mais vantagens aos seus corredores portadores.

No campo geral, a ciência e tecnologia entram, graças a medicina, pela substituição de órgãos danificados por doença ou velhice, seja pela troca ou transplante por outros, artificiais ou não, com mais validade e vigor.

Do alto dos meus 81 anos de idade, sou testemunha dessas várias avarias físicas acontecidas ao longo da vida: Talvez a mais significativa tenha sido a troca de uma válvula cardíaca através de pesada cirurgia; também sou beneficiado por sofisticados aparelhos de audição, que permitem ouvir seletivamente o que mais me interessa; outro benefício extraordinário foram os 8 implantes dentários, que me devolveram a básica necessidade e o prazer de mastigar sem dores; Bem, os óculos, que é uma correção menor, já convivo há muito tempo e que agora vai ganhar uma nova correção para remoção de catarata.

Além dessas correções, também me garanto preventivamente com todas as vacinas disponíveis. É assim, que grito: viva a ciência e o SUS a nosso serviço.

É importante observar que, como tantos outros, me sinto privilegiado por contar com condições e recursos da medicina que me permitiram alcançar esta longevidade, com suas limitações é verdade, mas com saúde controlada, independência e lucidez.

Gratidão expressa por ter atravessado esse longo caminho, desde a infância pobre e pouco assistida do ponto de vista da saúde, com essas poucas sequelas reparadas e toleráveis. Talvez pela resistência congênita adquirida e teimosia e a resiliência que forja os fortes.

Nota: Esses artigos procuram contribuir para a inclusão de todos os seres humanos e a eliminação de certos preconceitos inúteis e a aceitação das diferenças como normas de vida em comunidade.

Setembro 2021

## SOBRE O MEDO

O medo é uma sensação transitória que proporciona um estado de alerta, demonstrado pelo receio de fazer alguma coisa, geralmente por se sentir ameaçado, tanto física como psicologicamente . Pavor é a ênfase do medo e o receio, um medo mais leve. Se ele persiste vira um transtorno chamado fobia, que causa sérios problemas na vida das pessoas acometidas.

Diante do medo, costumamos adotar uma das seguintes atitudes: Lutamos, fugimos ou nos protegemos. Não se trata de coragem, mas sim de instinto de sobrevivência e inteligência. Não dá para enfrentar um animal selvagem no seu habitat. Numa tempestade, procuramos abrigo seguro.

Quando pequenos, as mães nos ameaçavam, dizendo para não sairmos à rua, porque tinha bicho papão, mula sem cabeça, homem da capa preta e coisas do gênero. Não era a melhor pedagogia, mas funcionava. Mas deixava sequelas.

Outros medos dessa fase eram aqueles de andar no escuro, de se perder, de apanhar na rua ou em casa, por provocação ou desobediência.

Quando você cresce, aparecem outros medos como o de não ser aprovado na escola, na roda de amigos, no meio social e nas demais provas da vida.

Há vários tipos de medo individuais: Os mais comuns são: ficar doente, morrer, falar em público, de altura, de água, de voar, de ver sangue, de escuro, de lugar fechado, de baratas, de ser assaltado, de perder o emprego, de ser reprovado, etc.

Todos provocam um estresse, um aumento de adrenalina, que chegam a limitar algumas atividades. Não tem muita explicação; é puro instinto de proteção. Costumam ser transitórios. Todas podem e devem ser tratadas.

Há os medos coletivos, ligados às catástrofes, calamidades, epidemias como agora experimentamos com o corona vírus. São ameaçadores e assustadores.

Talvez um dos mais nefastos medos coletivos é aquele provocado por políticos ou religiosos, que o usam para manipular a população para galgar e se manter no poder. Inventam inimigos imaginários, mentem e tripudiam sobre a esperança e a fé coletiva. São desqualificados e abomináveis.

Porém, aquele que diz que não tem medo de nada, tem outros problemas e podem correr riscos de vida, pelo excesso de confiança ou negligenciar seus limites.

Pois é, como nos sentimos agora com essa pandemia do corona vírus. Estamos apavorados, dentro dos nossos confinamentos, como medo de sermos atacados por esse vírus ameaçador, presente no nosso ambiente e que não nos dá perspectiva de libertação rapidamente.

A humanidade já passou por sustos parecidos, com grande número de baixas. Talvez seja mais uma oportunidade de revermos nossos valores e prioridades de uma sociedade consumista, egoísta e predadora.

Viciada mais em ter do que ser.

Março 2020

## SUBLIME OBSESSÃO

Eu buscava um espaço, nem grande nem pequeno, irregular na forma, flexível no uso, com altos e baixos, ora espraiado ora concentrado, aconchegante em parte, amplo quando devia, ambíguo pela própria natureza.

A luz dosada, nas aberturas laterais ou zenitais, filtrava os excessos. As vedações aplacavam os rigores do clima.

A brisa natural cruzava seus ambientes. O sol, com luz e calor, renovava sua vida diária. Sua estrutura era bela e esbelta e à mostra, integrada ao conjunto.

Canais invisíveis ou aparentes transportavam seus alimentos básicos: a água, a luz, a comunicação, o som, a imagem. Suas entranhas invisíveis, por preconceito ou vergonha, levavam seus dejetos consumidos.

De jeito inclinado, interior não rebuscado, mobiliário bem dosado, não empetecado, de proporções belas, não importasse se clássicas ou modernas, mas harmoniosas e eternas.

Ficava num promontório, de bela vista, com regato na frente e no fundo, relevo pouco nervoso. Não agredia essa geografia, se adequava a esse entorno, sem vaidade, numa simbiose amigável, numa cumplicidade interior-exterior.

Exterior policromático, alegre e vivaz, interior sóbrio e elegante, audaz. O verde não era acessório, apêndice de cor, era volume ambientação, fotossíntese, oxigenação.

Seu subsolo era seco, amarelo silte-argiloso. Seus materiais eram usados com honestidade aparente, sem disfarce ardiloso.

Eu buscava um espaço honesto e puro, belo e seguro, com acesso marcante e clara circulação, que servia para estar, comer e orar, dormir e amar.

Eu queria um espaço completo, repleto...Não uma planta infamante. Analisava as partes, buscava a síntese, da cultura nacional, com a técnica universal.

Dimensionado na justa medida, nem mínimo, nem máximo, de custo viável, econômico, não pobre.

Nesta busca, precisei de ajuda. Meu mestre escultor brincou sem pudor, outro amigo pintor grafitou um lindo painel. Havia até um vitral para lembrar do Jogral.

Veio um batalhão de gente, pedreiro, pintor, ferreiro armador, mestre, vigia, carpinteiro, eletricista, servente, azulejista.

Fizeram o engenho, entraram com a arte. Eu buscava um espaço, divino cenário, na escala do homem. Evocando movimento, vibração, anseio, amor, devaneio, sonho, emoção.

Eu buscava um espaço, mais que um abrigo, mais que construção. Buscava o ideal de um sonho real. Útil e belo, fútil e perene.

O que eu buscava era.... ARQUITETURA.

Nota:

Este poema foi apresentado aos alunos da Faculdade de Arquitetura de Santos, do 3º ano, disciplina de projetos, em 1986, para que eles criassem espaços, segundo suas sensibilidades, como resultado das palavras e sugestões propostas.

Como projeto experimental, que fugia às propostas convencionais dos exercícios, teve um resultado muito animador e estimulante, revelado pelas maquetes produzidas.

Janeiro 2025.

## TEMPOS SOMBRIOS VIVIDOS

Antecedentes

Quando entrei na FAUUSP em 1961 existia uma euforia no sentimento nacional, com a inauguração de Brasília, seguida de uma efervescência político-cultural que prenunciava a alvorada de um novo tempo, como diria o presidente Juscelino Kubitscheck.

Depois de JK, veio a renúncia de Jânio Quadros que levou João Goulart à presidência, sem força política para se manter no poder. O país caiu nas sombras da Ditadura durante 21 anos.

Como resistência surgiram importantes movimentos culturais nas áreas estudantil, operária, teatral, no cinema e na música. Surgiram o CPC ligado a UNE, o Cinema Novo, a Bossa Nova, em nível nacional, que procuravam conscientizar a população para temas sociais e nacionalistas.

No cinema novo, que acentuava  nossas contradições sociais, Glauber Rocha, Vianinha, Joaquim Pedro de Andrade produziram filmes antológicos.

Na cena teatral destaque para Teatro de Arena, do Oficina em São Paulo, como Gianfrancesco Guarnieri, Augusto Boal, Paulo Pontes, José Celso Martinez Correia, Cacilda Becker, Maria de La Costa à frente encenavam peças nacionalistas e de protesto.

Eram apresentados shows musicais como Opinião, Arena conta Zumbi, Arena conta Tiradentes, Roda Viva, Rei da Vela, Morte e Vida Severina, todos com músicas de protesto e de resistência ao golpe. Grandes talentos surgiram nesses espetáculos, como Zé Keti, João do Vale, Nara Leão (depois Maria Betânia) no primeiro e tantos outros nos demais.

O movimento estudantil representou um papel fundamental na luta contra o regime militar, com suas passeatas, manifestações, pagando um alto preço por isso, com muitas torturas e mortes.

A nossa FAU-USP sempre foi considerada pelos militares e a alta burguesia, como um reduto comunista. Aliás corria uma brincadeira que quem entrava na FAU era veado ou comunista. Nosso vizinho, da rua Maranhão, Júlio de Mesquita Filho, dia sim, dia não, nos brindava com uma matéria negativa no seu jornal Estadão.

Nela tivemos, além da ótima formação profissional, uma verdadeira escola política ideológica de esquerda, fruto das assembleias, conduzidas pelos veteranos, que militavam em todas as correntes políticas, como o Partidão, a AP, a Juc, a Polop. Mas também pelos acontecimentos políticos que se sucederam no período e que exigiram a luta prática.

Desde que entrei na FAU-USP, fui tratado com certa deferência pelos veteranos, desde o trote, pela minha origem de menino pobre da periferia, de pais humildes, que conhecia de perto as condições difíceis dessa condição; diferentemente da maioria dos colegas que tinham melhor origem e pais intelectuais.

Assim, desde o começo, me engajei nos trabalhos do Grêmio Estudantil, participando da Diretoria, como Diretor Social que cuidava do restaurante, das competições esportivas entre faculdades e tantas outras culturais e políticas.

Para me sustentar, já que o Curso era em período integral, me virava como podia: desenhando a noite, dando aulas e com alguma bolsa de estudo parcial.

Entre essas ocupações, dei aula de desenho no Curso Técnico noturno do Liceu de Artes e Ofícios, que era na Avenida Tiradentes, onde hoje é a Pinacoteca do Estado. Lembro que nessa época, já me envolvia com o trabalho dos alunos, escrevendo no seu jornal gremial. Foi graças a um dos meus artigos, que ganhei a demissão, denunciado por um colega da FAU, que era filho de um dos diretores.

Sem vitimismo, foi a primeira de muitas perseguições que me atingiram ao longo de minha trajetória, que me acostumei.

Viajava muito para vários cantos do Brasil e da América Latina para encontros e congressos estudantis; era assíduo dos restaurantes universitários, os famosos bandejões, cujo cardápio e condições de higiene, me garantiam gastrites e desinterias permanentes.

Essa trajetória terminou com a minha eleição para vice-presidente do Grêmio, numa conciliação, por eu ser neutro, entre os representantes da AP e do Partidão. Acontece que isso foi justamente em 1964, quando se deu o golpe, e eu estava no exercício da presidência, pois o presidente colega Francisco Crestana estava servindo o CPOR. Quer foguete maior?

Sobrevivi como pude, morrendo de medo de ser preso pelas atividades políticas, todas legais e legitimas.; cheguei a enterrar todos os livros, ditos subversivos, numa mala, no terreno da casa do Cangaíba, onde vivia minha mãe. Queimei também todas as agendas que tinha.

Nessa época, tomamos a faculdade pela greve do terço de participação no Conselho Universitário, unindo os alunos de todas as faculdades de São Paulo; fizemos passeatas de enterro do Gaminha, reitor da época; tomamos a FAU durante vários dias, obrigando o magnifico reitor a vir pessoalmente negociar conosco a pauta de reinvindicações.

Parenteses para um episódio pitoresco nessa tomada: Quando o magnifico reitor passava pela fila indiana dos alunos, alguém passou a mão da bunda do dito cujo, que procurou se desvencilhar e não entendendo nada. Para nós esse gesto simbolizava a queda da imperiosa e ditatorial autoridade.

Nessa época namorava com a Cacilda, que estudava Direito na São Francisco e que participava de todas as nossas atividades. Nas passeatas, nas festas, nas assembleias e nas nossas escapadas a dois. Primeiro ela morava no bairro da Previdência, além de Pinheiros, com seus pais, descendentes de húngaros. Ficávamos até tarde,

e depois, sem mais ônibus, eu vinha andando até a famosa Paineira em Pinheiros, para depois chegar na Av. 9 de julho onde morava.

Depois ela foi morar no Crusp, que era o conjunto de estudantes na Cidade Universitária. Repetia-se a dose: ficávamos até tarde nos esfregando nos pilotis do prédio, esquecendo da vida e novamente perdendo o último ônibus.

A ironia é que depois de formados nunca mais nos vimos.

Havia, entre 61 e 64, um verdadeiro embrião de transformação social, um sonho que nos animava apaixonadamente, mas uma visão um tanto ingênua que não percebia claramente a complexa realidade que nos cercava.

Tudo isso foi abortado pelo Golpe de 1964, que unindo militares e civis, na Marcha da Família com Deus pela Liberdade, minou todas aquelas nossas esperanças.

## A repressão ¨branda¨ 64/68

Após o golpe começava a perseguição aos estudantes, intelectuais, lideranças operárias, políticos. Gente perseguida, torturada, cassada em todos os cantos do Brasil. Não de forma dissimulada, mas aberta, garantida pelos atos institucionais iniciais.

A resistência continuava com a censura comendo solta. Espetáculos teatrais, musicais, jornais e revistas todos sofriam a visita de censores desprezíveis e despreparados, que cortavam o que não entendiam.

As faculdades recebiam pseudos-alunos cuja única função era olhar e dedurar aqueles que pareciam comunistas.

Consolidavam, nesse período, as lideranças estudantis e operárias, como José Serra, José Dirceu, Honestino Guimarães, Luiz Travassos.

**A repressão pesada 68 em diante**

Na área estudantil o episódio mais marcante foi a passeata dos 100 mil no Rio de Janeiro e em outubro a guerra campal fratricida ocorrida na Rua Maria Antônia entre os estudantes do Mackenzie, pertencentes ao CCC- Comando de Caça aos comunistas e os estudantes da Filosofia da USP, com muitos feridos e a morte do estudante José Guimarães.

Na esfera política o discurso radical do Deputado Marcio Moreira Alves e a não aceitação da Câmara em processá-lo foram a gota d'água para justificar o fechamento do regime ditatorial.

Simplificando, foram esses dois principais eventos que precipitaram a promulgação do AI-5, em outubro de 68, que instituindo a lei de segurança nacional, fechou o Congresso, as Assembleias legislativas e cerceou as liberdades, eliminando o habeas corpus, a suspensão dos direitos políticos e a censura prévia.

Foi a partir daí que a repressão caiu matando, literalmente.

Os centros acadêmicos foram proibidos de existir, de se reunir, pela portaria 477. Ainda com mais medo ainda, pois todo dia tinha um amigo ou conhecido que ia preso e torturado. Alguns estudantes foram para a luta armada.

Essa trajetória foi longa, com muitas escaramuças e enfrentamentos deixando mártires pelo caminho como Alexandre Vannuchi Leme, Manoel Fiel Filho, Wladimir Herzog e tantos outros, até a reorganização do movimento estudantil junto a outros movimentos sociais.

Perto de nosso meio, foram sacrificados colegas estudantes como Antônio Benetazzo, morto em 72, com 30 anos e inúmeros arquitetos conhecidos presos e torturados, nos porões do DOPS da rua Tutoia, do famigerado Delegado Fleury.

Em 1968 eu já era formado há 3 anos. Com 2 filhas, pagava um financiamento da casa que comprei para reformar e trabalhava como arquiteto autônomo, fazendo o que aparecia.

Claro que as atividades políticas diminuíram e a resistência era clandestina. Como não pertencia oficialmente a nenhum partido ou entidade fiquei de molho para preservar minha integridade e minha família em formação.

Fui tentando a sorte, ora me empregando, ora como autônomo, até formar corajosamente uma empresa, junto com outro sócio engenheiro e meter as caras. Também comecei minhas atividades didáticas.

A partir de 1970, deu-se o chamado milagre econômico brasileiro, onde houve muitas obras públicas, que acabou nos beneficiando com muitos e diversificados projetos; projetos de escolas, centrais telefônicas, postos de saúde e obras particulares como residências, edifícios, indústrias etc.

Foram também tempos tortuosos para a sobrevivência, de inflação galopante, correções de preço diárias e muita tensão.

Simultaneamente à atividade profissional, continuei com as atividades políticas, agora no campo das entidades profissionais, como membro de várias diretorias do Instituto de arquitetos do Brasil/SP, do Sindicado dos Arquitetos de São Paulo, como presidente de 83/86, participando de inúmeros congressos nacionais e internacionais. Atividade que reputo fundamental naquele momento da vida nacional e da profissão.

Esses tempos sombrios permaneceram até 1985, com a redemocratização do país. Foram 21 anos de trevas, desalento e resistência.

Março 2020

## TRÊS TEMPOS – Antes, durante e depois

Como num filme, o desenrolar das nossas vidas corre basicamente por 3 etapas temporais distintas: as passadas, já conhecidas e definidas, as presentes, que estão em andamento e se desenrolando agora e outras futuras, cujos prognósticos são desconhecidos, apesar do final previsível.

Creio que há um certo desequilíbrio e assimetria entre esses três momentos da nossa vida.

Enquanto o passado é o tempo vivido, como um baú fechado, o presente está transcorrendo neste momento e o futuro é aquele que se vislumbra, vivemos sensações diversas e de intensidades diferentes em cada um desses momentos.

Assim. o passado é um reservatório cheio, um livro já escrito, como um depósito repleto de acontecimentos, histórias, lembranças e reminiscências, o presente representa o estado atual momentâneo se desenrolando e o futuro é sempre aquela incógnita temporal imponderável.

É no passado que estão guardadas, na nossa memória, todas as imagens e registros importantes vividos, de forma nítida ou enevoada, desde o nosso nascimento, crescimento, formação, processo de amadurecimento e envelhecimento, contando as alegrias e tristezas, conquistas e perdas, amizades e amores havidos e todo o conhecimento acumulado.

Quantos acontecimentos, emoções que se desenrolaram, desde o início que viemos à luz até o dia de ontem, onde os planos e realizações que ocuparam nosso tempo ficaram marcados para sempre.

As festas, os aniversários, os almoços de domingo, as uniões e relacionamentos, o primeiro beijo, a formatura, a luta pelo trabalho, a primeira vista do mar, o primeiro salário, os períodos políticos difí-

ceis, a casa nova, o primeiro carro, o nascimento dos filhos e dos netos, as perdas e lutos familiares e dos amigos próximos, os sustos das fraturas e doenças, os desencantos e todos os demais eventos que ficaram indelevelmente fixados na nossa memória.

É no passado que está nosso registro histórico, as descobertas, o aprendizado, a construção e a consolidação do conhecimento, do nosso patrimônio, onde os erros nos ensinaram o caminho do aperfeiçoamento.

Tem gente que não consegue se desligar do passado, onde tudo era bom, segundo elas. Carregam um peso considerável, que atrapalha a continuidade da vida de forma saudável.

Já o presente, o hoje, que está em movimento, representa sempre um desafio de adaptação ao momento, às mudanças de condições, aos novos tempos, às limitações físicas e mentais, ao avanço da tecnologia, à velocidade na circulação de dados e informações, a virtualidade das relações, aos novos paradigmas.

Ele pode correr de forma anódina, um tanto insipida e indelével, parecendo ocupar o tempo lenta e inconsequente para uns, como frenético para outros. Depende da fase da vida em que nos encontramos.

No meu caso, que estou fora do mercado produtivo, o hoje corre mais lentamente, como numa velocidade analógica, artesanal, mais presencial e sem compromissos formais, numa última tentativa para usufruir dos prazeres e obrigações mínimas que ainda restam.

Diferentemente de outros, principalmente a nova geração, que acredita que o importante é o VIVER AQUI E AGORA, de uma forma egoística e virtual, ignorando o conhecimento histórico do passado e como se o futuro não existisse ou não importasse.

Essa geração se distingue da nossa não só pela velocidade na forma de viver, e até de falar mais rápido, fruto da ansiedade, da revolução tecnológica, dos algoritmos, como também por seus valores morais e sociais diferentes, de como encarar a perspectiva de

vida, o sentido da propriedade, o acúmulo de patrimônio material e tantos outros.

Sem fazer juízo de valor, é uma geração individualista, pragmática, do cultivo do corpo, impaciente, consumista, que quer o sucesso e riqueza a todo custo.

Quem ignora o passado corre o risco de repetir seus erros ou sem planejamento estratégico não se chega a lugar algum, foram os ensinamentos que os antigos nos martelavam sempre.

Claro que não sabemos qual dos caminhos é o melhor, mais consequente e exitoso; tendo consciência que falhamos em vários pontos na nossa trajetória; desejamos que os que nos sucedem tenham melhor resultado. Não só para si, mas também do ponto de vista social.

Quanto ao nosso FUTURO em particular, ele se apresenta num horizonte de tempo mais curto e imediato, face aos mais de dois terços de caminho percorrido; não sei se acrescentará mais muitas novidades, apesar de estarmos abertos a elas.

Em compensação o da humanidade, se me permitem a presunção de especular, muitos desafios de toda ordem estão postos; sejam em relação aos avanços tecnológicos, a degradação do meio ambiente, a superação das desigualdades, as mudanças de comportamento etc.

Eu da minha parte, estou satisfeito com o meu ciclo temporal de vida, muito longevo, mas ficaria muito mais feliz, num futuro não muito distante, se houvesse paz e harmonia entre as pessoas e nações, se fosse eliminada a fome, a miséria as desigualdades, as iniquidades, a intolerância, o racismo, e todas as mazelas que ainda atacam a humanidade em pleno século 21.

Como vêm, sou um sonhador inveterado.  Ainda bem. Viva os nossos 3 tempos.

Janeiro 2020

## TUDO FICA VELHO

É uma verdade cruel e inexorável
Marca implacável do tempo que corre
Em nós e em toda a nossa volta
Começando pelo nosso próprio corpo
Os músculos enfraquecem
Os cabelos embranquecem
As orelhas crescem
Os ouvidos escutam menos
Os olhos ficam mais fracos
As mãos ficam pintadas
O rosto fica enrugado
A memoria diminui de capacidade
Tudo o mais, não descartável, também fica velho
Nossos amigos e entes queridos
Nossos bichos de estimação
Os retratos na parede
Nossas casas e cidades
Nossos objetos próximos
Como é bom ficar velho, com as marcas deixadas pelo tempo
Sem pressa, a contar estórias, a fazer o que der na telha
Algumas coisas velhas têm suas vantagens
Ah... Como é bom calçar um sapato velho
Sentar debaixo de uma árvore frondosa velha
Pegar nos objetos que já tem sua marca, sua empunhadura, suas curvas

Sentar na sua cadeira velha preferida

Algumas coisas porém se regeneram, se reciclam.

Mas, para depois ficarem velhas de novo.

Nada contra o novo, mas que precisa ser testado, ficar laceado, ajustado

É uma questão de preferência

Mas lá no fim, mais que velho,

Tudo acaba e vira pó, como começou.

## VALORES E VIRTUDES

**Conceitos filosóficos que devem orientar nossas vidas**

VIRTUDES = QUALIDADES que procuro seguir

Virtude é uma qualidade moral particular, uma capacidade exclusivamente humana, ausente nos outros animais, os quais são regidos apenas pelo instinto. É uma disposição estável de praticar o bem; revela mais do que uma simples característica ou uma aptidão para uma determinada ação boa, trata-se de uma verdadeira inclinação. Segundo Aristóteles, é uma disposição adquirida de fazer o bem, que se aperfeiçoa com o hábito.

Princípio – é aquilo que serve de base a alguma coisa; causa primeira, raiz, razão.

Verdade – propriedade de estar conforme com os fatos e a realidade.

Valor é a qualidade atribuída a quem tem talento, prestígio, competência, virtude, mérito ou merecimento intrínseco.

Formas de Amor como valores.

Amor romântico é um compromisso que não vê limites, nem sequer depois da morte, uma paixão arrebatadora, uma cumplicidade perfeita, quase uma doença.

Amor filial, é um amor dos pais para os filhos sobre as raias de que se aproxima do divino.

Amor maduro é a adesão profunda ao outro como pessoa querida em sua integridade, sempre com o desejo sincero de ajudá-lo respeitosamente a alcançar seu verdadeiro bem e felicidade. Há mil modos de ajudar o amado, mantendo o necessário respeito a sua liberdade, sua autenticidade e ao seu jeito de ser. É agir com sensibilidade, carinho, delicadeza, afeto, companheirismo, intimidade, amizade.

Amor incondicional significa amor pleno, completo, absoluto, que não impõe condições ou limites para se amar. Quem ama de forma incondicional não espera nada em troca. O amor está em primeiro lugar. Dificilmente pode se realizar.

Amor platônico – No ideal de Platão, ele seria um amor essencialmente puro, que não se fundamenta em um interesse, mas na virtude, e é desprovido de paixões, que segundo ele são cegas, materiais, efêmeras e falsas.

Empatia – é a capacidade psicológica para sentir o mesmo que sentiria uma outra pessoa, caso estivesse na mesma situação vivenciada por ela. Consiste em tentar compreender sentimentos e emoções, procurando experimentar de forma objetiva e racional o que sente o outro indivíduo.

Esperança é uma crença emocional na possibilidade de resultados positivos relacionados com eventos e circunstâncias da vida pessoal. A esperança requer uma certa perseverança, isto é acreditar que algo é possível mesmo quando há indicações do contrário. O sentido de crença deste sentimento o aproxima muito dos significados atribuídos à fé.

Perdão significa desculpar um erro ou uma agressão.

Desculpar-se é o ato de: reparar, retratar-se, dar satisfação, retratar, emendar, voltar atrás.

Gratidão é um sentimento de reconhecimento, uma emoção por saber que uma pessoa fez uma boa ação, um auxílio, em favor de outra. Gratidão é uma espécie de dívida, é querer agradecer a outra pessoa por ter feito algo muito benéfico para ela.

Humildade é a qualidade de quem age com simplicidade, uma característica das pessoas que sabem assumir as suas responsabilidades, sem arrogância, prepotência ou soberba.

Felicidade é um estado durável de plenitude, satisfação e equilíbrio físico e psíquico, em que o sofrimento e a inquietude são trans-

formados em emoções ou sentimentos que vão desde o contentamento até a alegria intensa ou júbilo. A felicidade tem, ainda, o significado de bem-estar espiritual ou paz interior.

Bondade -qualidade de quem tem alma nobre e generosa e é naturalmente inclinado a fazer o bem; benevolência, benignidade, magnanimidade.

Sublimação  designa um mecanismo de defesa do "eu", em que determinados impulsos inconscientes são integrados na personalidade e culminam em atitudes com valor social positivo.

Sucesso, é o reconhecimento de um êxito, triunfo, vitória, feito, conquista, sensação, glória,

Orgulho é uma característica de alguém que tem um conceito exagerado de si próprio. Também pode significar altivez, brio, pundonor, dignidade e soberba.

Conhecimento (Sabedoria) é o conjunto de informações que o indivíduo adquire por meio da sua experiência, aprendizagem, crenças, valores e insights sobre algo no decorrer da sua trajetória. A pessoa que detêm o conhecimento é capaz de saber alguma informação ou instrução e a mesma pode mudar comportamentos e auxiliar na to0mada de decisões.

Paixão é um sentimento humano intenso e profundo, marcado pelo grande interesse e atração da pessoa apaixonada por algo ou alguém. A paixão é capaz de alterar aspectos do comportamento e pensamento da pessoa, que passa a demonstrar um excesso de admiração por aquilo que lhe causa paixão.

Afeto é um sentimento de ternura e de afeição por uma pessoa ou animal.

Atração é a ação de atrair algo ou alguém, de forma encantadora ou sedutora, a partir de um conjunto de características (físicas, emocionais ou psicológicas) que despertem o interesse ou o desejo por algo, alguém.

Caráter (Identidade) é um conjunto de características e traços relativos à maneira de agir e de reagir de um indivíduo ou de um grupo. É um feitio moral. É a firmeza e coerência de atitudes.

Sentimento (Sensibilidade) é aptidão para sentir, disposição para se comover, se impressionar, perceber e apreciar algo etc.

Inteligência é a capacidade de alguém para lógica, abstração, memorização, compreensão, autoconhecimento, comunicação, aprendizado, controle emocional, planejamento e resolução de problemas.

Integridade é a qualidade de alguém de conduta reta, pessoa de honra, ética, educada, brioso, cuja natureza de ação nos dá uma imagem de inocência, pureza ou castidade, o que é íntegro, é justo e perfeito, é puro de alma e de espírito.

Honestidade é a palavra que indica a qualidade de ser verdadeiro: não mentir, não fraudar, não enganar. Ter dignidade e honra.

Alteridade é a concepção que parte do pressuposto básico de que todo o ser humano social interage e é interdepende do outro. Assim, como muitos antropólogos e cientistas sociais afirmam, a existência do "eu-individual" só é permitida mediante um contato com o outro.

Altruísmo é um tipo de comportamento encontrado em seres humanos em que as ações voluntárias de um indivíduo beneficiam outros. É sinônimo de filantropia.

Solidariedade é um ato de bondade e compreensão com o próximo ou um sentimento, uma união de simpatias, interesses ou propósitos entre os membros de um grupo. Cooperação mútua entre duas ou mais pessoas.

Garra – Força de vontade, determinação.

DEFEITOS / PROBLEMAS (Características negativas)

Mentir é faltar com a verdade, emitir juízo falso.

Indiferença falta de interesse, de atenção, de cuidado, de consideração pela dor alheia; descaso; desdém.

Ofensa (insulto) - palavra que atinge alguém na sua honra, na sua dignidade; injúria, agravo, ultraje, afronta.

Mortalidade – é a consciência da finitude. A morte é fonte de medo, inspiração, luto, amor e alimento para a ideia de finitude.

Ironia é a utilização de palavras que manifestam o sentido oposto do seu significado literal. Desta forma, a ironia afirma o contrário daquilo que se quer dizer ou do que se pensa. A ironia é a arte de gozar de alguém, de denunciar, de criticar ou de censurar algo ou alguma coisa.

Sarcasmo é uma palavra que significa zombaria, escárnio, motejo. Grosseria- expressão e/ou gesto que denota(m) descortesia, incivilidade, ausência de educação.

Insensibilidade é a incapacidade de emocionar-se, de experimentar sentimentos de afeição, de amor, de piedade, pena etc.; frieza, indiferença, dureza.

Egoísmo é um exclusivismo que faz o indivíduo se referir tudo a si próprio como o centro de tudo. É um orgulho, uma presunção. A pessoa que trata só de seus interesses, que só pensa em si.

Teimosia é o apego obstinado às próprias ideias, gostos; causas; obstinação, persistência:

Preconceito é um juízo pré-concebido, que se manifesta numa atitude discriminatória perante pessoas, crenças, sentimentos e tendências de comportamento. É uma ideia formada antecipadamente e que não tem fundamento crítico ou lógico.

Soberba / arrogância – desvio de caráter de quem, por suposta superioridade moral, social, intelectual ou de comportamento, assume atitude prepotente ou de desprezo com relação aos outros; orgulho ostensivo, altivez.

Pessimismo – é um estado de ver o pior aspecto das coisas ou acreditar que o pior vai acontecer.

Tristeza é uma emoção e um sentimento muito típico dos seres humanos, caracterizado pela falta da alegria, ânimo, disposição e outras emoções de insatisfação.

Preguiça - pode significar desde a falta de disposição para realizar determinada tarefa, até uma espécie de aversão pelo trabalho. Além disso, a preguiça está ligada à lentidão ou moleza e, muitas vezes, à negligência na realização de atividades.

Covardia é um comportamento que reflete falta de coragem; medo, timidez; fraqueza de ânimo; pusilanimidade ou ainda ânimo traiçoeiro.

Burrice é a falta de inteligência, asnice, tontice.

Cizânia falta de harmonia; desavença, rixa, discórdia.

Raiva A raiva pode ser definida como uma emoção caracterizada pelo sentimento de protesto, insegurança, timidez ou frustração contra uma sensação de ameaça sentida pela pessoa, que se enxerga ferida ou ameaçada.

Ódio – é um sentimento exacerbado de raiva, aversão, rancor contra outra pessoa.

Desprezo - significa um sentimento de falta de apreço, estima ou consideração para com alguém.

Ciúme é um estado emocional do ser humano, provocado pela falta de exclusividade do sentimento, da dedicação e do cuidado da pessoa com quem se gosta. Ele se apresenta como uma reação complexa de qualquer indivíduo a uma ameaça perceptível a algo que este possua, como uma relação valiosa ou que tenha apreço.

Inveja - é o desejo de possuir um bem que pertence ao outro. É um sentimento de inferioridade e de desgosto diante da felicidade do outro. É um sentimento de cobiça da riqueza, do brilho e da prosperidade alheia.

Nós, os seres humanos, oscilamos entre essas virtudes e os defeitos, ao longo das nossas existências.

## VERDADE X MENTIRA

A verdade dói, a mentira tem perna curta e chega a matar.

O que é verdade? Verdade significa aquilo que está intimamente ligado a tudo que é sincero, que é verdadeiro, é a ausência da mentira. Verdade é também a afirmação do que é correto, do que é seguramente o certo e está dentro da realidade apresentada.

A mentira é mais fácil de caracterizar? Mentira é o nome dado às afirmações ou negações falsas, ditas por alguém que sabe (ou suspeita) de tal falsidade, ou se engana sem ou com determinado propósito, mas na maioria das vezes espera que seus ouvintes acreditem no que se diz.

Esses conceitos estão ligados moralmente ao certo e ao errado?

A verdade é uma coisa absoluta? Ou é relativa? Há meia verdade? A minha verdade não é a sua verdade.

Entramos na mais pura filosofia. Pedindo licença a Aristóteles, Nietsche e outras feras, vamos divagar dentro da nossa planície.

As verdades são profundas, como por exemplo: falar é fácil, difícil é ouvir; o vazio ocupa um espaço imenso; temos tão pouco tempo para dizer as coisas que queremos etc.

Enquanto as mentiras são superficiais e mesmo aquelas banais provocam estragos mentais e até financeiros consideráveis. Espalhar fake News é de uma irresponsabilidade criminosa.

Há ideias ou axiomas que são consideradas verdades absolutas, porque lógicas, insofismáveis, indubitáveis, como um quadrado não é um círculo, uma fala vem da boca, o homem é um ser racional, a terra é redonda, o peixe nada, o pássaro voa, a música e o desenho são linguagens universais, a parte é menor que o todo. Valem todo tempo e em todo lugar.

Há outras relativas, que podem gerar dúvidas, como A verdade é relativa, Deus existe, o aquecimento global é um fato etc.

Opinião é uma verdade pessoal, onde são aplicados alguns filtros, segundo suas crenças, experiências e vivencias. individuais. Para tal são exibidos argumentos para defendê-la. Alguns mentem para fazer o tipo e ganhar a discussão.

Já os dogmas e credos religiosos se baseiam numa verdade divina, ligadas à fé e a esperança, aceitas sem contestação.

Acredito que a verdade sempre vale a pena. Fui criado com esse princípio e sempre passo à frente para os filhos e netos e os que me cercam.  Não consigo conviver com mentiras, ou fofocas, que nos fazem perder tempo e nos fazem muito mal.

Abril 2020

## VIVER NA DEFENSIVA

Acho que a pior coisa da vida é estar na defensiva, quando se está ameaçado ou prestes a ser atacado, por alguém ou qualquer força superior à sua, seja individual ou coletivamente.

Você fica acuado, sem forças para reagir, quanto mais dar um passo adiante no sentido positivo para seguir em frente. Isso vale para assuntos pessoais, profissionais ou de relacionamentos. Quantas vezes ficamos travados e paralisados, esperando passar uma situação ruim, para nos recompormos e fazermos planos para prosseguir.

E apavorante a sensação de medo quando somos cercados por um animal prestes a nos atacar, por uma situação ameaçadora, em um relacionamento ruim, em uma situação financeira ou de saúde difíceis; parece que sempre tem um adversário ou inimigo, dispostos a te magoar, te ferir ou te prejudicar.

Convenhamos que é uma merda jogar na retranca, sofrendo gols, como um 7x1 permanente. Ter que votar contra candidatos de ideias retrogradas, populistas, desqualificados e não a favor de outros com ideias progressistas, democráticas e universais.

É como se travássemos uma guerra assimétrica, onde nós entramos pelados em campo aberto contra inimigos armados até os dentes, com todos os artefatos bélicos físicos, químicos e biológicos para nos aniquilar.

Pior é quando te acenam com uma possibilidade de defesa fictícia, usada através de subterfúgios ou mentiras, pois a sentença já está dada, motivada pela sua condição social, racial, religiosa ou de opção sexual.

Quantas são as situações adversas enfrentadas, que nos colocam na defensiva inexoravelmente.

Quando sua mulher está gravida, você perde o emprego. Quando você precisa de todas as forças, você fica doente. Quando seu filho precisa da bolsa, ele é reprovado. Quando você trabalha num projeto e não consegue emplacá-lo.

Quando você trabalha numa campanha política por idealismo e seu candidato perde a eleição. Quando lutamos para comprar uma casa ou um carro financiado e as coisas não saem como devia e você é obrigado a devolvê-los.

Quando você sofre constrangimento, bullying ou mesmo qualquer punição por ser diferente.

Quantas vezes presenciamos a prática da violência contra os desassistidos, os gays, as mulheres, gratuitamente. Não se trata de covardia, mas de estarmos na defensiva por sobrevivência, até por estratégia consciente ou inconsciente, na esperança de podermos emergir novamente, saindo do sufoco, ou das cordas.

É suicídio sairmos do esconderijo, quando o inimigo é mais poderoso; É preciso deixar passar a tormenta, a ameaça de perigo. Durante o nevoeiro leve o barco devagar, diz o velho marinheiro.

Parece que a defensiva virou uma sina, um carma que nos acomete severamente e não nos abandona. Não há ânimo suficiente para partir para a ofensiva.

Quantas vezes já passamos por isso, quando lutávamos contra os representantes da ditadura brasileira. Agora, sentimos outra sensação de impotência, nessa espera angustiante, em relação a contaminação pelo corona vírus, nesta guerra contra um inimigo invisível, enquanto aguardamos, alguma solução eficaz para seu enfrentamento. Defensivamente, assistimos essa pandemia, que está levando muitas pessoas à morte.

Para todos nós que precisamos planejar a continuidade das nossas vidas, ficamos sem dados, elementos ou prazos que permitam fazer alguma previsão de futuro imediato. Além do que, confinados

em nossas casas, manietados e sem previsão de libertação. É angustiante e preocupante.

Claro está que primeiro devemos preservar nossa saúde, nossa integridade física, mas esta paralisia arrebenta com nossa reserva mental.

Fico imaginando uma população enfrentando uma guerra real, em casa ou próxima, que sofre ataques militares de destruição de suas vidas físicas e afetivas, além de seus patrimônios. Igualmente como se sentem os imigrantes que atravessaram ou atravessam os oceanos fugindo de regimes déspotas, procurando melhores condições de vida.

Como podem se defender as pessoas que vivem em condições precárias nas nossas periferias, que não possuem habitações dignas, infraestrutura urbana, de saneamento ou assistência médica?

O que fazemos todos nós, pessoas comuns, indefesas, frente a esse flagelo? Só o distanciamento social físico, que é sacrificante, não basta.

O que é que fazem aqueles que não possuem uma fé religiosa que os ampara e de esperança para aguardar o lado positivo das coisas?

Perguntas de uma quarentena.

## VIVER SÓ

É melhor estar só, do que mal acompanhado, diz o ditado

Acredito piamente nisso, pois há companhias que te fazem mal, que te transmitem uma carga negativa, difícil de carregar, que não agregam nada e não te dão prazer e alegria, muito pelo contrário e que é preferível evitá-las.

Está provado que viver só, por incrível que pareça, melhora a concentração, a produtividade, a autoestima, a empatia, prioriza seus interesses, afasta mau-olhado, inveja e pode melhorar sua saúde.

É ruim mas é bom, diz o matuto. Viva essa dicotomia, esse paradoxo.

Em que situações o viver só é bom ou ruim? Vamos analisar, pois tudo sempre tem dois lados ou o copo ora está meio cheio, ora meio vazio.

É bom quando é uma escolha voluntária e espontânea, em caráter temporário e não permanente, quando podemos nos dedicar à criatividade nas artes, na música, na escrita, ficar à vontade em casa, sem ser incomodado e voltar ao convívio social quando quiser.

É bom pela liberdade de ir e vir, de ficar sossegado, em paz, de poder conversar consigo mesmo, de meditar, de ouvir sua música preferida, sem cobrança, sem cachorro, sem gritaria ou correria de crianças e netos, quando não se toma bronca ao deixar a toalha molhada na cama ou porque não baixou a tabua da privada.

É bom quando sobra tempo para organizar e realizar suas viagens, otimizar a rotina doméstica, selecionar melhor seus interesses, sem ter que dar satisfações a ninguém.

Também é bom quando se pode andar pela orla, apreciando a paisagem, ouvindo o barulho do mar, flanando sem compromisso, quando escuta um “vai com Deus” ou um “obrigado”.

É bom quando ainda tem amigos e parentes que possa visitar quando bate a saudade ou recorrer quando necessário.

É ruim quando ataca a solidão, a depressão, a falta do que fazer, a falta de companhia para um papo, para um evento, um acompanhamento médico, alguém para cuidar da casa, uma parceria para a festa, para ir ao cinema, ao concerto ou ao teatro.

Também é ruim quando falta um carinho, um beijo, um abraço, um bom dia, um café da manhã preparado, ter que cuidar de tudo, não poder compartilhar uma vitória, uma alegria, não poder dormir de conchinha.

E deve ser pior ainda quando a solidão é consequência de uma doença ou de uma perda amorosa, quando se é estigmatizado ou perseguido, ou ainda quando não se tem recursos financeiros para se manter, sem um plano de saúde e passa necessidades.

Com tudo isso, acho que vivo bem sozinho, pois já me acostumei comigo mesmo, com minha idiossincrasia, rabugices e limitações.

Março/2025

## RECORDAÇÕES e LEMBRANÇAS

Nesta parte estão reunidos os artigos que fazem referência mais direta às minhas lembranças vividas, sejam de familiares, amigos, lugares, datas comemorativas, circunstâncias ou objetos, que fizeram parte do nosso rico e longo convívio.

A ordem de apresentação destas Recordações é alfabética, para facilitar sua localização, mas que dá um caráter aleatório para os assuntos.

## A CASA DA CHANÉS – 1976

A Rua dos Chanés é uma travessa da Alameda dos Maracatins e da Alameda dos Nhambiquaras, próxima da Avenida dos Bandeirantes, em Moema e próxima ao Aeroporto de Congonhas em São Paulo.

Depois de muita procura, foi a minha escolha, no número 425, apesar de alguns senões, para a mudança da Rua Silvia, onde morávamos, quando minha 2ª. Filha nasceu.

Achei que teria condições e criei coragem para comprar uma casa financiada pela CEF, em 10 anos, pela Carteira Hipotecária, em condições complicadas, pois envolvia muitas operações; era uma transferência de financiamento, com alvará para uma nova reforma e seu consequente financiamento e liberação das parcelas, em função do andamento da obra. Fora as garantias e outras condições exigidas. Um contrato muito complicado e demorado. Foi uma epopeia.

Principalmente em relação ao pagamento das parcelas mensais, que eram fixas, com reajustes anuais, que eram cavalares, em função da inflação absurda. Quantas vezes, nessas ocasiões, tivemos que renegociar o contrato, aumentando o prazo e ajustando-o à minha capacidade de pagar.

Era uma casa em obras, inacabada, mas que achei que tinha potencial em se transformar numa bela morada. Nisso, não me enganei, apesar do grande sacrifício feito para realizá-lo.

Nessa época o Aeroporto de Congonhas ainda funcionava direto, isto é, havia barulho de aviões a noite toda. Achei que não íamos nos acostumar, mas conseguidos tolerar até a suspensão das operações noturnas.

Sobre isso, tem uma passagem interessante. Quando estávamos visitando a casa com o corretor, o vizinho apareceu, justamente quando estava pousando um avião, fazendo o barulho forte carac-

terístico. Eu perguntei a ele se isso não atrapalhava o sono da noite, pois tinha criança pequena. Ele respondeu, com um estranho gesto de cabeça, que a gente se acostumava.

Dei alguma sorte, pois consegui amortizar a entrada do financiamento, combinando de fazer o projeto da casa do proprietário, Sr. Waldemar Pereira, em outro lugar. Deu certo, pois fiz o projeto a obra dele foi realizada.

Também consegui fazer um baita projeto de reforma, ainda imbuído de muitas ideias sonhadoras de arquiteto recém-formado, onde o bolso não correspondia às ideias avançadas.









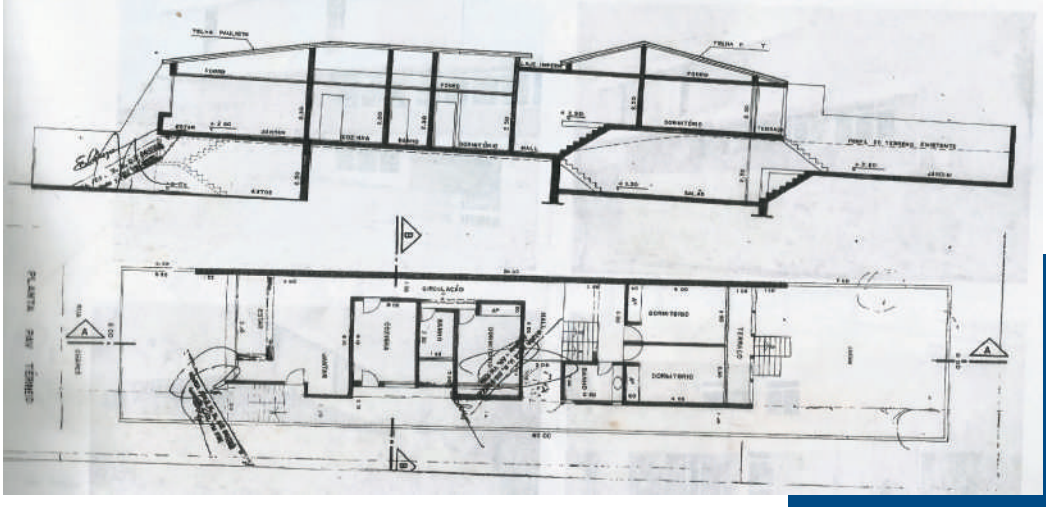
Imagens de vários momentos

Não foi muito fácil; era um terreno estreito e profundo de 8x40 m, no alto em relação à rua, que exigia alguma criatividade, face a limitação de recursos e programa pretencioso.

Construí a casa com mais de 250 metros quadrados, em vários níveis, para se acomodar ao terreno, com 3 dormitórios, uma sala boa, com cozinha equipada, área de serviço, um grande salão, quarto de empregada, 4 banheiros, vagas para 2 carros e um quintal com churrasqueira e uma jaboticabeira.

Demorou um certo tempo, pois o andamento era atrelado às liberações das parcelas, depois dos serviços feitos, que exigia um sacrifício extra.

Mudamos com ela inacabada, faltando muita coisa, mas estávamos felizes com o sonho da casa própria. Ficamos muito satisfeitos com o resultado, pois era uma vitória extraordinária, pois agora tínhamos condições de viver, em ótimas condições de conforto e habitabilidade, como nunca tivemos.



Desenhos técnicos da reforma executada

Fomos completando aos poucos, colocando alguns revestimentos, pintura, alguns pisos, box de vidro temperados, ferragens apropriadas, complementos de marcenaria, equipamento de cozinha, de decoração, jardinagem etc. Nisso, usamos nossa expertise de trabalhar em mutirão da infância, melhorada com os estudos de arquiteto.

Aproveitei para instalar meu escritório de projetos no grande salão, dito de festas, que tinha amplo espaço livre e banheiro exclusivo. Claro que tinha alguns inconvenientes de misturar trabalho com residência, mas foi a forma encontrada diante das circunstâncias. Como praticamente não recebia clientes, somente os poucos desenhistas e auxiliares, deu para levar sem maiores traumas.

Nessa casa aproveitamos o máximo, vivendo por 40 anos, onde as filhas cresceram, fazendo muitas festas, reunindo os amigos, onde consegui exercer minha profissão com dignidade, mas com altos e baixos, inerentes aos difíceis períodos políticos e econômicos por que passamos.

Com o tempo, ela teve que sofrer algumas modificações em relação a proteção de segurança, pois em duas ocasiões sofremos assaltos, felizmente só de coisas materiais, sem risco nosso. Ela teve que ficar mais fechada, para meu descontentamento.

Igualmente algumas modificações foram necessárias, para melhor se adaptar as mudanças dos tempos. Nela, as meninas cresceram, estudaram, brincaram, evoluíram, viveram felizes e se casaram para seguir seus caminhos.

Porém, com muito orgulho, ela foi nosso reduto e abrigo para todos nós em situações difíceis de sobrevivência.

Esta casa ficou marcada em todas as nossas vidas, de forma absolutamente extraordinária e inesquecível, que justificou todo o trabalho e sacrifício investidos.

Ela cumpriu plenamente o seu papel. O triste é quando chegado o momento de deixá-la, para seguir uma nova etapa. Pois é, isso

aconteceu, quando nos mudamos para o litoral, para um lindo apartamento a beira mar em São Vicente.

Felizmente consegui fazer uma boa operação comercial na venda da casa e na compra do apartamento, com ótimo resultado financeiro, me permitindo acumular alguma reserva para viver.

Achávamos que tínhamos cumprido nossa missão, em S. Paulo, já aposentados e que iriamos terminar nossa jornada de vida, de forma mais tranquila e feliz.

Não foi bem o que aconteceu, mas isso é papo para outros textos.

## A CASA DE UBATUBA/ 1988

Esta casa surgiu em função de vários trabalhos profissionais que desenvolvi nesta cidade, durante um período de bastante demanda. Foram eles:

- Uma fina residência na praia Domingas Dias, em 1985 para o Sr. Sergio Nicolaz, diretor da Volkswagem, com um resultado bastante positivo, com aplicação de tecnologias inovadoras.

- Um edifício Residencial no centro da cidade, em 1981, para uma construtora, com pequenos apartamentos de temporada. Neste projeto, fiquei com um dos apartamentos como parte de pagamento dos honorários.

- Um conjunto de sobrados na Praia Grande, em 1980, de propriedade do meu sócio, Almiro Albino, que lá aplicava em imóveis.

- Um loteamento na Rodovia Oswaldo Cruz, de 1977, com chácaras de recreio, incluindo uma residência padrão para cada lote, também para o meu sócio Almiro.





Imagens da residência

Quatro sobrados na Praça do Cristo no Itaguá, em 1981, que construí para vender.

Aproveitando o embalo, a presença constante e a oportunidade de ter uma casa de praia, para a alegria das filhas, acabei comprando este terreno na Rua Galeão Coutinho, no bairro do Itaguá e construído a casa.

Era um terreno de 10x30m, localizado no fim da rua de terra, um pouco distante da praia, abaixo do nível da rua de quase 1 metro e meio brejo. Situação normal em Ubatuba.

Já no começo, quando fui providenciar o aterro necessário, descobri que a Prefeitura fizera a locação do lote no local errado e que precisou refazer, para não perder todo o aterro, inclusive já começado. Coisas de Ubatuba

Pedi a devida ligação de água e energia, que sempre demoravam.

Inicialmente aprovei o projeto na Prefeitura e comecei construir uma edícula de baixo custo, no fundo do lote, com instalações mínimas, com dois quartos, um banheiro, um minúscula quitinete, caixa d'agua e um grande terraço coberto na frente, com materiais simples e convencionais.

Fiz assim, imaginando que no futuro poderia ampliar como uma casa melhor na parte da frente. Isso acabou a acontecendo, mais tarde, como vemos nas fotos.

Não era muito confortável, mas que serviria como um ponto, quase um acampamento, para quando quiséssemos passar as férias, num tempo que Ubatuba era mais tranquila, bonita e ainda valia a pena investir.

O problema maior em Ubatuba era, e continua sendo, a carência de mão de obra qualificada. Depois de muita procura, acabei achando um empreiteiro de nome Gerônimo, de relativa confiança e alguma habilidade.

Com o tempo, fomos melhorando as condições de conforto, inclusive murando, colocando portão, gramando o terreno e plantando alguns chapéus de sol, para sombrear.

Apesar da precariedade, desfrutamos bastante dessa edícula, por um bom período, até conseguirmos completar com uma casa decente e bonita na frente, com cara de arquiteto.

Essa ampliação foi feita com uma cobertura metálica calandrada, que venceu os 10m de vão, num pé direito de 5m, criando um mezzanino e uma ampla sala com a cozinha conjugada e uma ligação coberta com a edícula e dois jardins internos.

Ficou uma casa confortável com 150 m2. A ampla frente foi toda ajardinada e com vagas para os automóveis.

Curtimos essa casa durante muito tempo ainda, até diminuir o interesse da família por esse lugar, que acabou sendo vendida, por falta de uso e custos de manutenção.

Essas casas de veraneio são sempre assim. Duas alegrias: Quando se compra ou se constrói e quando se vende, como aconteceu.

## A CASA DO CANGAIBA – 1954

Esta residência é aqui tratada, menos como o resultado de uma edificação normal construída, mas como uma epopeia exemplar, que representa o esforço de como a população pobre, da periferia, consegue realizar o sonho da casa própria, numa espécie de libertação, que vale qualquer sacrifício.

Eu tinha meus 12 anos, minha irmã 9 anos e minha mãe naquela luta com a costura de calças. Morávamos ainda na Penha e meu pai já tinha saído do Hospital da Hanseníase, mas sem ocupação fixa.

Não sei como ele teve a coragem para se aventurar na compra de um terreno para construir a casa própria. Houve duas tentativas de comprar no Cangaíba; a primeira, frustrada, ao dar entrada num lote que ficava no começo do bairro, mas na parte baixa, que, com a primeira chuva ficou inundado.

Desfeito esse negócio, comprou outro, mais no fim da estrada, na parte mais alta, no chamado Jardim De Lorenzo, loteamento imobiliário novo. Era um lote de 10x 30m, na Rua Goitá, 340, travessa da Estrada, um pouco mais em baixo, mas na parte de cima da rua recém-aberta.

Como era comum nesses loteamentos, não havia a devida infraestrutura necessária para as habitações construídas. Ou seja, a rua era de terra, não havia rede de energia, de água potável, de esgoto ou telefonia.

Cada casa tinha que resolver isso, individualmente da melhor forma, ou seja, furar um poço, abrir uma fossa, iluminar com lampiões e tomar banho frio ou improvisar um chuveiro de lata.

O Cangaíba era um bairro periférico, além da Penha, mais a leste, que ficava entre a chamada Estrada do Cangaíba, em cima e uma baita encosta, pouco habitada, que terminava, na parte mais baixa,

nos trilhos da estrada de ferro Central do Brasil, que ligava S. Paulo ao Rio de Janeiro e que separava a várzea do Rio Tietê.

Essa diversificada geografia me propiciou diversos momentos de crescimento, ora divertidos, ora de apreensão, quando tínhamos que atravessar a linha do trem para ir nadar, pescar, lambaris e traíras, ao entardecer, nas lagoas formadas pelas enchentes do Rio, ou ainda quando corríamos atrás dos balões que caiam junto a elas ou no Rio.

Essas incursões nem sempre eram feitas com o conhecimento das mães, que ficavam apavoradas com os riscos que elas representavam. Riscos de atropelamento pelos trens ou de afogamento nas águas sujas das lagoas e do Rio Tietê.

Nesse contexto, ou cenário, quase de aventura para nós, é que se insere a construção da nossa casa própria e da nossa construção de cidadania.

Para um hoje arquiteto, é difícil imaginar como construir uma casa, sem projeto, sem programação, sem recursos. Pois, era assim que se fazia naquela época e ainda hoje também se faz. Acho que só a planta de prefeitura era feita, ou mesmo sem ela, enfrentando a eventual fiscalização.

Era uma casa mínima, básica, feita em sequência de cômodos, marcados no terreno, começando pelo quarto, seguido da sala, depois a cozinha e às vezes o banheiro, quando não ficava fora e longe. Uma área coberta para o tanque e sobre o poço.

Era implantada no meio do terreno sem nenhuma preocupação com insolaçao ou ventilação

Os materiais básicos eram comprados antecipadamente num depósito qualquer, pagos à prestação e estocados na frente do lote, aguardando sua aplicação.

O sistema adotado para a mão de obra era o mutirão, que consiste em juntar os amigos e parentes, em geral num fim de semana,

para ir construindo, em troca de uma refeição conjunta, mais caprichada para todos e uma cachacinha.

Primeiro eram feitos os alicerces, geralmente de sapatas corridas, com poucos pontos reforçados com ferros, nos cantos. As técnicas construtivas adotadas eram as de conhecimento público, ou de algum pedreiro ou meia colher.

Assim, eram levantadas as paredes, de meio tijolo, assentadas com massa de barro e capim, nas medidas marcadas no chão. Eram respeitadas as aberturas das portas e janelas, que viriam depois.

Como tal, dá para ver como esse processo era demorado, trabalhoso e de qualidade sofrível. Levava bastante tempo, mas ninguém desistia e dava o máximo.

Respaldadas as paredes até o ponto da cobertura, se atacava sua estrutura de madeira de duas águas, com telha francesa ou colonial, que precisava de alguém especializado. A cobertura era um momento mágico, que completava o abrigo e que merecia uma comemoração, por tradição. Colocava-se um ramo de qualquer vegetal na cumeeira, seu ponto mais alto e distribui-se pinga e refrigerante. Pena que essa tradição se perdeu.

Assentavam-se os batentes, as janelas de cantoneiras de ferro, padronizadas, de baixa qualidade. Tentava-se caprichar no nível e prumo, mas nem sempre isso era possível, pois às vezes a chuva interferia.

O resto da obra ia sendo feito com o tempo, em geral com as pessoas já morando dentro. As instalações de água e eletricidade eram inexistentes, sem os devidos abastecimentos, que viriam depois.

Quantos fins de semana eram dedicados aos reboques das paredes, aos cimentados dos pisos, à escada de acesso, a colocação dos vidros, das folhas das portas, o forro de madeira, à caiação, completar banheiro e alguns acabamentos.

O luxo era contratar um pedreiro fachadista, para ornamentar a fachada de frente, motivo de orgulho para os moradores.

Como era morar nestas condições? Ninguém morria, mas era difícil. Vejamos como o povo e nós nos viramos:

O poço, que cavamos após a cozinha e junto ao banheiro, chegou aos 30 metros de profundidade para dar água de boa qualidade, com toda a dificuldade e risco da perfuração manual; eles não eram revestidos; os poceiros eram uns craques. Sobrava terra para dar e vender.

Ele tinha que ficar o mais longe possível da fossa séptica, para evitar sua contaminação. A fossa, menos profunda, foi feita no recuo de frente do lote, para facilitar sua limpeza.

Quanto ao poço, significava que tínhamos que tirar a água lá debaixo, através de um sarilho de madeira, instalado em cima, munido de corda e balde para a operação; precisava de força e jeito, pois às vezes acontecia dele escapar e bater na minha cabeça, que era o encarregado dessa operação.

Com o tempo compramos uma bomba, mas só depois que veio a eletricidade.

- Chuveiro de lata. Suspenso no banheiro, com uma corda e preso num gancho, era abastecido de água quente, limitado aos seus 20 litros. Quem ia tomar banho, providenciava a preparação.

- Para a iluminação a solução era o lampião de carbureto de luz branca intensa, mas com o inconveniente de colocar um pó fedido no reservatório inferior, que com a água pingando fazia a luz. Também era minha tarefa.

- Não havia televisão ou rádio, só de pilha, sequer geladeira. Imagina a alegria e o progresso na qualidade de vida, quando se comprava uma geladeira?

O mobiliário era o essencial, as camas, um sofá, um armário, o fogão a gás, comprados à prestação numa casa Bahia qualquer.

O uso daqueles equipamentos rústicos de uso, não era eventual, como se faz quando acampamos, mas faziam parte do nosso dia a dia, de modo permanente.

Com o tempo, essas dificuldades de infraestrutura foram sendo superadas e resolvidas.

Com todas essas dificuldades, minha mãe, além da costura, fazia mágica na cozinha, como filha de italiano. Suas massas eram deliciosas. Como tínhamos horta em casa, sempre havia legumes e verduras. Às vezes fígado acebolado.

Ficamos muito tempo nessa casa, que foi nosso reduto, do colegial no Estadual da Penha, até as vésperas da Faculdade Ela sofreu reformas e ampliações posteriores, como para ganhar meu quarto ao lado, para estudar e aprender a tocar pandeiro, sem encher os vizinhos.

Depois que meu pai morreu, minha mãe ficou morando lá sozinha. Eu já era arquiteto, mas não mexi no original; só melhorei as condições de instalações; foi quando fiz algumas ampliações, que consistiram em construir uma edícula nos fundos, que ajudava com locação e uma garagem coberta na frente.

Por fim, quando minha mãe morreu, acabamos vendendo a casa, para um grupo de bolivianos, que lá viveriam e trabalhariam em confecções.

Como se vê, e não estou de brincadeira, vivíamos na idade da pedra, em certo sentido e sobrevivemos. Talvez já tivéssemos uma forte noção de resistência e esperança de melhoras, que nos alimentava. Creio que deu certo.

Janeiro 2025.

## A CIRURGIA CARDIACA EM PARIS / 2016

Em 3/9/2016 desembarquei em Veneza, belo e formoso, de um fantástico cruzeiro marítimo pelo Mediterrâneo, com a namorada Magali, onde visitamos Bari, Alberobelo, Katakolon, Atenas, Mikonos e Dubrovnik.

No retorno, ainda ficamos passeando em Veneza por mais 2 dias e no dia 5/9/2016 voamos para Paris, para encerrar nossa viagem e voltar ao Brasil.

Acontece que na saída de Veneza, já sentia uma certa dificuldade de carregar a mala por aquelas pequenas pontes existentes na cidade. Não dei bola, achando que era só cansaço.

Já em Paris no mesmo dia 5/9, já instalados num pequeno hotel, próximo ao Arco do Triunfo, passeamos um pouco, jantamos e fomos dormir.

No meio desta noite, dia 6/9/2016 acordei muito mal, com falta de ar e ofegante. Ficamos assustados e procuramos algum atendimento médico; não estava muito fácil acionar um atendimento através dos seguros dos cartões de crédito. Tivemos a lucidez de chamar o porteiro do hotel, que foi muito eficiente ao chamar o serviço público do Samu de lá, que rapidamente veio me atender.

Três fortes paramédicos me carregaram pelas difíceis escadas, típicas dos pequenos hotéis de Paris e me levaram, junto com a Magali, para o Hospital Bichat, renomado hospital público, especializado em problemas do coração, onde foi realizado o primeiro transplante de coração pelo Dr. Cristian Bernard.

Eu estava tecnicamente com OAP cardiogênico, isto é, com edema pulmonar cardiogênico agudo, que é uma das manifestações de insuficiência cardíaca aguda. Era muito grave.

Bem atendido e medicado, começava ali uma séria experiência, que durou de 7/9 até 30/9, portanto 23 dias, e que nunca havia passado.

Logo no início, quando eu insistia em ir embora para o Brasil, lembro que a médica responsável, Dra. Virginia Nguen, acho que era chinesa, me disse que eu só sairia do hospital de 2 maneiras: ou operado ou morto. Belo prognóstico.

A partir daí começaram um intenso tratamento, para me colocar em condições de fazer a cirurgia; começaram também algumas tratativas para me convencer da gravidade da situação. Avisada a família, foram feitas várias reuniões com a equipe médica e algumas amigas da Magali em Paris, que nos ajudavam com as dificuldades da língua, nas explicações do grave quadro clinico.

Outro problema seria o pagamento das despesas hospitalares. Um funcionário do Serviço Social do hospital, muito gentil, perguntou se não tínhamos seguro saúde. Informamos que o cartão de crédito, onde compramos a passagem, tinha um seguro que devia cobrir isso. Imagina a burocracia no caso.

Quem cuidou disso eficientemente foi minha filha Juliana aqui do Brasil, que descobriu que eu havia comprado a passagem pelo cartão Mastercard e não American, como eu julgara. Felizmente, depois de muitas idas e vindas, e com a ajuda do funcionário do Serviço Social, ficou definido que o cartão que haviam compradas as passagens, cobriria as despesas hospitalares.

Combinei com a Magali, que precisava voltar para trabalhar e as minhas filhas, que haveria um revezamento entre elas, no meu acompanhamento. Magali ficaria, como ficou até a cirurgia, depois viria a Juliana e por último a Mariana.

Atentem que não era uma operação fácil, pois elas viviam no Brasil e tinham seus compromissos, além do custo das passagens e despesas. No fim, esse esquema deu certo, apesar dos sacrifícios envolvidos.

Ia passando o tempo, entre exames, medicações e numa enfermaria com mais dois pacientes, onde víamos a Igreja de Sacre Coeur pela janela.

O Centro Cirúrgico desse hospital é muito concorrido, pois há uma grande demanda de pacientes idosos com problemas cardíacos.

Após vários alarmes falsos para a minha cirurgia, finalmente fomos enfrentar aquela enorme sala de luz azulada, na madrugada do dia 16/9/2016, claro que com certo medo. Só me lembro de uma enfermeira, dizendo que eu ia dormir um pouco.

A cirurgia propriamente dita, foi feita com peito aberto e os procedimentos normais desse tipo de intervenção invasiva, onde foi implantada uma válvula aórtica, biológica, tecnicamente do tipo Magna Ease no 27, segundo o prontuário. Posteriormente os médicos nos disseram que esta solução era melhor que a válvula mecânica, pois tinha menor rejeição.



O herói acamado

Não me lembro a duração, mas correu tudo bem, quando abri os olhos e vi a Magali perto da maca. Daí fiquei na UTI por 3 dias e depois na enfermaria da cardiologia no dia 20/9/2016 até a alta em 30/9/2016.

A Magali retornou a São Vicente, substituída pela Juliana que chegou em Paris. Estava duplamente preocupado em relação a elas. Acho que a Magali não estava preparada para esse embate, pois provocou muitos problemas posteriores; quanto a Juliana, ela não tinha experiência internacional e se viu numa cidade estranha, muito complexa, sozinha para cuidar do pai no hospital. Foi barra. A ambas minha gratidão será eterna; embora póstuma no caso da Juliana.

Os problemas aparecem sempre depois no pós-operatório.

Entre eles o que mais me preocupou foi ter ficado uns dias com uma confusão mental, onde via figuras estranhas na parede, se movimentando como se fossem fantasmas, além de objetos descontrolados na paredes lançando coisas contra mim. Cheguei até a tentar fugir do hospital, ligando para serviço de taxi, no que fui prontamente impedido. Coisas de louco.

Dizem que este estado é geralmente transitório e é provocado pelo excesso de anestesia.

Também tive outras sequelas, como descontrole urinário, de fezes, que deu muito trabalho aos enfermeiros, nem sempre amigáveis.

Outra complicação chata foi uma crise de gota, excesso de ácido úrico, que me deixou todo inchado e bastante dolorido. Depois de algum tempo, um casal de jovens médicos me levou para fazer umas infiltrações, que resolveram o problema.

No mais, ficava passeando pelo corredor com aquele porta soro típico, participando de uma passeada de pacientes na mesma condição.

O prazer maior foi quando tomei banho novamente no banheiro do corredor, dado pela minha filha. Nesse tempo já estava com a

Mariana, que tinha vindo a Paris, substituir a Juliana, que fez um ótimo trabalho.

Sai do Hospital em 30/9/2016, ainda preso em fazer mais alguns exames e retorno médico programado.

O custo total da brincadeira foi de Eur38.546,32 Euros, equivalente a R$231.276,00 Reais, que o seguro do cartão de crédito cobriu integralmente.

Ainda aproveitei alguns dias em Paris, passeando com a Mariana, visitando museus em cadeira de rodas e me divertindo. Comprei até um chapéu de Indiana Jones, num carrinho de rua, como se pode ver na imagem abaixo.

Voltei ao Brasil, numa primeira classe da Air France, merecido depois do tremendo susto.



O heroi de Indiana Jones em recuperaçao.

## ADILSON QUARANTA

Perdi um primo-irmão. Nascemos com 7 dias de diferença no mês de agosto.

Crescemos juntos, com os valores do trabalho, da honestidade e da integridade da nossa origem humilde. Caminhamos juntos muito tempo. Na rua Juli onde tentamos fugir de casa juntos. No Cangaíba onde passamos nossa juventude.

Saiamos juntos. Um loiro outro moreno. As meninas podiam escolher. De meninos, vendemos cintas na feira sob comando do tio Vicente. Quantas broncas ele nos dava. Nas férias tomando o trem para Araraquara, onde passeávamos na carroça do avô Pascoal e na boleia do chevrolet do tio Augustinho. Quantas festas de fim de ano e churrascos juntos. Construímos bonitas famílias.

Trilhamos caminhos separados. Você na luta com sua empresa, da qual muitos dependeram e ainda vivem graças a sua árdua construção. Eu fui para o caminho da Universidade. Porém nossa amizade sempre foi firme e leal. Você mais contido, educado (puxou a tia Linda), eu mais irrequieto.

Projetei e construí a sua casa com muito orgulho. Você teve mais sorte tendo a Dionísia e seu filhos e amigos sempre perto até seu fim. Vivemos bastante. Tivemos sucesso. Deixamos um bom legado. Você foi primeiro. Eu continuo por aqui, procurando nos honrar e nos representar até quando Deus quiser.

Vá em paz, meu querido primo-irmão.



Adilsinho, Adilson, Claudia e Cibele

## A HANSENIASE NO MEU PAI

A lepra é uma doença marcada pela discriminação e preconceito e tão antiga quanto a humanidade. O Mycobacterium leprae, também conhecido como bacilo de Hansen, é o causador da Hanseníase, que se manifesta na pele e outros órgãos de sensibilidade.

Em casos adiantados, chega a causar deformações sérias no rosto e nas mãos, que dá a repulsa e medo de contágio. A transmissão se dá pelo bacilo e das condições do hospedeiro. Tem vários estágios de acometimento.

Antes de qualquer providência do estado, os doentes eram largados à própria sorte, nas beiras de estradas ou na periferia das cidades, ou ainda atendidos e recolhidos precariamente em abrigos, por algum religioso católico.

Entre 1930/40, sob o governo de Getúlio Vargas, milhares de pessoas foram condenadas a exclusão social, devido não haver cura para a doença; o modelo escolhido foi a segregação, através da internação compulsória.

Por conta disso, foram cometidas verdadeiras atrocidades em nosso país, em especial no Estado de São Paulo. O Brasil praticava uma política de eugenia (boa geração) de inspiração nazista. O pretexto era não contaminar a sociedade, numa atitude semelhante aos campos de concentração dos judeus. Numa cópia primária na busca de uma raça pura.

Os acometidos por lepra, vulgo mal de Hansen, foram separados das suas famílias e isolados compulsoriamente do convívio social, em asilos-colônia, dizia a legislação federal. O próprio nome já revelava o sentido.

Isso significava ficar condenado e literalmente preso, longe de qualquer convívio social, em condições de completo isolamento. Seus familiares seriam obrigatoriamente examinados regularmente.

Em caso de os dois pais terem contraído a doença, seus filhos também seriam retirados dos mesmos e colocados em asilos próprios ou orfanatos.

Nesse caso o desrespeito aos direitos humanos, caracterizados como crime, levou o governo federal recentemente, criar uma lei, buscando reparar essas injustiças, mitigando-as, com a concessão de um salário mínimo, por filho.

O tratamento dado aos doentes e seus familiares, por parte do estado, era de uma violência, de uma perseguição severa, composta até de um corpo de polícia médica específica, para a localização e prisão dos leprosos.

O Departamento de Profilaxia de Lepra (DPL), criado, tinha uma independência e força, acima dos órgãos normais da Saúde Pública. Funcionava, sem exagero, e atuava quase como uma máquina de guerra.

É muito difícil imaginar, para os não envolvidos, realmente o que significava uma condenação dessa magnitude. Os doentes confinados e os parentes próximos, além do estigma social, eram obrigados a se submeterem a exames periódicos, além de medidas de higiene pessoal rigorosas, sempre fiscalizadas.

Em 1947, meu pai foi literalmente caçado na estação da Luz, apesar de não ter os sintomas aparentes e levado para o Asilo-Colônia em Pirapitingui, no interior de São Paulo, o maior leprosário do Brasil., que chegou a ter 5.000 internados. Hoje chamado Hospital Francisco Ribeiro Arantes de recuperação, onde ainda há internos remanescentes daqueles tempos.

Naquela época a gente não tinha noção da real dimensão do drama que viveríamos durante tanto tempo.

O asilo-colônia era como uma cidade, projetada como tal, com as casas onde os doentes internos ficavam, as enfermarias, prefeitura, igreja, escola, necrotério, cassino, cozinha, refeitório, parte esportiva,

hortas, comercio e até cadeia para os fugitivos ou aqueles que não seguiam os regulamentos. A vigilância era severa.

Paralela a esta cidade funcional, existia uma cidade-fantasia criada pela Caixa Beneficente, administrada pelos internos, que promovia bailes, festas, jogos e outros entretenimentos destinados a mascarar a dura realidade de uma cidade policial.

Lá, ele ficou por 4 anos, até 1951, numa época que não havia sequer remédio contra a doença. Havia um remédio importado, que era meio paliativo e trazido por uma deputado estadual, de nome Conceição Santa Maria, que com isso fazia dos doentes e seus familiares um verdadeiro curral  eleitoral.

Nós passamos esse período, eu tinha 7 anos e minha irmã 5, com muitas dificuldades, com minha mãe segurando a barra e debaixo de cuidados higiênicos para evitar o contágio, separando roupas, fazendo exames periódicos no DPL já citado.

Minha mãe, junto com outras mulheres na mesma condição, ia visitá-lo regularmente, nos trens da E.F. Sorocabana, que tinha uma estação perto do Hospital.

Nós, crianças, só fomos visitá-lo uma ou duas vezes em condições tristes de distanciamento obrigatório. Éramos separados por uma espécie de fosso, cercados por dois muros baixos, distantes uns 4 metros, por onde poderíamos falar e sermos vistos, mas à distância. Era o chamado parlatório.

Meu pai ficou 4 anos internado nesse hospital, voltando sem as sequelas características dos defeitos físicos, mas bastante debilitado pelo excesso de medicações paliativas.

Ainda viveu mais um tempo, até 1965, se ocupando de tarefas leves, mas ainda tendo capacidade para construir nossa casa no Cangaíba, onde teve seu fim em 1965, que acredito por deficiências causadas por aquela internação compulsória.

Hoje o hospital permanece tratando da recuperação de alguns remanescentes, com algumas construções novas, os prédios originais em ruinas ou bastante deteriorados, embora com placas de tombados pelo Patrimônio Histórico, quando fomos lá em 2025, para fazer um pedido de atestado da internação do meu pai.

Observações

É muito duro falar sobre essa dolorida passagem, mas eu acho importante no quadro das memórias vividas pelo caminho.

- Alguns dados deste texto foram extraídos do livro A Cidade dos Esquecidos de Katy Auvray.

Janeiro 2025

## A TURMA DO BAR DO ZÉ

Abaixo vemos algumas figuras desse tempo: Toninho Galdino, Kim, Tatai, Elcio, Zé Ademar, Midnight, Ito, Manini, Padre, Pacheco, Lerdo.. Alguns já estão no céu.

O que é uma turma? É um grupo de pessoas que partilham interesses, objetivos ou atividades em comum. Por exemplo, uma turma de amigos, uma turma escolar ou uma turma de trabalho. Não é uma gangue ou panela.

Que legal quando você encontra uma turma de amigos, com essas características. Foi o caso da turma do Bar do Zé, (José Rodrigues),cujo nome oficial era Bar e Lanches Faculdades. Como o nome está dizendo, o ponto de reunião era o Bar do Zé, na esquina da rua Maria Antônia com Rua Dr. Vila Nova em Higienópolis.



Aqui vemos algumas figuras desse tempo: Toninho Galdino, Kim, Tatai, Elcio, Zé Ademar, Midnight, Ito, Manini, Padre, Pacheco, Lerdo.. Alguns já estão no céu.

Era um bar de esquina, comum, meio sujinho, meio desengonçado, com uns bons sanduiches, onde o melhor lugar eram as cadeiras de fora, onde nos reuníamos. Mas, acabou pegando no nosso gosto, sem maiores explicações.

Outros bares e lugares, que também frequentávamos, como a Quitanda do Agostinho, o Bar das putas, na Consolação, o Patachou, o Jeca, o Papaizinho, mas nenhum tinha o visco que o Bar do Zé reunia.

Quantas penduras, eventuais calotes e inúmeros perrengues o Zé teve que aguentar, por atender a esse público especial, sempre duro, barulhento e frequentemente bêbado. Mas o Zé e o Juca, seu sócio, tinham muita paciência e um jeito especial de nos atender. Tanto que ficou amigo de todos nós. Os empregados, os chapeiros nos conheciam pelo nome.

O Ademarzinho, nosso colega arquiteto, chegou a fazer uma reforma, mas sem grandes transformações.

Os encontros aconteciam no intervalo ou após as aulas, regados à bastante cerveja, outros baratos e muito som.

Os amigos eram os universitários que estudavam nas faculdades próximas, como a Filosofia, a Economia, a Sociologia e Política, a nossa FAU e alguns desgarrados do Mackenzie, pois os mackenzistas se reuniam num outro bar.

O grupo era composto de gente de todo tipo, verdadeiras figuras carimbadas, de todas as origens do Brasil, que vinham estudar na capital, alguns que trabalhavam em diversas atividades na região, outros artistas e intelectuais. Tudo gente especial e importante. É incrível como certos lugares têm a capacidade e o magnetismo de reunir um grupo tão especial de pessoas, num determinado tempo.

Obrigado a todos eles e elas.

Nos sentimos afortunados por podermos conviver com esta maravilhosa turma de verdadeiros amigos.



Encontro recente

## A TURMA DO ESTADUAL DA PENHA (1951/1958)

Tive a felicidade de participar de duas turmas na vida: esta do Estadual da Penha e a do Bar do Zé, na Maria Antônia, do texto anterior.

Como o nome está dizendo ela foi formada pelos alunos dos Cursos Ginasial, Clássico, Científico e da Escola Normal, como eram chamados os cursos naquela época, do Colégio Estadual e Escola Normal Nossa Senhora da Penha, primeira escola pública do bairro, criada pelo governador Adhemar de Barros.

Isso aconteceu desde quando a escola foi inaugurada em 1952, substituindo o antigo colégio de madeira, chamado Santos Dumont, existente no Largo 8 de Setembro, inaugurado em 1913. O endereço atual é Rua padre Benedito de Camargo, 762.

O prédio foi projetado pelo arquiteto Eduardo Corona e construído no âmbito do Programa Convênio Escolar do Estado. Por coincidência ele chegou a ser meu professor na Faculdade de Arquitetura da USP, mais tarde, quando lá estudei.

A escola era considerada um marco da arquitetura moderna no Brasil. O projeto arquitetônico foi considerado moderno para a época e a escola foi a primeira do Brasil a ter rampa de acesso para deficientes físicos.

O prédio era espetacular, pelo grande número de salas, parte administrativa e vivência com amplo recreio, cantina, piscina e um grande auditório, novidades nas construções escolares. Tínhamos aulas de educação física e natação, além das pedagógicas normais.

Entrei já no 2º ano do Ginásio, graças à prova realizada, porque já havia feito os dois primeiros anos no Ateneu Ruy Barbosa, outra escola do bairro.



Imagens do moderno edifício – destaque para a rampa



Imagens do moderno edifício

Os professores eram excelentes, todos concursados e oriundos das melhores escolas de S. Paulo. Tivemos o Prof. Reis, que dava botânica, a profa. Elvira Reale de português, a profa. Maria Amélia do francês, o prof. Rizzo de Física, a profa. Sueko de Matemática, o prof. Douglas de desenho, o prof. Deusda de Magalhães, o prof. Alberto Chamas, profa. Olga de inglês, aulas de latim que era legal, de espanhol e trabalhos manuais e tantos outros que não me lembro.

Eles cumpriram amplos programas pedagógicos, que nos deram uma base bastante sólida, e que nos permitiu sucesso na evolução e formatura em vários cursos universitários disputados, como na USP.

Infelizmente perdi o maravilhoso Álbum da nossa formatura de ginásio, que tinha os nomes e as fotografias nossas e de todos eles.

Uma figura não docente que ficou marcada nas nossas memórias foi o Sr. Álvaro, bedel, que controlava a presença e a disciplina. Era um senhor careca e vivia nervoso. Nos momentos de crise ele alertava:" por bem vocês me tiram a camisa, mas por mal, eu tiro a de vocês"

Também pudera. Nós éramos um bando de adolescentes barulhentos, que faziam algazarras e sempre aprontávamos. Vivíamos nos pegando. Às vezes exagerávamos, botando bombas no vaso sanitário dos banheiros, que dava uma confusão danada. Éramos moleques da periferia da zona leste.

Uma vez prenderam, de malvadeza, o auto da Profa. Elvira Reale, que acho que era um Mini Morris, no passeio, entre o muro e o poste, impedindo sua saída.

Andávamos vestidos com de um uniforme horroroso de brim, meio amarelado, de calça, blusa, gravata preta e sapato preto, que detestávamos. Aos sábados, que também tinha aulas, estávamos liberados desse horrível uniforme.

Com relação à disciplina era meio militarizada. Para entrarmos em aula e nos intervalos, tínhamos de formar filas, por tamanho, em silêncio. Parecia um quartel. Nós revoltávamos e ficávamos fa-

zendo algazarra. Quantas vezes o diretor vinha botar ordem, que só piorava, dizendo que ali não era uma cavalariça e nós respondíamos, relinchando feito cavalos e batendo o pé, como dando coices.

Ao entrar nas salas de aula, ficávamos em pé, quando o professor entrava e só sentávamos quando ele autorizava. Sua mesa ficava numa espécie de tablado mais elevado, indo até a lousa, quase definindo uma hierarquia. Como não havia celular, computador e essas modernidades, anotávamos as aulas num caderno, que copiávamos a matéria da lousa.

Meu apelido de chorão, vem daí. Na devolução de uma prova, não lembro de que  matéria, notei que a soma das notas parciais, não batia com a nota total escrita. Fui reclamar, com razão e a turma em peso, gritou Chorão, Chorão. Aí pegou.

Acho que é impossível lembrar de todos os alunos e colegas que lá passaram, mas vou tentar nomear pelo menos os da minha turma e os próximos de outras, que felizmente ainda nos reunimos de vez em quando. Vou tentar, de cabeça, enquanto mostro algumas fotos da época.

Adauto Ribeiro da Silva, Fuad Abdo Marini Barini, Munir Barini, Rubens Bunas, Henrique Josef, Olga I. Mafra, Bianco, Jaime Vainer, Cesar, Milton Bertani, Giné Gerônimo, Noriuki Sugiama, Gerson, Valentin Fernado Piton, José Gobbo Ferreira, Celio Xavier, Ruy Kalassa, José David, Flavio, José Deodato, José Rebelo, Waldemar Gurman, Aderbal Humphreys, Josmar Humphreys, Elcio, Filinto, José Principe, Dalton, Mauro Silingardi, Matte Peter, Wilson Scanavaca, Castilho, Flavio, Antônio Onias Neto, josé Roberto, José Mátua, Luiz Masci de Abreu, Nicácio Marcondes, Antônia, Najá, Marlene, Osmar Lima ,Lurdinha, Nilo, Sara,  Melo Freire, Wanderley Rocha Nassar, Rino Caterina, Franco Caterina, Ermelinda, Eu Chorão, Leiger, Glen, Alzira, Chico, Tiberio Brasileiro, Biagini, ...Alguns não lembro o sobrenome. Quem souber outros nomes, favor acrescentar.





Passeios pedagógicos



O time de craques

Sem dúvida, um grupo muito especial e promissor.

Desse elenco saíram os excelentes advogados, arquitetos, engenheiros, médicos e outros profissionais que se formaram nas melhores faculdades do país e do exterior e que honraram os ensinamentos desta extraordinária escola. Tivemos até uma cientista nuclear (Olga) e um engenheiro aeroespacial (Gobbo), entre outros tops, oriundos dessa base.

É curioso notar que muitos casamentos daqui se originaram, entre colegas dessa turma, como Dalton e Toninha, Nilo e Lurdinha, Mauro e Alzira.

Vivemos este período de 7 anos; 4 do ginásio e três do científico ou clássico, com muita amizade, camaradagem e fraternidade. Éramos todos pobres ou remediados, com honrosas exceções, com pais operários ou de pequeno comercio, de classe média baixa, que precisavam estudar para subir na vida. Lembro que só um ou outro vinha de carro, emprestado do pai.

A maioria estudava e trabalhava. Porém, estudávamos bastante, pois existiam os fantasmas da reprovação, da 2ª época e até do jubilamento, que era uma condenação exagerada.

Em toda minha trajetória, só consegui ficar de 2ª época em francês, com a terrível Maria Amélia, que nos fazia cantar a Marselhesa o tempo todo.

Fazíamos outras atividades complementares, como jogar futebol entre classes, organizávamos visitas, desfilávamos com a fanfarra e passeios recreativos e pedagógicos, criamos um Clube Recreativo, chamado Muretama, onde promovíamos bailes e festas. Não pintava nenhum desejo manifesto de ser profissional de futebol ou artista plástico ou aqueles ligados ao palco.

É curioso que não me lembro de grandes bebedeiras entre nós, nesta época, drogas também quase nada. Acho que a gente era meio careta. Tatuagens, bastante toscas, só os marginais as exibiam.

O uso das bebidas só veio a surgir mais tarde, quando passamos a frequentar os bailes de formatura, que foi um período interessante.

Um dos nossos programas favoritos, era ir esperar a saída das meninas do Colégio das Freiras, junto ao Largo do Rosário e à Igreja da Penha. Era a paquera ao vivo. Daí, surgiam muitos namoros.

Nosso ponto de encontro, fora das aulas, à noite e fim de semana era o Largo 8 de setembro, onde os bondes viravam para voltar ao centro da cidade, e onde o Jânio Quadros, prefeito, instalou um chafariz e uns bancos de concreto.

Ali tinham o cine Penha Palace e as padarias que eram onde nos abastecíamos de comida e bebida. Geralmente sanduiches e cerveja. Mas eram nos bancos, sentados nos assentos ou nos apoios, que ficávamos horas e horas, discutindo os problemas do mundo e o sexo dos anjos. Nos formando para o mundo.

Um fato curioso aconteceu comigo, nestes bancos da praça. Estava sentado tranquilo e sozinho quando um senhor chegou e, do nada, perguntou se eu tocava pandeiro. Estranhei, mas disse que sim.

Ele falou que estava procurando um pandeirista para tocar numa orquestra, que ia para o interior, acompanhar um show do Carlos Lombardi, que cantava tango, imitando o Carlos Gardel. Lombardi também morava na Penha.

Resumindo a história. Acompanhei os músicos da orquestra, em uma viagem de ônibus ao interior, que não me lembro a cidade, como músico profissional, que não era. Já no hotel, fiquei envaidecido com o registro de músico profissional.

Porém, o mais difícil estava por vir. O baile propriamente dito, animado pela orquestra, ia das 22.00 às 4.00hs da manhã, com um show do Carlos Lombardi, num intervalo mais longo.

Eu não tinha essa experiência e resistência para tocar tanto tempo, principalmente todos os diferentes ritmos do baile. Nos inter-

valos, de cada três músicas tocadas, eu corria para o bar, bebia um conhaque e jogava nas mãos para anestesiar um pouco, para continuar. Foi um sufoco chegar ao fim do baile.

Por falar em bailes, esse período dos bailes de formatura foi muito interessante e movimentado.

Esse período correspondia aos meses de janeiro e fevereiro, das férias escolares, quando eram feitas as festas de formatura do ano anterior, com seus bailes de gala, com muito glamour.

Eles eram realizados nos salões tradicionais da cidade como a Casa de Portugal, na Liberdade, nos salões do Aeroporto de Congonhas, no Palacio Mauá no centro e Clube Homs na Paulista. Eram abrilhantados pelas orquestras de Silvio Mazzuca, Waldemiro Lenke, Wilson Simonetti e Elcio Alvares.

Nós, os chamados pés-de-valsa da turma, vínhamos da Penha ou Tatuapé e nos reuníamos no bar Gouveia, no térreo do edifício Mendes Caldeira, na Praça da Sé, (já implodido), após deixarmos as namoradas em casa, já trajados do smoking obrigatório, e a gravata borboleta preta, embaixo de capas.

Os considerados melhores pés de valsa eram o Melo Freire, o Milton Bertani, o Wanderley e eu; mas nada impedia que os outros iam acompanhar.

Depois da calibragem etílica, íamos para as portas dos bailes, arrumar os convites para entrar. Tínhamos o calendário das orquestras preferidas, para acompanhá-las.

O esquema de entrada funcionava assim.  Na maior cara de pau, abordávamos um parente ou convidado, perguntando se tinha convite sobrando. Quase sempre dava certo. Quando os convites eram insuficientes, um entrava e ficava responsável em abrir uma porta estratégica, pelo lado de dentro, por onde os outros entravam. Sempre funcionava.

La dentro era tirar as meninas nas mesas ao redor do salão, com o olhar atento das mães, dançar e beber a noite inteira. Às vezes pintava um namoro ou programa.

Esse ritual era em todas as noites das férias. Tínhamos o fôlego dos jovens.

O duro era a hora de ir embora, pois nem sempre tinha carro disponível e dependíamos do transporte coletivo. Já pintando a ressaca e com fome, assaltávamos o leite e pão deixados nas portas das casas próximas.

Sobre a volta para casa, relato um caso perigoso, que aconteceu comigo e com o Waldemar Gurman, quando voltávamos para a casa no seu carro. Foi na Av. Celso Garcia, quase na esquina da Rua S. Jorge, quando nos chocamos com um bonde que fazia a curva para entrar na Rua S. Jorge em direção ao Corinthians. Acho que ele deu uma cochilada. Amassou bastante, pois o bonde era mais forte claro, mas saímos ilesos.

Todos nós, terminamos aquele período maravilhoso, nos formando no colegial e a maioria seguindo o caminho da Universidade.

Para finalizar, quero registrar que sinto muito orgulho de fazer parte dessa excepcional turma e do privilégio de estar presente naquele raro momento da nossa formação. Viva a Penha querida.

Janeiro 2025

## A VELHICE

Idoso, melhor idade, atendimento preferencial, são eufemismos usados para se referir à velhice. Fora outros de gozação como tiozinho, vovozinho, coroa, etc.

Quando se vai chegando numa idade avançada, esses assuntos ficam mais recorrentes, nos obrigando a falar em doenças e remédios.

Uns dizem que a velhice é uma dádiva, outros que é uma merda. Depende de que lado, ou que estado você está.

Claro que a longevidade é muito melhor do que a morte antecipada.

Se você está bem de saúde, bem financeiramente, tem família para te ajudar você é um privilegiado, um afortunado; neste caso a longevidade te favorece e é justo que aproveite.

Nesse caso há vantagens de não ter compromissos formais, não ter horários, ter o tempo livre, dormir bastante, fazer o que quer, quando quer, sem cobranças, às vezes ganhar lugar sentado na condução, pagar meia entrada no cinema e espetáculos, não pagar passagem no metrô ou ônibus urbanos.

Mas nem sempre é isso que acontece; o normal é ter que lutar contra as degenerescências do corpo físico e mental, que são acometidas pela idade.

Nesse outro caso surgem as dificuldades e limitações dos movimentos, de audição e visão, os esquecimentos, algumas dores frequentes, moderação na alimentação, baixa libido etc.

Acontecem as visitas frequentes aos médicos e o uso de medicamentos preventivos ou curativos passa a ser uma rotina. É como um carro usado que precisa ir periodicamente ao mecânico e consertar ou trocar as peças.

Se você for pobre, de periferia e depender do SUS, a longevidade diminui bastante.

A longevidade tem a ver com seu DNA e com as condições de vida que você leva ou levou.

Se você foi bem concebido, teve uma boa nutrição quando bebê, boa alimentação e cuidados quando menino, você já sai com um crédito positivo para durar bastante.

Se você teve uma boa educação em casa e na escola, um ambiente saudável em ambos os casos e no seu bairro, isso também te credencia a durar bastante.

Depois de adulto se você mantém bons hábitos, como se exercitar regularmente, comer saudavelmente, não fumar, beber com moderação, tomar bastante água, lavar as mãos, também são fatores positivos para a longevidade.

Todos esses são conceitos gerais teóricos, que os médicos nos martelam, com a finalidade de nos mantermos até o fim de forma saudável. O problema é que nem sempre eles se aplicam individualmente a você.

Porque, na pratica a teoria é outra, diz a sabedoria popular.

Durante nossa trajetória somos acometidos de vários percalços de saúde, que nos obrigam a cuidá-los. Uns são simples, como uma dor de cabeça, uma gripe, que se resolvem com analgésicos, outros mais graves como quebrar um braço arrancar um dente, que exigem intervenções de especialistas.

No meu caso cheguei a experimentar essas duas categorias de traumas.

Desde pequeno fui muito inquieto, mas não consegui quebrar nem um osso; em compensação tive febre escarlatina, sofri com problemas de gengivas, operei as amigdalas e tive um acompanhamento pré-natal rigoroso e  acompanhamento severo contra o contágio de lepra, que meu pai contraiu e teve que se hospitalizar por 4 anos.

Na adolescência e juventude não me lembro de maiores problemas de saúde. Nessa fase, a gente acha que é de ferro.

Já no início da idade adulta, dos 20 aos 25 anos, cursando a faculdade é que eles começam. Vida desregrada, comendo mau, estudando muito, dormindo pouco, bebendo bastante, exercícios irregulares, começam a contribuir para problemas gastrointestinais, de estresse, de manter o peso etc.

Depois de formado, vem a luta para constituir família, com mulher e filhas, quando você trabalha como um louco, e não se cuida como deve, além de se preocupar com a saúde da família. Projeta, constrói, se locomove para prover o sustento da casa e garantir a ascensão profissional e se esquece da saúde.

É bom lembrar que nesse tempo e nos anteriores citados na minha evolução, não havia os planos de assistência médica de hoje, nem sequer o SUS que surgiu em 1988; isso quer dizer que ou você recorria a profissionais e hospitais particulares, pagando por isso, ou arriscava a sorte nos serviços públicos de saúde disponíveis.

Minhas três filhas tiveram tratamento pré-natal, com profissionais e nasceram em hospitais particulares. Para agravar, era época de inflação galopante.

Nessa época morando em casa própria e achando que é o super-homem da casa, que sabia fazer e resolver tudo sozinho é que apareceram os problemas.

Primeiro foi a quebra do calcâneo direito, numa queda, pela teimosia de construir um mezanino no sítio do sogro em Joanópolis, que me obrigou a peripécias para ser medicado, 6 meses de gesso e sequelas até hoje. Não precisei ser operado.

Depois em casa reparando uma goteira no telhado, cai da escada e quebrei o pulso; mais uma temporada de gesso e dificuldade de desenhar e trabalhar. Esse é um erro comum que muitos homens

cometem imprudentemente. Perdi um amigo nessa condição, além do recente caso do Gugu da televisão.

A situação começa a piorar com a ampliação da idade, ao deixar a situação chegar no limite, com dor, que te obriga a um controle maior, com exames regulares, intervenções e medicação preventiva. Aí aparecem problemas de pressão alta, diabetes, colesterol, artrite, foliculite, dentários, artrose, de visão, de audição, de coluna etc., todos que viram crônicos e que exigem atenção e cuidados permanentes

Tive que fazer implantes dentários, pois a situação tinha chegado no limite; mas estou muito contente com o resultado. Mastigo sem problemas.

Em matéria de riscos, em diversas ocasiões tive vários acidentes rodoviários, incluindo colisões e capotamentos. Mas, graças a Deus consegui sobreviver a todos eles sem nenhum arranhão.

A coisa ficou mais séria quando tive que fazer uma cirurgia cardíaca de emergência, portanto de risco, apesar de fazer toda a prevenção com exames de convenio. Estava terminando uma viagem de férias em Paris, quando não conseguia respirar mais; estava com embolia pulmonar e problemas cardíacos, quando fui hospitalizado. Resultado: Troquei a válvula aórtica, pelo método tradicional de abrir o peito, por outra orgânica, ficando 30 dias internado, com várias outras complicações, mas com o coração consertado.

Em seguida mais recentemente tive um problema no ombro, no manguito rotador, que me obrigou a uma nova cirurgia para reparar os tendões rompidos. Com 6 meses imobilização e de recuperação com fisioterapia, fiquei curado.

Agora por fim, chegando aos 80 anos, fui contemplado com um câncer na próstata. Dizem que todo homem terá o seu um dia na vida. Mas quando você é sorteado, não é nada bom. Estou fazendo muitas as 38 sessões de radioterapia na esperança de resolver o problema. Felizmente não tenho metástase.

Atribuo minha longevidade às condições genéticas, cuidados de mãe, de outros anjos da guarda que surgiram no caminho e muita sorte no enfrentamento dos problemas apontados.

Apesar de todos esses problemas, me sinto um privilegiado com a idade longeva que cheguei, tendo aproveitado bem toda ela, através da minha formação, constituição de família, sem maiores dificuldades permanentes e inúmeras viagens profissionais e de lazer. Salve a vida longeva, apesar de tudo.

Fevereiro 2020

# A PROPÓSITO DO FALECIMENTO DO AMIGO CARLOS BIANCO

## AGONIA/PREOCUPAÇÃO/APREENSÃO/ANSIEDADE



CARLOS BIANCO

É uma sensação intensa de mal-estar físico e emocional, frequentemente descrita como um aperto no peito ou uma sensação de sufocamento, acompanhada de ansiedade e apreensão. É muito ruim, quando sentimos isso novamente.

São sentimentos que nos ocorrem quando nos faltam noticias ou informações dos nossos entes queridos, quando eles estão distantes, não necessariamente em situações de risco ou perigo.

Quando éramos jovens nós não compreendíamos bem a preocupação de nossos pais, quando saíamos, não dávamos notícias e demorávamos para voltar, numa época em que o celular não existia. Eles ficavam esperando sentados à porta nos esperando até voltarmos. Sempre pensavam que poderia acontecer alguma coisa.

A gente cresce, também se torna pai ou mãe e a coisa se inverte; nós é que ficamos preocupados quando eles não dão noticias e se atrasam ou passam a noite na casa de amigos.

Com os amigos isso também acontece; ainda mais agora quando já estamos em adiantada idade, sujeitos aos humores da saúde, onde as dificuldades de locomoção sempre limitam os encontros. Felizmente as redes sociais têm exercido um papel importante nessas comunicações.

Mesmo assim, quando o silencio é prolongado, ficamos com a pulga atrás da orelha e buscamos notícias, pois sempre pode acontecer alguma coisa, como acreditavam nossos pais.

Agora, isso acaba de acontecer comigo com o falecimento de supetão do querido amigo e companheiro de lutas o Carlos Bianco. Ele vivia sozinho, como eu, num apartamento no Paraiso, quando ele voltou morar novamente em São Paulo, atulhado de seus objetos, livros e quadros valiosos, depois de viver 7 anos em Florianópolis com sua querida Vera, depois que ela faleceu. Ela dava aula na Universidade Federal e ele na área de meio ambiente na Eletrosul. Não tiveram filhos.

Antes dele ir pra Floripa, convivemos bastante tempo juntos em lutas profissionais no Sindicato dos Arquitetos e nas empresas de consultoria onde ele trabalhava. Igualmente nos frequentávamos como casais, eu e a Hilda, ele e a Vera aqui em S. Paulo.

Ultimamente retomamos o convívio aqui em Sampa realizando viagens juntos passeando novamente em Floripa, para o Uruguai e até a Itália onde estivemos na Sicília e Calábria, subindo até Roma. Ele sentia um certo cansaço, mas ia bem e até dirigia o carro para nós.

Também aqui saíamos todas as quintas feiras para ótimos happy hour, percorrendo vários bares da cidade, onde tomávamos nossos goles, conversando sobre os males do mundo, um tanto frustrados por não poder mais participar dessa ciranda produtiva.

Isso quando não íamos na Sala São Paulo assistir aos concertos de música clássica, onde ele tinha assinatura.

Pois não é que, na volta de uma viajem que fiz com minha filha Mariana para o Espirito Santo, onde fui comemorar meu aniversário de 85 anos de vida, ele já não estava mais entre nós, apesar de não ter nenhuma doença grave. Me bateu uma tristeza infinita e um tremendo mal-estar.

Ele foi encontrado sem vida no apartamento de manhã, pela faxineira, sentado no sofá, bem-vestido com um copo de conhaque na mesinha ao lado. Deve ter sido à noite, num enfarte fulminante, numa morte súbita, sem poder ser socorrido. Tenho medo de que isso também pode acontecer comigo, pois também vivo só.

Ele tinha 81 anos, 1.90h de altura, quase 90 quilos, fazia esteira em casa, sentia um certo cansaço quando caminhava, mas nada que denunciasse algo mais grave de saúde. Era um cara tranquilo de paz e muito afetivo. Gostava de uma cachaça de boa qualidade e não comia peixe e frutos do mar.

Só fiquei sabendo uma semana depois, quando ele não respondia aos meus zaps, primeiro convidando para a happy hour da 5ª feira e depois insistentemente no dia seguinte. Estranhei muito e daí bateu aquele estado de agonia e apreensão manifestos no começo deste texto. Que teria acontecido?

Não satisfeito e muito preocupado fui até o seu prédio, que infelizmente tem a administração remota e ninguém na portaria, só uma comunicação telefônica, que não resolveu o problema do possível acesso ao seu apartamento.

Depois de algum tempo apareceu uma moradora, que me informou do seu falecimento há dias. Imagina o susto, a pancada. A gente fica desnorteada, apesar de eu já ser escolado nessa matéria de perdas.

O chato é que eu não tinha nenhum contato com os seus sobrinhos, que eram seus únicos parentes, pois seus irmãos já tinham morrido. Por sorte consegui um contato com a Diva, mulher do professor Abraão Sanovicz, nossa amiga comum, que nos confirmou da morte e passou o fone da Fernanda, uma sobrinha que ele tinha muito contato.

A Fernanda descreveu os tramites funerários até o Crematório de Vila Alpina, onde ele foi cremado, sem velório ou missa de 7º dia.

E eu fiquei curtindo um luto do amigo, sem poder me despedir dele como ele merecia. Este texto tem esta intenção. Adeus querido amigo. Vá em paz.

Nosso mundo vai ficando cada vez menor. É toda a nossa geração que vai embora. Aproveitemos enquanto é possível.

Agosto 2025

## HOMENAGEM AO AMIGO ÉLCIO GABRIOLI MARTINS

Que nos deixou aos 81 anos, no domingo, dia 27/9, à tarde e de repente.

Arquiteto de mão cheia, da turma de 1962/66 da FAUUSP, com obras residenciais, industriais e de habitação popular, além de artista plástico de grande sensibilidade, de quem guardo dois quadros, com carinho.

Quanto convívio, quanta confraternização e alegria nos nossos encontros de aniversários, em sua casa ou na minha, no Restaurante Winduk de Moema, nas cantinas do Brás, para comemorarmos nossa vitória no SASP e tantos outros.

Deixou Priscila, sua eterna companheira, o Elcio Jr, a filha, netos e um montão de amigos.



Elcio Gabrio0li Martins

Minha despedida foi na missa ontem na capela do Instituto meninos de São Judas.

Vá em paz, meu querido amigo. Com tristeza. Vou sentir saudades.

## A HORA DA BOIA 1

**“Cozinhar não é um trabalho, mas sim um ato de amor ao próximo”**

Expressão popular que nos leva a boa hora da comida, da refeição. Acredito ser um dos atos mais importantes do ser humano.




O mestre Cuca



Virado a Paulista

Falo da alimentação de uma forma abrangente que compreende o ato social de comer e beber para se manter vivo e saudável. Não importa se ela é frugal ou sofisticada, se a faz só ou acompanhado, no campo ou na cidade; qualquer que seja o tipo e a forma ela sempre será importante para o nosso bem-estar físico e mental.

Sempre estive ligado nessa questão da nossa santa comida do dia a dia.

Gosto da questão da alimentação, do seu preparo, dos seus ingredientes, seja pela sua necessidade humana básica, seja por sua diversidade, seja pelo prazer na degustação de seus odores e sabores, seja por seus efeitos e resultados.

Gosto de comer e beber; gosto de cozinhar, de comprar os ingredientes, de prepará-los pelo tempo necessário, com todo o cuidado e carinho para se conseguir um bom resultado, uma refeição que dê prazer e alegria. Há gente que encara esta hora como um estorvo, uma necessidade e nada mais. Acredito que a hora da boia deve ser sempre uma dádiva, uma oportunidade de reunião, um ato sagrado, nunca um sacrifício.

Sou movido pela riqueza e abrangência do assunto, pela curiosidade sobre a diversidade cultural dos pratos dos diversos lugares e países, suas formas de preparo, seus valores nutricionais, os diversos tipos de temperos e condimentos que revelam um dos aspectos culturais mais fortes de uma região ou de um povo. Gosto de toda comida brasileira, de norte a sul, de leste a oeste.

Que brasileiro resiste a um bom tutu à mineira, a uma feijoada, a uma galinhada, um camarão na moranga e um Romeu e Julieta de sobremesa.

Por outro lado, nas minhas viagens, além das questões ligadas à Arquitetura, sempre costumo visitar os mercados e feira de alimentos, que são lugares bastante reveladores da cultura do povo que ali vive. Além, é claro de experimentar todas as comidas típicas locais.

A Hora da boia nem sempre leva uma hora, pode ser mais ou menos dependendo do lugar, do dia, da companhia, das circunstâncias ou dos compromissos.

Imagine você num restaurante situado no alto de um belo monte, cercado de muito verde, num dia de sol, descortinando uma calma baia de mar logo abaixo, bem acompanhado, num papo inteligente e agradável, saboreando um peixe fresco grelhado com molho de camarão, harmonizado de ótimo vinho branco. Depois, a sobremesa preferida e um café expresso, com licor.

Claro que não podemos chamar isso de uma simples boia, mas sim de um refinado almoço, um repasto maravilhoso. É um deleite para o corpo e a alma. Como nem sempre se tem esse privilégio é preciso desfrutar o momento com calma, prazer e felicidade.

Tive esse privilégio no sábado passado ao ir a São Vicente visitar meu amigo Dente, onde fui dar umas dicas sobre Palmas, onde trabalhei por 7 anos, para ele e equipe que participavam do concurso de projetos de Arquitetura para a sede do IAB do Tocantins.

Por outro lado, imagine agora você na correria do dia a dia, num intervalo apertado entre dois compromissos importantes, tentando parar para comer alguma coisa, já que o café da manhã expirou e a barriga está roncando.

Não dá nem para pensar direito aonde ir, quanto mais o que comer. Enfia-se em qualquer “frege-moscas”, como dizia o meu pai, e pede-se o prato do dia ou um sanduíche rápido, com refrigerante ou suco pronto.

Ai não dá para ser feliz. Desta forma, pratica-se uma violência com a nossa saúde, onde o preço futuro sempre será alto.

São dois exemplos extremos que revelam a importância e o significado da hora da boia.

Entre essas duas pontas podemos imaginar várias outras situações, intermediárias, tais como:

Aquela dos boias-frias, no campo ou na cidade, que comem de marmita, o que conseguem trazer de casa; os que comem de marmitex, versão aquecida e em papel alumínio da marmita tradicional; os que comem um "p.f." ou prato feito nas padarias ou botequins de esquina das grandes cidades; e mais recentemente se alastrou a famosa boia por quilo, servida num grande buffet de pratos frios e quentes, forma inteligente que evita muitos desperdícios.

Há também a hora da boia, daquela classe média que, por preguiça ou comodismo, vai e inclusive leva seus filhos a comerem num McDonalds da vida, se empanturrando de hambúrguer, batata frita, com mostarda e cachup, coca cola e Milk-shake, macaqueando os norte-americanos, com péssimos resultados nutritivos.

Nessa listagem não podemos esquecer jamais daqueles que sequer têm alguma boia para comer, que padecem da chamada insuficiência alimentar, que são muitos por esse Brasil e mundo afora, problema que a humanidade, vergonhosamente, ainda não resolveu em pleno século 21.

Erradicar a fome e a miséria, talvez seja um dos desafios mais importantes deste mundo globalizado.

Junho 2011

## HORA DA BOIA 2

Nessa questão da boia, a gente atravessa várias fases e etapas.

Quando pequeno, lá na Penha, me lembro de algumas comidas que minha mãe fazia. Com toda a limitação do orçamento doméstico, pois éramos pobres, ela fazia mágica com os ingredientes mínimos, comprados na feira ou no empório da esquina, no sistema de caderneta, sempre cozinhando bem e de forma saudável.

Como filha de calabrês ela fazia massas caseiras com perfeição; seu canelone de ricota era imbatível. Até hoje dispenso fígado de boi, pois era a única carne que podíamos comprar, na forma de bife grosso acebolado, uma vez por semana. Ela dizia que fígado fazia bem.

O feijão gordo com arroz dela também era muito bom, pois segundo meu pai, ele a tinha ensinado. Aliás, meu pai, mineiro de nascimento, era o rei do mexidinho, feito com a mistura do arroz e feijão amanhecidos, misturados a um ovo mexido, que ele sempre levava para o trabalho.



O famoso Bandejão

Nessa época aprendi a comer salada, legumes e frutas, quando dava.

A boia era sempre arroz, feijão e uma mistura. Aliás, misturar toda a comida no prato antes de comer é um costume popular bem brasileiro. Mistura e manda.

Não importa se tem arroz, feijão, macarrão, carne, ovo, salada, o estilo será mistura e manda.

Era o tempo da boia da casa da mama que sempre faz bem e marca para toda a vida.

Depois, já mais grandinho, tive a fase da marmita, quando trabalhei no Departamento Comercial da Rádio Nacional, na Rua das Palmeiras.

Seu conteúdo consistia invariavelmente de arroz, feijão e uma farofa de ovo que minha mãe preparava e que raramente estragava. Na hora da boia, esquentávamos na espiriteira de álcool e comíamos na mesa da Diretoria. Salada não dava certo nesse esquema. Fruta só quando podíamos comprar na quitanda próxima.

Houve a fase da adolescência, ainda em casa, mas de comportamento rebelde. Misturava comida de casa, mas fora de hora, com porcarias comidas fora e, muita bebida. Eram as festas, os bailes de formatura. Curioso que não rolava droga. Era só o poder alcoólico. A gente era careta, mas feliz.

Já na Universidade houve a fase dos bandejões; sistema que, como o nome diz, consiste em que a boia é servida numa bandeja em porções separadas de cada componente, nas cavidades dela. Havia dias de arroz, feijão, carne e salada, outros de macarrão com frango, raramente peixe. A boia sempre era acompanhada de uma fruta e, não sei por que, de um indefectível copo de leite, que sempre me provocava diarreia.

Não sei se pelas condições higiênicas, pelos excessos de gordura e sal desse sistema, eu vivia com os intestinos em pandarecos, sempre recorrendo a médicos e remédios para travá-los.

Essa fase em que experimentei vários tipos de bandejões, fosse na própria FAU ou em outros refeitórios universitários, já que a gente circulava muito, durou todos os 5 anos da Universidade.

Nessa época é preciso que se diga que, além dessa forma de boia, a gente bebia de tudo e feito louco; era cerveja, pinga, Vodka, conhaque, o que viesse. Também nessa fase rolava pouca droga e das leves como baseado de maconha. Felizmente passei ao largo dessas experiências.

Na condição de formado é aquela luta pela sobrevivência, do mergulho no mundo profissional, que sobra pouco espaço para a boia decente e correta.

Minha carreira profissional foi toda exercida praticamente de forma independente, como autônomo ou liberal. Raramente nos momentos de desespero é que me vinculava a um emprego.

Nessa condição come-se de qualquer maneira, onde e quando é possível. Ora pede-se o prato do dia num restaurante simples, ora um sanduíche, tudo fora de um horário, de uma rotina saudável. O estresse do trabalho prevalecia sobre a refeição. Essa atitude, difícil de ser evitada ou contornada, não resulta em boa coisa para o corpo.

Nas viagens a hora da boia é sempre um mundo à parte. São novidades tentadoras, surpresas, novos sabores, alimentos exóticos que nos obrigam a novas experiências e ao deleite de refeições maravilhosas.

Nesse particular vamos revelando essas experiências à medida que descrevemos as próprias viagens.

Bem, agora vamos parar por aqui, porque está na hora da boia.

Junho 2011

## MARCAS DO TEMPO

**O tempo não apaga as marcas deixadas**

São aquelas, surgidas no corpo, advindas do mau uso, do desgaste, dos acidentes, das doenças, das perdas ou do excesso de exposição.

Algumas são físicas, naturalmente visíveis, outras indeléveis, escondidas ou às vezes só sentidas. Algumas podem ser graves, doloridas, outras suaves e toleráveis.

Visíveis, como os cabelos brancos, as rugas, as manchas, as dores, as deformações ou as sentidas, que são sigilosas, guardadas no coração, na mente ou ainda na alma.

Nossas marcas refletem e expressam a riqueza do nosso viver ao longo do tempo. São como os nossos caracteres únicos, um nosso carimbo de identidade.

AS MARCAS

As minhas marcas começaram bem cedo e continuaram necessitando de ajuda médica ou espiritual, pois me perseguiram vida afora. Vamos ao rosário delas.

Tive um pré-natal complicado, pois havia risco de problemas oriundos da doença venérea paterna contaminar meu nascimento. Graças a Deus sai ileso e sem elas.

Em seguida tirei as amigdalas bem pequeno, muito comum antigamente. Na ida fui contente pela promessa de muito sorvete; na volta, murcho e dolorido, esqueci dos sorvetes.

Mais para a frente, ao fazer minha primeira comunhão, com o terninho reluzente, fui atacado por uma severa desinteria, após a cerimônia, que não pude controlar fazendo o brilho e a limpeza do

terninho desaparecerem. Foi uma marca inesquecível, como um castigo dos céus.

Ainda menino, ao fazer uma cirurgia dentária, uma gengivectomia, para limpar as gengivas de uma infecção, deu uma zebra danada. Por algum motivo, acho que teve a ver com o anti-hemorrágico, pois após o procedimento, deu uma tremenda hemorragia, que necessitou atendimento de emergência. Que levou a uma peregrinação por 2 hospitais públicos, em S. Paulo, até achar um pronto socorro dentário. A marca maior foi o pavor de qualquer gabinete dentário.

Aliás, a falta de cuidado dentário, na infância e adolescência, ficou marcada para a minha vida toda.

Durante a infância e juventude, felizmente, não consegui quebrar nenhum osso, apesar de jogar bola e fazer todas as peraltices da idade. Ponto sem marcas.

O período escolar e universitário ficou marcado no meu corpo, por grandes distúrbios intestinais, provocados por comida inconveniente, não saudável, desregulada, fora de hora etc., além de muita bebida. Começava aí a compensação com medicação, além do sofrimento.

Adiante, já formado, tive alguns acidentes que deixaram suas marcas e sequelas permanentes.

O mais importante talvez seja aquele onde quebrei o calcâneo direito, ao cair de uma escada, quando construía um mezzanino no sítio do sogro, em Joanópolis. A escada escorregou e cai de pé sobre um pé só. Ficaram esmagados um montão de ossinhos, existentes nesse local importante do corpo. Desmaiei de dor, e ao invés de botarem gelo, colocaram água quente, o que só piorou.

Daí, foi uma peregrinação para tratar o problema. Rodei a Santa Casa de Joanópolis, a de Piracaia que não tinham chapa para o raios x, até chegar numa clínica para drogados em Atibaia, a única aberta naquela noite de festa junina.

Resultado tiraram o raios x, mas fizeram um gesso não correto para imobilizar a região, que me obrigou no dia seguinte em S. Paulo, procurar um ortopedista de confiança e refazer o gesso, pois aquele estava garroteando os dedos expostos do pé, já ficando escuros. Preço: 3 meses de gesso e muita fisioterapia e a limitação de movimentos para sempre.

Outra marca mais prosaica foi, quando, inocentemente, pescava lambaris num riacho de Ubatuba, numa manobra distraída, o anzol espetou no meu dedo. Moço de cidade, não sabia o que fazer, pois a tentação era puxar o anzol e dilacerar o dedo. Já na Santa Casa, o médico amigo ensinou o pulo do gato. Depois de anestesiar, ele mostrou que o certo é empurrar o anzol para a frente, até aparecer a fisca, para então cortá-la e depois voltar com ele, sem risco de maior ferimento.

Outro acidente burro foi quando também cai de escada em casa, tentando acessar o telhado. Toda mulher cansa de falar para o marido não subir no telhado e chamar um pedreiro, pois costuma dar merda. O teimoso machão, não escuta.

A marca foi que quebrei o pulso, precisando conserto e longa fisioterapia.

Descobri que era hipertenso ao fazer um exame de renovação da carteira de motorista em Palmas no Tocantins. A pressão estava a mais de 20 por 14.

Enveredando mais no tempo, relato um episódio grave, que quase me levou a vida. Foi a cirurgia cardíaca, acontecida em Paris, quando estava passeando. Foi trocada uma válvula aórtica que já tinha dado sinal de fadiga, com direito a 30 dias no hospital. Essa marca no peito, com o queloide e o susto acarretado, não me deixam esquecer desse difícil e grave episódio.

Este episodio está relatado neste memória em texto próprio.

Fora os acidentes, outros problemas físicos ou não, decorrentes da idade, pois afinal vou fazer 85 anos, já deixaram suas marcas.

Os físico-visíveis, que ainda incomodam são:

- Uma foliculite capilar, que não me abandona há vários anos, e que não há remédio, ou dermatologista que cure. Coça, produzindo marcas salientes.
- Os olhos já mostravam seu desgaste, embaçando o olhar, me obrigaram a fazer a cirurgia de cataratas nos dois olhos. Resolve bem o problema.
- Os ouvidos também já não respondem mais, como antes, e pediram um aparelho para cada um, para ouvir claramente uma sinfonia do barulho ou todas as abobrinhas do mundo.
- Fui obrigado a fazer 8 implantes dentários na parte superior, para poder mastigar os alimentos, sem dor e com prazer. Valeu o sacrifício.
- Mais grave que todas essas deficiências provocadas pelo tempo de uso, foi o aparecimento de um câncer de próstata, que me assustou. Sem cirurgia, foi preciso 38 sessões de radioterapia, para tratar do problema e o acompanhamento posterior de monitoramento. Com muitas sequelas desagradáveis.
- As outras marcas não visíveis, estão relacionadas às diversas perdas familiares de mulher e filhas, amigos próximos, ocorridas no caminho, que são eternamente doloridas.
- Outras dessa ordem, que podem ser aqui relacionadas é a nossa expulsão do mundo produtivo, dito útil, que te coloca numa situação de isolamento social, desconfortável e frustrante, vulgo aposentadoria compulsória.

## O COMBATE E O PREÇO

Essas marcas e os demais problemas apontados no decorrer do meu tempo de vida, que já chegou aos 84 anos, acabaram por exigir seu combate, primeiro na forma clássica, que é uso de medicamentos, de instrumentos de proteção, ginástica, pomadas etc.

Nessa altura do campeonato, para controlar os diversos distúrbios e sintomas adversos de saúde, como hipertensão, diabetes, ácido úrico etc., estou tomando 11 medicamentos por dia, faço uso de óculos para correção, e protetor solar, uso pomadas para hidratar, para foliculite, colírio ocular, aparelhos de surdez e tento beber muita água, que parece ser o milagre dos médicos.

Faço ginástica 2 vezes por semana, para movimentar o corpo, me mantendo independente e ativo. Não renuncio a uma boa comida e ainda bebo vinho, whisky e cerveja para alimentar o espírito.

Com relação às outras marcas invisíveis, principalmente das perdas, já fui obrigado a períodos de acompanhamento psicoterapêutico, que me ajudaram nos momentos de crise.

Uma questão recente, muito sentida e que marcou muito, foi a decisão de me desapegar de todos os bens e pertences acumulados durante toda a vida, existentes no belo apartamento de São Vicente.

Foram os muitos livros, profissionais e literários, discos, projetos, objetos, inclusive o automóvel e voltar a morar em S. Paulo, num pequeno flat, adotando uma nova filosofia de viver com pouco, numa prática minimalista, que vai me levar ao nada num futuro próximo, onde finalmente acabam todas as marcas.

Outro remédio eficaz para essas questões, invisíveis e indizíveis, é me manter sempre viajando, para me distrair e manter minha curiosidade em dia.

Confesso que consigo conviver bem com as minhas marcas, já que são inexoráveis, pois já estão incorporadas ao meu ser, sem maiores rejeições.

Assim como fiquei impregnado de tantas marcas próprias, ficarei muito grato e feliz, em ter deixado bastantes marcas boas nas pessoas que convivi, como lembrança da minha existência.

Fevereiro 2025.

## ME SENTINDO DOENTE

Demorou, mas finalmente chegou. Caiu a ficha. Depois de mais um exame de raios x, preparatório para iniciar amanhã as sessões de radioterapia, me senti realmente doente, com câncer de próstata.. Fui até marcado como gado. Deprimente.

Até agora estava levando uma vida normal sem obedecer a nenhuma restrição, encarando o tratamento como uma necessidade obrigatória, para superar este mal grave que me acometeu.

Hoje, quando foram passadas todas as informações, restrições e possíveis reações sobre o tratamento é que começo a dar conta da seriedade dele. São várias páginas de instruções.

Serão 38 sessões de radioterapia, uma por dia, de 2ª. a 6ª. feira, num total de 52 dias, até 13 de março. Depois vem a avaliação e nova injeção para baixar a testosterona. Vai ser longo.

Parece que as sessões em si são tranquilas de curta duração, em torno de 10 minutos, sem dor ou outro incomodo. O ambiente é digno e bem equipado. O pessoal transmite confiança.

Os problemas maiores a serem enfrentados são, por um lado as restrições e indicações alimentares, horas das refeições; por outro posso estar sujeito as possíveis reações do intestino, bexiga, órgãos próximos atingidos pela radiação dirigida, que deveriam ser preservados.

Esses órgãos podem ficar desarranjados, apresentando descontroles como diarreia ou constipação, bexiga presa ou solta etc. Posso apresentar náuseas ou vômitos.

A pele no local também deverá ser atingida e tratada com compressas de chá de flor de camomila e gel especial para hidratar e refrescar.

Quanto a alimentação devo ingerir bastante líquido, seja água, chá de camomila, água de coco, que são normais nesses estados.

Evitar café, leite, bebidas alcoólicas, comidas gordurosas, apimentadas e condimentadas, sem frutas cítricas. Refeições leves a cada 3 horas.

Não comer nada 4 horas antes das sessões e só 4 horas após as sessões. Ir nas sessões sempre de bexiga cheia, tomando luftal para diminuir os gases.

Vai ser uma vida condicionada ao tratamento, mais limitada ainda na alimentação e cuidados gerais, diminuindo as atividades e movimentos, onde vou precisar de toda a ajuda possível, para atravessar esse período difícil. Não vai ser fácil. É como me sinto agora.

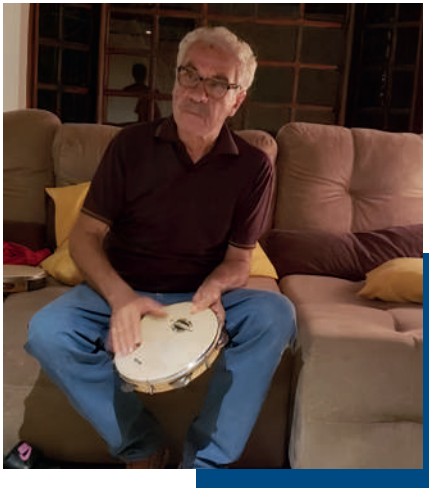
Conto com vocês, minhas filhas. Beijos.

## MEU FIEL COMPANHEIRO 1

Tudo começou no Natal de 1950, quando eu tinha 10 anos. Passeando, com meu pai, para comprar os presentes, apontei para ele, MEU PANDEIRO, no Bazar do José Bustamante na rua da Penha. Foi amor à primeira vista. Feito o desejo não parei mais.

Morávamos no Cangaíba, numa casa simples de um quarto, sala, cozinha e banheiro, com um puxado mais embaixo, onde eu me escondia para estudar e aprendia a tocar o pandeiro sozinho, como um autodidata teimoso.

Não tinha referência na família, influência, ou imitação de algum ídolo. Era pura paixão inexplicável. No máximo o interesse e curiosidade de famílias que reuniam para tocar na porta de casa, quando morava na Penha.



Matando a saudade

Colocava num programa de samba no rádio e tentava acompanhar, pois não havia outro meio de ouvir música ou notícias. Primeiro, ao contrário do usual, segurava com a mão direita e batia com a mão esquerda, pois era mais fácil. Devia encher o saco dos pais e da vizinhança pelo barulho, mas ninguém reclamava.

Sempre gostei dos ritmos brasileiros. A vantagem é que eu tinha jeito e pegava rápido o andamento. Era e ainda é instintivo. Só de ouvido; nada de leitura em pauta musical, que até hoje me arrependo não ter estudado musica. Devo ter algum pé na África, que desconheço.

Assim o tempo foi passando, quando inclusive frequentava os bailinhos do clube do bairro e já participava do carnaval, tocando algum instrumento de percussão.

Num teste vocacional na adolescência deu que eu deveria ser músico. Minha mãe não quis nem saber dessa conversa. Tinha que estudar e ser doutor.

**Corte para a fase adulta.**

Já dominando o instrumento entrei na FAUUSP em 1961. Ali no porão do grêmio, antiga adega dos Penteados, ficávamos ouvindo discos dos Titulares do Ritmo, em parodias pornográficas, os Cariocas, Tamba Trio, Zimbro Trio e outras feras da mpb.

Mas principalmente, havia nos intervalos das aulas, o que chamávamos de Sambafo, que eram rodas de samba regadas à cachaça Pitu, num cenário repleto de obras de Flavio de Carvalho.

Essas rodas reuniam os alunos chegados à música como Chico Buarque, Valandro Keating, Manini, Maranhão, Eu e tantos outros acompanhantes assíduos como Mané, Barão, Mimi, Cesar e várias meninas. Muito violão, cantoria, atabaque, pandeiro, chocalho e percussões improvisadas.

Dessa época em diante fiquei com o apelido de Edison do pandeiro, que muito me honra.

No final das aulas, que ia o dia inteiro, rumávamos para o Bar do Zé na rua Maria Antônia ou para a Quitanda do Agostinho na rua Vila Nova, para o aquecimento da esticada da noite. Novos personagens, como Toquinho, Eduardo Gudim, Taiquara, Junqueirinha, Carlinhos Vergueiro, das outras escolas perto, como a Filosofia, Economia, Sociologia e Política, se juntavam à tropa para fazer música e beber cerveja.

Sempre tinha uma esticada noutro bar, uma festa, ou inventávamos uma serenata para alguma menina. Rodávamos todos os pontos boêmios da cidade. Frequentávamos o Patachou na Augusta, o bar do Luiz Carlos Paraná e Adauto Santos na Avanhandava, depois Naquela Rosa amarela na Galeria Metrópole, o Paribar, no Riviera, Bar do Alemão na Pompeia entre outros, e invariavelmente terminávamos, já de madrugada, no Papaizinho da Avenida São João, traçando um tutu de feijão completo. Haja estomago.





Cenas do Sambafo na FAU

E voltávamos no dia seguinte para as aulas, mesmo de ressaca. Essa maratona era frequente. Éramos os jovens de ferro.

Além desse celeiro de craques em formação, convivíamos com todo o movimento estudantil e outros músicos de peso, intelectuais, artistas de teatro, cinema, artes plásticas, como Paulo Vanzolini, Adoniram Barbosa, Gianfrancesco Guarnieri, Augusto Boal, Sergio Buarque, e outros que não me lembro mais.

Era encenada a peça Morte e Vida Severina de Joao Cabral de Melo Neto, adaptada pelo Chico Buarque de Holanda.

Tivemos a oportunidade de assistir a apresentações ao vivo de vários ícones do mundo musical brasileiro, como Jonny Alf, Ciro Monteiro, Claudete Soares, Maisa, Alaíde Costa, Dick Farney, Cauby Peixoto, Nelson Cavaquinho, Paulinho da Viola, Baden Powel, que se apresentavam nos diversos bares e casa de shows da cidade, como Urso Branco, João Sebastião Bar, La Licorne, no Hotel Claridge na 9 de julho, no Hotel na Vieira de Carvalho, hoje inexistentes.

Era época também de ouvir Eliseth Cardoso cantando as Bachianas no 5 no Teatro Municipal.

Nelson Cavaquinho chegou a tomar sopa em casa, numa das vezes que esteve em São Paulo. Que privilégio.

Eram tempos também de picotar cartão no Avenidas Danças na Av. Ipiranga e no Som de Cristal da Rego Freitas, para afinar as canelas e eventualmente arrumar programas.

Tivemos a honra de encenar no Teatro de Arena uma peça do Plinio Marcos, chamada os Saltimbancos, panfletária, que tratava da luta de classes. No elenco, só da FAU., José de Seixas, que já nos deixou, Fabio serrano, eu e o Romeu Simi Jr de outra turma.

Nessa época tivemos os famosos festivais de música popular brasileira, da TV Record, no Teatro Paramount, onde despontaram

Elis Regina, Jair Rodrigues, Caetano Veloso, MPB4, Geraldo Vandré, Edu Lobo, Gilberto Gil, Milton Nascimento, Nara Leão, Martinho da Vila, Sergio Ricardo e tantos outros que ficaram famosos.

Cheguei a tocar pandeiro no programa Fino de Bossa, de smoking e gravata borboleta, junto a músicos famosos, como Sergio Ricardo.

Depois vieram a Jovem Guarda, com Roberto e Erasmo Carlos, Wanderleia, Rita Lee, a Tropicália com os novos baianos e outros movimentos de vanguarda, que se sucederam.

Foi nesse efervescente e extraordinário caldo cultural que frutificaram as melhores e antológicas criações musicais e artísticas brasileiras, que permanecem até hoje.

Tive, como poucos, o privilégio de desfrutar dessa época maravilhosa, com meu pandeirinho em punho. Só lamento o que sucedeu depois em termos políticos; mas isso é outro departamento que não cabe nessas recordações.

Mesmo depois de formados em 1965 continuamos a nos frequentar e a tocar nas festas e eventos que organizávamos e frequentando rodas de choro.

Janeiro 2020

## MEU FIEL COMPANHEIRO 2

Já morando na rua Chanés em Moema em casa própria, sempre organizava churrascos e festas e convidava os amigos músicos para tocarem. Era o Toninho do violão e amigos, a Sandra e seu marido, e até conjuntos de choros, com famosos, que nos prestigiavam por prazer, como Isaias e seus chorões e Toninho Carrasqueira, passaram por lá. Foram vários aniversários festivos.

**Corte.**

No Tocantins, em Porto Nacional e Palmas, para onde me mudei a trabalho, reunimos um grupo que tocava regularmente em festas e no bar do Rodolfo, na Avenida JK. Eram a querida Ester, o Aruanã Avelino, o Nicanor da Skol, Malba, Bandeirinha eu e outros bambas, para animar as noites dos heroicos pioneiros, que foram construir a capital do estado nos idos de 1990.





De pandeiro em punho nas festas da Chanés

Confesso que em todas essas épocas o pandeiro me ajudou a enfrentar as muitas dificuldades, nos poucos momentos de lazer e a ganhar algumas minas, que se encantavam com a minha habilidade no instrumento e outros predicados, já me desculpando o convencimento.

**Outro corte no tempo.**

Já na baixada santista, para onde me mudei para São Vicente em 2011, para encerrar a carreira, mantive a rotina de fazer festas de aniversário reunindo amigos músicos locais. Tive a sorte de conhecer e me tornar amigo do pessoal do Clube de Choro de Santos, como Luiz Pires, Jorge Maciel e tantos outros, que me enturmei com facilidade.

Frequentemente às 5as. Feiras ia ao Clube de Choro no centro histórico de Santos, assistir as apresentações e às vezes dando uma canja.

Também fazíamos rodas de choro as sextas feiras na casa do Luiz Pires, onde sempre tinha, violão de 7 cordas, cavaquinho, bandolim, flauta transversal, às vezes sanfona ou gaita. Esses ensaios eram levados a sério, com partitura e tudo. Passávamos horas agradáveis. A bebida e os tira gostos só pintavam no final, para não atrapalhar os ensaios.

O Importante é que essa união era somente em torno da paixão pela música, como acontece em todas as rodas de choro: ali ninguém era advogado, médico, engenheiro, arquiteto ou torneiro mecânico. Todos eram seres humanos sensíveis às artes musicais.

Também encontrei o Sandy Jr, um ex-aluno de arquitetura que também curte música e se apresenta nos bares de Santos, onde às vezes dou umas canjas.

Sempre tive e ainda tenho uma sacola, subtraída da minha mulher Hilda, para levar o pandeiro e demais instrumentos de percussão para todo canto; nele tem tamborim, um pequeno bongô, chocalho, agogô, apito etc. Coisas de batuqueiro.

Em toda essa trajetória, como um músico da noite que atende pedidos, aprendi a acompanhar todos os ritmos que apareciam: samba-canção, bolero, xote, baião, frevo, candomblé, samba rasgado ou de roda, valsa; mas minha paixão é mesmo o chorinho instrumental, com sua beleza, cadência, breques, melodia e harmonia inigualáveis.

Na carreira tive todo tipo de pandeiro, pequeno, médio e grande, mas todos de pele de couro natural e madeira, nunca de acrílico, ou pela metade usados pelos roqueiros.

As platinelas sempre abafadas com papelão para não soarem estridentes. O couro sempre apertado para afinação, com chave própria e não no fogo para esticar ou estourar.

De mudança novamente para São Paulo, deixei um dos pandeiros para meu neto Rodrigo, que já está tocando bem, mas prefere o pagode.

Agora fico na saudade, recordando toda essa maravilhosa e trajetória única, onde conheci tantos amigos queridos, inesquecíveis ligados à música, hoje famosos, que vejo de vez em quando, para minha alegria.





Com Sandy e no clube do choro de Santos

Às vezes, quando posso e me dá banzo, ainda ponho ELE para fazer barulho, acompanhando solitário um CD preferido, com um trago de whisky ou quando dos almoços da turma do bar do zé, que se reúne anualmente.

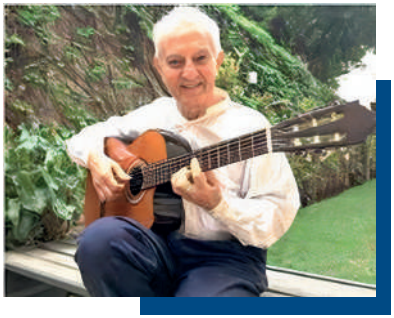
Meu pandeiro é meu companheiro eterno e fiel; sempre nos afinamos e nunca brigamos. Ele me levou, como a Arquitetura, por caminhos jamais sonhados.

Obrigado amigo.

Basta abrir para se divertir

Janeiro 2020





Com Chico Buarque, Eduardo Gudin e Maranhão

## MEU LADO ESPIRITUAL

A espiritualidade pode ser definida como uma "propensão humana de buscar significado para a vida, por meio de conceitos que transcendem o tangível, à procura de um sentido de conexão com algo maior que a si próprio". A espiritualidade pode ou não estar ligada a uma vivência religiosa.

É um grande desafio explanar sobre isso, já que tenho muita dificuldade em aceitar, não a existência de Deus, mas a forma como a intelectualidade, por um lado, trata o assunto hermeticamente e por outro, as diversas religiões vendem suas "verdades", à luz de livros e experiências passadas obsoletas.

Confesso que não tenho este lado resolvido com mais clareza e profundidade, que pode se revelar uma deficiência, pois há uma luta interna entre conciliar a condição de agnóstico, um descrente religioso, com a aceitação de um ser superior, que criou o céu, a terra e o homem.

Talvez se tivesse desenvolvido mais esse aspecto da espiritualidade, que faz parte importante da nossa existência, pudesse diminuir os meus conflitos internos, principalmente nos momentos ruins, de perdas, de modo a navegar com mais serenidade e inteligência.

As diversas religiões, principalmente o catolicismo, que mais conheço, se baseiam no princípio da fé, para suas existências, apoiadas em entidades superiores misteriosas, criadas para trazer esperança, lenitivo ou incutir medo, pregando fantasias, advertências e castigos absurdos aos chamados pecadores. Não posso falar de todas, pois as desconheço como o budismo, o hinduísmo, o judaísmo, o islamismo.

É muito difícil, para um materialista, aceitar a ideia do pecado, do perdão, da pregação dos mistérios da santíssima Trindade, de pai,

filho e espírito santo, quando, por exemplo, se lembra dos horrores da Inquisição, praticada pela Igreja Católica na Idade Média.

É uma posição bastante cômoda e tranquilizadora a invenção de uma teoria para explicar conceitos filosóficos difíceis, como a vida depois da morte, como fazem aqueles que praticam o espiritismo, com a aceitação da reencarnação.

Minha formação religiosa tem um quê de sincretismo, pois apesar de ter sido formado na religião católica, tendo feito a primeira comunhão e sido crismado, também frequentava as sessões espíritas que minha mãe, como médium, também participava. Apesar, do certo estranhamento, sempre admirei os rituais de candomblé e dos rituais africanos.

Confesso que sentia medo e desconforto ao ver aquela estátua do corpo de Jesus deitado nas igrejas ou nas procissões, principalmente quanto era entoado o cântico da verônica, toda de preto, numa língua que não compreendia.

Não frequento igrejas, não me casei no religioso e tenho verdadeira raiva e ojeriza, com qualquer exploração religiosa, principalmente aquela que é feita pelas seitas evangélicas, com o pedido descarado do dízimo, usado como moeda de troca para o paraíso na terra.

Desde pequeno me foi difícil aceitar os ensinamentos da religião católica, pois não conseguia compreender o discurso hipócrita, revelado pela distância entre a riqueza do seu patrimônio, a opulência das suas cerimônias e a miséria do seu chamado rebanho, que sempre luta pela sobrevivência.

O discurso praticado na maioria das cerimônias religiosas é enfadonho e desatualizado, sempre baseado em passagens da Bíblia, nas suas diversas versões, que retratam uma realidade extremamente distante da atual.

Certamente isso é responsável pelo esvaziamento no número de fiéis e substituído por outros cultos, ditos mais modernos e mais perniciosos e comerciais.

Seria uma maravilha se todos aqueles que têm uma verdadeira fé religiosa, vivessem segundo as virtudes e princípios de um bom cristão, tais como, amor ao próximo, compaixão, colaboração, generosidade, altruísmo, prudência, justiça, temperança e coragem.

Na verdade, a questão filosófica maior em tudo isso, talvez seja a explicação do milagre da concepção da vida e da chegada da morte, também chamada de finitude. Para onde vamos? Existe vida após a morte?

O conhecimento científico já chegou a níveis extraordinários, quanto a nossa manutenção e longevidade. Talvez um dia, ainda cheguemos em explicações mais convincentes sobre essas questões centrais. Aguardemos pois.

Março 2025

## MEU QUERIDO AMIGO ALEMÃO

Edison Gloiden era seu nome de batismo. O conheci como meu aluno na Faculdade de Arquitetura de Santos, com seu jeito simples, sempre de sandália havaiana, despojado, mas carismático e aglutinador. Tivemos a oportunidade de vivermos algumas estórias juntos, que me causaram muita alegria e prazer.

Ele sempre esteve presente nas rodas das conversas com os professores na saída das aulas, no bar da equina, discutindo o ensino, a profissão e outros temas de interesse nacional. Faziam parte destas rodas os professores Maitrejean, Eloy, Makol e os outros de projetos das 4as. feiras.

Santista de 60 costados, sempre esteve ligado aos assuntos do mar, sendo surfista e posteriormente fabricante de pranchas, junto com seu amigo e futuro sócio Paulo Richter.



Edison Gloiden

Entrando na FAUS sempre esteve envolvido com os assuntos de escola e da política, sendo diferente dos outros alunos, pois mais maduro, lutava para se manter cursando a FAUS e se tornar arquiteto.

Militava no Grêmio Estudantil, participando de todos os assuntos ligados à escola e as questões da cidade. Chegou a levar o Professor Artigas para ministrar aula especial na própria faculdade. Foi o orador da sua festa de formatura, enquanto eu fui o paraninfo.

Junto com o Curso ele batalhava na sua empresa Seal, com o sócio Paulo Lichter, onde fazia trabalhos de silk-screen, no centro de Santos, em escala industrial, de grande qualidade. Ele pilotava uma enorme e complicada máquina italiana, para grandes peças de adesivos, que cheguei a ver funcionando.

Lutavam com certa dificuldade, pois o mercado era feroz, às vezes com encomendas eleitorais, que ficavam devendo o pagamento combinado.

Vivemos a crise da FAUS de 1982, com uma longa greve e a deposição do diretor, episódio marcante na vida da escola, quando estivemos juntos e vivendo intensamente, o que nos aproximou bastante, pelas nossas afinidades e interesses.

Mesmo formado arquiteto, nunca exerceu a profissão, preferindo se dedicar á sua empresa e velejar pela costa brasileira.

Estreitamos a amizade até depois dele se formar, a ponto de almoçarmos regularmente não só em Santos como em São Paulo, junto com nossas esposas, a Hilda e a Maria, depois de algum show de MPB, que éramos fãs.

Vivia com sua mulher, cuidando da mãe doente num apartamento modesto em Santos.

Um particular episódio, que não tenho vergonha de contar, ilustra o grau de ligação que tínhamos; certa vez, eu cheio de vergonha,

em dificuldade financeira, pedi um empréstimo para ele, que concordou em ceder, com sua generosidade, pelo menos a metade do que eu precisava. Quando pude, ressarci a dívida e continuamos amigos.

Exímio velejador que era, com o seu veleiro Sufoco, de 32 pés, ancorado no Iate Clube de Santos, percorria toda a costa brasileira, sozinho, durante dias, sem nunca passar por situações mais perigosas reveladas.

Às vezes eu passava o dia com ele no Iate Clube, sem sair de veleiro, mas matando umas cervejas, que ele adorava.

Infelizmente essa adoração pelo esporte náutico, levou nosso querido amigo para longe, aos 66 anos, sem filhos, para mares desconhecidos.

Era uma tarde de domingo, quando ele saiu para testar uma peça do piloto automático no seu lindo Sufoco, quando, inexplicavelmente, sumiu no mar, seu eterno e conhecido companheiro.

As buscas foram intensas e incessantes, pelos amigos e pela Marinha, mas sem resultado, para nossa tristeza e saudade. Talvez tenha ido fazer companhia a Iemanjá.

## MEU TEMPO DE VIDA

A medida do nosso tempo de vida ou da nossa idade depende do aspecto que se observa ou se analisa.

Nossa expectativa de vida está ligada naturalmente ao nosso DNA, ao próprio estilo de viver, ao destino, que alguns acreditam estar nas mãos de Deus.

Minha expectativa de vida está estimada em mais 10 anos, segundo os médicos e meu sentimento e desejo. Oxalá aconteça com saúde e lucidez.

Cronologicamente sou considerado um idoso, um cara longevo, felizmente, já que estou há alguns meses dos 80 anos, com todas as benesses e consequências disso. Acho que a Dona Julia e seu Joaquim, meus pais, capricharam em mim nesse sentido, pois sou um cara duro na queda.



No Clube Esportivo da Penha

Francamente não me sinto como essa idade, pois meu espírito ainda é jovem.

Estou bem-disposto, tenho um tipo físico privilegiado, alto (1.75m), magro (75 kg) e como se pode ver na foto ainda com uma certa elegância, modéstia à parte.

Continuo caminhando bastante e regularmente. Longe de querer parecer, me portar ou me trajar como jovem, o que seria ridículo e falso.

Claro que fisicamente tenho várias marcas e limitações dessa idade, pela quilometragem vivida. Cabelos brancos, várias pintas que a denunciam, pouca massa muscular, um pouco arqueado pelos anos de prancheta de desenho e lentidão ao caminhar e fazer as coisas, pois já não tenho mais pressa.

Dos males, guardo uma cirurgia de amigdalas quando era pequeno, troquei uma válvula aórtica orgânica há três anos, fiz uma cirurgia recente de ombro para ligar os tendões estourados, uso óculos, a audição já está prejudicada e algumas peças quebradas foram reparadas, com algumas sequelas.

O funcionamento das entranhas, do serviço interno, precisa de bastante atenção permanente, com controle através de vários medicamentos, que nos torna cativos das indústrias farmacêuticas. Tomo 11 remédios ou suplementos por dia, para todo tipo de reparo ou deficiência: pressão arterial, ácido úrico, diabetes, artrose, próstata, osteoporose etc. e tal., para continuar em forma.

Com relação à falta de saúde, agora com uma nova surpresa: Câncer na próstata em estágio intermediário, sem metástase, que devo fazer radioterapia para resolver mais esse desafio. Com isso a libido, ainda presente, fica prejudicada.

Quanto à alimentação procuro levar uma dieta saudável composta de comida leve, com pouco sal, muitas frutas, legumes e sucos naturais. Às vezes ataco uma feijoada ou um belo churrasco.

Aboli as frituras, o açúcar e os refrigerantes há muito tempo. Nunca fumei, nem substâncias permitidas ou proibidas. Gosto de uma bebida alcoólica, seja destilado, como whisky ou fermentados como vinhos, pouca cerveja; mas infelizmente nem sempre posso desfrutar desses prazeres por problemas intestinais ou gástricos.

Quanto ao sono, elemento fundamental para a saúde, não consigo a desejada qualidade, pois durmo a prestação, pelo problema da hiperplasia da próstata, que me obriga a levantar várias vezes para esvaziar a bexiga, que sempre deixa resíduo.

E a saúde mental, essa peça fundamental, como está?

Acho que vai bem, pois procuro me manter equilibrado e controlado, tentando espantar as crises de solidão, ansiedade ou depressão, males psíquicos que certamente podem afetar nosso equilíbrio emocional.

Enfrento com coragem as provações ou provocações da vida, que não são poucas. Por experiência e temperamento, procuro conviver, com simplicidade, inteligência e serenidade, a todas as alegrias, frustações, perdas e relacionamento doloridos, havidos ao longo caminho,

Não vivo alienado. Continuo indignado face às situações sociais iniquas, à desigualdade, as políticas públicas atrasadas e demagógicas e todos atentados contra a democracia e ao avanço humano.

Contínuo ligado e interessado nos acontecimentos atuais, muita curiosidade e observação, escrevendo muito, lendo, passeando, visitando exposições, indo a cinema, e a restaurantes. Enfim, praticando o ¨dolce far niente¨, mas plugado.

Claro que alguns lapsos de memória acontecem, pois sua saturação de dados e informações num cérebro bastante usado devem funcionar seletivamente, por preservação ou desculpa. Isso nos livra de situações ou pessoas chatas.

Sinto falta de um lado espiritual mais desenvolvido, que me ajudaria muito a enfrentar meus fantasmas, mas o outro lado agnóstico e positivista impede esse desenvolvimento, por ser mais forte.

Reconheço que não levo a vida de um aposentado clássico, isto é acomodado, alienado com uma rotina estabelecida, monótona, em casa ou frequentando o mesmo grupo de amigos para jogar baralho ou dominó, esperando o Alzheimer, o Parkinson ou a morte chegar.

Pelo contrário contínuo ativo, inquieto, curioso, circulando o tempo todo, ainda me indignando com as desigualdades e injustiças do mundo atual e procurando acompanhar os avanços tecnológicos contemporâneos e suas transformações.

Continuo criando e executando planos e projetos. Sonhando sempre, com espírito jovem.

Como vocês sabem, vivo só, sem compromissos formais, com as vantagens e desvantagens dessa condição, o que me dá toda a liberdade de acordar tarde, viajar, passear com os netos e almoçar com amigos e parentes.

Vivo num lugar privilegiado, que é a região da Avenida Paulista, onde a vida é facilitada por toda sorte de serviços de consumo, médicos, transporte, lazer e cultura. Tenho a vantagem de pagar meia entrada em todos programas culturais e gratuidade no transporte público, o que ajuda muito o bolso.

Ainda toco meu pandeirinho e tenho escrito muito, botando para fora minhas reflexões, numa espécie de catarse benéfica, que me ajudam tocar o barco. Quem sabe uma hora qualquer pode virar uma publicação.

Nesses aspectos, me sinto privilegiado, me considero feliz.

Assim, procuro levar a vida com a idade que sinto, esperando que dure o mais possível, com esta mesma qualidade. O tempo dirá até quando.

Dezembro 2019

## MEUS AUTOMÓVEIS

Tentando lembrar os automóveis que tive ao longo da vida, que podem aquilatar meu comportamento no assunto. Confesso que nunca fui muito ligado nisso, procurando usá-los meramente como utilitários, sem nenhuma vaidade de ostentação, mas que revelavam meu desprendimento em relação a isso.

O primeiro, com muito orgulho, a gente não esquece, principalmente se foi comprado com o próprio esforço, e não presente do pai. Confesso que tinha uma birra com o Fusca, não sei por quê. Por ser o carro do povo? Não sei. Talvez porque aprendi na auto escola com um Gordini e acabei gostando dele.

Era usado, verde escuro, que apelidei de Ulisses, e que me levava para cima e pra baixo, inclusive viagens. À noite ficava estacionado em frente do apartamento da Rua Silvia, onde morávamos, no tempo em que S. Paulo era mais segura.



O Gordini com perda total

Infelizmente ele acabou destruído, com perda total, depois de capotagem, provocada por um taxi, que se aproveitou do amarelo, na Avenida Cidade jardim, de madrugada. O carro estava cheio de gente, mas ninguém se feriu, felizmente, mas me deixou com a pulga atrás da orelha sobre o risco de carros pequenos era mais alto.

Por conta disso, comprei um Simca Chambord, de duas cores, branco e Vermelho, ostentando uma certa vaidade; era chamado saia e blusa, que era mais parrudo, além de mais bonito. Muito confortável.

As meninas adoravam. Tinha mais motor, claro, era mais alto e tinha uma ampla visão ao dirigir. Era uma delícia ao viajar. Desfilei com ele na Consolação, com meninas no capô, quando o Brasil foi campeão do mundo.

Fiquei com ele uns anos, até trocar por outro mais potente, modelo Simca Tufão, que tinha mais barulho, mas a carroceria era a mesma. Era de uma única cor, acho que azul escuro. Nesses dois não dei apelido.

Ele acabou fundido no meio da Via Dutra, quando fomos, eu e a Hilda, visitar nosso amigo Shigueiro Kudo, em Campos de Jordão, que estava hospitalizado, com tuberculose. Foi um perrengue danado, pois as peças do motor caíram no asfalto da Rodovia Dutra.

Até achar um guincho para rebocar para um posto de combustível, foi uma epopeia. O carro ficou lá, imprestável, até na nossa volta, quando providenciamos o retorno e venda. Não compensava consertar.

Não desistimos da visita neste dia e fomos de ônibus visitar o amigo.

Depois disso, entrei na fase dos Opala da Chevrolet. Precisava de carro grande para levar a família, de 5 pessoas. Nós dois e 3 crianças com todas as suas tralhas. Era espaçoso, mas parecia mais fraco em termos de resistência, que os anteriores. Era um falso saia e blusa, branco e preto que recobria a parte superior um revestimento de plástico preto, que saiu com o tempo.

Fiquei com ele bastante tempo e acabei trocando por outro da mesma marca.

Dos opalas ampliei para as peruas, que achava que melhor atendia as necessidades da família, em termos de compras, passeios e viagens. Comprei então um Chevrolet Caravan, que tinha estas características.

Fiquei bastante tempo com ele, até aderir ao Santana Quantum, da Volkswagem.

Depois da Caravan, comprei uma perua Santana Quantum, enorme, um tanto influenciado por um cliente, o Sergio Nicolaz, que era gerente na Volkswagen e me garantia que o carro era muito bom, com muitos equipamentos modernos.

Foi o carro que eu mais me aproximei de um zero quilometro; esse estava com 17.000 quilômetros. Era espetacular para viajar, pois seu porta-malas era gigantesco. Foi uma mão na roda, na época da inflação desenfreada, quando íamos ao atacadão do Makro e enchíamos o porta-malas de mercadorias, até o carro ficar arreado, evitando assim as remarcações de preços, que eram diárias.

Apesar dessas aparências, ainda sofríamos com a qualidade dos nossos veículos, chamados pejorativamente de carroças pelo ex-presidente Collor, e que nos obrigava às constantes e caras revisões mecânicas.

Em seguida entrei nos modelos da Fiat quando tive um Palio prata, pois ia diminuindo o tamanho para levar menos pessoas e carga. Fiquei um bom tempo com ele.

Porém, no tempo que estive trabalhando em Palmas não era essa mordomia de veículos, pois ainda estava com uma pequena perua da Fiat Fiorino, que tinha uma capota de lona. Ela foi valente, pois levou minha mudança, daqui até lá nos 2.200 quilômetros de estrada.

Aguentou lá por um bom período, competindo com as Saveiros que eram muito utilizadas pelos engenheiros e funcionários das construtores que lá trabalhavam. Os gerentes e diretores usavam as D-20, da Chevrolet, mais fortes e confortáveis.

Quando a vendi, passei também a utilizar uma saveiro, de propriedade do Grupo Quatro, do qual  era associado.

Com esta Saveiro, acabei tendo um acidente feio, ao voltar de Goiânia, pela Belém-Brasília, onde fora buscar mantimentos, materiais e coisas para o nosso escritório de Palmas, inclusive um aparelho de ar-condicionado de janela.

Tentei fazer uma ultrapassagem de um caminhão-tanque, numa longa reta, comum nesta estrada e que forma uma espécie de ilusão de ótica, que confunde a visão, quando não deu e vinha outro veículo na direção contrária.

Já paralelo ao caminhão e sem poder ultrapassar, instintivamente joguei o carro para o acostamento esquerdo e, felizmente o outro veículo ficou na sua mão e passou a toda velocidade; quando tentei voltar para a pista, bati no degrau formado por ela e o acostamento, acabei chocando numa parte do caminhão que protege  de não entrar embaixo dele e depois capotei como um louco.

O caminhão não se deu conta e continuou sua jornada e eu fiquei rodando até parar, com o barulho do vazamento do aparelho de ar-condicionado, que eu achei que era vazamento de combustível.

Quando parou, percebi que milagrosamente não havia acontecido nada comigo, mas o carro estava bastante amassado, não podendo prosseguir.

A ironia é que era véspera do meu aniversário e eu trazia bastante bebida e comida diferente para comemorar no dia seguinte. Tudo se perdeu.

Até conseguir uma ajuda, para chamar a Polícia Rodoviária, naquele ermo, que é a Belém-Brasília, passou um longo tempo, até atingirmos um posto de gasolina e avisar os colegas do Grupo Quatro.

Tive que arcar com todo o prejuízo, pois o Grupo Quatro achou que era minha responsabilidade, e sem falar que fiquei sem carro, pelo longo período do conserto.

Logo em seguida, me desliguei do Grupo Quatro e fiquei por minha conta em Palmas, quando houve a mudança de governo e eu achei que tinha novas oportunidades.

Novamente tive que ir atrás de um carro. Fui até Goiânia com esse fim. Comprei outra Fiorino usada, achando que estava boa. Não conhecia a procedência e não tinha nenhum amigo para me ajudar. Foi uma roubada.

O carro pifou logo na estrada, quando eu voltava para Palmas. Que merda.

Consertei, usei mais um pouco e passei para a frente.

Já de volta a S. Paulo, consegui comprar um Toyota Corolla. Foi uma ótima escolha, pois se tratava de um bom carro, com alta qualidade e baixa manutenção. Fiquei com ele um ano e depois troquei por outro, já quando estava morando em São Vicente.

Este outro Corolla foi o último carro que tive, pois ao me mudar novamente para S. Paulo, para a região da Paulista, fiz sua venda. Fiz a opção de não ter mais carro e usar o transporte coletivo e o Uber para minha locomoção pela cidade.

Achei que não valia a pena  ter mais esta despesa, bem como, por precaução me poupar dos aborrecimentos de trânsitos e de eventuais acidentes, pelo avançado da idade.

Etapa cumprida. Confesso que não vou sentir saudades desses objetos rodantes, pois nunca os curti e não sentia prazer em dirigir, diferente de muitas outras pessoas.

Como vocês podem ver, fui cobaia de todas as marcas, desde a época das carroças mecânicas, como dizia o Collor, até outras mais modernas e melhores.

Assim, encerrei um capítulo importante da minha trajetória.

## MEUS HOBBIES

Além da ARQUITETURA, que é minha paixão principal, curto outras atividades que me dão prazer e alegria. São elas:

### TOCAR PANDEIRO

Aprendi sozinho a tocar pandeiro desde pequeno, ouvindo choro e samba, no meu porão no Cangaiba, nos intervalos de estudos. Cheguei a tocar em grupos musicais e até numa orquestra de baile. Nos tempos de faculdade acompanhei artistas famosos como Chico Buarque, Chico Maranhão, Toquinho, Sergio Ricardo, ao lado do Mani-ni e outros bambas do Bar do Zé, até em festivais de TV.

Infelizmente não tenho um grupo regular, que me faria muito bem, mas não perco a oportunidade para matar a saudade, dando canjas como nos memoráveis aniversários na Casa da Chanés ou em casamentos amigos, conforme as imagens abaixo. Confesso que não atravesso o ritmo e não desafino.





Pandeirando em diferentes momentos

## COZINHAR

Outras das minhas paixões é cozinhar, herdada da minha mãe e da família materna italiana, que tinha na culinária uma das boas atividades da vida.

Na minha infância, minha mãe fazia mágica com o pouco que tínhamos, sempre com sabor; suas massas feitas em casa eram imbatíveis. Pelo lado do meu pai, aprendi as artes mineiras de reaproveitar o que sobrou, na forma de viradinhos e mexidinhos. Até hoje faço.

Cozinhar é uma atividade criativa, como a Arquitetura, que mescla ingredientes de forma a construir um prato belo, saboroso e nutritivo, que dá prazer e alegria. Reunir à mesa ainda é uma das melhores formas de alimentar o corpo e o espírito e um dos prazeres universais mais importantes da vida.

Sigo a máxima: “Cozinhar não é um trabalho, mas sim um ato de amor ao próximo.”



O mestre cuca em ação

Como todo bom cozinheiro, uma vez definido o cardápio, vou as compras atrás dos melhores ingredientes, à sua preparação até a finalização e serviço dos pratos. Dizem, os convivas, que me saio bem, como mestre cuca.

As imagens mostram como levo a sério a atividade, um pouco por necessidade ao viver só, mas também aos domingos para a família ou ainda nas ocasiões especiais de reuniões com amigos e parentes.

**VIAJAR**

Outra atividade importante que tenho me dedicado são as VIAGENS. Aliás elas sempre fizeram parte do meu aprendizado e formação; não só em Arquitetura, mas como ver a vida de forma mais curiosa, abrangente, efêmera, diversificada, tolerante, esperançosa, gratificante, surpreendente, generosa, fraterna, humana, sem preconceitos.

Tive várias oportunidades de conhecer praticamente todas as capitais e muitas cidades brasileiras; igualmente várias cidades pelo mundo, que me deram um rica bagagem cultural e profissional, que me deixa mais humano, menos egoísta, mais generoso.

Experiência essa que procuro divulgar nos meios que possuo, como estes escritos.

**ESCREVER**

Ultimamente outro dos meus passatempos preferidos é a atividade de escrever, alimentada por leituras permanentes. Um tanto pelo tempo ocioso de aposentado, ou pelo desejo de colocar no papel certas reflexões e contribuições profissionais, que julgo uteis na transmissão de experiência vivida.

Além do livro publicado sobre Arquitetura da Avenida Paulista e outros preparados sobre o Projeto de Palmas, capital do Tocantins e

sobre a cidade de São Vicente, onde resido, tenho escrito diversos artigos em revistas e jornais.

Escrever, como viajar, é uma atividade viciante e muito gratificante.

Te obriga a pesquisar, a ser mais observador, a ser mais claro e objetivo, a cultivar a palavra como ferramenta de transformação, a ler cada vez mais, a refletir sobre o sentido da vida, a exercitar a sensibilidade, etc.

Felizmente ainda tenho esses hobbies que me ajudam a levar a vida com uma certa graça, já que a prática da Arquitetura e Urbanismo, minha formação profissional e juramento social, involuntariamente vai ficando cada vez mais distante.

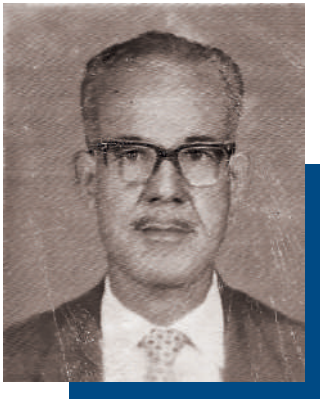
Janeiro 2025

## MEUS PAIS

Ele, Joaquim Eloy de Souza, filho de Marcelino de Souza e Rita de Souza, descendentes de índios e portugueses, nascido em 1910 em São Pedro da União, próximo de Guaxupé, Minas Gerais, com ocupação em serviços gerais, alfabetizado em 1942. Era alto de 1.80m, elegante, esbelto, retraído, falava pouco. Faleceu em São Paulo em 14/10 de 1965 aos 55 anos de idade.

Ela, Júlia Dolores de Souza, filha de Pascoal Aquaride italiano de Catanzaro na Calábria e Tereza Falcone, nascida em 10/11/1913 em Araraquara, estado de São Paulo, alfabetizada, costureira de calças de homem, estatura mediana, olhos azuis, dinâmica e bem-falante. Faleceu em 19/11/1988 em São Paulo aos 75 anos de idade.





Conheceram-se no footing do centro da cidade de Araraquara, no interior de São Paulo, onde casaram-se em 18/12/1937. Tiveram 3 filhos; Edmur que faleceu aos 6 meses de idade; Edison Eloy de Souza em 1940 e Edina do Carmo de Souza em 1943. Tiveram a coragem de terem filhos no início da 2ª Guerra mundial.

Mudaram-se logo para São Paulo em busca de novas oportunidades, primeiro para o bairro do Brás, na Rua Joli, depois para a Penha de França, na Rua Padre João, em casas alugadas e finalmente para o bairro do Cangaíba onde construíram casa própria a duras penas, na Rua Goitá, 340.

Em São Paulo, apesar de franzino, meu pai trabalhava como chapa na carga e descarga de caminhões nos armazéns na zona cerealista do Brás. Serviço pesado.

Minha mãe ganhava a vida como calceira, que era de mão cheia, com sua linda máquina Singer. Pegava as roupas já cortadas e completava o serviço. Eu ajudava comprando as linhas e os retróses Guterman e acompanhava na entrega das calças no centro da cidade.

Se relacionavam frequentemente com os parentes, os meus tios por parte de mãe, Oswaldo barbeiro e Vicente sapateiro, que sempre moraram perto; raramente com os outros tios por parte de pai o Abraão e o Vital que moravam mais distantes, e ainda com os outros poucos amigos, como o Sr. Benedito, colega de chapa, homem forte, negro, que acabou me crismando. Este tinha uma filha Diva, muito bonita, que me levava nas matinés do cinema com o Jaime, seu namorado, como vela, com direito a pipoca e refrigerante.

Seu Benedito era um homem interessante, de muitos saberes, que sempre trazia uns caranguejos para os almoços de domingo. Quando íamos almoçar na sua casa era sempre uma festa; sua mulher e cunhada eram quituteiras profissionais e se esmeravam-nas iguarias. O problema era a demora na preparação dos pratos.

Ao sair de casa minha mãe fazia as recomendações de praxe quanto ao comportamento. Acontece que era menino e sempre tinha fome. Começava a reclamar da demora para minha mãe, que pedia calma aos beliscões, até eu perder a paciência e gritar que estava com fome mesmo. A comida aparecia de repente.

A vida continuava com a rotina de família pobre, dedicada ao trabalho e no esforço do estudo dos filhos. Eu vivia sempre bem arrumado, graças aos ofícios dos tios, cada qual no seu mister e do zelo da mãe. Minha mãe me batia regularmente por problemas na rua. Eu era meio peralta. Porém meu pai só me bateu duas vezes de cinta, por desobediência. Essas a gente nunca esquece.

De repente essa rotina se rompeu em 1947 quando meu pai foi acometido do mal de Hansen, vulgo lepra, doença estigmatizada, que exigia internação compulsória por lei. Meu pai foi literalmente caçado na estação da luz, apesar de não ter os sintomas aparentes e levado para o Hospital em Pirapitingui no interior de São Paulo. Lá ele ficou por 4 anos, até 1951, numa época que não havia sequer remédio contra a doença.

Nós passamos esse período, eu tinha 7 anos e minha irmã 5, com muitas dificuldades, com minha mãe segurando a barra e debaixo de cuidados higiênicos para evitar o contágio, separando roupas, fazendo exames periódicos no DPL (Departamento de Profilaxia de Lepra). Nós só fomos visitá-lo uma ou duas vezes em condições tristes de distanciamento obrigatório.

Nosso círculo social ficou também acrescido das famílias com membros portadores de Hansen, que se comportavam como num gueto.

Meu pai ficou 4 anos internado nesse hospital até 1951, voltando sem as sequelas características dos defeitos físicos característicos, mas bastante debilitado pelo excesso de medicações paliativas.

Nesse período minha mãe foi de uma força extraordinária, mantendo a casa com suas costuras, cuidando da nossa saúde e estudos

e visitando meu pai regularmente, felizmente sem contrair a doença. Me lembro só uma vez que teve a apêndice supurada, quando fazia compra na feira.

Sendo médium espírita, frequentava sessões e nos levava juntos.

Sempre cuidou de tudo com muita garra e destemor. Se virava atrás de remédios, de bolsa de estudos, de comida saudável. Comíamos verduras e frutas e fígado uma vez por semana, que não gostávamos. Tomávamos Biotônico Fontoura e a horrorosa Emulsão de Scott, aquele da propaganda do homem com um peixe nas costas, exibido nos bondes da época.

Em consequência desses reveses percebe-se que tivemos uma infância sem muita influência paterna e sob o domínio materno. Vivemos pouco com ele, numa fase importante das nossas vidas.

Assim nós, eu me minha irmã, acabamos crescendo e amadurecendo, fazendo escolhas independentes da influência familiar, premida que estava, pela sobrevivência e maiores limitações sociais. Eu me formei Arquiteto e minha irmã auxiliar de enfermagem.

Quando meu pai saiu do hospital voltou tocando a vida mais limitado, em atividades mais leves que a anterior, como empregado em loja que cobrava os devedores em domicílio. Depois resolveu trabalhar por conta vendendo pipoca em quermesses ou garapa na porta da igreja da Penha. Era meio humilhante, para nós filhos bestas.

E ainda assim, encontrou forças, recursos e amigos para construir nossa casa no Cangaíba em regime de mutirão, do qual eu participei fisicamente.

Quando se foi, no Hospital do IAPETEC no Ipiranga, em 1988 em consequência de insuficiência cardíaca, avc etc. que creio em decorrência daquela doença, era quase véspera da minha conclusão do curso de arquitetura, que ele não pode ver e certamente teria muito orgulho. Eu seria o primeiro formado na família. Todos os meus colegas da FAU foram me confortar no velório.

Minha mãe ainda se manteve viva por mais 23 anos, aposentada e por nós ajudada, passou a aproveitar um pouco das coisas que fora privada, durante muito tempo, como mais conforto, viajar, sair com as amigas, visitando e mimando os 6 netos, três de cada filho.

Faleceu dormindo ainda na casa do Cangaíba, aos 75 anos de idade.

Como herança nos deixaram, além dos princípios do trabalho, da honestidade, da verdade, da ética, a modesta casa do Cangaíba, onde vivemos e, curiosamente, meu pai, homem de poucas letras, deixou uma mala cheia de recortes de artigos de jornais da 2ª Guerra mundial e uma coleção das efemérides das Seleções de Rieder´s Digest.

Deixou também, mais curioso ainda, um carro Ford Bigode na porta de casa, uma relíquia, meio baleado, da dupla de palhaços Fuzarca e Torresmo, ainda não pago.

Acho que ele já estava com algum problema mental, no fim da vida. Foi difícil resolver essa pendência.

São duas coisas que não entendo até hoje, mas agradeço a intenção.

Obrigado a eles por tudo que fizeram.

## MINHA FILHA MARIANA

Minha filha mais velha e a única que restou da nossa família, vai fazer 51 anos. Caramba, como o tempo passa rápido. Está bem de saúde, estabilizada financeiramente, não trabalha mais para fora, morando bem, com o marido argentino Horácio, dois filhos lindos, o Gabriel de 21 anos e a Angelina de 17 anos.

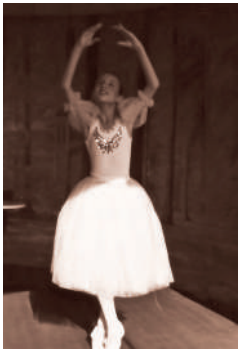
A primeira filha, a gente nunca esquece. Veio na Maternidade São Paulo, em 25/2/1974, de parto natural, depois de lenta dilatação, numa noite de carnaval, e após vários alarmes falsos. Veio grande, lourinha, de olhos claros, puxando a avó paterna.

Naquele tempo, não se sabia o sexo do bebê previamente, que só era conhecido na hora do parto, quando divulgado por um painel de 2 cores, azul e rosa, existente na lanchonete do hospital, onde estávamos, com minha sogra, Da. Nega, aguardando o resultado.

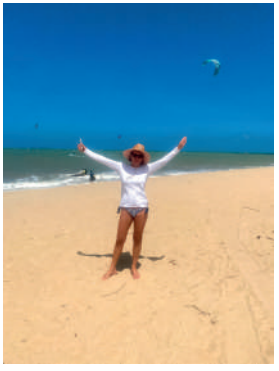
Após o parto o painel acendia com azul, para os meninos e rosa para as meninas, no número correspondente ao quarto da paciente. O nosso deu rosa, claro. Os pré-natais não utilizavam os ultrassons atuais, para revelar o sexo prematuramente.

Após o parto, fui buscar uma pizza na Rua da Consolação, a pedido da mãe e depois sai para festejar o carnaval e a chegada da filha. Quanto ao nome, ainda não tínhamos escolhido e brinquei que seria igual ao do primeiro ônibus que passasse na Av. Celso Garcia, perto da casa da sogra. Veio Vila Sabrina, e brinquei, mas não deixaram colocar este nome e a Sabrina virou Mariana, que combinou mais.

Nessa época, morávamos na Rua Silvia, ali perto, num pequeno apartamento térreo, do Dr. Miguel Reale, sem quintal, mas com vista da janela para a rua, bastante sossegada. Naquele momento da vida, dava para o nosso gasto.






Imagens de vários momentos

Quando nasceu a 2ª Filha, Luciana, já não dava mais, e fomos obrigados a mudar para Moema, na casa da rua Chanés, que compramos, com financiamento da CEF, ainda para reformar.

Mesmo em pleno período da Ditadura, com não muito tempo de formado, tivemos a coragem e a confiança de fazer esse investimento de longo prazo. Éramos quase jovens, e a eles, tudo é permitido.

Como a coragem ainda ativa e viva, dois anos depois nasceu a Juliana, terceira filha, que completava o trio MALUJU, quando nos referíamos a todas para dar bronca. Aí a casa já estava em plenas condições de uso e acolhimento.

O problema maior era o da manutenção e abastecimento para cinco pessoas, num momento de inflação descontrolada. Haja trabalhos. Quanto à administração da casa e a disputa entre os egos femininos e os corretivos, ficavam por conta da mãe, que trabalhava em casa, no comercio de telefones, que naquela época era um investimento, declarado no imposto de renda.





Nós no Marrocos

Infância normal, casa com espaços generosos para brincar, pintar e bordar, sem acidentes. Ficou famosa a bonita pintura multicolorida, que elas fizeram no corredor branco, que atravessava parte da casa. Era um tempo que ainda se usavam as horrorosas botas ortopédicas, que dizem não serviam para nada, a não ser enriquecer os produtores delas. Também se divertiam com o cachorro Zuki, da Luciana, que tinha paixão pelos bichinhos.

Todas indo juntas na escola municipal perto, o saudoso Chiquinha Rodrigues, onde comparecíamos em todas as festas e frequentando durante muitos anos, a escola de balé da Da. Silvia, também perto, que fazia os exames anuais e apresentação de todas as alunas, num grande auditório na Liberdade, que para mim era um martírio.

Na casa, gostávamos de receber em festas e aniversários para os amigos nossos e delas, além de procurarmos viajar bastante para a praia, o interior e até outros estados.

A vida seguia bem, sem grandes sobressaltos, até a juventude, os namoros e o tempo das faculdades. Lembro da Mariana namorando com o Cassio japonês, a Luciana com o Adauto, filho de médicos e meio vagal; a Juli com Lê do Rego, de Joanópolis.

Todos esses namoricos ficaram pelo caminho, quando elas escolheram seus parceiros definitivos. Todas se transformaram em mulheres bonitas, saudáveis e atraentes.

A Mari fez Administração de empresas, a Luciana, muito ligada a mim, acabou fazendo Arquitetura, depois de iniciar na Educação Física e a Juliana, também fez o curso de Administração.

Todas elas foram passear nos Estados Unidos, na casa do primo Paulo, que lá morava e trabalhava, para melhorar o inglês americano.

Em 1996, com 22 anos a Mariana conheceu o Horácio, um portenho, que ela achava um Deus grego. Era filho de pais pobres, o Pepe funileiro e a Estela, do lar e descendente de artistas. Quando esteve

em casa de capote preto e munido de um laptop, me pareceu meio arrogante, mas a escolha foi dela.

De repente, em dezembro do mesmo ano, lá foi ela de mala e cuia para morar com ele em Buenos Aires, onde se casaram 2 meses depois, no civil e religioso em cerimonias inesquecíveis. Fiz um belo convite desse casamento.

Para as cerimônias, toda a nossa família se deslocou para Buenos Aires em verdadeira caravana Holiday. Fomos nós, os pais, as irmãs, vários tios e primos, amigos nossos e inclusive a avó Nega, ficando no Hotel Bauen. Antes e depois aproveitamos para passear pela bonita cidade de Buenos Aires.

Os pais do noivo, o Pepe e a Estela e o irmão Claudio também lá estavam.

Por acaso, me encontrei com um amigo da Penha o Rino Caterina, que estava passeando por lá, também foi na festa, após ser convidado e levando presente. Foi bacana da parte dele.

O casamento na igreja foi muito divertido. A noiva, toda de branco claro, seria conduzida à igreja, junto com o padrinho, que era eu, num carro antigo, de um amigo do Horácio, o noivo. Acontece que, depois de nos pegarmos, o motorista se perdeu e não achava o endereço da igreja, não sei de tinha bebido ou que, pois ficou dando voltas e mais voltas, até achar a igreja combinada, muito atrasados.

A festa foi mais divertida ainda, realizada num clube distante da capital, num espaço estranho, que tinha uma grande escada no meio do salão, coisa insólita, que não inibiu os convivas a dançarem como se ela não existisse. Foi surreal.

Eles ficaram morando em Buenos Aires, num bonito apartamento, com piso aquecido, no bairro de Parque Patrícios, distante do centro, bastante residencial e com muita área verde, rotisserias italianas, hospitais e uma grande penitenciária, el carcel, que estava sendo demolido naquela ocasião.

Em junho 1999 resolveram voltar ao Brasil, se mudando para S. Paulo, pois a Mariana, não se adaptou muito bem à cidade, que ela achava, que só tinha coisas velhas. Eu não concordo, mas a vida era deles.

No período que a Mariana viveu lá em Buenos Aires, ela trabalhou como secretária, numa empresa de ônibus, a Pluma, que fazia viagens locais e internacionais. O Horácio já se ocupava de comercio exterior.

Em S. Paulo, se instalaram numa casa alugada em Campo Belo, próximo dos pais e foram tocando a vida. A Mariana constituiu uma empresa, com uma sócia, a Editora Amplitude, que funcionou bem, bastante tempo, até a briga entre elas.

Foi através da Amplitude, com grande apoio da Mariana, que publiquei meu livro A Arquitetura da Avenida Paulista, em 2011, com grande repercussão.

Em dezembro de 2003 nasceu o primeiro filho deles, o Gabriel no Hospital Santa Catarina, na Paulista, hoje um cara tranquilo, com 21 anos e quase 2.00 metros de altura.

Em julho de 2007, nascia a 2ª filha, a Angelina, no Hospital São Luiz, onde deu um pouco de trabalho, exigindo cuidados especiais nos primeiros dias, hoje com 17 anos, de moça bonita, esportista e com as manhas de toda adolescente.

Um parêntese na narrativa para contar sua ajuda em 2016, durante a minha viagem a Paris, a que fui submetido à uma cirurgia cardíaca, para a troca de válvula aórtica, onde sua presença foi fundamental, para permanecer comigo durante 10 dias, na fase final da minha internação e na volta ao Brasil. Foi providencial.

O Horácio se consolidou no ramo de importação e exportações, montando uma empresa com o sócio e amigo Adrian, que vai muito bem, a julgar pela situação estável, além das frequentes viagens internacionais para esquiar.

Hoje vivem numa bela casa própria, cercada de todo conforto e segurança em Aldeia da Serra, município distante 35 quilômetros de S. Paulo, pela Rodovia Castelo Branco, num condomínio fechado, bastante arborizado.

Depois das nossas perdas familiares, a Mariana, a última dos "moicanos", se transformou no meu atual anjo da guarda, que se preocupa comigo, está sempre em contato, me recebe com um rei na sua casa, aos finais de semana.

Prepara marmita para eu trazer para casa e até incentiva e promove viagens juntos, como fizemos para Mendoza, Bariloche e na fantástica viagem ao Marrocos, que aparece em algumas imagens acima. Nossa união nunca esteve tão forte.

Gratidão imensa à Mari, para que continuemos assim até meu fim. Obrigado.

fevereiro 2025

## MINHA FILHA LUCIANA (8/9/1975-3/2/2013)

A Luciana foi a filha do meio, entre as duas outras, Mariana mais velha e Juliana a mais nova. Essa condição vem carregada de conotações psicológicas, que a caracteriza como pessoa que não recebeu a atenção e carinho devidos, como as outras duas, acarretando uma independência, uma certa rebeldia e busca externa por autoestima.

Complicado não? Ou baixando a bola: é aquela que dá mais trabalho. Bingo, era assim mesmo e mais um pouco.

Veio morena, como os pais, rechonchudinha, saudável, de cesária na maternidade São Paulo, retirada pelos dois médicos amigos da Penha, o Luizinho e o Giné Gerônimo, que fizeram o parto treinando falar inglês.

Nessa época, morávamos na Rua Silvia,391, final da Rua Pamplona do lado do Bixiga, num pequeno apartamento térreo, que dava para a rua. Com a sua chegada, a casa se mostrou pequena, para nos acomodarmos. Tivemos que nos mudar.

A dificuldade, além da financeira, era que tivesse um potencial de bons espaços, aos olhos do arquiteto, quase recém-formado. Depois de muita procura, o que era normal, achamos uma casa, em processo de reforma, na região de Moema, mais especificamente na Rua dos Chanés, 425, travessa da Alameda Maracatins, próxima a Avenida dos Bandeirantes, que ainda não existia.

Duas dificuldades se apresentaram: a primeira era regularizar o financiamento da reforma existente com a CEF, acrescentando outras condições de um novo projeto e transferindo um novo tomador do empréstimo.

O vendedor, Sr. Waldemar Pereira, tinha um certo trânsito na CEF, o que facilitou os tramites burocráticos, mas nada que melhorasse as condições impostos pela Carteira Hipotecária, que era bastante rígida, em relação a liberação das parcelas da obra, aos prazos, reajustes etc.













Imagens da Luciana em vários momentos

Outra dificuldade, que era mais uma preocupação, estava relacionada ao barulho dos aviões de Congonhas, já que a casa estava justamente na aproximação de descida, ou eventualmente de subida dos aviões, fazendo aquele barulhão, principalmente à noite, que ainda funcionava.

O vizinho, que estava presente na visita à casa com o corretor, nos tranquilizou dizendo que a gente se acostumava, com um trejeito de cabeça, comprometedor.

Por outro lado, tivemos uma ajuda inesperada, que veio do vendedor, que quando soube que eu era arquiteto, me encomendou o projeto da sua nova casa, descontando das parcelas da entrada. Foi uma mão na roda.

Tanto sua casa foi feita, por meio intermédio e responsabilidade, como a nossa, ficaram bem bacana. Tanto que ficamos por 40 anos, apesar dos sufocos para o pagamento das parcelas e dos reajustes anuais insuportáveis.

Depois dessa digressão arquitetônica, vamos voltar ao assunto principal que era discorrer sobre a Luciana, a filha do meio, não como um estigma, mas sobre a criatura maravilhosa que ela se tornou.

Infância normal junto a irmã Mariana, indo ao Chiquinha Rodrigues e a aula de balé da Da. Luci juntas, quase sempre se estranhando. A Luciana era mais sapeca e às vezes se machucava. Uma vez tendo que levar pontos no nariz por queda e algumas inalações eram obrigatórias. Vivia sempre acompanhada de algum bicho de estimação, fosse um cachorro, um hamster. Teve no Zuki, seu companheiro de muito tempo, que cativou a todos da casa.

Adolescência e juventude sem maiores sobressaltos, com muitas viagens e escolas regulares. O trabalho que ela dava nas viagens referia-se as vontades de fazer xixi a toda hora e as escaramuças com as irmãs no banco de trás, acalmadas com os tapas que eu virava nelas.

Na época da Faculdade resolveu fazer Educação Física em Santo Amaro, pois gostava das atividades físicas, mas logo desistiu. Acho

que era só para chamar atenção, pois o destino seria a Arquitetura, para imitar o pai.

Acabou entrando na universidade S.Judas, onde eu lecionava, que me ajudou bastante no aspecto financeiro, pois havia bolsa de estudos integral para os filhos dos professores.

Foi bem no curso, graduando-se nos 5 anos regulamentares, sem eu ter sido seu professor. No começo da profissão ficou me ajudando no nosso escritório, que era na nossa casa. Ficou uns tempos, mas os gênios não batiam para trabalhar juntos.

Esse período serviu para ela conhecer o Luiz, seu futuro marido, que tinha uma oficina de conserto de computadores, próximo de casa. Um dia pedi para ela levar um dos nossos computadores para ele consertar e deu a liga.

Foram namorando e acabaram se casando, não uma, mas duas vezes, entre si, o que mostra como era o relacionamento tumultuoso que eles viviam, que aflorariam mais para a frente.

Confesso que desde o começo não me simpatizei com ele, não pela diferença de idade, ou da estatura baixa, mas seu jeito arrogante e desrespeitoso comigo. Era filho de uma família de muitas irmãs, comandada por uma matriarca, ligada ao comercio de joias. Eram classe média, metidas a besta, cuja índole ficou revelada com o tempo.

Além da área de informática, o Luiz era piloto de avião, que pilotava eventualmente para uma empresa de construção, a Zabo, onde sua irmã também trabalhava.

No início, já casados, moravam em casa ou apartamento alugados, pois não tinham recursos ou reservas financeiras. Num tempo de vacas magras, foram morar conosco na Chanés, onde arrumei a frente da garagem, como num flat confortável.

Aqui o Luiz já se revelou descontrolado, quando deu um tiro dentro da garagem com a desculpa que havia um rato correndo pelo

chão; outro exemplo foi quando instalou uma câmera de vigilância acima do portão, sem me avisar ou pedir autorização. Tinha esses comportamentos que não me agradavam.

Ainda bem que ficaram pouco tempo. Foram tocando a vida deles e logo tiverem os 2 filhos; O Rodrigo, que era moreno e puxou dela e a Luiza, branquinha de olhos azuis, características dele e de sua família. Isso já foi o primeiro choque na família dele, que racista que eram, tiveram rejeição ao Rodrigo e predileção para a Luiza.

Devido ao relacionamento toxico entre os dois, que se amavam de forma muito brutal, com ciúmes mútuos doentios, lá pelas tantas, resolveram se separar, não sei em que condições. Parece que se desquitaram oficialmente, já que tinham se casado com separação total de bens, acho que por exigência dele.

Ele vivia daquele jeito já descrito e a Luciana, arrumou um emprego de arquiteta, numa empresa que fazia fachadas de vidro fora de prumo, isto é, em condições especiais. Trabalho difícil, que exigia o concurso de alpinistas para a sua execução. Ela dirigia o canteiro de obras, de muita responsabilidade.

As crianças ficaram com ela, que se desdobrava no papel de mãe, profissional e provavelmente provedora, pois ele era muito marrento. É incrível, mas ela sofria sozinha e não pedia qualquer ajuda nossa, revelando um orgulho e independência prejudiciais.

Não sei quando tempo passou e voltaram a se juntar, casando-se novamente com papel e tudo.

Fomos testemunhas na igreja e na festa familiar. Mais um período de trégua e tranquilidade. Convivíamos muito pouco com eles, infelizmente. As vezes um almoço ou jantar. Uma vez, num aniversario, fiz uma sopa de cebola, para muitos convidados, com enorme sucesso.

Vida seguindo, até a surpresa da nova separação legal, que só tomamos conhecimento um tempo depois. Parecia definitiva, mas não é o que aconteceu.

Pois um novo encontro resultou, agora sim, numa separação definitiva, em condições trágicas, motivado pelo acidente aéreo, que os vitimou, juntamente com outras 3 pessoas em Candido Mota no dia 03/2/2013.

Este acidente recebeu outro texto específico nestas memórias, noutro lugar.

O que vale recordar são as circunstâncias que levaram a esse acidente; não me refiro as condições técnicas do voo, a cargo do Cenipa, que acompanhamos atentamente, mas o que a Luciana estava fazendo nesse voo, inclusive pilotando a aeronave. Lembro que eles estavam separados, inclusive judicialmente.

Bom, com relação à pilotagem, depois ficamos sabendo que ela estava fazendo curso para tirar o brevê, e a sua presença, especulou-se, que seria para evitar a ida de outra mulher, que acompanharia o Luiz nos voos, revelando uma ciumeira doentia.

Não se sabe ao certo, mas contribuiu para mais uma fatalidade definitiva na vida dos dois, com duras consequências na vida das duas crianças pequenas e na dor e brigas entre as famílias.

Do ponto de vista financeiro, é preciso que se diga, que eles não tinham patrimônio individualmente declarado, para serem distribuídos entre os filhos. É estranho que não tenham deixado sequer um seguro para os herdeiros, numa atividade de alto risco. Cheira à irresponsabilidade ou negligência.

A Luciana não tinha nada e o Luiz também não, mas de forma ilícita, pois tinha transferido todos os seus bens, para a irmã Nilza.

Os interesses das crianças foram duramente defendidos em processo judicial movido por nós, a família da Luciana, que está detalhado em outro texto do acidente.

Janeiro 2025

## MINHA FILHA JULIANA (10/01/1978- 4/4/2022)

Como pode, numa família de 5 membros, formada pelo pai, mãe e 3 filhas saudáveis, duramente construída, restarem somente 2, o pai e a filha mais velha, ceifada por doenças e desgraças em série, como se fora um castigo divino?

Minha vontade primeira, como esse pai que sou, é gritar um sonoro palavrão, pqp e exclamar, de revolta, por que eu, de novo? Por que nós? Se há tanta gente no mundo merecedora da preferência.

Como pode uma sequência de perdas tão perversa concentrada sobre uma só família, uma só pessoa? É um mistério injusto. Uma provação sem tamanho. Não adianta nada, meus anjos da guarda me protegerem e me pouparem, se vão me levando os entes queridos.

Não acredito num mundo sobrenatural, mas é muita desgraça junta. Poderia ser mais bem distribuída ou seguindo a ordem natural, me levando primeiro, pois aos 84 anos, já cumpri minha passagem por aqui e vivo sozinho, tocando os últimos dias.







Juliana em alguns momentos

Desgraçadamente a Juliana, filha mais nova, também veio a falecer, aos 44 anos, por conta de um câncer inicial de mama, essa doença maldita, que se espalhou em metástase por todo o seu corpo, num processo de muito sofrimento, que durou um ano, enganando os médicos e espalhando desorientação.

Há certas criaturas que vêm ao mundo, com a missão de servir o outro, de ajudar a resolver os problemas do outro, sem recompensas ou contrapartidas. Um verdadeiro anjo cristão, sem necessidade de frequentar qualquer religião. Foi o seu caso.

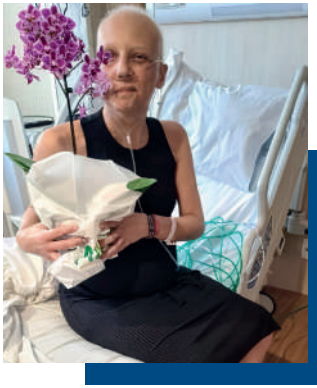
A Juliana era uma figura muito doce, afável, sensível e delicada, que se dedicou a todos com muito amor e desprendimento, negligenciando sua própria saúde e ao seu próprio bem-estar.

Registro aqui alguns episódios que mostram essa generosidade, desprendimento, solidariedade e amor ao próximo.

Foi a primeira a se prontificar para ir ao local do trágico acidente da irmã Luciana, em Candido Mota, para me poupar, juntamente com o Denílson, para resolver os problemas decorrentes da queda do avião, para identificar os corpos e os tramites burocráticos. Diria que foi uma tarefa das mais cruéis e difíceis de ser feita, para enfrentar uma realidade bastante dura e ingrata.







Juliana em outros momentos

Outro foi em relação à minha cirurgia cardíaca em Paris, com internação de 30 dias, quando estava lá passeando. Foi feito um rodízio entre a Magali, que estava comigo, a Mariana e a Juliana, para me acompanharem na hospitalização. A Juliana foi depois da Magali, ficando 10 dias, sozinha em Paris, sem praticamente nenhuma experiência internacional. Pegou os 10 dias mais tumultuados do meu pós-operatório, onde tive alucinações e rebeldia. Além disso, ela conseguiu resolver a intricada questão do seguro, que bancou a cirurgia.

Outra bucha maior foi a disputa judicial pela tutela dos filhos da Luciana, que detalho mais em baixo.

Outra ainda foi cuidar da mãe, juntamente comigo e a Mariana, quando ela começou com os problemas de saúde até sua internação e óbito.

Ela deixou seu companheiro Denílson, a quem sempre serviu com desvelo e amor, e com quem acompanhou no seu trabalho Brasil afora, além da Marcela, filha natural de 15 anos.

Deixou também os filhos adotivos Rodrigo e Luiza com 18 e 15 anos, que resolveu assumir, depois da morte da irmã Luciana, e após uma longa disputa judicial pela guarda deles, bem como a todos nós desconsolados e perdidos.

Essa questão da guarda e tutela do Rodrigo e Luiz, demandou uma dura e demorada peleja judicial, contra a irmã do Luiza, Nilza, que também pleiteava a tutela.

Os filhos eram de menor idade, o que demandou a participação do ministério público, complicando e demorando anos para a solução, que nos foi favorável, mas sob um desgaste enorme, inclusive na administração posterior à sentença, com prestações de contas, ultra fiscalizadas pela parte contrária. Um calvário de tensão permanente.

Ela tinha seu lado de guerreira, muito forte, como demonstramos nos episódios acima e que também encarava qualquer tipo de

serviços, ou tarefas, com determinação e sem frescuras. Fazia as compras, cozinhava para todos, cuidava da plantas com esmero e até atacava de pedreiro, pintor e serviços gerais, sem problemas. Fui seu companheiro nestas tarefas, quando foi necessário.

Esse acúmulo de tarefas e responsabilidades, além do cigarro e do vinho diário, talvez tenham sido o estopim para seus problemas posteriores de saúde. Vai saber?

Ela foi a terceira nossa filha, depois da Mariana e da Luciana, com uma infância saudável, descontraída, educada em casa, na Rua dos Chanés e nas escolas normais, com bastante afeto e cuidados maternos e paternos. Desde cedo, com muito lazer, escola de balé, viagens às praias de Ubatuba, ao campo de Joanópolis terra da mãe, e outras mais longe como Nordeste, Brasília etc.

Era o mimo da mãe, que a chamava de pingo vida. Não dava trabalho, a menos de algum entrevero entre irmãs e quando teve um episódio na escola, inédito e insólito, que relembro.

Numa manhã de aula normal, recebemos um telefonema da direção da escola, dizendo que a nossa filha estava com problemas, que devíamos ir lá. Lá chegando, deparamos com a Juliana e uma amiga completamente embriagadas, sem poder parar em pé, pois haviam tomado uma garrafa de Vodka inteira, antes de entrar em aula de manhã. Dá para entender uma situação desta?

Além das broncas, da ameaça de punição escolar, aprendemos que ela era chegada nas bebidas, que a acompanhou pela vida afora, talvez puxando do pai e da mãe, que também eram chegados, mas dito socialmente.

Teve uma juventude normal, com as festas e passeios, principalmente para Joanópolis no sítio do avô, onde formou uma rede de amizade dos primos e de um namorado, meio violento, próprio da turma da cidade.

Ela se formou em Administração de Empresas na FMU, mas exerceu pouco em algumas empresas, de hotelaria, para ajudar no sustento da casa, mas logo renunciou para ajudar seu companheiro Denílson, que era gerente geral de hotel em grandes cadeias internacionais.

Quando as coisas apertavam, vinham passar uma temporada na casa da Chanés ou já em São Vicente.

Dava suporte ao Denílson, trocando ideias profissionais e tomando conta da casa e da família, acompanhando-o, inclusive, em convenções internacionais, como Las Vegas e New York. Era muito organizada e mantinha as contas sempre em dia. Tanto que conseguiu comprar um apto financiado em S. Paulo, próximo ao Banespa, um tanto com a ajuda do pai, que o mantém até hoje.

Por conta disso ela acabou acompanhando o Denílson em várias praças do Brasil, como São Paulo, Manaus, Caxias do Sul, até se fixar em Santos, terra de nascimento dele, próximos à São Vicente, onde também já havíamos nos estabelecidos.

Nós aproveitamos essas moradas para ir visitá-los, sempre que podíamos.

Chegamos a ir a Manaus passear e até acompanhá-la até Miami, onde foi comprar o enxoval de bebê, que se avizinhava.

Já trabalhando em Santos, conseguiram primeiro alugar uma apto na ponta da praia e, em seguida, compraram um sobrado usado, também financiado, que exigiu uma boa reforma, na qual ajudei como pude, financeira e profissionalmente.

Nessa casa, ela conseguia reunir os amigos, os amigos das crianças, os irmãos do Denilson, que sempre dependiam dos conselhos dela, em churrascos de fim de semana, sempre muito concorridos. Esses irmãos foram criados pelo Denilson, na falta dos pais, que morreram muito cedo, daí a dependência.

Ela nunca se queixou de problemas de saúde, mas já tinha endometriose, dores de coluna, mas nada que pudesse suspeitar do câncer de mama, que veio rápido e sorrateiro, depois daqueles exames de mamografia.

Daí começou a peregrinação em médicos e hospitais, para combater esse flagelo cruel e sofrido. Com cirurgia, quimioterapia e inúmeras outras drogas, como morfina para aliviar a dor e o desconforto.

Doença horrível, que mina as resistências do corpo, destruindo a nossa defesa de forma perversa e dolorida.

De nada adiantou a luta dos médicos, o carinho e atenção dos familiares, particularmente do primo Dr. Pedro, filho do Porfirio, que ministrou remédios paliativos nos últimos momentos e da prima Bebel, que veio da Australia, para ficar com ela em casa.

Foi, sem ter sido reconhecida e valorizada, por toda a sua dedicação, ao cuidar dos outros e sem tempo para usufruir um pouco mais da vida, tão sacrificada e abnegada. Só me resta manifestar minha gratidão pessoal e orgulho por ter vivido com uma criatura tão fantástica. Vai com Deus, minha filha. Te amei muito.

Assim, vou me sentindo, cada vez mais só e isolado da família, que construí e que me abandona, de forma muito triste e persistente, até minha ida também.

Meu último consolo é ainda ter a Mariana, que tem me assistido e acolhido muito calorosamente e com muito cuidado, além dos netos, que vejo pouco. Obrigado Mari.

Fevereiro 2025

## MINHA IRMÃ EDNA

Seu nome sem o I de Edina, talvez por falha do escrivão, faz parte de um trio composto pelo meu Edison, com i, e de um outro irmão chamado Edmur, que faleceu logo depois do nascimento. Não sei quem foi o autor dessas escolhas, se pai, mãe ou algum iluminado, pois são nomes diferentes e bacanas.

Com 3 anos mais nova que eu, minha irmã teve uma trajetória posterior completamente diferente da minha, mais contida, apesar de termos passado os mesmos problemas na infância e juventude.

Ou seja, de infância pobre, dificuldades de estudos e formação escolar difícil, do trauma de pai internado durante muito tempo, morando em vários lugares alugados e dependendo do esforço da mãe para seguir sobrevivendo com saúde e dignidade.

Quando nasceu na Maternidade São Paulo, em 1943, morávamos na Penha em condições de pouco espaço, que obrigava a vivermos com pouco conforto e dormirmos praticamente todos juntos. Essa condição, dizem os psicólogos, ocasiona sequelas de comportamento pela vida a fora.






Passeando em Buenos Aires

Ela tinha um certo ciúme de mim, pois achava que eu era o queridinho da mãe por ser homem e tinha mais liberdade para sair e brincar.

Quanto à sua formação, ela conseguiu terminar o primário e o ginásio e aos 16 anos concluir o curso de Auxiliar de Enfermagem, na LBA Legião Brasileira de Assistência, entidade pública de filantropia, fundada pelo presidente Getúlio Vargas, em 1942, que já não existe mais; nesta profissão ela se dedicou profissionalmente em vários hospitais e clínicas públicas de São Paulo, até sua aposentadoria definitiva aos 61 anos.

Nessa condição ela prestou concurso tanto no Estado quanto para a Prefeitura de São Paulo, foi aprovada em ambos e chegou a trabalhar sob esses dois regimes do funcionalismo, até seguir somente no Hospital do Servidor público municipal, durante um longo período.

Como se pode imaginar era  uma atividade bastante desgastante, principalmente naquela época, em que os profissionais de auxiliar de enfermagem "carregavam o piano", isto é, faziam todo o atendimento aos pacientes, pois as enfermeiras, consideradas de alto padrão, somente supervisionavam os trabalhos das auxiliares. E os médicos sempre se consideravam como deuses. As jornadas eram pesadas e longas. Não sei se esse quadro funcional mudou muito atualmente.

Ela chegava muito cedo para trabalhar e tendo que empurrar macas, mesmo estando em adiantado estado de gravidez.

Numa festa, já adulta, conheceu o José Di Roberto, que se transformou no seu marido até sua morte, em 2018 acometido de câncer bastante agressivo.

O casamento foi realizado em 1966, onde saímos da Rua Silvia, onde morávamos os três, depois da morte do pai, em direção a Igreja de São Domingos, nas Perdizes, que eu havia conseguido em con-

dições favoráveis; preferi esta igreja, apesar de distante, por considerá-la bonita como arquitetura, além do meu reconhecimento pela resistência que os dominicanos representavam naquele difícil momento político no país.

Também consegui que o meu amigo Rino, do estadual da Penha, nos levasse à igreja, no seu Ford Galaxie luxuoso, para alegria da minha irmã.

Uma vez casada e trabalhando como auxiliar de enfermagem foi morar com o José para os lados da Vila Prudente, onde também residia a numerosa família do marido.

O José era um cara muito boa gente, corintiano fanático, sempre batia uma bola e trabalhava numa loja de parafusos própria, junto com seus irmãos, atravessando períodos de altos e baixos, característicos da economia brasileira. No final sofreu bastante, acometido por um câncer que se alastrou em metástase por várias partes do corpo.

Aí nasceram seus três filhos, o Fábio, o Mauricio e a Débora, nessa ordem, bastante saudáveis e responsáveis, que se transformaram em cidadãos íntegros, trabalhadores e de bom caráter. Sou padrinho, meio negligente, do Mauricio.

O Fábio se formou em Direito e Engenharia e trabalha como Fiscal de Rendas do Estado de São Paulo; tem um casal de filhos Mariana, advogada e Rafael, está divorciado, morando em Campinas.

O Mauricio, se formou em Engenharia Mecânica e depois de várias tentativas profissionais, acabou se tornando um empreendedor imobiliário, primeiro em São Paulo e hoje vive na cidade do Porto, em Portugal, também empreendendo na área imobiliária. Vive com a mulher Fabiana e não tem filhos.

A Débora fez engenharia civil no Mackenzie e hoje é uma excelente calculista de estruturas, muito requisitada, por empresas nacionais e estrangeiras. É casada com o Leandro e tem um casal de filhos o Felipe e a Julia adolescentes. Moram em Itatiba, no interior de São Paulo.

Como se vê, construiu uma bela família, com controle e disciplina. Pratica a doutrina espírita.

Nos vemos às vezes em bons almoços. No meu aniversário de 82 anos fomos viajar juntos para Buenos Aires, na Argentina para comemorar, onde passeamos bastante, mas dentro das nossas limitações físicas de dois anciões. Mesmo assim, sempre é bom viajar.

Ultimamente ela mora só, em São Paulo, dirige seu próprio automóvel, mas continua frequentando novamente os hospitais, infelizmente na condição de paciente, por problemas pulmonares frequentes.

Mesmo não tenho formação política, se alinha às posições políticas de esquerda, contra as injustiças, pelas mensagens que me encaminha regularmente, junto com outras ligadas à saúde na nossa idade.

Mesmo assim, com todas as dificuldades passadas, vamos comemorando nossa longevidade, ambos já passados dos 80 anos, talvez pelos Biotônicos Fontoura ou Emulsão Scott da infância, mas ainda com bastante liberdade e independência e desfrutando dessa dádiva que é a vida.

Junho/2025

## MINHAS MENINAS

Ma Lu Ju. Minhas meninas lindas e maravilhosas. Dia histórico para nós. Negócio fechado. Vai-se a casa da Rua Chanés onde vivemos durante 36 anos (1975-2011), com alguma interrupção com muita alegria, alguns problemas, num belo e generoso espaço residencial concebido com muito amor e mantido com bastante suor. Mudança de vida, ares e mares. Etapa cumprida. Foi muito bom enquanto durou.

Aqui vocês foram criadas, fizeram suas estripulias, sempre foram socorridas nos seus momentos difíceis e se tornaram adultas e independentes, criando suas próprias famílias, gerando nossos 5 netinhos. Capetas (exceção do Gabi), saudáveis e lindos e maravilhosos. Agora o momento e os tempos são outros. Chegou a vossa vez de tocar o barco, cada uma à sua maneira com seus compromissos e problemas.

O ciclo natural da vida sempre passa pelas fases de germinação, nascimento, crescimento, procriação, ocaso e morte. Acompanhado de um permanente processo de formação, amadurecimento, enriquecimento e o necessário desempenho familiar e social.

Há um tempo que você se prepara para a batalha, cumpre seu papel social e humano e se retira (ou é retirado) de campo e vai para a arquibancada torcer e reclamar. Mais reclamar e dar palpites do que torcer. Nessa trajetória a gente vai da infância, para adolescência, a juventude e a maturidade embaladas pelas descobertas da vida que incluem a dignidade, o trabalho, o prazer, o amor, o sexo, a maternidade e a educação dos filhos.

Estamos, eu e vossa mãe, na fase derradeira desse ciclo, conscientes das limitações físicas decorrentes e alijados das atividades produtivas normais, esperando que as nossas funções vitais e mentais se mantenham saudáveis, para não inspirarmos maiores cuidados e darmos trabalho a vocês.

Agora saímos de Moema, deixando S. Paulo, depois de 71 anos de luta, com muito orgulho da minha origem humilde da Penha e da trajetória de sucesso pessoal e profissional que nela realizei. Creio que dei minha contribuição.

Trocarei meu "Pátio Ver o pouso dos aviões" para "Ver navios ao largo" numa alegoria destinada a me continuar ligado ao mundo.

Ficam os sabiás e sanhaços, comedores das minhas frutas, mas companheiros sonoros de várias horas; em compensação ganharei a companhia das garças e gaivotas, novas amigas do mar.

Deixarei meu salão de festas e trabalho, meu banco debaixo da jabuticabeira, minhas plantas e tantas lembranças bonitas, das reuniões familiares, profissionais, dos churrascos e tantas festas de aniversários com ou sem orquestra.

Não sentirei nenhuma saudade do louco trânsito das Avenidas 23 de Maio e Bandeirantes e do sufoco ambiental e humano de toda a cidade; tampouco dos barulhentos vizinhos e de baixa civilidade.

Vamos para a pequena S. Vicente no litoral sul paulista, primeira cidade do Brasil, onde tudo se faz a pé, para cumprirmos nosso destino dando continuidade final de vida, esperando ser felizes e propiciar mais uma alternativa de porto e lazer para vocês e os netinhos.

Um beijo grande a vocês e até lá, onde "enfrentaremos este novo sacrifício" de flanar e viver à beira mar, que é o sonho de muitos, porém realidade de poucos privilegiados como nós.

Papai Eloy 26/10/2011

**Resposta da Mari**

Papai e mamãe,

Antes de mais nada vocês merecem todo conforto que virá porque batalharam muito, cada uma a sua maneira, para isso!

A casa da Chanés sempre será lembrada por nós por termos tido uma infância muito feliz, e por ter sido o nosso porto seguro, em muitas ocasiões!

Também agradeço a vocês por toda estrutura e apoio que nos deram, e sei que nos darão, sempre!

Espero que realmente vocês sejam felizes, e acima de tudo tenham paz para viver muito mais anos com tranquilidade!!

Beijos e sempre estaremos lá!!

Mari

**Resposta da Luciana**

Queridos Brou e mamãe. Como a maioria dos seus textos esse soou como poesia e fez passar um belo e recheado filminho pela minha cabeça. Em um minuto revivi cada passagem das nossas vidas. As inúmeras e imensas alegrias, os momentos tristes, necessários e de reflexão.

Definitivamente esse ciclo terminou. Sua missão como pai foi cumprida sem dúvida nenhuma. A bagagem que nos foi oferecida por vocês não tem preço. Estamos cada uma no seu caminho e preparadas para a vida. Se eu conseguir transmitir e proporcionar metade do que tive de vocês aos meus filhos me sentirei realizada.

O melhor de tudo isso é que, como você mesmo disse, vocês aí estão aí, ativos e participantes de nossas vidas e aqui ao lado. Já fica a saudade dos domingos, das festas, do porto seguro que foi a

Chanés. Fica o alívio de saber que o porto só mudou de endereço e que começa agora um novo capítulo da nossa história, com vocês mais avós do que pais e ainda assim nos privilegiando com essa alternativa de lazer.

E vamos que vamos todos juntos e felizes. Obrigada por tudo e muita sorte, paz e sucesso para vocês nessa nova empreitada.

Lu

**Resposta da Ju**

Pá, Mami,

A casa da Chanés ficará em nossas lembranças sempre, e dos netos lindos e maravilhosos também eu espero. Foram muitos momentos lindos e felizes, mas a vida é feita de ciclos, esse está se encerrando de uma forma linda e inicia-se outro que com certeza tbem trará muitas felicidades, festas, momentos felizes pra todos, mas principalmente pra vocês que merecem muito um descanso tranquilo, lindo e maravilhoso.

Obrigada por sempre nos proporcionar tudo de melhor. E vamos que vamos?

Quando se inicia a mudança? Você já negociou data pra deixar a casa?

Estaremos por aí de 23 de dezembro a 16 de janeiro e dispostos a ajudar no que for necessário. Ufa!!!! Vai ser uma loucura, hahahaha!!!!

Beijos mil com saudades.

Tudo de melhor na nova vida.

Ju

## MINHAS MORADAS

Algumas dessas informações mais detalhadas constam também de outras crônicas especificas de cada uma dessas moradas.

E engraçado como nesses tempos em que se prega o ficar em casa, me fez lembrar o tanto de casas que já tive, como se fosse um cigano, que não se fixa em nenhum lugar.

Quando nasci, de parteira em casa, morava num cortiço na Rua Joli no Brás, juntamente com parentes. Passei minha primeira infância nesse lugar, com poucas lembranças.

Depois lembro que nos mudamos para a Penha, na rua padre João, também numa parte de baixo dos fundos, de uma sequência de 3 ou 4 casas em casa alugada. Lá passei a infância escolar e o aprendizado do ofício de entalhador.

Em seguida fomos morar no Cangaíba, onde meu pai primeiro comprou um terreno na parte baixa que inundou na primeira chuva; depois adquiriu um outro terreno numa parte mais alta, onde construímos uma casa simples no regime de mutirão. Assim foram levantadas as paredes, algumas janelas e portas e feita a cobertura. O resto foi sendo feito com o tempo. Quantos fins de semana foram dedicados aos reboques, escada de acesso, caiação, forro, completar banheiro e alguns acabamentos. A glória foi contratar um pedreiro fachadista para ornamentar a fachada de frente, motivo de orgulho.

Ficamos muito tempo nessa casa, que sofreu ampliações para ganhar meu quarto de estudo e tocar pandeiro e muitas reformas posteriores depois que meu pai morreu e minha mãe ficou lá sozinha.

De lá sai sozinho para cursar a FAUusp, onde morei numa república na Avenida 9 de Julho, com os colegas Mario e o Pipo. Era uma quitinete no 12º andar, que era cativa dos estudantes da FAU, como o Caron e o Bergamin, que construíram um mezanino de madeira,

onde dormíamos, ao som do barulho dos veículos da Av. 9 de julho. Ficava num prédio em frente ao INSS, de onde ia a pé para a FAU na Rua Maranhão. Lá fiquei durante todos os 5 anos do curso da FAU.

Terminado o curso, já formado arquiteto, fui morar num apartamento pequeno na rua Silvia na Bela Vista, no térreo de um prediNho pequeno, cujo dono era o jurista Miguel Reale. Ali foi a primeira morada com Da. Hilda e onde nasceu a primeira filha Mariana. Era uma sala ampla que servia de dormitório, além de uma pequena entrada, um banheiro, uma pequena cozinha e uma área de serviços.

Devia ter uns 50 m2. Apesar da exiguidade conseguimos dar umas festas nesse lugar. Foi ai que consegui comprar meu primeiro carro, um Gordini verde escuro, de nome Ulisses, que dormia na porta, sem problemas.

Quando nasceu minha 2 . filha, a Luciana, já não dava para ficar ai e criei coragem e comprei uma casa na rua Chanés, em Moema, que se transformou no nosso reduto mais longevo. Comprei é força de expressão, pois somente dei a entrada num financiamento de 10 anos pela carteira hipotecaria da Caixa Econômica Federal. Esse financiamento foi uma grande epopeia para pagar, pois a inflação no período, obrigava a refinanciar a dívida, que durou mais de 15 anos e muitas noites de sono.

Antes de mudarmos tivemos que fazer uma grande reforma, já que a casa estava em petição de miséria em matéria de conservação e não possuía os ambientes necessários para nós. Sem falar a avidez em mostrar as qualidades do novo arquiteto. Foi um grande desafio, pois o conhecimento e o gosto do dono não batiam com a sua condição econômico-financeira. Ainda bem que no contrato com CEF, estava incluída a despesa com a reforma básica e também fiz uma permuta com o proprietário, Sr. Waldemar, me comprometendo a fazer o projeto da sua casa nova, que acabou sendo construída.

Neste caso também mudamos com muita coisa inacabada, como piso, vidros temperados, pintura, etc. que foram sendo resolvidas ao longo do tempo. Lembro que cheguei a usar todas as amostras de um kit de ferragens que tinha como mostruário, para colocar em algumas portas. As de dentro não combinavam com as de fora.

Era uma casa grande, com vários níveis, com 270m² de construção, num terreno de 8x40m, com sala grande, cozinha equipada, 4 banheiros,3 quartos com varanda, um salão de festas, que se transformou no meu escritório de trabalho, com desenhistas e tudo, garagem para 2 carros e um quintal no fundo com churrasqueira e uma jabuticabeira.

Vivemos aí, com algumas idas e vindas, onde nasceu a terceira filha Juliana, em torno de 40 anos, intensos e frutíferos, onde desfrutamos de muitas emoções e lembranças inesquecíveis; Ai surgiram os 5 netos, que temos até hoje. Do escritório montado em casa, com todos os conflitos de convivência possíveis, consegui garantir a sobrevivência familiar em períodos difíceis, fazendo projetos e obras que me engrandeceram profissionalmente. O orçamento também era completado com a atividade docente. Quantas viagens de lazer foram realizadas nesse período, para a praia, basicamente Ubatuba, Campos de Jordao, Joanópolis e tantas outras.

Por necessidade do trabalho e do lazer fomos comprando os carros maiores necessários; acho que o primeiro foi um Opala, seguido de outro saia  e blusa, seguidos de chevrolet Belair e outro Tufão, Fiorino, até chegarmos numa Caravan, seguida de outra e finalmente uma perua utilitária Volkswagen Santana Quantum para caber todas as tralhas familiares. Nunca consegui comprar um zero quilometro. Era o tempo das carroças chiques.

Conseguimos fazer alguns empreendimentos em paralelo, construindo uma casa em Ubatuba, na Rua Galeão Coutinho, no bairro do Itaquá, a algumas quadras da praia, aonde íamos regularmente, durante anos. Primeiro fizemos uma edícula no fundo, depois virou

uma casa vistosa e confortável. Mas, como sempre acontece, as meninas cresceram e a casa ficou abandonada, gerando só despesas, e acabou sendo vendida.

Também reformamos uma casa no interior, em Joanópolis, para nosso uso, cedida pelo cunhado Kaj, na beira da antiga represa do Cancan, bairro onde o sogro tinha uma chácara.

Depois da longa temporada na Rua Chanés, já aposentado e sem maiores compromissos formais, fomos bater em São Vicente, para terminar nossos dias.

Vendemos a casa da Chanés e compramos um lindo apartamento à beira mar, no terceiro andar, o Edifício Marahu na praia de Itararé, lindo exemplar da arquitetura moderna brasileira. No começo foi tudo às mil maravilhas, vendo o mar, gostando do sossego, descobrindo o lugar, onde é o supermercado, a padaria e feira.

O apartamento era bacana, com mais de 180 m2, de frente para o mar com ampla sala, 3 dormitórios, todos com vista para o mar, 3 banheiros, cozinha planejada, quarto de empregada, área de serviço, 2 vagas de garagem e toda a infraestrutura, com salão de festas, churrasqueira, garagem de barcos etc.

Seis meses passados, surgem os baques. Primeiro minha mulher veio a falecer depois de uma cirurgia de intestinos. Meses depois minha filha do meio, a arquiteta Luciana, também morreu num acidente de avião, junto como o Luiz seu marido, deixando dois filhos pequenos, o Rodrigo e a Luiza. O mundo desabou num curto período. Muito difícil superar e seguir em frente.

Com isso acabei me mudando provisoriamente para S.Paulo, no apartamento que a Luciana morava, para cuidar das duas crianças. Fiquei um período suficiente para concluírem o semestre escolar e se mudarem para S.Vicente conosco. A Juliana, que vivia em Caxias do Sul, também se mudou para o apartamento de S.Vicente para ficarmos todos juntos.

Depois a Juliana mudou para um outro apartamento e eu fiquei sozinho. Aguentei até 2019, quando fiz 7 anos em São Vicente, alugando o apartamento com tudo dentro, moveis, livros, camas, cozinha, etc, me desapegando totalmente desse passado. Aproveitei também para vender o auto Corolla que possuía.

Novamente me mudei para São Paulo, capital, onde aluguei um flat de 50m2 na região da Paulista, vivendo minimamente uma nova realidade. Procurando flanar pela cidade, usufruindo dos seus bens culturais, andando de transporte coletivo e matando o tempo fazendo andanças para redescobrir seus pontos turísticos e obras de arquitetura e mais próximo do apoio médico.

Assim se deu minha peregrinação pelas moradas que passei. Não sei se ela está acabada.

## NOVOS CAMINHOS

Uma nova mudança me impulsiona a deixar São Vicente, depois de sete anos, plenos de acontecimentos que ficaram marcados fortemente na minha vida.

Em São Vicente vivi num belo apartamento a beira mar, onde usufrui de conforto e segurança, ficando literalmente a ver navios, acolhendo e reunindo filhas, netos e amigos em almoços festivos nos domingos e aniversários com muita música e alegria.

Esse refúgio, que deveria ser a derradeira parada da nossa trajetória, acabou se transformando em mais uma passagem, por várias circunstâncias e peças que o destino costuma nos pregar.

Assim, São Vicente, que parou no tempo de Martim Afonso, ficou para trás.

Neste intervalo de tempo foram acrescidos vários aspectos positivos, como a relativa tranquilidade de viver no litoral, junto à natureza, ao seu ritmo lento das pequenas distancias percorridas a pé, a maior proximidade e informalidade das pessoas, além do provincianismo e precariedade inerentes.



Navegar é preciso, viver é muito mais.

Entre eles também vale destacar a busca para me inserir nas atividades profissionais e sociais da cidade e da região, em função da minha formação e experiência profissional, produzindo material iconográfico, participando de entidades, associações e publicações e eventos ligados à melhoria da sua qualidade de vida urbana.

Assim, fui Gerente Regional do Conselho de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo, por 3 anos na sua fase de implantação; presidi a Associação dos Moradores de Itararé por 2 anos; produzi uma publicação sobre a Arquitetura Moderna da Orla de São Vicente; elaborei inúmeros projetos de Urbanização para várias áreas da cidade de São Vicente e da região, oferecidas aos políticos e prefeitos da cidade, sem resultado.

Participei como pandeirista de rodas de choro, com músicos do Clube de Choro de Santos, com muito orgulho e prazer, deixando tantos amigos.

Conheci a Magali, com quem convivi durante mais de 3 anos, com alegrias e muitas brigas.

Porém, em contrapartida, também aconteceram vários percalços e perdas que entristeceram essas conquistas, causando-me bastante sofrimento.

Incluem nisso alguns tropeços sérios de saúde, como a cirurgia cardíaca em 2016 para a troca da válvula aórtica, acontecida em Paris, quando em viagem de lazer; a cirurgia de ombro para reparação de 2 tendões estourados; além dos inúmeros exames e pequenos procedimentos médicos necessários nesta idade.

Ganhei também dois aparelhos auditivos, que nem sempre os uso, para não ouvir tantas abobrinhas. Como sou afortunado, muitos anjos da guarda zelaram pela minha integridade e sanidade.

Também aqui fiz muita recuperação de fisioterapia, sessões de psicoterapia, aulas de inglês e rodas de choro.

Com relação às perdas: Minha mulher Hilda faleceu após 7 meses da mudança, vítima de falência múltipla dos órgãos, após cirurgia de risco, sem poder aproveitar dos benefícios da mudança.

Como se não bastasse esse choque, veio a trágica notícia da morte da minha filha do meio, a Luciana, arquiteta em plena flor da idade, 7 meses após. Vítima de acidente aéreo, faleceu juntamente com seu marido Luiz e outras 3 pessoas; deixando um casal de filhos pequenos, o Rodrigo e a Luiza, que tem a guarda da Juliana, minha filha mais nova, juntamente com o Denílson, seu marido.

Ficaram uns poucos amigos, as lembranças, guardados, objetos, livros, muita visão do mar e uma sensação de frustração e desalento, não só em caráter pessoal, pelos reveses, mas também socialmente, por não ter podido contribuir mais efetivamente para melhores resultados.

Saio de um amplo espaço de 250m2, mobiliado e equipado, no Edifício Marahu, joia arquitetônica na praia do Itararé, com todo o conforto, me desapegando totalmente dos meus pertences, dos meus livros profissionais e de literatura, dos meus arquivos da atividade didática, de acervo de projetos, fotos de viagens, de família e demais objetos que se acumularam ao longo do tempo e que marcaram essa trajetória exitosa.

Saio com mala e cuia, como dizem os gaúchos. Livre leve e solto.

Dentro deste contexto faz parte a venda do meu carro, substituído pelo uso do transporte coletivo, particularmente do vlt e do metrô (onde não pago a passagem) e Uber, conquistas racionais e econômicas recentes da mobilidade urbana contemporânea, que apoio e aderi integralmente.

Como podem ver, não foi em vão, ou em brancas nuvens, já que às vezes há ventos noroestes e ressacas bravas, onde tantas coisas aconteceram e que merecem esse registro.

É preciso coragem para essa profunda mudança, pois não é um processo fácil de desapego e desenraizamento, como se pode imaginar, bastante dolorido por me desfazer de todo o patrimônio e investimento intelectual acumulado durante toda a minha formação acadêmica e profissional.

Porém, parece que é chegado o momento apropriado dessa libertação.

Muita coisa foi doada a escolas e ex alunos de Arquitetura. Não tenho mais interessados na família ou próximos que possam aproveitar esse rico acervo.

A Arquitetura que  foi meu ganha-pão, já não me fascina como outrora, como foi minha paixão e meu principal casamento pós-formado, em detrimento familiar. Ela continua na dela com seus belos exemplares  de exceção na grande massa construída da cidade, na crescente falta de reconhecimento público, porém sem conseguir melhorar as condições da habitabilidade de maioria da população necessitada.

Exerci na prática como muito afinco e dedicação a atividade de Planejamento Urbano em Palmas e Tocantins e em Boa Vista em Roraima, essa que considero a mais relevante atividade profissional, por ter a capacidade de  tornar as cidades mais humanas, sustentáveis e melhorar a vida das pessoas, desde que as condições politicas sejam favoráveis.

Acho que tudo isso faz parte de um processo inexorável, um caminho sem volta, a ser absorvido e curtido da melhor maneira possível, numa espécie de purificação pessoal, que nos alivia da carga dos compromissos obrigatórios, fúteis ou inúteis.

Num processo que deverá levar, no final, aos 2 últimos metros quadrados de um jazigo ou uma pequena caixinha em pó da cremação,, isto é nos levará aquele NADA do inicio da vida, quando chegar a hora. Viemos sem nada e iremos assim. Oxalá deixando algum legado pessoal e familiar positivos.

Deixo pra trás algumas mágoas, tristezas e más lembranças, mas procuro me fixar somente nas boas recordações e nas boas amizades deixadas. Sempre vale a pena, se a alma não é pequena, disse o Fernando.

Uma etapa se encerra; mais um ciclo se fecha. Uma nova fase se apresenta. Sinto-me livre e independente, pronto para novos desafios e movimentos.

Estou indo morar num flat básico de 50m2 na Região da Avenida Paulista, que funcionará como base, não de esnobação ou excentricidade, mas na busca do essencial, da simplicidade, do desprendimento, aberto para novas e verdadeiras emoções e sentimentos pelo tempo que me resta.

A Avenida Paulista, a quem dediquei dois anos de trabalho e que resultaram no livro Uma Guia de sua  Arquitetura moderna , lançado em 2011, representa uma  gratidão por esta que é o símbolo maior da cidade de São Paulo.

Sou urbano de nascimento, formação e convicção. Volto à minha querida cidade natal, sempre dinâmica, cosmopolita, universal para viver com a eterna curiosidade e interesse, num ritmo mais calmo e observador, flanando e curtindo seus inúmeros pontos de interesse.

Tenho vocação nômade, desde pequenino na minha Penha de França; um desejo de descobrir a cidade; a sair pelo mundo e desvendar tanto suas maravilhas como suas fraquezas.

O mundo contemporâneo me fascina pela infinidade de inovações e soluções tecnológicas que facilitam e melhoram a vida das pessoas, abrindo horizontes incalculáveis em todas as áreas do conhecimento.

Apesar de pertencer a uma geração analógica, procuro com certa dificuldade, é verdade,  acompanhar esse revolução digital, que está no berço dos meus netos.

Voltar a essa região privilegiada da cidade, com todas as características de uma urbe desenvolvida, vai acabar me estimulando e facilitando esse meu novo caminho.

Sinto-me um privilegiado porque esses câmbios de direção não são motivados por necessidade financeira, questões de doença ou pressão familiar, mas tão somente fruto de decisão racional e soberana em busca de maior paz, liberdade e felicidade, que me considero merecedor.

Ficarei feliz seguindo em frente, com tudo que tenho e que me basta, procurando usufruir o tanto que me resta do meu cesto de jaboticabas, como diria Rubem Alves.

Setembro/ 2019

## O ACIDENTE COM A LUCIANA – 03/02/2013

Difícil tarefa de escrever sobre este infausto acontecimento, numa espécie de catarse, mas creio que deve fazer parte dessas minhas Memórias.

Quase, somente 8 meses da morte da sua mãe Hilda, a Luciana, minha 2ª. filha veio a falecer, num horrível acidente aéreo, juntamente com seu marido Luiz e mais 3 pessoas, aos 36 anos.

Isso aconteceu na cidade de Candido Mota, cidade do estado de S. Paulo, no dia 03/02/2013, quando o avião que eles viajavam caiu numa fazenda próxima. O avião era um King Air, prefixo PT NOE, de propriedade da empresa Zabo Engenharia, construtora de imóveis de S. Paulo, da qual o Luiz era o piloto.

Eles deixaram dois filhos pequenos, o Rodrigo de 10 anos e a Luiza com 8 anos



Luiz e Luciana no cockpit do PT Noe

A Luciana era a filha do meio, a mais temperamental, impulsiva e determinada. A mais apegada a mim, tinha o humor, como uma biruta, que virava com o tempo, ora carinhosa, ora com os nervos à flor da pele. Brigava com as outras duas irmãs e nos desafiava. Foi a que deu mais trabalho.  Porém, um coração muito mole.

Na escola primária ia bem; fazia balé e gostava de esportes. Quando viajávamos, sempre tinha que parar o carro, para ela fazer xixi. Eu costumava ter que dar beliscões para trás para acalmar suas brigas.

Já no tempo da faculdade, primeiro optou por fazer Educação Física, em Santo Amaro, que largou no começo do 2  ano. Claro que depois optou por Arquitetura, para seguir o caminho do pai, coisa que as outras duas, não se interessaram.

Acabou entrando na Universidade S. Judas, onde eu lecionava, o que me deu uma boa economia, pois filhos de professores não pagavam as mensalidades. Eu não dei aula para ela, que foi bem no curso, terminando muito bem, com trabalho final orientado pelo arquiteto Maitrejean, que foi meu professor na FAU e que aí também lecionava.

Ela chegou a trabalhar um pouco comigo, mas não deu certo, por incompatibilidade de gênios. Aliás, foi num desses períodos de trabalho que ela conheceu o Luiz, seu futuro marido.

Eu me sinto um pouco responsável pela sua união, pois pedi para ela ver um problema, num computador do escritório, na oficina de informática que o Luiz tinha ali perto, com um sócio, para esse tipo de trabalho. Parece que aí deu a liga, apesar de ele ser mais velho que ela. Ele já tinha prevê de piloto privado.

Acabaram se casando, apesar de brigarem muito. Ela saiu de casa e foram morar juntos. Foram tocando a vida e logo tiverem os 2 filhos; O Rodrigo, que era moreno e puxou dela e a Luiza, branquinha de olhos azuis, características dele e de sua família.

Para minha surpresa, ela arrumou um trabalho numa empresa de montagem de caixilhos de vidro especiais, em edifícios altos, com execuções difíceis, que exigiam o concurso de mão de obra especializada, no caso alpinistas. Coisa complicada que ela administrava e acompanhava as montagens na obra, com muita competência.

Ele fechou a oficina, ficaram em certa dificuldade financeira, e quando eles ficaram morando na Casa da Chanés, na parte da frente, onde eu reformei e transformei num apartamento, para eles.

A experiência não foi boa, pois tivemos muitos atritos, onde ele se mostrou muito arrogante e desrespeitoso. Chegou a botar uma câmera de segurança, no muro externo, pois era obcecado pelo tema, sem me avisar ou pedir autorização; também chegou a dar um tiro dentro da casa, com o pretexto de matar um rato; chegou a fechar o portão automático sobre o capô do meu carro, por distração.

Ainda bem que não ficaram muito tempo e mudaram para o Brooklin.

Eles viviam às turras, brigando sempre; tanto é que se separavam e voltavam, a ponto de se casaram duas vezes, e oficialmente estarem separados judicialmente, no momento do acidente.

Depois ele foi trabalhar na Zabo Engenharia, onde sua irmã Nilza trabalhava. Na verdade, ele foi ser o piloto da Diretoria da empresa, mas contratado como Auxiliar de TI, Tecnologia da Informação, num manobra fiscal, para driblar a fiscalização.

Regularmente ele fazia voos fretados pela empresa, para melhorar o salário e pagar a manutenção do avião.

Foi num desses voos que a merda aconteceu. Infelizmente a Luciana estava junto, pois tinha ciúmes de que nesses voos, onde ele podia levar acompanhantes, apesar de ele poder voar solo, sem co-piloto, nesse tipo de avião.

O King Air, de propriedade da Zabo e envolvido no acidente, era um bimotor, de pequeno porte e alta performance, para uso execu-

tivo, com vários recursos, inclusive com radar meteorológico. Acho que estava em boas condições de manutenção.

A Luciana também estava fazendo curso de piloto e deu a desculpa de ir para fazer treinamento.

Saindo do Campo de Marte, em S. Paulo, eles foram buscar, acho que em Ribeirão Preto, um casal de noivos e a mãe da noiva, que vinham a São Paulo, para comprar coisas para o casamento, que estava perto.

Acompanhei, junto com a Juliana, com muita atenção, a investigação do Cenipa, órgão da Aeronáutica, que apura as causas dos acidentes aéreos brasileiros. Demorou mais de um ano, com a análise da caixa preta e do comando de vozes.

Fomos muito bem recebidos pelos oficiais que trataram do caso, com todas as explicações possíveis.

A apuração é muito rigorosa, abrangente e de grande credibilidade. Se analisa as condições do avião no momento da queda, seus dados, instrumentos, plano de voo etc., além, e principalmente o comportamento da tripulação no momento da queda, chamados fatores humanos.

O objetivo das apurações, não é buscar culpados, mas sim criar novos procedimentos, para evitar que se cometam os mesmos erros no futuro.

Como sempre as causas dos acidentes aéreos são várias, com um conjunto de fatores.  No caso, parece que o avião, oferecia as condições corretas, para as jornadas de ida e de volta, no plano de voo.

O problema maior ficou creditado aos fatores humanos. O avião entrou numa nuvem de cumulus nimbus, onde provavelmente o radar havia acusado em rota, e que exigia uma correção, que não foi feita, no devido tempo; por inabilidade da Luciana, que era o piloto em comando, ou negligência dele em relação ao perigo que essa nuvem representava, naquele momento.

Essa conclusão não é expressa no relatório do Cenipa, mas é minha interpretação do que realmente ocorreu.

O desdobramento e a próxima etapa do episódio, se deu por via judicial, em dois momentos.

O primeiro foi a reparação dos prejuízos acarretados aos filhos Rodrigo e Luiza e eventualmente aos parentes das vítimas, por parte da empresa proprietária do avião. Foi complicada e acirrada, pois envolvia valores consideráveis.

Independente do provável ressarcimento do seguro da aeronave, a empresa Zabo cometeu uma série de irregularidades legais no uso do avião; ela não tinha autorização para fazer esse tipo de fretamento e o Luiz não estava registrado com piloto do avião e sim como auxiliar de TI, o que caracterizava desvio de função. Esses foram agravantes nos processos de indenização.

Entramos com processo civil para garantir as indenizações das crianças, através do nosso sobrinho Erik, que praticava a advocacia em Porto Alegre no início e depois se transferiu para cá. A parte contrária, se armou de uma banca de advogados de peso, prevendo nos massacrar.

O que aconteceu foi que os nossos argumentos e a verdade dos fatos nos favorecerem, numa estratégia, que nos levou um acordo vantajoso para as crianças, que lhes permitiu uma reserva financeira considerável para o futuro imediato.

De contrapeso também, nós da família, pai e irmãs, acabamos recendo uma certa indenização, por conta de possíveis prejuízos difusos (não me lembro os termos jurídicos corretos).

O outro desdobramento sério, foi a luta pela guarda das crianças, do Rodrigo e Luiza, que nessa altura tinham 9 e 7 anos respectivamente, portanto menores, o que obrigava a participação do Ministério Público.

Havia algumas alternativas, não muito consistentes; ficar comigo, que não teria condições pela idade e modo de vida; com a Mariana e Horácio, que alegaram dificuldades de assumir esse compromisso; restou a Juliana e o Denílson, que tiveram a coragem de enfrentar o desafio, mesmo já tendo a Marcela, filha natural.

Na verdade, para mim, essa era uma consequência lógica, em relação às duas famílias, pois a Luciana e as crianças ficavam sempre conosco, nos fins de semana e até convivendo frequentemente no dia a dia, diferentemente da família do Luiz, que raramente tinha contato com eles.

Cheguei a fazer contato com a Nilza, irmã do Luiz, com a qual me reuni e ela garantiu que não ia entrar com nenhuma medida, reivindicando a guarda das crianças.

Foi uma traição, pois no dia seguinte, ela entrou com o pedido reivindicando a guarda das crianças, certamente para poder administrar as finanças dos dois.

Foram anos dessa desgastante peleja, com audiências sofridas, com as incontáveis petições que a Nilza produzia, no sentido de tumultuar o processo, que terminou com a guarda concedida à Juliana e ao Denílson, que fizeram das tripas, coração na acolhida e tratamento das crianças.

Nas questões escolares, na alimentação e lazer na sua casa de Santos, adaptada para essa finalidade, tratando-os com se fossem seus filhos legítimos.

Me lembro do esforço que eles faziam para dar conta do recado, da administração de contas, que tinham que ser prestadas todos os meses, e sempre glosadas pela Nilza, por pirraça.

A ironia do destino fez com que, com o falecimento da Juliana, depois de um câncer agressivo, os dois, agora já maiores de idade, foram morar, inicialmente com a tia Nilza, em S. Paulo, até ganharem sua independência morando sozinhos.

É evidente, que todo esse episódio foi muito triste, por todos esses aspectos e desdobramentos relatados; mas a perda da Luciana e o distanciamento dos netos, que persiste por parte deles, são uma carga muito pesada para mim.

Que Deus nos ajude.

Janeiro 2025

## O PAPEL DO AVÔ

Meio preocupado e triste com a situação dos meus netos, após a morte da Juliana, venho refletindo de que modo poderia participar no sentido de atenuar as perdas acumuladas na sua formação e desenvolvimento.

Não no sentido do avô clássico de acrescentar guloseimas contrárias aos gostos dos pais e de dar colo quando possível. Minha função pode extrapolar essas tarefas costumeiras.

Não se trata somente de acrescentar financeiramente nas emergências como tenho feito, e na partilha do inventário da Hilda que deve estar próximo.

Lembro do nosso empenho conjunto nesse sentido ao defender seus direitos em intrincadas negociações, quando do acidente que vitimou a Luciana e o Luiz.

Apesar de ser uma questão fundamental que garantiu uma condição de sobrevivência e tranquilidade no presente e no futuro, face a luta inglória da Juliana na ação de tutela imposta pela tia Nilza.

O que quero ressaltar é o outro papel que me sinto responsável moralmente que é o de coorientador dos seus desenvolvimentos social e humano, discutindo seus destinos, que não gostaria de abrir mão, já que me sinto ainda preparado física e intelectualmente para essa missão. Ainda posso ser útil. Afinal, suas vidas me importam infinitamente. Faço com prazer os programas culturais junto com eles, que enriquecem sua formação.

A influência que posso ter exercido nas filhas já é passado; gostaria de continuar através dos netos.

Esse papel se reveste de maior importância, nessa difícil fase de adaptação, onde todos, principalmente o Denílson, procuramos novos papeis para suprir a falta da Juliana. Ele não pode suportar

sozinho essas tarefas em relação às meninas e ao Rodrigo. É importante ajudá-lo, da melhor maneira possível.

É o que tenho procurado fazer, mas talvez não tenha sido compreendido.

Compreendo os problemas herdados do Denílson, mas lamento ter sido alijado desse processo, que exige a união da nossa família para o bem de todos. Reitero meu compromisso em continuar participando desse difícil processo de reconstrução familiar.

A contragosto me sujeitei a transferência da tutela da Luiza para a Nilza, por tudo que ela contribuiu para o sofrimento da Juliana, dificultando todo o processo da tutela e por representar outros valores que não os nossos.

As perdas da Luciana e da Juliana são irreparáveis. Honremos seu legado buscando essa necessária união, pois a vida segue inexorável.

Vô Eloy

Para o Denílson cc/ Luiza, Marcela e Rodrigo.

Junho /2022

## 80 (OITENTA) ANOS. VIVA

Cheguei lá. É um privilégio e uma dádiva. Como valeu a pena. Só gratidão e felicidade. Quantas alegrias, vitórias e sucesso; algumas tristezas, frustrações, mas faz parte do jogo da vida. O saldo já é bastante positivo. Tudo que vier a mais, é lucro e satisfação.

Acho que tive uma trajetória bastante exitosa e vencedora.

Saído da periferia da Penha, de família pobre e humilde, evolui para um homem integro e digno, sensível, forjado na resistência e na luta, que colocou os compromissos do trabalho, da honestidade e dos estudos como prioridades.

Me formei arquiteto pela FAUUSP e vivi desse ofício integralmente e com paixão, me tornei um professor aplicado, um marido pouco carinhoso, um pai dedicado, um avô de 5 netos, hoje adolescentes, que tem dificuldade de dialogar com eles, pois vivem noutro mundo, fui um amigo sempre fiel, um militante político das causas justas, um escritor esforçado, um pandeirista e cozinheiro diletantes, um viajante inveterado, um sonhador com os pés no chão.

Realizei muitos projetos pessoais e profissionais, mantive minha família, conquistei independência financeira, colaborei na formação de muita gente, participei das atividades profissionais, angariei muitos amigos, viajei para quase todo o Brasil e meio Mundo, aprontando algumas peripécias e toquei meu pandeirinho em vários lugares.

Considero ter deixado um legado valioso.

Tive alguns percalços de saúde, advindos da fadiga natural do corpo, como uma cirurgia cardíaca, dos tendões no ombro, problemas de próstata, hipertensão, diabetes etc., que exigem uma penca de remédios diários, para alegria dos laboratórios. Porém, nada que não sejam administrados, para manter a longevidade.

A isso se somaram várias perdas familiares importantes como de

pai, mãe, avôs, mulher, duas filhas, cunhadas, cunhado, tios, além de amigos e companheiros de caminhada, deixando lacunas doloridas.

Sobrevivi a alguns acidentes e riscos sérios de percurso, por sorte e a interferência de meus anjos da guarda.

Quanto às frustrações destaco as principais: no aspecto pessoal, não ter conseguido dar mais amor aos que fizeram parte da minha vida, pelo meu jeito reservado e introspectivo de ser; outra importante foi não ver meu país ter conseguido vencer as iniquidades e desigualdades sociais básicas, apesar de ter lutado muito para isso acontecer.

Hoje, como um velho lobo solitário, com a memória repleta de lembranças, procuro viver de forma simples, com qualidade, me desapegando de tudo que é material não essencial, buscando cultura e lazer, cultivando os poucos amigos, procurando depender e incomodar o menos possível meus familiares e os anjos da guarda.

Porém, continuo firme e forte, me cuidando e com disposição e curiosidade para as coisas boas da vida, dentro das limitações da idade, sempre procurando elaborar projetos e atividades que me mantenham vivo e lúcido. Confesso que vivi, como diria Neruda. E la nave vá, como Fellini.

Viva os 80 Anos

7/Agosto /2020

## SER ESTIGMATIZADO

- É aquele que foi marcado com algum estigma, alguma marca, física ou mental, simbólica ou visível. - É aquele que sofreu censura ou condenação; foi criticado, humilhado ou marginalizado, por um tempo ou permanentemente

Quem é estigmatizado fica condenado ao confinamento, à solidão, à depressão, por puro preconceito ou rejeição gratuita alheios.

O estigma se dá em relação a vários comportamentos sociais inadequados e perniciosos; contra os pobres, os negros, os índios, os gays, os aidéticos, aos cancerosos, aos gordos, aos moradores de rua, aos idosos, aos estrangeiros, migrantes, etc.

Confesso que sou especialista em ser estigmatizado, desde sempre.

Nasci aparado por uma parteira, num cortiço da rua Juli no Brás; depois me mudei para a Penha e Cangaíba, bairros da periferia leste de São Paulo, de família pobre, composta de quatro pessoas. Morávamos numa casa de 2 cômodos, cozinha e banheiro, feita aos poucos em regime de mutirão, com água de poço e luz de lampião de carbureto.

Talvez essa minha origem humilde e poucas condições sejam o maior estigma original que alguém pode sofrer, pois deixa sequelas para toda a vida.

A esta condição nativa estão associadas todas as dificuldades de sobrevivência, de oportunidades e ascensão social, mesmo alicerçado em valores de honestidade, trabalho e obediência. Aprender tocar pandeiro e não piano ou violino é somente um desses sintomas.

Consegui sair dessa condição, chegando à classe média, através de uma árdua batalha de estudos e sacrifício pessoal e familiar. Apesar disso, ainda guardo alguns resquícios desse espírito de pobreza, de complexo de vira-lata, quando não me acho merecedor de fre-

quentar certos ambientes sofisticados. Não me sinto bem, pois é difícil superar, apesar de todos os esforços. Cresci simples e humilde e continuo assim.

Imaginem viajar de avião, de navio, frequentar restaurantes finos, coisas que conquistei, comparado as viagens de 2ª classe de trem da Cia. Paulista, quando íamos nas férias anuais, para Araraquara, com imensa alegria, para visitar os avós maternos, comendo os lanches levados no caminho; nenhum restaurante fino se compara à comida da casa da mama e da nona.

Já na pré-infância tive que enfrentar as gozações dos colegas, (naquele tempo não se chamava bullying), porque tinha os cabelos loiros encaracolados, sob um capacete Ramenzoni e usando como uniforme um avental xadrez do maternal, quando o pau comia.

Na infância também experimentei esse espírito de estigma, quando meu pai foi diagnosticado com lepra, esse mau bíblico, que provocou, além da sua internação compulsória por 4 anos, a uma espécie de confinamento e controle, familiar, vivendo muito em torno dessa comunidade de doentes.

Vivi uma adolescência e maturidade com independência e respeito, convivendo bem com todo tipo de gente, rico pobre, preto, branco, amarelo, homem, mulher, homossexual, bonita, feia, deficiente físico, baixinho, gordinho, tímido, arrogante, pedante, interesseiro, estrangeiro, peão, formado, caboclo, caiçara, sem preconceitos e aceitando numa boa, de quem vem de baixo.

Na faculdade, desde o meu ingresso, me senti meio deslocado face a maioria dos colegas, que vinham de famílias em melhores condições sociais, intelectuais e financeiras; pintava um espírito de inferioridade, de deslocamento. Foi sendo superado aos poucos, mas não te abandona plenamente.

Em 2012, logo que mudei para um apartamento a beira mar, para gozar a aposentadoria, perdi minha mulher depois de uma cirurgia

e em seguida a filha do meio, arquiteta, num acidente aéreo, juntamente com meu genro, deixando 2 netos. A superação nunca é completa.

Nas sociedades comerciais que tive, sempre na busca do sucesso mútuo, me senti várias vezes estigmatizado, pelo tratamento recebido de incompreensão e humilhação, traduzidos em comportamentos de arrogância, prepotência ou de matreiro de levar vantagem.

Recentemente fui contemplado com mais um estigma, um verdadeiro tabu, que é um câncer na próstata. Estamos enfrentando, mas convenhamos que novamente ficamos confinados ao tratamento com o apoio familiar possível e ao convívio com aqueles que tem o mesmo problema. Felizmente já superado.

No caso presente do corona-vírus a população idosa, como eu, que tem maior risco de contrai-lo, vai ficar duplamente estigmatizada, pois além de se recomendar ou exigir o confinamento ou quarentena, de alguém que já vive só, vai privá-los ainda de ir e vir e até de não poder encontrar com seus netos e parentes. Apesar de garantir racionalmente a prevenção é de uma desumanidade e de uma falta de liberdade sem limites.

Não levanto todos estes problemas para me sentir vítima dessas situações, nem para que sintam pena, mas aproveitando a oportunidade dessa pandemia do corona-vírus, para uma racionalização desse tema complicado da estigmatizacão em minha trajetória e talvez de mais gente.

Procurei em várias oportunidades me tratar para superar esses problemas psicológicos, mas confesso que nunca consegui levar adiante essas tentativas. A criação e formação foram mais fortes.

Confesso também que é preciso ser forte e muito resiliente para suportar essas adversidades, onde prevaleceram os aspectos negativos sobre os avanços individuais e coletivos, gerando uma sensação de frustação e desânimo.

Minha personalidade e caráter estão consolidados, já completados os 80 anos. Sei que nunca é tarde, mas não tenho mais disposição. Estou satisfeito com o homem que me tornei.

Deixa a vida me levar, até onde der.

Outubro 2020

## SOBRE DURAS PERDAS

Desculpem o uso público deste divã virtual neste histórico familiar; longe de apiedarem-se este texto procura atenuar minha grande dor, desabafando meus sentimentos, ajudando a enfrentar o luto e manter o necessário equilíbrio para continuar tocando a vida.

Que fazer quando o mundo em sua volta vai desmoronando?

Será por predestinação, castigo divino ou premonição maligna? Que forças estranhas conduzem os nossos destinos nessas situações?

Você constrói uma linda família com muita luta, sacrifício, amor e, de repente, tudo vai desmoronando inexplicavelmente, numa sucessão de perdas, com golpes extremamente doloridos, difíceis de assimilar.

As maravilhosas criaturas geradas que a compõem vão sumindo, (ou subindo? ), como num passe de mágica, criando vazios impossíveis de serem preenchidos.

Pela ordem natural das perdas, primeiro devem ir seus pais, doentes ou não, simbolizando sua maturidade e independência obrigatórias, mesmo que você não esteja preparado para enfrentar o mundo sozinho.

Na sequência deveriam ir os cônjuges que geraram a nova família, depois de cumpridos seus ciclos de vida, de formação, trabalho, educação dos filhos, aposentadoria e velhice.

Infelizmente no meu caso essa ordem foi completamente subvertida, colocando à prova minha resistência física e mental, minha capacidade de superação e resiliência. Haja força interior.

Primeiro foram meus pais, Joaquim Eloy, novo aos 55 anos, depois de longa hanseníase, na véspera de minha formatura de arquiteto; minha heroica mãe Júlia, que cuidou de mim e da minha irmã Edna, praticamente sozinha com sua máquina de costura, foi mais tarde aos 73 anos.

Na sequência minha querida mulher, Hilda, com quem construí uma linda família, faleceu em consequência de cirurgia malsucedida, depois de bastante sofrimento. Isso já faz dez anos. Fiquei só com as três filhas, Mariana, Luciana e Juliana já adultas.

Em seguida a fatalidade de um acidente de avião levou a Luciana, filha do meio, arquiteta, aos 33 anos, figura iluminada, juntamente com seu marido Luiz, deixando dois filhos Rodrigo e Luiza com 9 e 7 anos. Esse fato ocorreu há 9 anos, um ano após o falecimento da Hilda.

Esses filhos foram assumidos pela Juliana, filha mais nova, juntamente com o marido Denílson, no litoral de Santos, com todo o amor e dedicação imensos.

Agora, neste momento, acontece mais uma daquelas fatalidades que nos deixam sem nenhum rumo e numa tristeza infinita.

Desgraçadamente a Juliana também veio a falecer hoje, aos 44 anos, por conta de um câncer inicial de mama, essa doença maldita, que se espalhou em metástase por todo o seu corpo, num processo de muito sofrimento, que durou um ano, enganando os médicos e espalhando desorientação.

Era uma figura muito doce, guerreira, que se dedicou a todos com muito amor e desprendimento, negligenciando sua própria saúde e bem-estar, deixando o Denílson, com quem acompanhou no seu trabalho Brasil afora, a Marcela filha natural de 15 anos e os filhos adotivos Rodrigo e Luiza com 18 e 15 anos, e a todos nós desconsolados e perdidos.

Como pode uma sequência de perdas tão perversa concentrada sobre uma só família, uma só pessoa? E um mistério injusto.

Não acredito num mundo sobrenatural, mas é muita desgraça junta. Poderia ser mais bem distribuída ou seguindo a ordem natural me levando primeiro, pois aos 81 anos já cumpri minha passagem por aqui e vivo sozinho tocando os últimos dias.

Restamos, numa família inicial de 5, eu e a Mariana, filha mais velha que junto com o Horácio construiu uma linda família com os filhos Gabriel e Angelina, de 18 e 15 anos.

Dizem que para atenuar ou superar estas perdas fica a presença dos 5 netos, que dão continuidade à família original; Em parte é verdade, mas que evidentemente não compensam tantas partidas seguidas e prematuras.

Que encontremos forças para seguir em frente.

Abril 2022

## TOCANDO 7 INSTRUMENTOS / OU ATIVIDADES MULTIPLAS

Já escrevi sobre as minhas Atividades Profissionais, Didáticas e Gremiais. Agora a abordagem é descrever algumas outras atividades e funções que exerci ao longo da trajetória. Umas remuneradas e outras não. É uma multiplicidade de práticas, profissionais ou amadoras, tão diversificadas, que ainda me espanto de tê-las desempenhadas.

Grande parte delas foram exercidas para serem conciliadas com os estudos, que eram a prioridade, antes da faculdade.

Antes de tudo é preciso destacar a ajuda nos afazeres de casa, desde pequeno, como tirar água de poço, cuidar do lampião de carbureto, comprar as linhas necessárias para minha mãe costurar, entregar as calças que ela fazia, cuidar do quintal, onde tinha uma pequena horta, que meu pai fazia questão de ter, como bom mineiro, além de cuidar do lixo. Não tive moleza desde criança.

Também quando construímos a casa em regime de mutirão, fazia as vezes de servente de pedreiro, carregando tijolos, fazendo e carregando a massa, e coisas do tipo, junto com todo mundo, para ganhar o rango.

Comecei bem pequeno como aprendiz de entalhador, ofício que não existe mais e que consistia em elaborar molduras de madeira, artesanalmente, para enfeitar e dar acabamento aos moveis antigos, como guarda-roupa, cabeceira de cama etc. Essa atividade me fez pegar o gosto por trabalhar a madeira.

Depois, ainda como menor, fui ser auxiliar de escritório, numa fábrica de vidros perto de casa no Cangaíba, com carteira assinada, que durou pouco.

Ainda nesse período fui explorado como mascate, pelo meu tio Vicente, onde vendia cintos e gravatas na feira. Também fiz uns bicos como entregador de marmitas.

Também fui bancário, como escriturário de diversos tipos de livros, coisa jurássica, inimaginável nos tempos de hoje. Trabalhei no Banco Comercio e Industria de São Paulo e de Minas Gerais, que não existem mais, em agências da Penha de França e do Cambuci. Aguentei muito pouco de terno e gravata com salários ridículos.

Em seguida fui trabalhar na Rádio Nacional, que ficava na Praça Marechal Deodoro, como auxiliar de Publicidade. Ainda não pertencia à rede Globo. Meu trabalho consistia em reproduzir os textos a serem lidos na locução durante a programação. Com isso aproveitava, na hora do almoço, para conhecer os artistas e músicos da casa. Via o programa Manoel de Nobrega na hora do almoço.

Fui recenseador do IBGE no censo de 1960, batendo de porta em porta, enfrentando cachorros e contador de origem-destino, na rua, para definir a 1ª linha do metrô de São Paulo. A ironia é que deu a linha Leste-Oeste como prioritária e mais carregada, mas fizeram a norte e sul, para vender o equipamento do tatuzão.

Cursando a FAUUSP fui professor de desenho no curso noturno do Liceu de Artes e Ofícios, na hoje Pinacoteca da Luz.

Ainda na faculdade, adquirindo mais conhecimentos de desenhos arquitetônicos, trabalhei como autônomo, em projetos para vários arquitetos, como Paulo Bastos, Paulo Zimbres e Oscar Arine.

Me virava também como Decorador, fazendo lojas, escritórios e stands em feiras promocionais.

Fiz também estágios em vários escritórios e empresas, tais como a SAGMACS, Arq. Marcelo Frageli e outros.

Já formado como Arquiteto, estive empregado nos escritórios de Croce Aflalo e Gasperini, Joao Xavier e Miguel Badra Jr.

Virei empresário, forçado pelas necessidades fiscais e tributarias, quando formei minha firma jurídica chamada E & A Arquitetura e engenharia S/C Ltda, em sociedade com o engenheiro amigo

Almiro Albino, que durou muitos anos, me sustentando familiar e profissionalmente.

Fui professor de arquitetura em 5 faculdades de arquitetura nacionais, durante mais de 30 anos. Em consequência fui também pesquisador para preparar as aulas e obter o título de Mestre em Arquitetura.

Nas entidades de classe, como IAB e Sindicato dos Arquitetos, fui militante e sindicalista na defesa das políticas profissionais.

Em todo esse percurso adquiri algumas habilidades manuais, como marceneiro e jardineiro, que pratiquei bastante e me deram muito prazer, apesar de alguns acidentes de percurso.

Por fim fui contratado pela CLT, como funcionário no nosso conselho, o CAU, uma autarquia federal, como Gerente Regional na Baixada Santista.

Não posso esquecer a minha atividade profissional mais complexa, como urbanista, nos projetos de Palmas no Tocantins e Boa Vista em Roraima.

Acho que não esqueci nada. Sobrevivi a todas elas.

Infelizmente não posso mais praticar toda essa bagagem e experiência, porque a velha carcaça não aguenta mais o tranco.

Para alegria também vivi como músico amador, às vezes como profissional, ao tocar meu pandeirinho em várias rodas de choro, por aí. Foi o único instrumento que sobrou, de todos os outros mencionados.

A vontade e o prazer de comer, vivendo quase sempre só, me fez um Cozinheiro diletante e obrigatório.

Hoje sou um aposentado, que procura usufruir do seu tempo livre, administrando a idade longeva, enfrentando os fantasmas dessa condição, com toda garra e orgulho possíveis.

## TRAJETÓRIA DE VIDA

**Nascimento**

7 de agosto de 1940 em casa na Rua Carlos de Campos, 12 no subdistrito do Pari em São Paulo, capital. Acho que essa casa era um tipo de cortiço, reunindo várias outras.

Nasci em casa e não na Maternidade, como era comum nessa época. Aparado por uma parteira

Segundo relato da mãe foi necessário um tratamento pré-natal cuidadoso, já que houve o precedente de irmão que se chamava Edmur, ter morrido prematuramente, em virtude de doença venérea do pai (sífilis). Esse acompanhamento foi feito pela enfermeira Brígida, que acabou sendo a madrinha de batismo, juntamente com meu tio Pedrinho (irmão da mãe).

**Características físicas**

Menino saudável, normal, pobre, de bairro, olhos e cabelos castanhos encaracolados.

**Filiação**

Pai: Joaquim Eloy de Souza

Natural de São Pedro da União, MG, (1910-1965)

Mãe: Julia Dolores de Souza

Natural de Araraquara, SP (1913-1986)

Avós paternos: Américo Marcelino de Souza e Rita Luiza de Jesus

Brasileiros, mulatos, naturais de Guaxupé, MG.

Avós maternos: Paschoal Aquaride, (ou Acorinte ou Quaranta) natural da Calábria, Itália e Thereza Falcone, natural de Araraquara, SP

**Batismo**

2/2/1941 na Igreja Santo do Pary, SP

Padrinhos: Pedro Acorinte – tio materno

Brígida Pastori – enfermeira

**Crisma**

Padrinhos: Sr. Benedito (amigo do meu pai)

**Características e Qualificação Familiar**

**Pai: Joaquim Eloy de Souza (1910-1965)**

Tipo: Moreno, alto, magro, retraído, simples, olhos e cabelos castanhos lisos.

Origem: humilde, do interior, com mais dois irmãos: Abrão Marcelino de Souza (mais velho) e Vital Marcelino de Souza (mais novo), com convívio esporádico.

Formação: Básica/ Curso primário em Escola Paula Souza de Alfabetização de adultos.

Ocupação: Ajudante geral: Usina de Açúcar, carga e descarga, comerciário.

Características: Paciente, calmo, não fumante, não bebia, não religioso.

Convívio: Muito pouco em função do trabalho e principalmente devido a doença (Lepra=Hanseníase) que o afastou por longo período (5 anos) na minha infância; na adolescência distancia pelos meus estudos e sequela da sua doença e aposentadoria precoce.

Morreu aos 55 anos, no Hospital do Ipiranga (IAPTEC) de pneumonia e outras complicações decorrentes de estado fragilizado, as vésperas da minha formatura como Arquiteto em 1965.

**Mãe: Júlia Dolores de Souza (1913-1986)**

Tipo: Clara, estatura mediana, expansiva, alegre, seios fartos, olhos azuis.

Origem: humilde, do interior de SP, com mais 5 irmãos sendo 4 homens Pedro, Oswaldo, Vicente, Fúlvio e uma Irma, Benedita.

Formação: Básica / Curso primário

Ocupação: Do lar e costureira de calças em casa.

Características: Guerreira, cozinhava bem, ótima calceira, praticava sincretismo religioso (católica, mas era médium espírita), animada.

Convívio: Frequente e diário, não dava moleza, tinha que estudar e trabalhar, desde cedo, me batia quase todo dia.

**Crescimento / Evolução / Mudanças (Resumo)**

-Nascimento na casa do Pari: andanças pelo Brás até os 5 anos (1940 a 1945 = 5 anos)

- Mudança para a Penha – Rua Padre João, 513 Fundos da casa da Da. Maximina, mulher de pintor e mãe do Gilberto SCafuro e do Milton, amigos,

Dos 5 aos 11 anos (1945 a 1951 = 6 anos)

- Mudança para o Cangaíba na periferia da Penha. Rua Goitá 340 dos 12 aos 20 anos (1952 a 1960= 8 anos)

- Mudança para a Av.9 de Julho no apto no 12º andar dos estudantes da FAU com Nelson Popini Vaz e Mario Yoshinaga – dos 21 aos 26 anos (1961 a 1966= 6 anos)

- Mudança para Rua Silvia, 391 Térreo Bela Vista com irmã Edina e depois com a Hilda – dos 27 aos 36 anos (1967 a 1976 = 9 anos)

- Mudança para a Rua Chanés, 425 Moema, dos 37 aos 71 anos, (1967 a 2011= 44 anos) com interrupção entre os 49 aos 57 anos pela separação temporária da Hilda e ida para Palmas no Tocantins.

Mudança para Edifício Marahu, Praia do Itararé, São Vicente – janeiro de 2012 com 71,5 anos com Hilda

- Mudança de volta para São Paulo capital em 2022 para um flat na Rua Carlos Sampaio no Paraíso e depois para outro flat na Alam. Jau 1606 nos Jardins.

**Carreira Escolar / Estudos**

- Jardim de Infância na Penha – Da. Leni dos 5 as 7 anos

- Curso Primário: Externato S.Miguel/ Dona Lourdes (particular com bolsa) dos 7 aos 11 anos (De 1947 a 1951);

- Curso Ginasial: Colégio Estadual e Escola Normal N.S. da Penha

Dos 11 aos 14 anos, de (1951 a 1954);

- Curso Científico: Colégio Estadual e Escola Normal N.S.da Penha, dos 15 aos 18 anos (de 1955 a 1958);

- Curso de Datilografia:

- Cursinho Anglo Latino – Rua Tamandaré - 1958

- Curso de Arquitetura e Urbanismo na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de S.Paulo, da Rua Maranhão 88, de 1961 a 1965.

- Mestrado em Arquitetura pela Universidade S.Judas Tadeu em 2005.

**Trabalho: Ofícios, Profissão, Hobby**

- Aprendiz e prática como entalhador de móveis de madeira quando menino.

- Funcionário em indústria, escritório, banco e emissora de rádio na adolescência.

- Arquiteto projetista e construtor de vários tipos de obra de Arquitetura.

- Urbanista com experiência em planejamento urbano e Urbanismo.
- Professor de ensino médio e universitário durante 30 anos.
- Pandeirista, cozinheiro e escritor eventuais.

**Premiações pessoais e profissionais**

- Prêmio Viagem ao País no 36 Salão Paulista de Belas Artes de S.Paulo, de 1971, em equipe, pelo projeto da Garagem e Almoxarifado do Brás, para a Telesp.

- Prêmio Prefeitura de S. Paulo no 36 Salão Paulista de Belas Artes de S. Paulo, em 1971, pelo Projeto para o Pronto Socorro do Guarujá.

- Prêmio Assembleia Legislativa do Estado, no 36 Salão Paulista de Belas Artes, de 1971, pelo projeto da Escola Municipal Vila Iza em Santo Amaro.

-1º Prêmio Conselho Estadual de Cultura no 36 Salão Paulista de Belas Artes, de 1971, em equipe, pelo projeto para a Garagem e Almoxarifado do Brás, da Telesp em S. Paulo.

- Menção Honrosa no Concurso público de ideias para escolha de projeto para Escola Padrão do F.D.E. de S. Paulo em 1998.

Grau Máximo com louvor na formatura de Arquiteto na Fauusp, no projeto do Porto de São Sebastiao, pela Banca Examinadora formada pelos Arquitetos Vilanova Artigas, Paulo Mendes da Rocha e Pedro Paulo de Melo Saraiva em 1965.

**Lutos diretos em família**

- Morte do Pai, Joaquim Eloy de Souza em 1965, aos 55 anos, no Hospital do Ipiranga, (IAPTEC), em decorrência de pneumonia.

- Morte da mãe Júlia Dolores de Souza em 1986, aos 73 anos, em casa em S. Paulo, dormindo, sem procurarmos saber a causa, através de autópsia.

- Morte da mulher Hilda Aguiar em 19/05/2013, aos 69,8 anos

Em decorrência de cirurgia de oclusão no intestino, insuficiência cardíaca e falência de rins, etc. no Hospital Cepaco na Rua Vergueiro em S. Paulo.

- Morte da filha Luciana Aguiar da Costa e Souza em 3/2/2013, aos 36 anos por acidente aéreo no avião King Air que os dois pilotavam, juntamente com o Luiz, seu (ex)marido e mais 3 ocupantes em Candido Mota/SP;

Morte da filha Juliana da Costa e Souza em 3/4/2022 aos 44 anos de vida, em Santos, vítima de um câncer no seio.

**Traumas e acidentes graves (próprios ou parentes próximos) Escapando ileso**

- Acidentes rodoviário de carro do Rino na marginal do Tiete em 1958?

- Batida e capotamento do 1 carro (Gordini) lotado, com perda total na Avenida cidade Jardim em S.Paulo, indo para o Ceasa tomar sopa de cebola de madrugada, com amigos.

- Capotamento na Belém Brasília com veiculo Saveiro do Grupo Quatro em.....

- Batida da Hilda com auto Corcel vermelho em....

- Ameaça de morte em Palmas ....

- Assaltos a Residência Chanés....

- Assalto armado em carro a Luciana e filhos (2 vezes)

- Assalto armado a em carro da Mariana e filhos 2013

**Problemas de Saúde / Cirurgias**

- De garganta quando era pequeno

- De gengivas e dentes durante toda a vida. 8 implantes dentários.

- Disenteria quase permanente durante adolescência e maturidade.
- Pressão alta, intolerância ao açúcar (pré-diabetes) e leite, crescimento próstata na velhice.
- Cirurgia cardíaca em 2016 em Paris a passeio.
- Cirurgia no braço do manquito rotador em 2019 em Santos.

**Influências Marcantes**

- Família: Formação do caráter e dos valores de honestidade, trabalho, humildade, importância dos estudos como única forma de ascensão social.
- Turma do Estadual da Penha

Formação básica sólida e consolidação de valores nos estudos e nos laços de amizade forte e duradoura.

- Turma da FAU-usp

Sólida Formação profissional e política. Verdadeira Transformação da visão de mundo.

- Turma do Bar do Zé

Complementação artística e musical da formação da FAU, amizades importantes e memoráveis

**Eventos e Feitos Pessoais Marcantes**

- Estudo e trabalho desde pequeno
- Independência e maturidade aos 15 anos de idade em 1955
- Formatura como Arquiteto aos 25 anos em 1965 pela USP
- Primeiro carro (Gordini) em 1967.
- Junção de União Estável com Hilda em 1970
- Nascimento primeira filha Mariana em 25/2/1974
- Nascimento segunda filha Luciana em 8/9/1975

- Nascimento terceira filha Juliana em 10/01/1978

- Titular de empresa própria E& A Arquitetura durante 35 anos, com realização de inúmeros projetos importantes e sustento familiar.

- Presidente de entidade de classe e militante de política profissional durante 12 anos.

- Professor universitário de 1975 a 2010, durante 35 anos.

- Título de Mestre em 2005 pela Universidade São Judas Tadeu.

- Dissertação de Mestrado sobre as Formas Arquitetônicas e suas geometrias.

- Participação como Urbanista no Projeto da cidade de Palmas, capital do Tocantins, durante 7 anos, de 1989 a 1976.

- Participação como Urbanista no projeto de Ampliação da cidade de Boa Vista, capital do Estado de Roraima, em 2005.

- Publicação primeiro livro Arquitetura Avenida paulista em 2011

- Artigos profissionais escritos em revistas técnicas especializadas com A.U.

Preparação de várias publicações de Arquitetura como a experiência de Palmas, São Vicente etc.

**Observação**

Muitas datas e dados são aproximados já que extraídos da memória, sem documentação comprobatória.

## TRIBUTO AO AMIGO EURICO PRADO LOPES

A você meu amigo
Do sol e do mar
Do ar e do cata-vento
Do cabelo carapinho
Da barba natural
Em desalinho
Do peito rasgado
Do regime forçado
Do amor em descaminho
Da coragem inebriada
Da molecagem safada
Do brilho e das mulheres
Da pesca do marlim
Do fetiche ao reunir
Tolerante ao servir
Avesso ao quadrado
Do saber invertebrado
Da política consciente
Da pesquisa consequente
Da arte não subserviente
Na orla e no continente
A você, meu amigo

Que morreste na praia
Toco flauta e alaúde
Em honra ao talude
Que guardou teu ataúde
Meu abraço amiúde



Das suas pescarias

## UM TALUDE QUE DÓI

Na ida para a cidade
Vejo um talude abandonado
Que um dia foi gramado.
Isso me dói.
Atrás do talude abandonado
Há um prédio amado
Hoje Centro Cultural
De valor descomunal
Há um ritmo vivo dentro dele
Onde homens dão sentido
Ao seu belo espaço arquitetural
Atrás do talude ex-gramado
Há um prédio animado
Os homens lá dentro trabalham
Na escrita e na tela
Na pauta e no palco
Eles gostam muito dele
Mas se irritam
Com o prédio inacabado.
Isso me dói
Eurico, que me chamava Caloi.
Os carros passam
Indiferentes ao talude
Que guardou seu ataúde.
O talude abandonado
Poderia ser torre residencial
O Chamie não deixou.
E você não quis
Pois Cultura é raiz
Do verde que cobriria

O talude sesquipedal.
Na volta da cidade
Vejo um talude gelado
Na frente de um prédio adorado,
Como o nosso país
Vejo um prédio abandonado
Como a nossa raiz
A nossa cultura.
Isso me dói
Eurico que me chamava Caloi,
O último não dobrável.
A você, meu amigo
Toco flauta e alaúde
Em honra ao talude
Que guardou teu ataúde
E que me dói,
Profundamente

Outubro 1985



Centro Cultural São Paulo

## VAMO BANHÁ

**Parafraseando uma fala caipira**

No riacho
na cachoeira
no lago
no corguinho

Puro prazer
sozinho ou juntos, em algazarra
de shorts ou pelados
Que alegria, moleques felizes
Convite gostoso, suave, amoroso
Vamo banhá, sinhá

Expressão livre, sonora, do interior
Nada a ver com tomar banho da cidade,
Bruto, duro, pura obrigação
que mais parece um palavrão, um xingamento

Vamo banhá?

## VIDA AMOROSA

Assunto delicado, mas que pode fazer parte dessas Memórias, sem problemas.

Não lembro das datas, circunstâncias e nem como começaram e acabaram na maioria das vezes. Essas primeiras namoradas foram aquelas coisas fugazes, sem muita profundidade e paixão.

Minhas lembranças me remetem primeiro para o Cangaíba, ainda pré-adolescente, quando acho que tive a primeira namorada.

Chamava-se Marlene, bonita, morena escura, que morava perto e que tinha um pai carteiro e mãe dona de casa. Não durou muito, pois minha mãe, matriarca e possessiva como sempre, implicou com a moça pela sua cor escura e torpedeou a relação, revelando um preconceito.

Depois me lembro que namorei a Ana Maria, que apelidei de Menor, evidentemente pelo seu tamanho. Era um minhonzinho. Muito carinhosa e prendada fazia os bonés e ponchos de lã para me presentear. Minha mãe gostava dela. Também acho que durou pouco.

Já na Faculdade namorei a Eneida, que era cunhada do amigo Fernando Lemos, artista plástico português, que morava numa casa na Alameda Casa Branca. Era meio insipida. Ficávamos no portão nos esfregando, depois de alguns passeios. Também não durou muito.

Agora, a partir daqui a coisa ficou séria e prolongada. Foi quando conheci a Cacilda, que estudava Direito na Faculdade do Largo São Francisco.

Seu nome completo era Cacilda Conceição Rainho, linda loira, alta de olhos azuis, filha de pais húngaros, que moravam no bairro da previdência, bastante arborizado, no alto, após o Butantã.

Passamos todo o tempo da Faculdade juntos, numa paixão desenfreada. Vivemos intensamente os acontecimentos deste perío-

do cheio de cultura, de política e de transformação. Como nos conhecemos não me lembro bem, se foi em bailinhos ou em alguma atividade social de estudantes.

Numa das férias, acho que em 1962, chegamos a viajar de carona até o estado de Santa Catarina, dormindo onde dava, sem medo, sem conforto, pegando o tipo de veículo que parava, inclusive um caminhão Fenemê. Éramos jovens, loucos e/ou irresponsáveis.

Assim, conhecemos Curitiba e o interior e o litoral de Santa Catarina, onde o balneário de Camboriú era meio deserto. A única construção da Lagoa da Conceição, nesta época, era o redondo famoso Hotel Marambaia, que acho que existe até hoje.

Na efervescência da época pré-ditadura, participamos juntos de todos os atos políticos, como passeatas, assembleias, encontros e festas. Além de teatros, cinemas e toda sorte de comemorações.

Vejam esta foto da gente juntos, no chamado Sambafo do Grêmio da FAU, que era uma roda de samba, movida a cachaça e cerveja, eu tocando pandeiro e ela ao meu lado, elegantemente vestidos para posterior esticada.



O Sambafo da FAU

Nesse tempo ela morava no CRUSP, que era o Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo, na cidade Universitária, lindo projeto do Arq. Eduardo Kneese de Melo., meu professor.

O problema era quando fazíamos os programas e voltávamos tarde e ainda ficávamos nos esfregando nos pilotis do prédio e eu tinha que voltar para o apartamento onde morava na Avenida 9 de Julho. Sem mais transporte, ia a pé até a paineira longe, para tomar algum ônibus que ainda restava.

Numa ocasião, quando voltávamos de madrugada num taxi, capotamos numa daquelas rotatórias que tem na cidade universitária, apesar dos meus alertas para o motorista, além da neblina que fazia. Felizmente ninguém se machucou, apesar de termos sido cuspidos do carro pelas janelas sem cintos de segurança.

Depois ela se mudou para um pequeno apartamento na Rua José Getúlio, onde ajudei a fazer a mudança das poucas coisas que ela tinha: roupas, livros. Aí virou nosso ninho. Descobrimos as delícias do sexo, que fazíamos sem parar, botando à prova minha inexperiência na área, por falta de aprendizado e de prática, apesar de me achar malandro. Aprendi sozinho, fazendo, sem ir à zona. Faltou uma orientação de pai, mas dei conta do recado.

Na passagem de 31 de março, quando estourou o golpe, passamos a noite desse jeito, para comemorar aquilo que achávamos que seria a vitória de Jango. Quanto acordamos e saímos à rua, foi aquela decepção, que iriamos conviver durante muito tempo.

Depois de formados continuamos o namoro por mais um tempo, mas não assumimos nada formal, até cada um procurar seu caminho pessoal e profissional. Foi uma coisa estranha. Ela viajou para fora do país e nunca mais nos encontramos.

Confesso que foi uma das melhores e intensas experiências da minha vida; nos amamos e vivemos profundamente, durante muito tempo, neste período que experimentamos a autêntica alegria de viver.

Passado um tempo, de apatia amorosa, procurávamos nosso espaço profissional, atuávamos politicamente onde possível e voltamos a frequentar as festas e bailes, que aconteciam praticamente toda noite, apesar dos tempos bicudos da ditadura.

Eram os bailes da Casa do Politécnico na Luz, as escapadas no Som de Cristal, para arrumar programas, além das festas que organizávamos no escritório da Oscar Porto.

Nelas havia um monte de meninas espertas, que estavam de olho no monte de meninos, que elas achavam bons partidos. Tanto que destas festas resultaram um monte de casamentos. Eu e a Hilda, O Munir e a Warda, o Cesar e a Arlete, o Eideval e Celia, o Dalcio e a Marli, o Vivaldo e a Nina, o Cristiano e a Satiko, o Chico e a Cecilia e outros que não lembro.

Foi o resultado de um convívio de paquera bastante intenso e longo, onde se descobriram as afinidades, os interesses, até surgirem as paixões. Não havia sacanagem; eram amizades sinceras.

Dona Hilda se insere neste contexto; ela foi me cercando e eu não desconfiava; achava que ela estava a fim do Eideval, pelo tanto que conversavam. O Eideval era o consultor sentimental de todas elas. Uma vez fomos passear no Aeroporto e os amassos e beijos começaram. Ela era uma morena sensual e acompanhava as propostas. Fomos ficando cada vez mais juntos. Viajávamos.

Não me lembro quando foi a primeira transa, mas as demais sempre foram boas. Só sei que vivemos juntos, sem nos casarmos no papel, durante mais de 40 anos, com seus altos e baixos, construindo uma vida amorosa, digna, de respeito, companheirismo e de luta.

Ela me ajudou e me acompanhou em todo meu desenvolvimento profissional, desde o começo, lutando por espaço e aceitação, aceitando as difíceis condições financeiras e de conforto por que passamos, sem reclamar muito.

O não casamento formal, nem no civil nem no religioso, que ela topou numa boa, não nos impediu de vivermos bem, sem essas for-

malidades. O que não quer dizer que os familiares e amigos estranharem esse comportamento.

Também não impediu de eu ir falar com seus pais, o Sr. Niquito e Da. Sebastiana, que moravam no Brás, pedindo autorização e comunicando nossa união. Com isso, além de ganhar uma sogra, também ganhei 7 cunhadas, suas irmãs.

União estável, embora tardia, onde tivemos três filhas lindas e maravilhosas, como ela dizia.











Imagens da Hilda em vários ocasiões

Como todos os casais, com vários acertos e brigas no percurso, com direito até uma separação no percurso e a retomada posterior, até o seu falecimento.

Inicialmente fomos morar num pequeno apartamento na Rua Silvia, próximo da Av. Paulista, onde eu tinha me mudado com a minha mãe e minha irmã, que viviam no Cangaiba, após a morte do meu pai. Quando a Hilda entrou, minha mãe, mesmo enciumada, se mudou para a nossa casa do Cangaiba, que reformei para ela. Minha irmã já havia casado com o José.

Nesse apartamento ficamos algum tempo, onde tive empregado no escritório do Arq. Miguel Badra e no do arq. João Xavier. Ela trabalhava com o negócio de telefones, apesar de ser professora formada. Aí comprei meu primeiro carro, um Gordini, que dormia na porta, sem problemas de roubo.

Aí nasceu a Mariana, filha mais velha na Maternidade S. Paulo, que era próxima. Quando nasceu a Luciana, 2ª. Filha, fomos obrigados a mudar, pois o espaço era pequeno para quatro.

Criei coragem e me aventurei em comprar uma casa financiada em Moema. Foi a casa da Rua Chanés, onde vivemos mais de quarenta anos. Foi uma epopeia. Compramos uma casa em obras, inacabada, sem conhecer o lugar, financiada pela CEF, em 10 anos pela Carteira hipotecaria, que tem um texto próprio.

Mudamos com ela inacabada, faltando muita coisa, mas estávamos felizes com o sonho da casa própria. Construí uma casa com mais de 200 metros quadrados, com 3 dormitórios, uma sala boa, com cozinha equipada, área de serviço, um grande salão, 4 banheiros, vagas para 2 carros e quintal com churrasqueira e uma jaboticabeira.

Tínhamos um ritual: Toda casa nova que inaugurávamos, transávamos no chão para dar sorte. Aí obedecemos a essa regra.

Nela também nasceu a Juliana, nossa terceira filha. Vivemos nesta casa de forma maravilhosa, durante uns quarenta anos, quando nos mudamos para São Vicente, no litoral.

O funcionamento da nossa relação era o tradicional, de família conservadora. Eu provia o sustento da casa, como provedor e ela cuidada da educação das crianças, da alimentação e dos afazeres da casa. Ela cozinhava muito bem. Fazíamos muita festa e recebíamos bastante.

Lembro que nessa casa  também foi o meu escritório profissional, onde desenvolvia meus projetos, no grande salão que construí nos fundos. A interferência com a residência não era muito grave, pois não atendia público.

Em função do trabalho, tive vários projetos em Ubatuba, sejam um prédio, um conjunto residencial e algumas casas; aproveitei o embalo e acabei comprando um terreno e construí uma casa, primeiro uma edícula, no Itaguá, na Rua Galeão Coutinho.

Íamos regularmente para lá, onde as crianças e amigas se divertiram, quando Ubatuba ainda era mais tranquila. Para se ter uma ideia, pegávamos vôngole, na praia do Itaguá, que ainda era própria para banhos, para fazermos com macarrão.

Igualmente, às vezes, íamos no fim de semana para Joanópolis, terra das raízes da Hilda, onde o Nikito tinha um sítio em clima de interior. Lá também reformamos uma casinha na beira da represa do Cancan, que o Kaj, nosso concunhado, nos emprestou para ficar.

Bem, como tudo que é bom também acaba, em função de vários desentendimentos provocados pelo convívio prolongado, acabamos nos separando durante algum tempo., sem nenhuma providência formal. Como juntamos nos desajuntamos. Alugamos a Chanés e fomos morar separados, cada um em casas alugadas, pelo bairro.

O curioso é que não houve nenhum outro motivo, como traição, ou problema financeiro, mas simplesmente desgaste e momento de incompatibilidade. E muita teimosia embutida de parte a parte.

Ela ficou com as crianças e eu fui morar sozinho, por coincidência numa casa que pertencia a um amigo meu da Penha, o Augusto. Claro que eu continuava bancando todas as despesas.

Essa situação não demorou muito, pois logo fui convidado para ir trabalhar em Palmas, a nova capital do Tocantins, onde fiquei nos próximos 7 anos. Nesse período, nos encontramos poucas vezes, quando eu vinha de férias, ou quando ela chegou a ir para lá com as meninas.

Quando voltei de lá, acabamos nos reatando, voltando a morar na Chanés, que estava meio detonada, pela locação. Voltamos sem maiores explicações ou tratamentos psiquiátricos. Notei que ela tinha ficado abalada, mostrando certos sinais de desequilíbrio, principalmente em relação a compromissos financeiros pendentes. Eu também não ficava atrás, pois uma separação é um fato muito impactante. Sempre ficam sequelas.

As crianças já estavam maiores, mas algumas ainda dependiam da nossa ajuda.

Ainda ficamos juntos na Chanés, até nossa mudança para São Vicente, numa transação imobiliária vantajosa, onde pretendíamos encerrar nossa jornada. Eu já estava aposentado.

Achei que seria uma ótima oportunidade de mudança, mas não aconteceu. A relação continuou fria, sem vida, cumprindo a rotina, dormindo em quartos separados. A desculpa foi que ela me trocou pelos cigarros, já que ela jamais deixou de fumar os seus dois ou três maços de cigarros diários e já com a saúde não tão boa. Note que eu nunca fumei na vida, para ver a diferença.

Para não me alongar mais, termino como ela, que nos deixou depois de uns 7 meses de São Vicente, após uma operação complicada de intestinos no Hospital da Sepaco na capital.

Foi muito triste perder alguém com quem você viveu quase toda a sua vida. Sinto um certo remorso por não ter sido capaz de amenizar nossas diferenças no final e lhe dedicado mais atenção e amor.

Fiquei sozinho, procurando curtir o luto e reunir forças para tocar em frente. Foi meio insuficiente, pois logo em seguida veio a trágica

notícia da morte da minha filha Luciana, num acidente aéreo, junto com seu marido Luiz mais 3 pessoas.

Imaginem a bomba que é uma notícia desta. Se o estado de espírito já estava devagar, dá para sentir a tremenda dor e desespero. Nenhum tratamento pode atenuar esse estado. Volto ao episódio num outro texto.

Fui levando a vida, procurando me ocupar com coisas ligadas ao município, como participando de associação de bairro e criando projetos na minha área que pudessem contribuir para a solução de alguns problemas urbanos que existiam na cidade.

Neste contexto, depois de 5 anos passados daquelas dolorosas perdas, aconteceu fortuitamente um novo encontro ligado aos sentimentos adormecidos.

Presidia a assembleia da Associação dos amigos do Itararé para deliberar sobre o aumento abusivo do IPTU, (eu sempre metido nesse tipo de coisas) quando ela se aproximou no final para tirar umas dúvidas. Era uma moradora num prédio próximo.

Nos vimos em outras reuniões, quando surgiu o convite para tomarmos um café qualquer hora dessa. Sinceramente, não tinha nenhuma expectativa, a não ser fazer uma amizade. Tanto é que não examinei de pronto seus belos predicados físicos, coisa que eu sempre notava.

Nos encontramos para o 1º café, para o 2º e para o 3º, até marcarmos uma ida ao cinema ou restaurante, não me lembro bem. Íamos assim, até começarmos a frequentarmos nossos apartamentos, ainda sem nenhuma atração física.

Conversávamos muito. Sobre todos os assuntos. Ficamos nos conhecendo melhor. Contei toda a minha situação, de um senhor de 75 anos, aposentado, ainda com certa disposição, mas desiludido desses assuntos do amor e sem maior interesse de firmar novos compromissos. Ela se chamava Magali Henzo, tinha 55 anos, era

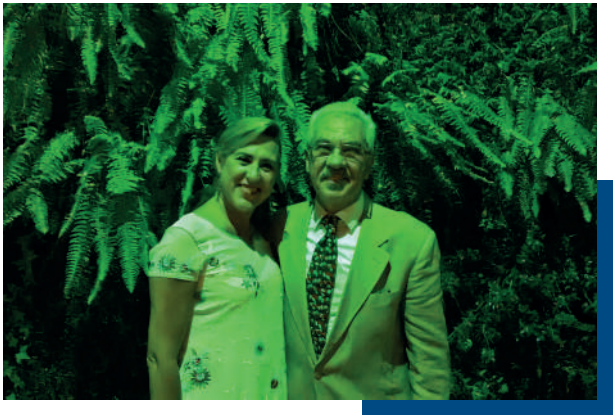
filha de estrangeiros, crescida na capital e estudada no Colégio Imaculada Conceição, era psicóloga, viúva do segundo marido e divorciada do primeiro, com três filhos homens adultos e uma neta.

Era loira, bonita de corpo, maravilhosos olhos verdes e bastante independente e dona de si, um pouco nariz empinado. Ela era funcionária da Prefeitura e tinha consultório próprio.

Passeávamos muito e íamos juntos a reuniões de trabalho de ambos, com alegria.







Momentos com a Magali

Acho que o primeiro beijo e abraços acontecerem num bar na ilha Porchat, aonde fomos para dançar. Eu achava que iria dançar agarrado, como no meu tempo, mas ela gostava de dançar solto, como os jovens.

Já com alguma intimidade e confiança, numa ida ao seu apartamento, aconteceu a primeira transa, num sofá, provocada por ela, meio desajeitada pela falta de treino, eu acho que de ambos.

Combinamos de viajar juntos, não me lembro mais o primeiro destino. O fato é que isso virou uma rotina, que nunca mais abandonamos, quando ela podia folgar na Prefeitura.

Foram inúmeros destinos pertos, como as praias do Guarujá, do litoral norte, a capital de São Paulo, um pouco mais longe como Cunha, como Inhotim e Belo Horizonte, Foz do Iguaçu, Brasília, Palmas e até internacionais como para o Uruguai, para a Europa, incluindo um, cruzeiro marítimo  saindo de Veneza e passando em Bari, Katakolon, Atenas, Mikonos e Dubrovnik. Outra até Portugal inteiro e Paris.

Que viagens maravilhosas, comemorando aniversários, apesar de algumas escaramuças sérias no caminho; eu não conseguia entender as maravilhas que estávamos vivendo e ela, não sei por qual motivo, resolvia armar uma briga, sem sentido, que abalou bastante nosso relacionamento. Confesso que eu também contribuía com a minha teimosia em certos casos e minhas atitudes machistas e às vezes antiquadas.

Eu bancava tudo nessas viagens, sem problemas, graças as reservas que acumulei.

Ou seja, em matéria de passeios bacanas não faltaram motivos para a nossa alegria e entrosamento.  Acontece que nem sempre foi assim.

Não podemos esquecer que se tratava de um casal com pessoas maduras, com formações e experiências distintas, com visões de

mundo diferentes, com uma diferença de idade de 20 anos, cujo relacionamento precisava ser administrado com bastante cuidado e paciência.

Consegui ganhar a confiança dos seus três filhos, mas da minha parte as minhas filhas torpedearam a relação desde o começo. Situação clássica. Acharam que ela era interesseira no meu dinheiro e ia plicar um golpe me amarrando legalmente. Teve até um episodio nesse sentido, que ela pediu o ressarcimento do valor do trabalho que teve em Paris, no episódio da minha cirurgia.

Porém, desde o começo, tinha dito a ela que não iria me casar com ela, apesar dela ter esperança de me convencer. Ela ainda tinha fôlego para  ter um 3º marido.

Foi horrível a posição das minhas filhas, pois me sentia dividido, sem saber que partido tomar, mas tentando conciliar para preservar o relacionamento. Culminou com a proibição da ida da Magali às suas respectivas casas. Foi uma merda, que solapou a união.

Durante os 4 anos que estivemos juntos, tivemos brigas sérias no caminho, com separações temporárias e idas e vindas de conciliação. Procurei até ajuda psicológica, com terapeuta conhecido, para melhorar a situação.

Acho que a mais séria foi quando do meu problema de saúde em Paris, quando eu tive perigo de morte. Ela foi muito forte e me salvou a vida, viabilizando minha internação para posterior cirurgia cardíaca.

Quando eu voltei, ela se distanciou e eu não forcei. Acho que ela sentiu o baque e não estava preparada para essa emergência. Quando nos encontramos novamente ela trouxe um gravação de como se sentia péssima, em depressão e não queria continuar.

Disse que agradecia imensamente o que ela havia feito lá, me salvando a vida, que entendia e perguntei se havia alguma coisa que podia fazer para compensar a dedicação e o trabalho na estada em Paris.

Ela teve a infeliz ideia de fixar um valor financeiro, que compensaria o trabalho em Paris, como se fosse uma estranha e não tivéssemos nenhum relacionamento e afinidade. Foi chocante e decepcionante.

Falei que não faria isso, por não ver cabimento e isso revelava no fundo a sua pretensão de me dar um golpe financeiro, alertado desde o começo por minhas filhas, que se confirmava. E mais, que eu já havia pagado em dobro ou triplo ou quadruplo por bancar todas aquelas viagens que fizemos.

Com pedidos de desculpas dela, algum tempo depois, retomamos novamente, mas com muitas mágoas e cicatrizes embutidas.

Assim, ficamos agastados mais um tempo, quando, de novo, por novas desavenças e brigas desrespeitosas, terminamos definitivamente, com minha volta a S, Paulo, coincidindo com o surgimento de um câncer de próstata, que eu deveria tratar na capital. Aluguei o apartamento do Marahu com tudo dentro, vendi o carro e vim morar num flat na região da Paulista.

Ainda tivemos juntos uma vez em seguida, com ela me acompanhando num médico oncologista e depois nunca mais nos vimos ou falamos. Já se passaram 4 anos. Ficaram as lembranças boas e algumas fotos.

Um final triste, que não restou nem a amizade.

Assim, terminamos nossa intensa trajetória amorosa, que não pretendemos retomar novamente face aos meus 84 anos e sequelas de saúde, principalmente as das sessões de radioterapias, por conta do câncer de próstata, que está controlado.

Janeiro 2025

## VIDA QUIMICA

É incrível como somos dependentes dos elementos químicos, das drogas para sobrevivermos. Calma, não é apologia às chamadas drogas ilícitas. E sim aquelas receitadas pelos médicos.

E muito bacana pensarmos nosso corpo esteticamente, constituído de formas anatômicas exteriores que nos dão a aparência e as características de como somos reconhecidos.

Porém, há outras partes ou órgãos internos, extremamente importantes, que precisam ser alimentados de nutrientes, proteínas, carboidratos, vitaminas para nos sustentarem saudavelmente.

Todos eles são compostos de elementos químicos necessários à manutenção do nosso metabolismo em perfeito funcionamento.

Pode-se dizer que os elementos mais importantes para a vida humana são: oxigênio, hidrogênio, carbono, nitrogênio, cálcio, fósforo, enxofre, sódio, potássio, cloro, magnésio, ferro e iodo.

Estima-se que 96% do nosso organismo se compõe de 4 elementos em particular: oxigênio, carbono, hidrogênio e nitrogênio, principalmente em forma de água.

Quando somos pequenos, em formação, precisamos construir e fortalecer os nossos esqueletos, músculos e demais órgãos com vitaminas, fortificantes para torná-los fortes e saudáveis, a fim de desempenharem suas funções.

Quando nos tornamos adultos, com todos eles consolidados é preciso a manutenção com todos os ingredientes e exercícios físicos.

Infelizmente às vezes negligenciamos os cuidados da nutrição, prevenção e manutenção, e só nos damos conta da sua existência, quando algum deles não está funcionamento bem e precisa cuidados.

Principalmente os órgãos vitais, como o coração, os pulmões, o fígado, a bexiga ou os rins; além dos demais complementares. Particularmente quando chegamos à velhice.

Aí é que entram os remédios, que contêm as drogas químicas sintetizadas, capazes de aliviar ou curar os males do mau funcionamento desses órgãos.

Nessa altura da vida, prestes aos oitenta, infelizmente tenho que seguir disciplinadamente uma penca deles, de uso contínuo, prescritos pelos médicos que cruzei, nas dosagens recomendadas, para alegria dos laboratórios e das redes de farmácias.

Tome de metformina para controlar a glicose no sangue, eliminando o diabetes; Melatonina para melhorar o sono; Selozok para hipertensão arterial; Atorvastatina cálcica para atacar o colesterol ruim, alupurinol para o controle do ácido úrico, esomeprasol para que toda essa carga química não esculhambe o estômago, Dutasterida + tansulisina para a próstata, uma formula para o sistema ósseo, daflon para a circulação, hidroclorotiazida, como complemento para evitar hipertensão.

Sempre tive dúvida sobre a quantidade de princípio ativo que eles contêm. Mas isso é outro papo, difícil de comprovar.

Reconheço que é remédio pra caramba, mas não creio que seja uma boa ideia abandoná-los. Não vale a pena ser rebelde até esse ponto.

Não creio que estes medicamentos sejam de uso generalizado, pois no meu caso, sofri uma cirurgia cardíaca de troca de válvula que me obriga muito cuidado com o coração e o controle da pressão arterial, além de outra cirurgia no ombro. Luto também com câncer de próstata, com as sessões de radioterapia já concluídas.

Fora quando aparecem outros distúrbios corriqueiros como os intestinais que apelo ao Buscopan composto e dores de cabeça quando vamos de paracetamol.

Além dessa orgia química, outros elementos físicos garantem nossa saúde, que como aquelas ligações elétricas internas, os nossos impulsos nervosos que ligam desde o nosso cérebro com os demais órgãos do corpo, que francamente são um mistério para mim.

Apesar de tudo isso, além da despesa financeira, tento levar numa boa, achando um mal necessário, como era acordar cedo para ir ao trabalho de terno e gravata.

A ironia é que quando não contamos com uma vacina ou um remédio para atacar o mal, ficamos desesperados, como agora com a pandemia do corona vírus, aguardando uma nova química para nos salvar.

Não disse, no início, que nosso corpo se torna dependentes de toda química possível, para nos mantermos vivos? Ficamos drogados o tempo todo.

Abril /2020

## VIDA SIMPLES

Nascemos pelados, e só não vamos embora assim, por puro preconceito social.

Faz sentido acumular patrimônio, moveis, roupas, objetos, livros, discos e tantas outras tralhas inúteis e desnecessárias?

Sabemos que o patrimônio deixado sempre causa uma guerra fratricida entre os herdeiros, pela ganância inerente aos seres humanos. Os objetos se tornam obsoletos e deteriorados; os livros e discos estão em desuso, substituídos pela informatização dos meios de comunicação atuais. E por aí vai.

Há ainda tanta gente que guarda coisas sem saber por que ou para que, de um dia poder precisar, como o enxoval com todas as louças, talheres e cristais do casamento intocado para sempre ou para passar adiante.

É a máquina Singer e o estojo de costura? É a cadeira de balanço do nono? Também aquela caixa de ferramentas do marido que nunca mais vai usar. Ai da mulher que nelas tocar. Essas coisas ainda têm espaço e sentido, além do apego sentimental?

Faz sentido estar escravo de um automóvel, que já foi um símbolo da liberdade para a mobilidade, mas que hoje te prende nos congestionamentos, te estressa, traz gastos e riscos excessivos e ainda polui o ambiente? Há inúmeras alternativas mais lógicas, econômicas e inteligentes, nesse caso, onde a tendência é sua locação em caso de necessidade ou um carro de aplicativo.

Mesmo o imprescindível acumular de conhecimento, experiência, sabedoria, cultura e educação, que justificam nossa existência com dignidade e alegria, se tornam de valor duvidoso por conta da memória, quando ela nos atraiçoa no final da vida.

Fotos familiares e pequenos lembranças pessoais de acontecimentos marcantes e viagens podem atenuar essas faltas, que confortam. Nada a ver com a orgia narcísica das selfies atuais.

A vida contemporânea pode ser levada com mais simplicidade, naturalidade, informalidade e inteligência.

Viver com o mínimo necessário, só com o essencial, em termos de espaço, de objetos, roupas, sapatos não é fácil; deixar o conformismo, o consumismo, a rotina confortável é sempre um desafio, um estímulo à mudança, que pode se tornar numa experiência muito exitosa e rica em crescimento pessoal.

Porém, para viver assim, DE MODO SIMPLES, abrindo mão de bens materiais desnecessários é preciso coragem, maturidade, cultura e desprendimento.

Claro que para tanto é preciso construir as condições para seu êxito, num processo de convencimento e amadurecimento. Nem sempre se está numa fase da vida onde isso é possível, face as circunstâncias e compromissos de estudo, trabalho, de sustento familiar etc.

Mas se você também estiver convencido e determinado a seguir esse caminho, sem as desculpas de praxe, garanto que vale a pena.

Está demonstrado por experiências minimalistas, que, se sozinho, é possível viver em pequeno espaço, em torno de 30m2, com mais ou menos 150 objetos e roupas ao redor para seu cotidiano, sem abrir mão do conforto, comodidade e segurança.

A casa pode funcionar apenas como uma ilha, um refúgio, uma base clean de descanso e proteção, sem necessidade de exibir status ou ostentação; permitindo sair e usufruir tudo que tem em volta, seja numa cidade, no campo, na praia ou neste vasto mundo, tão provocador e fascinante.

Embarcar numa vida simples, praticando o autêntico Minimalismo, usando só o essencial, onde menos é mais, o desapego ao desnecessário, abolindo o consumismo desenfreado e predatório é abraçar

uma nova filosofia de vida, mais humana, ecológica, sustentável, responsável e antenada com os tempos contemporâneos.

Quando escrevi o texto NOVOS CAMINHOS do porquê da minha mudança de São Vicente para São Paulo, já estava nessa direção, me desapegando de muitas coisas passadas e vividas, em busca dessa simplicidade, como receita de nova maneira de viver.

Atualmente vivo em espaço mínimo, organizado, em localização privilegiada na capital, sem abrir mão da saúde, do conforto e do bem estar, consumindo o mínimo necessário, andando de transporte coletivo gratuito, cuidando da própria roupa, procurando me alimentar direito, não abrindo mão da assistência médica e dos remédios, com muita curiosidade pelos novos avanços da ciência e tecnologia e bastante impregnado de muita cultura e lazer, que tenho à disposição, perto e a baixo custo.

Me sinto privilegiado por usufruir de uma condição que me permite caminhar ao vento e usufruir dessa VIDA SIMPLES, sem perder os valores humanos fundamentais da dignidade, da cidadania, da fraternidade, em busca da felicidade, até o fim.

Reconheço que hoje vivo em melhores condições, mas é quase uma volta ao passado simples, de menino pobre da periferia de São Paulo, onde tive bastante privação e dificuldades, mas que atravessei com muita alegria de viver e descobrir o mundo.

Ao final, de tudo o que acumulamos, o que fica de importante, como legado? Os filhos, os netos, os amigos, a obra realizada, a experiência, os escritos, as lembranças.

Quando se está de passagem, quanto menor a carga, melhor a carregamos.

Novembro /2019

## VIVA O TEMPO DOS IPÊS

É impossível não se sensibilizar quando eles inundam de cores as nossas ruas e cidades.

São amarelas, brancas, violetas, vermelhas com suas formas delicadas de pequenos cálices. Florescem e caem rapidamente, quando não há mais folhas nas suas árvores, no final de julho e começo de agosto, como um presente do meu aniversário no dia 7,

Elas me fazem lembrar dos lindos pés de ipês que existiam no canteiro central da Avenida Paulista, antes do seu alargamento.

As quedas das suas flores parecem suaves gotas de chuva, que transformam o chão numa bela cama colorida. Como o pau Brasil que identificava o pais-colônia, o ipê hoje é considerado oficialmente a árvore nacional brasileira, pelo seu porte, beleza e floração colorida.

Há árvores brasileiras lindas, como o flamboyant, a paineira, a araucária, mas que são difíceis de rivalizar com um ipê amarelo florido.

Como a maioria das espécies sua floração dura pouco, como a dizer aproveitem esse momento fugaz, registrem e retenham minha beleza, na memória, pois só volto no ano que vem.

Em condições meteorológicas normais, sempre é tempo de alguma espécie, seja flor, fruto ou outra espécie vegetal; não só na primavera, como se elas nos quisessem brindar todo o ano com seu colorido, beleza ou alimento.

Assim são as quaresmeiras e manacás na serra do mar que florescem em abril após os carnavais; são as hortênsias no final do ano; as tulipas em julho e agosto; a flor de maio, as dálias, os amores-perfeitos; os curiosos girassóis, que se movimentam permanentemente, num balé permanente, em busca dos raios diretos do sol, para depois perecer rapidamente.

Assim também são as estações próprias das frutas, quando elas são mais frescas e mais baratas. Há pouco tempo, em junho, tivemos o tempo do caqui, do morango, do pinhão, da alcachofra, delícias saborosas. Agora é a época da amarelinha mexerica ou bergamota para os gaúchos, seja a carioca (a minha preferida) ou ponkan; no fim do ano, época de calor há muita manga, melancia, laranja, jabuticaba. Também nessa época frutificam as uvas de mesa nas suas parreiras e nas vinícolas um pouco mais tarde.

As melhores maçãs se colhem no final de marco e abril; Há aquelas que produzem o ano inteiro como a banana em seus vários tipos, rica em potássio, várias laranjas, o abacate.

Há frutos que lembram nossa infância, difíceis de serem encontrados ou que já sumiram das grandes cidades como pitangas, gabirobas, uvaias, amoras.

Apesar de também serem encontrados em qualquer época do ano os vegetais, sejam verduras ou legumes são melhores e mais baratos nas suas épocas certas de colheitas.

Há produtos especiais como o café, o cacau, os chás. O café de consumo universal que somos o maior produtor tem um processo longo de preparação: A colheita dos frutos maduros, as cerejas, acontece de abril e se prolongam até setembro, em colheitas manuais ou em máquinas, em árvores após seu 3º ano de vida; depois disso vem a secagem, moagem e armazenamento até o consumo.

Já o cacau, lindo fruto cujas amêndoas secas dão origem ao chocolate, colhe-se preferencialmente no verão (setembro a fevereiro), após o 5º ano de vida da árvore.

Claro que nos grandes centros, encontramos praticamente todas as espécies o tempo todo, que vem dos centros produtores de climas privilegiados; mas nem sempre tem o melhor sabor e preço, influenciados pelo transporte e colheita precoce.

Apesar de toda a abundância vegetal deste país tropical, gosto de sorver cada fruto, admirar cada flor, sentir cada cheiro e cada sabor, separadamente e cada qual ao seu tempo, como se fosse único, de forma singular, para melhor apreciá-lo e desfrutá-lo. Talvez essa seleta serenidade seja fruto da idade, sei lá.

Vivam os ipês de todas as cores: amarelos, roxos, brancos...

## VIVER COM ALEGRIA

Que significa isso? Ficar rindo à toa? Se confundir com Viver Feliz? Já que a nossa tendencia é viver ao contrário dela. Será tão difícil de alcançar?

Vejamos algumas hipóteses:

Talvez seja buscar levar a vida de forma mais leve, sem estresse, equilibrada financeira e emocionalmente, cuidando e valorizando a saúde física e mental, apreciando e agradecendo as coisas boas que acontecem, enaltecendo as vitórias, interagindo socialmente, procurando manter a família unida.

Enfrentando os desafios com confiança, vivendo com o mínimo essencial necessário, sem acumulação, usando a experiência passada, mas sem apego demasiado, estando sempre em movimento, se ocupando com atividades uteis ou recreativas, através de ginástica, de passeios ou viagens.

Curtindo música e frequentando espetáculos artísticos, vendo futebol se gostares, alimentando as amizades, fazendo churrascos com os amigos em fins de semana, mantendo o bom humor, a curiosidade, praticando a bondade e controlando a ansiedade.

Na dúvida? Escolha o melhor e o mais bonito.

Não supervalorizando os problemas, os momentos ruins, as perdas, evitando a rotina, a raiva, a tristeza, a inveja alheia, praticando a resiliência e a autoestima.

VIM, LUTEI E VENCI

Parafraseando a expressão original¨ VENI, VIDI, VICI atribuída a Júlio Cesar, imperador romano sobre suas conquistas:

Tenho tido uma posição frequentemente negativista sobre minha atuação pessoal e muito pessimista sobre a política em geral, frutos de um árduo e heterogêneo caminho percorrido. É uma forma

de ver a realidade com molhos muito rigorosos, que nem sempre corresponde a análise dos fatos ocorridos.

Acho que está na hora de destacar os aspectos positivos da minha trajetória pessoal e profissional, que ficaram ofuscados, por essa posição quase dogmática e que valem a pena serem valorizados como devem.

Vejamos então como se dá a aplicação destes pontos de vistas nesse meu caminhar, onde algumas alegrias tão comuns a muita gente, não tiveram o mesmo rebatimento pessoal.

Vale lembrar que algumas delas foram consideradas alegres, neste novo retrospecto, mas de certa forma inconscientes naqueles momentos. Ou seja, prevaleceu a máxima de que éramos felizes e não sabíamos.

Somente agora começa cair a ficha dos momentos alegres que vivi e que rompem com minha sisudez mineira e que peço vênia para apresentar quase na forma de um curriculum resumido sob essa nova ótica.

Apesar do meu difícil caminho percorrido, que teve origem há muito tempo numa infância pobre da periferia de São Paulo, cujas características adquiridas estão ligadas a valores e virtudes do trabalho, da honestidade, de sinceridade, de várias carências, da economia pelo mais barato, de frustrações pelo não possível.

Onde principalmente as perdas familiares e de amigos que foram muito significativas e doloridas, mas valho-me somente da apresentação dos aspectos positivos, depurando os pedaços ruins, ao registrar algumas destas lembranças.

Em primeiro lugar registro a alegria e o privilégio de ter chegado aos 84 anos, com a lucidez necessária, com disposição física e uma reserva financeira, que me garantem a independência necessária para conseguir viver sozinho, procurando me manter, sem aborrecer ninguém, por enquanto.

Vejamos essas alegrias de quem chegou até aqui, por partes e em detalhes:

Quanto à formação e o ensino; A alegria...

-...de ter sido matriculado no curso primário aos 7 anos de idade;

- ...de ter sido matriculado no ginásio estadual aos 11 anos de idade;

-...de ter me virado bem enquanto estudava com bolsas de estudo, trabalhos avulsos ou temporários, contando com a ajuda de muita gente;

-...de ter trabalhado como colaborador com importantes arquitetos de São Paulo, como João Xavier, Marcelo Fragelli, Miguel Badra e Croce Aflalo e Gasperini;

-...de ter constituído pequena empresa de arquitetura que durou 50 anos, tendo projetado centenas de obras públicas e particulares, algumas ainda existentes; isso num tempo analógico, em que a produção era feita à mão, com desenhos a nanquim, em papel vegetal e reproduzidos em cópias heliográficas;

-...de ter ganho menções e alguns prêmios de arquitetura, junto com os colegas Cesar Bergstrom, Shigueiro Kudo e Munir Buarraj;

-...de ter participado, com muito orgulho, do projeto urbano da cidade de Palmas, capital do Tocantins, durante 7 anos, numa experiência extraordinária, que poucos profissionais têm essa oportunidade;

Com relação à família: A alegria...

... de ter criado e mantido uma família composta da mulher Hilda e das três filhas Mariana, Luciana e Juliana, que vieram quando eu tinha uns 30 anos;

...de ter mantido minha família, composta como descrita acima, com o esforço do meu trabalho. Todas tiveram uma boa educação e uma formação, com título universitário

Com relação ao patrimônio: A alegria ... –

- ... de ter comprado meu primeiro carro, um Gordini, depois de 5 anos de formado; dos outros que se sucederam;

- ...de ter comprado minha primeira casa, em Moema, financiada em 10 anos, num momento de inflação alta, que preocupava a cada reajuste;

-...de ter trocado a casa de Moema, depois de uns 50 anos, por um apartamento na beira da praia em São Vicente, para terminar os dias; conseguindo uma diferença, que ficou como reserva;

-...de ter administrado esse patrimônio, a aposentadoria conseguida aos 65 anos, bem como alguma reserva acumulada, que me permite hoje, já sozinho, ir tocando o barco de forma digna e decente.

Quanto às questões de saúde: A alegria...

-...de ter realizado uma cirurgia cardíaca de emergência, com sucesso, em viagem de férias em Paris e ter sobrevivido bem desde então;

- ...de ter realizado uma cirurgia de ombro, com sucesso, para reparar o manguito rotador;

-...de ter realizado cirurgia de catarata, bem sucedida, em ambos os olhos;

-...de ter quebrado o calcâneo direito num acidente de obra, resultando uma pequena sequela que não impede os movimentos;

-...de ter contraído um câncer de próstata, mais recente, sendo submetido a 38 sessões de radioterapia, ainda em compasso de monitoramento;

Quanto aos acidentes: A alegria...

-...de ter me livrado de três graves acidentes (choques e capotamentos) de automóvel, saindo ileso de todos eles;

Quanto aos hobbies: A Alegria...

-... de ter ganho um pandeiro de presente de aniversário, quando era bem menino; aprendi a tocar sozinho e virou uma atividade prazerosa pelo resto de vida, que me trouxe muitas alegrias, para mim e para meus amigos; cheguei a tocar profissionalmente acompanhando artistas famosos;

-...de ter aprendido a cozinhar com minha mãe, que resolve minha alimentação atual, pois me viro sozinho, cozinhando para consumo próprio.

Quanto as viagens e lazer: A alegria...

Mereceria um capítulo à parte, face a grande quantidade realizada tanto em território nacional, quando em terras estrangeiras.

-...em primeiro lugar registro as inesquecíveis viagens de férias escolares, quando menino, para Araraquara na casa do avô Pascoal, nos trens da Paulista.

-...de pescar lambaris nos riachos próximos e tucunarés nos igarapés da Amazônia.

-... profissionalmente foi ir a muitas cidades do estado de São Paulo, para realizar projetos de escolas públicas, ou outros de programas diferentes;

-...em seguida foi conhecer praticamente todas as capitais do Brasil, em viagens profissionais ligadas as entidades de classe, como encontros, simpósios, Congressos, ou em outras viagens de lazer;

- ...Com relação as capitais e outras cidades estrangeiras fica muito extensa a lista, mas posso afirmar que foram em torno de 90 cidades visitadas, na Europa, Asia e nas Américas, também frequentando congressos ou na forma de lazer; isso representa quase a metade do mundo já percorrido.

Quanto ao comportamento e modo de vida; A alegria...

-...na infância de moleque pobre de periferia, além do estudo e alguns pequenos compromissos, de jogar bola, bola de gude, juntar

bala futebol, andar de carrinho de rolimã, de pegar frutas nas árvores dos vizinhos.

-...na adolescência andávamos sempre bem arrumados, graças ao trabalho da minha mãe, calceira, de um tio sapateiro, que fazia um mocassim de cromo alemão e outro tio que fazia meus ternos de gabardine;

-... de ter formado rodas de amigos, tanto no Estadual da Penha, quanto na Faculdade e particularmente no Bar do Zé na rua Maria Antônia que sempre foram, e ainda são, um esteio verdadeiro de amizade e apoio.

-...de irmos de smoking, aos bailes de formatura de ginásio, em todos os salões de são Paulo, depois de nos reunirmos no bar Gouveia, que ficava na Praça de Sé, no antigo prédio Mendes Caldeira, implodido para fazer a estação Sé do metrô.

-... quando resolvi, bem recentemente, adotar o princípio do minimalismo e do desapego de bens materiais; através deles procuro viver somente com o essencial, em espaço e roupas no mínimo, sem modismos ou uso de grifes, mas também sem renunciar à segurança, ao cuidado médico e do conforto.

Assim, me livrei de apartamento grande, mais de 250m2 na praia, todo equipado, que foi alugado, um auto, que foi vendido, uma biblioteca respeitável que foi doada, para viver novamente na minha São Paulo, num flat de 32 m2 no bairro dos jardins. A próxima morada terá 2m2 ou ainda 20cm3.

Aqui vivo com toda a infraestrutura urbana, próximo das atividades culturais, do atendimento de saúde, do transporte público gratuito e demais facilidades.

Procurando me adaptar aos tempos modernos e digitais de comunicação, com seus apps para pesquisas, pagamentos, para entregas e deslocamentos.

Concluindo posso dizer, como podem ver, que tive muitas alegrias em vida, que posso me regozijar e orgulhar. Confesso que vivi, como diria o Neruda.

E viva a Alegria, como diria o palhaço Arrelia.

E você? Gostaria de fazer esse exercício, listando suas alegrias?

Janeiro 2025

## EPÍLOGO UM

Este extenso rol de uma centena textos elaborados ao longo do tempo, aqui registrados sobre os pensamentos que povoaram minha imaginação, bem como das Lembranças vividas, me surpreenderam pelo volume e pela variedade de temas tratados, que não me julgava capaz de escrever.

Acredito que eles extrapolaram os objetivos iniciais de contar meras histórias para minha família e alguns amigos, para se transformar numa coletânea de 3 robustos volumes, que abrangem todos os aspectos da minha rica trajetória pessoal, profissional e das viagens realizadas.

Nesta forma abrangente de Memórias, ficou registrado todo o legado deixado por uma pessoa que acredita que teve uma trajetória de histórias do seu tempo e das suas condições, que valem a pena serem contadas e que podem servir mais do que um passatempo de leitura, um despertar de sentimentos de empatia e verossimilhanças uteis e positivas para seu próprio modo de viver.

Longe da pretensão de servir de exemplo ou referência para qualquer amigo que me der prazer da sua leitura, peço sua paciente compreensão sobre os temas e posições abordados e para as falhas eventuais deste aprendiz de escritor, além de vênia pelas repetições de trechos involuntários nas várias lembranças correlatas.

Enfim, minha gratidão e um abraço, àqueles que participaram destas minhas recordações, me incentivando a tornar estas Memorias uma realidade.

Espero que tenham gostado.

Agosto/2025